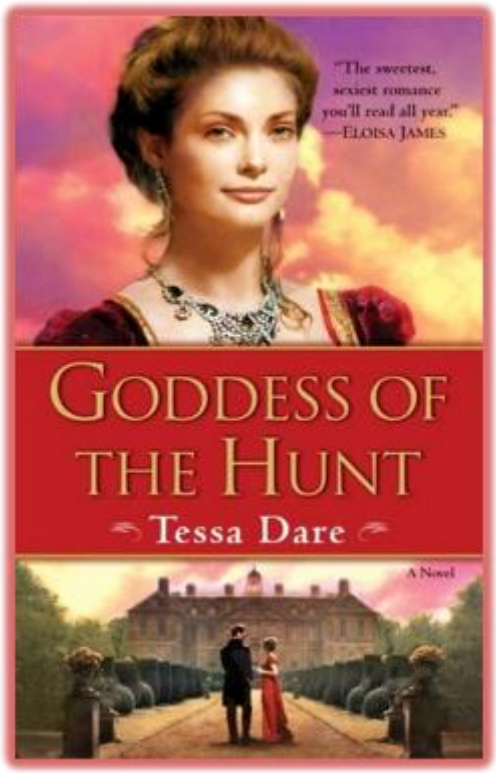


Tessa Dare

A Deusa da Caça

Trilogia The Wanton Dairymaid 01

Sempre audaz e aventureira, Lucy Waltham decidiu ir à caça de um marido. Mas primeiro necessita de um pouco de prática. Assim que ela se fixa no melhor amigo de seu irmão, Jeremy Trescott, conde de Kendall, para aperfeiçoar com ele suas artimanhas de sedução, antes de colocar seu olhar em outro homem. Mas sua prática de beijos desata uma paixão ardente que poderia fazer desaparecer a todos seus planos. Jeremy tem um título influente, uma grande fortuna, e um passado doloroso cheio de segredos enterrados. Mantém-se a uma distância segura de suas próprias emoções, mas para distrair Lucy de seu plano insensato, dará rédea solta a suas paixões. Sua sensual batalha de vontades é tão desesperadora como deliciosa, mas quanto mais consegue dominar a jovem obstinada e tentadora, mais perto está Jeremy de perder o controle. Quando explodir o escândalo, poderá resignar-se a deixar Lucy arruinada? Ou será capaz de arriscar seu coração, e reclamá-la como dele?

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Lory*
Revisão Final: *Matias Jr.*
Formatação: *Greicy*
TWKliek

Comentário da Revisora Lory: Adorei o livro. O mocinho é um fofo, fofinho, fofíssimo, daqueles bem sérios, bem certinhos. A mocinha também é muito fofa. Ela é do tipo que enlouquece o pobre mocinho, ai gente eu adoro essas mocinhas!!!! Por isso sou suspeita! Mas a história é muito light, muito deliciosa, e dei umas boas gargalhadas. Espero que gostem, eu adorei!

Comentário do Revisor Matias Jr.: Uma história fascinante de altos e baixos emocionais... Atitudes, ações e reações imprevisíveis nos personagens principais. É de se acreditar que a autora quis testar os limites extremos dos comportamentos... Bem como situações surrealistas... Uma das quais pode ser notada quando falta menos de meia hora para as bodas. E a outra em um jantar bastante animado que, quem ler saberá do que estou falando... Boa leitura. Matias Jr.

CAPÍTULO 1

Outono de 1817.

Um golpe na porta a altas horas da noite só podia significar um desastre.

Jeremy colocou um par de calças usadas sob sua camisa de dormir e se dirigiu cambaleante para a porta do dormitório. Um incêndio? Ele não cheirava fumaça. Talvez uma emergência da família Waltham? Talvez uma mensagem urgente de seu mordomo; um distúrbio no Corbinsdale não seria uma surpresa.

Uma lembrança o assaltou, proibido. Enervante. Seu coração deu um tombo violento em seu peito. Fez uma pausa, aferrando o cabo da porta, amaldiçoando seu corpo por recordar tão rapidamente o que lhe levou longos anos esquecer.

A lógica alcançou a seu pulso acelerado, refreando-o. O débil resplendor das brasas provocavam sombras luminosas, mas Jeremy se obrigou a centrar-se no quarto. Esta não era aquela noite. Ele estava em seu habitual dormitório no Waltham Manor, não passeando pelo Corbinsdale Woods. Passaram-se mais de vinte anos, e ele já não era um menino. Qualquer surpresa que lhe esperasse ao outro lado da porta, estava absolutamente preparado para lhe fazer frente.

Quando abriu o ferrolho oxidado e abriu a porta de repente, Jeremy se preparou para o pior.

—Não te mova — foi a ordem sussurrada.

Teve um instante para registrar uma silhueta feminina, um matagal de cachos escuros, e duas mãos que se agarraram a seus ombros. Então Lucy Waltham, a irmã mais nova de seu velho amigo, elevou-se nas pontas dos pés e pressionou seus lábios contra os seus com tal força, que ele tropeçou contra o marco da porta.

Meu deus. A garota o estava beijando.

Bom, pensou ironicamente, preparou-se para o pior. E dos muitos beijos que Jeremy

Trescott experimentou em seus vinte e nove anos de vida, este era, sem dúvida, o pior.

Lucy beijava com os lábios perfeitamente franzidos e os olhos muito abertos. O que lhe faltava em finura, compensava-o com um audaz entusiasmo. Suas mãos estavam em todas as partes de uma vez, enredando-se em seu cabelo, roçando seus ombros, explorando a ampla extensão de seu peito.

Isto não era um beijo. Era um assalto.

Por outra parte, era incompreensível, totalmente ilógico, e uma dúzia de diferentes matizes de incorreto. De algum jeito, as mãos de Jeremy encontraram o caminho para seus cotovelos, e ele mesmo se arrancou de seu veemente abraço.

—Lucy! Que diabos crê que está fazendo?

—Shhhh — seus olhos se precipitaram por volta de um e outro lado, observando o escuro corredor. Então seu olhar voltou de novo para o seu, entreabrindo os olhos com uma intensidade inquietante, e Jeremy imaginou brevemente, absurdamente, que alguém pintara um alvo em seu rosto.

—Estou praticando— sussurrou, apertando os dedos sobre seus braços. — Me deixe tentá-lo uma vez mais.

De repente, ela se ergueu subitamente para outro beijo, e ele se agachou instintivamente, arrastando-a para o interior do quarto e fechando a porta atrás deles.

Em um momento mais racional, lhe poderia ter ocorrido que o impróprio de beijar à irmã de seu anfitrião no corredor, só se agravaria ainda mais ao fazê-la entrar de um puxão a seu dormitório.

Mas as faculdades racionais de Jeremy abandonaram temporalmente Waltham Manor.

Lucy o beijara até deixá-lo, literalmente, sem sentido.

—Funcionou, então?

Ele a olhou, mudo de confusão. Funcionou o que? No momento, parecia que nada funcionava, e muito menos seu cérebro. A comoção congelara seus membros. Certamente, não podia obrigar a seus lábios a dar uma resposta.

Retrocedendo, ela cruzou os braços sobre o veludo vermelho de sua bata e examinou sua figura com audácia. À medida que seu olhar descia, Jeremy se voltou incomodamente consciente de seu próprio desalinho, desde sua camisa de dormir até suas calças desgastadas e seus pés descalços.

Um sorriso satisfeito cruzou o rosto de Lucy.

—Deve ter funcionado. Arrastou-me até seu dormitório— ela tomou a maçaneta da porta. — Muito bem, Jemmy. Suponho que isto é bastante prática. Verei-te no café da manhã.

Abriu a porta, mas Jeremy estendeu uma mão e a fechou de repente.

Lançando-lhe um olhar fulminante, ela agarrou a maçaneta com ambas as mãos e puxou.

—Me perdoe. Irei então.

—Não, não o fará — apoiou seu peso sobre a porta, fechando-a efetivamente. Lucy poderia estar acostumada a desobedecer as tentativas pouco entusiastas de seu irmão de exercer sua tutoria, mas Jeremy tinha dez centímetros e doze quilogramas a mais que Henry Waltham, sem

mencionar uma vontade de ferro. Lucy não lhe passaria por cima. Ele congregou seu tom mais autocrático de conde de Kendall. —Não vai a nenhuma parte. Vais-te sentar e te explicar — ela abriu a boca para protestar. Ele a agarrou pelo cotovelo e a conduziu para uma cadeira. — Mas primeiro, vou tomar um cálice.

Ela deixou de lutar para escapar de seu controle e se deixou cair desgraciosamente na cadeira.

—Um cálice — repetiu. —por que não pensei nisso? Um cálice é justo o que necessito, obrigado.

Sacudindo a cabeça, Jeremy se dirigiu ao bar e se serviu um copo de uísque. Bebeu a metade do licor de um ansioso gole, fechando os olhos para saborear o ardor que se estendia por sua garganta.

Quando voltou a abri-los, olhou a seu redor para assegurar-se que isto era, de fato, o mesmo Waltham Manor que esteve visitando a cada outono nas férias de Cambridge. Vigas grosseiramente esculpidas marcavam o teto inclinado. Tapeçarias apagadas cobriam as paredes, e um singelo tapete desgastado pelo tempo acomodava seus pés descalços. O quarto não mudara nos últimos oito anos, mais do que provavelmente o fez nos últimos cem.

A decoração, a paisagem, o quarteto de velhos amigos desfrutando de suas agradáveis férias anuais, Waltham Manor fôra uma bem-vinda constante na vida de Jeremy. Até este ano, quando tudo mudou.

—Por que tudo não podia só seguir como estava? — Lucy sacudiu as brasas com um atiçador, provocando redemoinhos de faíscas, que se agitaram no ar. — Por que Felix precisa ir e casar-se? Arruinou-o tudo.

Jeremy afogou sua resposta com um gole de sua bebida. Ele não o teria admitido, mas estava bastante de acordo.

—Estava bem quando Henry se casou — continuou. — Marianne está tão ocupada com as crianças, que ao menos não se intromete. Mas essa arpía com quem Felix se casou vai esperar que a entretenham. E para piorar tudo, trouxe sua irmã, essa Sophia.

—A senhora Crowley-Cumberbatch e a senhorita Hathaway são, pelo que dizem todos, umas damas encantadoras. As pessoas pensariam que te agradaria a companhia de ambas.

Ela lançou-lhe um olhar de incredulidade.

—Ou não — a verdade seja dita, a Jeremy tampouco agradava a presença das damas. Não havia nada precisamente molesto a respeito da esposa do Felix, Kitty, ou sua irmã, Sophia. Pelo contrário, Sophia Hathaway era o epítome de uma beleza de sociedade, bem criada e inofensiva. Um pedaço de pudim insubstancial, mas o bastante agradável, se te agradasse o doce. Como parece, o Toby sim gostava.

Jeremy tomou outro gole de uísque e saboreou a ironia. Henry e Felix se casaram, Toby estava a ponto de fazê-lo... o refúgio de solteiros se converteu em uma festa em uma casa de família. Bom, se todos seus amigos estavam decididos a colocá-los grilhões do matrimônio, pelo menos ele não estaria em um iminente perigo de unir-se a eles. As três damas do Waltham Manor podiam estar seguras disso.

O som de dedos tamborilando a madeira interrompeu seus pensamentos.

—Tem a intenção de beber a garrafa inteira você só?

A menos, é obvio, que ele contasse Lucy.

E ele não contava Lucy. Ela não era nem elegível nenhuma dama. Ela era como muito a irmã menor e pupila de Henry, e a versão pessoal do Jeremy de uma praga bíblica. Passou anos ideando formas de aprontar com ele. Agora ela estava destrambelhando em seu dormitório e... e praticando sedução. Por muito que quisesse apagar esse beijo de sua memória, não podia ignorá-lo. Tampouco podia ignorar as implicações óbvias dessa palavra, "praticando".

Podia, entretanto, ignorar sua petição de um cálice. Jeremy voltou a encher seu copo e o levou para a lareira, deixando-se cair na cadeira oposta a dela. Passando uma mão pelo cabelo, exalou lentamente.

—Eu não queria te perguntar isto. Dá-me medo sua resposta. Mas para que, exatamente, está praticando?

—Não é para "que" — respondeu ela. — Mas sim para "quem".

OH, isso só o piorava.

—Para quem está praticando, então? Para algum jovem da localidade? Para o filho do vigário?

—Para o Toby, é obvio.

Soltou uma gargalhada irônica.

—Para o Toby? Por que beijaria ao Toby? Ele está comprometido com a senhorita Hathaway.

Ela abraçou seus joelhos junto a seu peito, curvando-se em uma bola de veludo vermelho e cachos castanhos. As proporções masculinas da cadeira a diminuíam, e seus olhos verdes se encheram de uma crua e indisfarçada dor.

—Então é verdade.

Maldita seja. De repente, esta extravagante visita noturna teve sentido. Jeremy apertou o braço de sua cadeira. De todas as coisas irremediavelmente estúpidas por dizer.

—Minha criada disse que escutou do ajudante de câmara de Toby. Eu não queria acreditá-la. Não podia acreditá-la. Mas é verdade.

Jeremy teve que afastar o olhar. Era uma questão de instinto de conservação. O semblante de Lucy era uma coleção de traços de duendezinhos situado dentro de um rosto em forma de coração, um rosto desenhado para mostrar, sem filtro, todas as emoções do interior de seu coração. As pessoas não podiam olhá-la sem saber exatamente como se sentia, e Jeremy não queria saber como se sentia Lucy.

Preferia manter uma respeitosa distância inclusive de suas próprias emoções.

—Como pôde? — gritou ela.

Jeremy fez um gesto de dor. Lucy sorveu audivelmente, e lentamente ele tomou outro gole de uísque. Queria lhe recordar que ela não podia chorar. Essa era a regra, o único exercício de autoridade de Henry.

Permitira à garota participar de suas agrestes caminhadas todos os outonos, unindo-se a suas excursões de caça e pesca, repetindo suas maldições, inclusive tomando traguinhos de seus

cantis, com uma só condição. Lucy não podia chorar. Em oito anos, nunca a vira derramar uma só lágrima. Rogava porque não estivesse a ponto de começar agora. Se havia uma coisa que não podia suportar, era a uma mulher chorando.

Jogou-lhe uma olhada. *Maldita seja,* o queixo lhe tremia.

—Não vais começar a chorar, verdade?

—Não — sua voz tremeu, também.

Jeremy se ocupou de acrescentar lenha ao fogo, tentando ganhar tempo.

Maldito Toby. Tudo isto era sua culpa. Ele sempre a tratou como um mascote. Cada outono, Lucy se aferrava ao Toby como um carrapato a um cão de caça. Ele iscava os anzóis dela e lhe ensinava conjugações em latim em vários tons. Trazia-lhe flores e lhe tecia coroas de hera, que iam diretamente a sua cabeça. Sua Diana, chamava-a Toby. A Deusa da caça.

Ele podia havê-la dado o apelido de uma deusa, mas toda a adoração vinha do lado de Lucy. A teimosia inofensiva de uma jovem, parecia que isso era tudo. Obviamente, para Lucy era muito mais. E agora a tarefa de desenganá-la de todas aquelas noções românticas, de algum jeito correspondia a Jeremy. Vá, sorte a sua. Mas também adequado, supôs. Se alguma vez albergara uma noção romântica, o que era duvidoso, desenganou-se faz muito tempo.

Sacudiu o pó de suas mãos e se reclinou em sua cadeira. Com seu tom mais magnânimo, começou a dizer:

—Agora, Lucy, deve entender...

—Não, Jemmy. Não te atreva a me falar como se fosse uma menina. Deveria ter feito minha apresentação em sociedade faz duas temporadas. Se Marianne não estivesse sempre encerrada. Talvez eu não seja uma dama fina como Sophia Hathaway. Mas já faz muito que não sou uma menina.

Estirou um pé descalço para o fogo e com ar ausente flexionou o tornozelo. A graça sinuosa do movimento capturou o olhar do Jeremy. Capturou-o, e o apanhou. Não podia afastar o olhar.

Ela fazia círculos com seu pé ociosamente, sua pele brilhava com uma cor dourada à luz do fogo. Os olhos do Jeremy ascenderam, riscando a doce curva de sua panturrilha até onde desaparecia por debaixo de sua bata. Logo Lucy se moveu, cruzando as pernas. O veludo vermelho caiu como um pano de fundo de teatro, terminando abruptamente com a função. Um súbito sopro de decepção surpreendeu ao Jeremy no peito.

A sensação desceu, deixando-se levar, atenuando a familiar dor do desejo frustrado. Deus, esta noite simplesmente estava cheia de surpresas.

—Suponho que não o é — murmurou, arrancando seu olhar e dando uma sacudida mental. — Muito bem, falemos como adultos. Pode começar por abandonar esse apelido infantil e te dirigir a mim de uma maneira adequada.

—Quer dizer, por seu título? Nem me lembro do velho, por não falar do novo — elevou o olhar para o teto. — Não pode esperar que te chame "milord", Jemmy.

Jeremy suspirou, abandonando qualquer tentativa de tranquilizá-la.

—Então vamos ser perfeitamente claros. Toby vai se casar com a senhorita Hathaway.

—Mas não pode! Não é justo!

Ele soltou um bufido.

—Falas como uma menina, Lucy.

Ela o ignorou.

—Sempre soube que me casaria com o Sir Toby Aldridge, desde o dia que nos conhecemos.

—Isso é absurdo. O dia que se conheceram, tinha doze anos.

—Onze.

—Onze, então. E Toby te disparou.

—Não me disparou. Disparou a uma perdiz que me sobressaltou. Ele não sabia que eu estava ali, por que...

—Porque você nos estava seguindo depois de que Henry lhe proibiu — terminou isso Jeremy com impaciência. —- Sim, sim. Recordo-o claramente.

Muito claramente, acrescentou em silêncio. Lembrava-se de tudo relacionado com aquele dia com dolorosos detalhes. O deslumbrante sol da tarde, o aroma acre da pólvora. Mas sobre tudo recordava os sons.

Como ia esquecê-lo? Uma vibração frenética, o estalo da pistola do Toby, um grito agudo. O silêncio terrível enquanto os quatro as empreendiam através das sarças que os cobriam até os joelhos, só para encontrar a Lucy sentada em uma clareira, ilesa e nem um pouco arrependida. Os anos seguintes demonstrariam que essa falha por pouco era o começo de um padrão. Lucy Waltham sempre estava paquerando com o desastre, e portanto, Jeremy sempre evitara a Lucy. Ele não queria estar pelos arredores quando indevidamente ocorresse o desastre.

Com um bufo, ela estendeu uma mão e lhe tirou o copo de uísque da sua. As pontas de seus dedos roçaram seu pulso. Até aí chegava o das distâncias seguras.

Ela apoiou o queixo em um joelho e olhou com ar taciturno o líquido cor-ambarino.

—O que tem Sophia Hathaway que eu não tenho?

—Além de uma educação impecável, elegância, e um dote de vinte mil libras? — ele estendeu sua mão para recuperar sua bebida.

Ela bebeu um gole generoso de uísque antes de renunciar ao cálice.

—Ela não o ama.

—Mais fantasias de menina. Este é um matrimônio. O amor não é necessário. Dão-se bastante bem, e suas famílias o passam. Ela tem riqueza, mas nenhum título; ele é um baronete. É um casamento auspicioso para os dois.

Auspicioso? Ela entrecerrou os olhos.

—Só você pode falar do matrimônio como se fosse um prudente acordo de negócios.

—Não sou só eu. É a sociedade. Os matrimônios por amor como o de seu irmão, são a exceção à regra. As damas que insistem no romance terminam decepcionadas. Daria-te conta da verdade disto, se você...

—Se eu o que? Se eu fosse fria e cínica, como você?

Jeremy apertou os dentes.

—Se apenas tivesse prestado a menor atenção a qualquer das instrutoras que Henry contratou para ti. Se tivesse algum modelo de comportamento feminino, além de sua sempre

gravida cunhada e uma tia senil. Se apenas tivesse um pouco de sentido.

—Se apenas fosse como Sophia Hathaway.

—Você o disse. Não eu.

Ela cruzou os braços.

—Bom, não me importa o que você, ou a sociedade, diga. Vou me casar por amor, e isso significa que não me casarei com ninguém, a não ser com o Toby. Nego-me a acreditar que ele possa casar-se com outra que não seja eu. Ele me ama. Sei, embora ele não saiba ainda.

—Lucy, tudo está arrumado. Suponho que ele o proporá em qualquer momento.

—Então, terei que agir esta noite - se levantou da cadeira e começou a caminhar pelo chão. Com o cenho franzido, ela jogava distraidamente com uma mecha de seu cabelo, agarrando-o entre seus dentes.

Era um sinal de advertência que ele aprendera a prestar atenção. Lucy sempre brincava com seu cabelo quando estava planejando algo.

Ela estava acostumada levar o cabelo recolhido por conveniência, não pela moda. Mas ainda não se inventou a forquilha ou a touca que pudesse conter os cachos de Lucy. As pontas estavam sempre soltas e enredadas entre seus dedos, e chegando até seus lábios. Agora seu cabelo lhe caía em grandes cachos até a cintura, ondeando como uma pele grossa e luxuosa, enquanto ela rondava pelas franjas atadas do tapete.

Ela se voltou e cruzou de novo o quarto, o tecido flexível envolvendo suas curvas. Curvas. meu deus. E Lucy, quando desenvolvera curvas? Sempre foi uma coleção de ossos, com ângulos pouco elegantes, que se mantinham unidos por pura força de vontade. Agora esse difícil marco de determinação estava envolto em suaves, fluídas curvas femininas. E ela e suas curvas estavam desfilando por seu dormitório em um estado de nudez. A uma hora atroz, jogou uma olhada ao relógio do suporte da lareira, as duas da manhã. O impróprio de toda a situação o golpeou com uma força repentina.

—Não deveria estar aqui. É tarde, e você está... incomodada. Volta para seu quarto e dorme um pouco. Podemos falar mais disto amanhã.

—Amanhã pode ser muito tarde — disse. — Não posso correr esse risco. Vou ter que fazê-lo esta noite.

—O que vais ter que fazer esta noite?

—Seduzi-lo, é obvio.

Jeremy a olhou, estupefato. Uma lenha se assentou no fogo com um estalo, e uma rajada de faíscas vermelhas disparou da lareira.

Lucy se deteve frente ao espelho. Desatou a bata e a abriu, estudando a singela camisola de dormir que tinha debaixo, com uma expressão de descontente.

—Suponho que seda e encaixe seria melhor, mas não tenho nada mais fino.

Fez um quarto de volta e olhou com receio o reflexo de seu perfil. Empurrando os ombros para trás, alisou a camisola contra seu busto até que cada fluxo e topo de sua pele se esticou contra o fino tecido.

Jeremy ficou de pé de um salto, derrubando o que ficava de seu uísque no tapete. Em coisa

de dois passos, cruzou o quarto e se interpôs entre a Lucy e seu reflexo escandaloso, agarrando as bordas da bata e envolvendo-os com firmeza em sua cintura. O terceiro botão de sua camisola de dormir estava desabotoado, e o fino tecido se abriu para revelar uma meia lua de pele dourada.

Forçou a seu olhar a fixar-se em seu rosto.

—Não me diga que... que isto é o que está praticando.

Ela assentiu. A fria intensidade de seu olhar disse ao Jeremy que, por mais ridícula que lhe parecesse a ideia, Lucy pensava que uma sedução era um plano razoável. Ele pôs as mãos sobre seus ombros e se dispôs a pôr autoridade em sua voz.

—Lucy, Toby não te ama.

—Sim, Jemmy, ele me ama.

—O que te faz estar tão segura? Deu-te alguma razão para ter esperança?

—Eu não era consciente que a esperança necessitasse uma razão, mais que o amor. Em caso de que o tenha esquecido, não tenho nenhum talento para esperar. Eu não espero. Eu sei. Acredito. Imagino. Eu sei que Toby me ama. Acredito que devemos estar juntos — lhe cravou um dedo no centro do peito. — E imagino que você entende.

Jeremy gemeu. Como se supunha que ia raciocinar com uma garota, uma mulher, corrigiu-se, que não escutava a razão?

—Lucy, Toby te tem muito carinho — se deu conta de que seguia tomando-a pelos ombros. Retrocedendo um passo, deixou cair as mãos aos flancos. — Mas carinho não é amor. Além disso, o que sabe você de sedução?

—OH, tenho um livro.

—Um livro? — passou-se uma mão pelo cabelo. — Meu deus, Lucy, não vou perguntar onde obteve um livro como esse ou que pérolas de sabedoria poderia conter. — ela abriu a boca para interromper, e ele a fez calar estendendo uma mão. — De fato, rogo-te que não me diga isso. Basta dizer que espero que não prestes atenção às lições da mórbida novela que arrumaste para ter em suas mãos.

—Admito que aprender de um livro tem suas limitações — ela o olhou cautelosamente, seu olhar procurando o dele.

—Essa é uma forma de dizê-lo.

Ela se aproximou mais.

—A leitura certamente não pode substituir a experiência prática — se aproximou mais ainda.

—Mas... espera... Lucy, não é possível que — e então soltou uma pergunta dirigida mais a Deus no céu, que à mesma Lucy. — Por que eu?

—Quer dizer, além do fato de que não há ninguém mais? É tão correto, Jemmy, tão frio. Há icebergs no mar do Norte menos frios. Se posso te descongelar, não vou ter nenhum problema em seduzir ao Toby.

—Asseguro-te que não poderia "me descongelar", embora eu queria ser... descongelado. Que não é assim — retrocedeu um passo. Logo, dois.

—Adiante, resista. Eu gosto de uma boa provocação — diminuiu a distância de novo, seus

olhos brilhavam de malícia. —Aprendi a pegar um galo e pescar uma truta. A captura de um marido, realmente é tão diferente?

Sim, pretendeu insistir Jeremy, mas por alguma razão sua mandíbula só se moveu de cima a baixo sem fazer ruído, em uma imitação bastante boa de, bem, de uma truta. E então ela o agarrou pela camisa e o envolveu, lhe agarrando nessa rede de cachos castanhos e o beijou até quase matá-lo. Seus lábios atacaram os dele com a mesma férrea determinação.

Mas quando jogou os braços ao pescoço e caiu contra ele, o resto dela foi suave, flexível, dócil. Os fios sedosos de seu cabelo se deslizaram sobre seu antebraço. Suas curvas exuberantes se moldaram contra seu peito. Antes que pudesse fazer provisão de vontade para protestar, ela se afastou de repente e estudou seu rosto.

—E bem? Está funcionando?

Era uma pergunta singela. E enquanto a mente do Jeremy recitava as razões para que sua resposta devesse ser um enfático não, outras regiões de seu corpo decididamente estavam dizendo sim.

Meu deus, ele era só um homem. Um homem que, ao que parece, desperdiçara os últimos meses sem beijar a ninguém, e a cujo corpo verdadeiramente gostava da ideia de pôr fim ao reinado da vida monacal auto-imposta. Sacudiu a cabeça com firmeza em sentido negativo, esperando que ela passasse por cima da sua respiração entrecortada que dizia o contrário.

Lucy não se desanimou. Ela se lançou para outra tentativa, mas Jeremy tomou seu rosto entre suas mãos. Suas faces acesas, suaves e cálidas sob suas palmas.

—Tornaste-te louca? Isto não vai acontecer. Não pode acontecer.

—Bom, claro que isto não pode acontecer — sua boca se estendeu em um sorriso, e em suas faces apareceram covinhas sob seus polegares. Apoderou-se de Jeremy uma necessidade imperdoável de riscar essas pequenas covinhas sorridentes com os dedos, explorá-las com seus lábios. — Não tenha medo, Jemmy, não tenho planos para isto. Então teria que te casar comigo, e isso não serviria de nada.

—Certamente não— estudou o rosto que tinha entre suas mãos. Sua pele bebia a luz do fogo e brilhava como ouro brunido. Seus olhos dançavam com o reflexo da chama, desafiando-o a olhar de perto, a aproximar-se.

Quem era esta mulher, e o que fez ela com Lucy? Sentia-a como uma estranha, e isso era uma coisa perigosa. Com uma estranha tudo era válido, beijar... e muito mais. Jeremy começou uma breve lista das razões pelas que com Lucy nada, definitivamente nada, era válido.

Ponto um, ela era a irmã de seu mais velho amigo.

Ponto dois, seu mais velho amigo era um excelente atirador.

—Me escute — disse, lhe dando a sua cabeça uma pequena sacudida. — Se tiver perguntas a respeito de... do leito matrimonial, deveria falar com a Marianne. Ou deveria esperar a sua noite de bodas, quando seu marido, que não será Toby, possa te mostrar. Não haverá aulas de pesca de maridos ou de prender homens.

Ela sorriu. Um sorriso de suficiência, enlouquecedora, que fez que Jeremy tivesse vontades de apagar em seguida de sua cara.

—Entende-me? — perguntou.

—Sim— ela apertou seus lábios brevemente antes que se separassem para voltar a rir.

—Então, maldita seja, por que te ri?

—Porque acredito que estava funcionando.

Esse condenado sorriso travesso de novo. Mas esta vez não viu o sorriso insolente, a não ser o que o compunha. Lábios.

Lábios cheios, docemente curvados, de um vermelho profundo rosado por beijar e rir. Lábios que rogavam que os cobrissem os seus.

Fechou os olhos à tentação, deslizou suas mãos de novo para tomar em um punho seu cabelo caído, como se por dominar esses cachos pudesse controlá-la a ela. Controlar-se ele mesmo. Mas céus, era como inundar as mãos em seda líquida, e por detrás de suas pálpebras, ele viu aquelas jubas de deliciosa suavidade acariciando cada centímetro de sua pele.

Seus olhos se abriram de repente. Em seu desespero, olhou para baixo, só para ver se o terceiro botão de sua camisola de dormir estava desabotoado ainda.

E assim era. *Maldita seja,* assim era.

Ela riu suavemente, atraindo seu olhar de novo para sua boca, agora inclinada no ângulo perfeito para receber seu beijo. Esses lábios... e um toque de uma língua úmida e rosada... os instrumentos de sua irritação durante tantos anos, agora ofereciam um convite. Só à espera de ser silenciados, submetidos, dominados. Havia uma maneira segura, argumentou uma voz sombria dentro dele, para fazer que Lucy finalmente entrasse em razão.

Beijá-la até deixá-la sem sentido.

Sua boca esmagou a dela, e ele sentiu que seus lábios se contraíram desse amplo sorriso a uma careta apaixonada. E quando ela abriu a boca para ele com facilidade, com entusiasmo, Jeremy agradeceu a Deus pelas mórbidas novelas infernais.

Deslizou a língua dentro de sua boca quente, audaz pelo uísque, explorando, exigindo. Ela ofegou contra seus lábios, e ele empurrou mais profundo, tomou mais, decidido a beber sua doçura até que provasse o ponto amargo do medo. Se queria lições, tencionava lhe dar uma. Ensinaria-lhe que o desejo não era um jogo; a paixão era um esporte perigoso por certo. Queria empurrá-la até espantá-la, enviá-la correndo de volta a seu quarto tremendo sob seus engomados lençóis brancos e a fazer um novelo de lã nessa camisola virginal de gola alta. E a abotoar-se esse maldito botão.

Então sua língua acariciou a dele. Com cautela, uma vez. Outra mais, com abandono. Ela o estava atraindo, enrolando-o, atiçando o fogo em suas vísceras com cada revoada de suas carícias. Ele respondeu instintivamente, aprofundando o beijo. E uma compreensão o transpassou com todo o doce ardor do desejo correspondido. Este beijo era uma provocação. E nos oito anos em que a conhece, Lucy Waltham nunca retrocedera ante uma provocação.

Ela se moveu mais perto, sujeitando seus ombros e deslizando uma mão à parte posterior de seu pescoço. Ele grunhiu quando suas unhas rasparam ligeiramente sua nuca. Uma força puxou sua mão para baixo. Arrependimento, talvez. A necessidade desesperada para recuperar o controle. Um impulso caridoso, de verdade; precisava convencê-la que estava brincando com

fogo. Os dedos se estenderam, dispô-los na parte baixa de suas costas e a pressionou contra ele, atraindo seu corpo tenso contra o inchaço de sua virilha. O prazer foi imediato. Intenso. Nem de perto suficiente.

Certamente agora ela se retorceria afastando-se, talvez inclusive gritaria.

Mas não. Ela estava movendo-se, sim. *Deus*, estava movendo-se. Arqueando-se contra ele, gemendo no beijo. Veludo frio provocava as pontas de seus dedos; veludo quente acariciava sua língua. Traidoras imagens alagaram sua mente. Um manto vermelho reunido no chão. Botões voando por toda parte. Estava neste beijo muito fundo, e, *OH, Meu deus*, como desejava afundar-se mais profundamente ainda. Devia estar tudo mal.

Tudo isto estava... mau.

Jeremy lutou através da bruma de luxúria, apertando o punho em seu cabelo e afastando-a. Um centímetro. Baixou o olhar a seu rosto. Esta vez, tinha os olhos fechados.

—Lucy — sussurrou com voz rouca.

Ela abriu seus olhos piscando rapidamente. Eram verdes, salpicados de dourado; uma paixão escura, selvagem, brilhando junto com a risada. Desenredou a mão de seu cabelo, soltou sua cintura, e deu um passo atrás, tentando pensar. Sua respiração era irregular, seu pulso retumbava e seu sangue bombeava a todo seu corpo exceto a seu cérebro.

—Lucy — tentou de novo, — isso foi...

—Isso foi prática — o interrompeu ela. Um sorriso curvou seus lábios. — Uma prática muito boa — ela trocou seu peso para o outro pé, projetando a curva de seu quadril e elevando seus seios para chamar a atenção, um movimento inconsciente de crua sensualidade.

Era grosseiramente sedutora.

Jeremy jurou para si mesmo. *O que fizera?* Abrira a porta a uma virgem desajeitada, e nem meia hora mais tarde, estava despedindo-se de uma tentadora. Era como se lhe tivessem entregue uma arma descarregada, só para carregá-la com pólvora e tiro e, querido Deus, estivesse condenadamente perto de apertar o gatilho. Faz escassos minutos, ela era inofensiva. Agora...

Agora Lucy era um perigo para si mesma.

E se ela ficasse ali um momento mais, burlando-se dele com esses olhos brilhantes e esses lábios inchados e essa curva vermelha, adorável de sua garganta, Jeremy seria um perigo para ela.

O que esteve pensando? Ele a machucara como um bruto. Não importava o fato de que ela também o machucou, ou que tudo fôra ideia dela. Era um cavalheiro, e ela era, por nascimento, se não por comportamento, uma dama. Era a irmã de seu melhor amigo. Teria que estar enfrentando uma pistola ao amanhecer, ou algo pior. Um vigário ante um altar.

Ela deve ter lido a culpa em seus olhos.

—Pelo amor de Deus, Jemmy. Henry nunca vai saber... ou seja, a menos que você o diga — sorrindo, ela atou o cinturão de sua bata. — E te sugiro imperiosamente que não o faça. Nunca o superaria.

—Você — disse, agarrando a pelo cotovelo e dirigindo-a com firmeza até a porta. — Precisa ir à cama — com cautela, observou o corredor antes de guiá-la através da porta. Ela começou a girar à esquerda, por volta do quarto do Toby. Ele a agarrou pelos ombros e a girou de frente na

direção oposta. —Vai-te a seu quarto, Lucy — lhe sussurrou com severidade. — Terei a porta aberta toda a noite. Para chegar a Toby, terá que passar por mim.

Lançou-lhe um olhar tímido que, em qualquer salão de baile, a teria tomado como uma paquera descarada. Em realidade, era uma estudante rápida.

—Está sugerindo que seria difícil?

Apertou os dentes.

—Juro-lhe isso, irei ao quarto do Henry neste instante, se...

—Shhhh — ela o fez calar com um dedo sobre seus lábios, olhando por cima de seu ombro. — Muito bem, Jemmy — sussurrou. — Suponho que Toby permitirá a Sophia desfazer suas malas antes de ajoelhar-se. Posso esperar uma noite mais.

Jeremy escutou seus passos suaves descer pelo corredor e aguçou o ouvido até que escutou o som de um fecho deslizando-se. Deixou-se cair contra a parede. Era um consolo saber que Lucy dormia detrás de uma porta fechada.

Mas ele se haveria sentido totalmente em paz, se estivesse o fecho no outro lado.

CAPÍTULO 2

O apetite de Lucy Waltham era insaciável.

O Henry gostava de brincar dizendo que quando se casasse, proporcionaria-lhe um dote de duas vacas, seis porcos e duas dúzias de frangos, só para que seu marido pudesse mantê-la alimentada.

Era só uma brincadeira, é obvio. Com toda probabilidade, seu dote valeria muito menos. Mas ninguém poderia brincar ao dizer que Lucy devorou comidas que envergonhariam a um trabalhador de uma granja. Lucy vivia com fome. Devorava todos os dias. Este apetite pela vida requeria um fornecimento constante de mantimentos reais. Mordiscava pãezinhos quentes da cozinha, ia atrás de frango frio a meia-noite, e passava longas tardes rebuscando nas hortas. E nunca perdia o café da manhã.

Marianne e a tia Matilda já estavam na mesa quando Lucy entrou na sala do café da manhã.

Lucy se inclinou para beijar a face engilhada da tia Matilda. A anciã respondeu tomando um ruidoso gole de chocolate. Ninguém sabia exatamente quantos anos tinha a tia Matilda, a tia Matilda menos que ninguém, mas Lucy pensava que ao menos tinha uns oitenta anos. Também pensava que a tia Matilda era a mulher mais formosa que conhecia. O avô de Lucy construiu sua fortuna cultivando índigo nas Índias Ocidentais, onde a tia Matilda passou sua juventude. Ainda vestia da cabeça à ponta dos pés da cor mais profundo do azul índigo. Sua coluna não se curvou nem um ápice com a idade, e mantinha em alto seu queixo para equilibrar um turbante formidável. Cheirava a brisa do mar e a especiarias exóticas e a tabaco.

Henry se voltou do bufê levando dois pratos. Ficou imóvel um instante, seus olhos incrédulos, antes de colocar um prato em frente a sua esposa.

—Lucy, que diabos te aconteceu?

—Henry, silêncio — disse Marianne. — Acredito que Lucy está encantadora.

—Sim, encantadora— gorjeou a tia Matilda.

Lucy alisou a palma da mão sobre a seda fria enquanto se dirigia para o aparador. O vestido o desenhou uma costureira de Londres há quase três anos, para o que ia ser sua primeira temporada na cidade. Isso foi antes de que Marianne se inteirasse que estava grávida pela segunda vez. O vestido permaneceu no armário de Lucy todo esse tempo, um pedaço de promessa de seda brilhante em meio de metros de musselina cotidiana. O tecido azul pálido correspondia ao tom de um ovo de estornino Pinto, e um encaixe cor creme debruava as mangas curtas do vestido.

Sua figura se arredondou grandemente nos três anos desde que o vestido foi feito a sua medida. O sutiã apertava seus seios, fazendo que o tecido se esticasse. O decote era escandalosamente baixo para a manhã.

Era perfeito.

Realmente deveria usar seda com mais frequência. O vestido fluía ao redor de seu corpo, deslizando-se sobre sua pele como a água. Passou uma mão por seu cabelo cuidadosamente encaracolado. Sua criada por pouco deixa cair a escova quando lhe solicitou um estilo mais elegante que o nó simples de costume. As joias possivelmente era um pouco exagerado para o café da manhã.

Os brincos opala de sua mãe beliscavam ambos os lados de sua cabeça. Eram muito mais pesados do que previra. Certamente os lóbulos de suas orelhas chegariam até seus ombros até o meio-dia. Mas não importava. Se eram necessárias as joias para eclipsar a Sophia Hathaway, Lucy se penduraria diamantes.

Ela sentara na mesa quando Felix entrou no salão de café da manhã com a Kitty pelo braço. Sophia lhes seguia uns passos mais atrás. Ambas as damas estavam embelezadas com simples vestidos de musselina com desenho de espigas. Para a mente de Lucy, bem poderiam estar usando uniforme de cor azul, com broches fechados, e ombreiras com borlas. Eram invasores hostis.

O inimigo.

—Vá, vá — Kitty olhou a Lucy com desdém divertido. — Não tinha ideia que o café da manhã no Waltham Manor fosse um assunto tão formal — se voltou para a Marianne.

—Me perdoe, senhora Waltham, vejo que não estamos vestidas de forma apropriada.

—Absolutamente — respondeu Marianne. — Não querem sentar-se? Tomam chá ou café? Ou chocolate, talvez?

—Que encantadora sala de cafés da manhã — Sophia se sentou em uma cadeira em frente a Lucy. — Tem uma deliciosa vista do parque.

Kitty se deslizou no assento do lado e desdobrou seu guardanapo com um brusco estalo.

—As janelas dão ao oeste por completo — disse. — Deve ser insuportavelmente quente pela tarde.

Lucy sorriu.

—Que sorte então, que tomemos o café da manhã pela manhã.

Os olhos de Kitty se estreitaram. Golpeou ligeiramente o prato com a faca e falou por cima do ombro de Lucy, dirigindo-se a seu marido.

—Felix! Uma torrada!

Pobre Felix, carregar com uma arpía como esposa. Lucy não podia imaginar toda uma vida de cafés da manhã na mesa enfrentando a cara amargurada de Kitty. A só ideia azedava seu creme.

Ela olhou a Felix por cima de seu ombro. Ele ia para o bufê, enchendo de mantimentos seu prato do café da manhã, cantarolando uma melodia a seu passo. Cantarolando! Seus pais foram certamente premonitórios quando selecionaram seu nome de batismo. Seu temperamento otimista nunca vacilava. Se havia um homem que podia sorrir pela vida com Kitty a seu lado, esse era Felix.

Lucy jogou um olhar de esguelha a Sophia, que estava revolvendo delicadamente o açúcar em seu chá. Sophia era uma versão mais suave de sua irmã. Compartilhavam o mesmo cabelo dourado e pele clara. Mas onde o nariz de Kitty se afiava em um ponto, a da Sophia pendia com elegância. Os olhos azuis de Kitty tinham um brilho glacial, mas os da Sophia brilhavam com calidez. Lucy o admitia a contra gosto: ela era formosa.

Ninguém chamaria Lucy formosa. Ao menos, ninguém o fizera. Tinha as maçãs do rosto muito largas, o queixo muito pontudo. Sua pele era bronzeada e olivácea, em nada na moda. Ela sim tinha uns quantos rasgos agradáveis, pensou. Seus olhos eram grandes, e emoldurados com pestanas longas e escuras. Seus dentes estavam direitos. Nada que inspiraria uma poesia. De fato, mas bem soava como uma égua premiada.

Sophia aceitou um prato de torradas do Felix e agarrou sua faca de manteiga. Sustentava a prata maciça com um apertão delicado, como se pudesse partir-se em dois. Com sua torrada perfeitamente amanteigada e suas cuidadosas e pequenas dentadas, parecia a imagem da delicadeza feminina.

Lucy baixou o olhar para seu próprio prato, uma montanha de ovos e presunto, pãezinhos, e conservas. Levou um bocado de ovos à boca e mastigou sem arrependimentos. Batalhar com a Sophia Hathaway requereria força e engenho, seda e joias, e um abundante café da manhã.

—Bom dia, Jem — disse Henry.

Ela levantou a vista de seu prato para ver o Jeremy entrar no salão. Ela quase se engasgou com seus ovos. Seu cabelo negro estava despenteado, e estava vestido para montar a cavalo, com um casaco de cor marrom escuro sobre uma camisa de colarinho aberto e calças de couro. Houve um tempo no Waltham Manor em que os homens nunca se incomodavam com roupas que cobrissem até o pescoço. De fato, a sua chegada cada mês de outubro, faziam um grande espetáculo de lançar seus lenços de pescoços ao fogo.

Mas isso era antes que Henry se casasse com a Marianne. Da adição de uma dama à festa, os cavalheiros se vestiam para as refeições pontualmente.

—Senhora Crowley-Cumberbatch. Senhorita Hathaway — fez uma breve reverencia em sua direção.

Ao que parecia, escandalizadas por seu desalinho, as irmãs devolveram sua saudação com o olhar desviado, ocupando-se com seus chás e torradas.

—Lucy.

Jeremy a paralisou com um olhar sombrio, cheio de recriminações. Um rubor quente

chamuscou as pontas de suas orelhas adornadas com pendentes de opala. Por um momento, Lucy se sentiu como se estivesse sentada na sala de cafés da manhã vestida só com camisola ou menos. Mas se ele queria envergonhá-la, levaria uma grande decepção.

Os lábios dela tremeram, e lentamente os umedeceu com sua língua antes de lhe dirigir fugazmente um sorriso audaz. Ele rapidamente olhou para outro lado.

OH, como era divertido irritá-lo. O fazia tão fácil. A caça e a pesca estavam muito bem, mas de verdade, perseguir ao Jemmy sempre foi seu esporte favorito durante o outono. Lucy via seu semblante sério como um desafio sem limite. Uma suave e espessa casca de ovo, que rogava por ser quebrada. Qualquer reação de suas feições constituía uma vitória, já seja uma careta de dor, um cenho franzido ou a mais estranha das expressões: um sorriso. Um sorriso que mostrasse os dentes, valia o dobro.

Ontem de noite lhe mostrara uma forma completamente nova de acossar ao Jeremy Trescott. Não com travessuras de menina, a não ser com artimanhas femininas. OH, sim. Ela quebrara o ovo ontem de noite, mas bem quebrado. Sua expressão de desejo confundido era muito mais divertido que uma careta de dor ou um cenho franzido, ou inclusive um sorriso que mostrasse os dentes.

Esse último beijo precisava valer ao menos dez vezes mais.

Ela ergueu a taça de chocolate até seus lábios. Fechando os olhos, pressionou a língua contra o bordo da porcelana fria, recordando o poder de um beijo verdadeiro. Bebendo da quente, doce riqueza sentindo a deliciosa calidez que se pulverizava por sua garganta e no fundo de seu ventre. E mais abaixo. Suspirou na taça. Se o beijo do Jeremy podia rivalizar com o chocolate, Lucy se estremeceu ao imaginar como seria beijar a...

—Toby!

Lucy soprou contra a borda da taça. Colocou-a de volta ao prato e recolheu o guardanapo, secando-os lábios a toda pressa.

—bom dia, damas — Toby fez uma galante reverencia em direção a Sophia Hathaway. Vestia um fraque cinza pomba e colete listado. Sua gravata branca como a neve estava atada à perfeição.

Lucy se derreteu em sua cadeira como a manteiga sobre uma torrada.

—bom dia, tia Matilda— tomou sua enrugada mão e a beijou. — Você é uma luz encantadora esta manhã.

—Sim — respondeu a anciã. — Encantadora.

Lucy se arrumou em sua cadeira.

—bom dia, Sir Toby — lhe estendeu a mão.

—bom dia, Luz — seus olhos se encontraram, e seu amável sorriso se ampliou mais. Logo tomou a mão e a sacudiu.

Lucy suspirou. Isto poderia resultar mais difícil do que previra. Ela inclinou a cabeça para um lado, um pendente de opala pendurado como um chamariz de pesca. Confirmara ontem à noite que os homens não eram tão diferentes das trutas como gostariam de pensar.

—Que maravilhoso é dar a bem-vinda de novo ao Waltham Manor, Sir Toby — ela acariciou o assento da cadeira a seu lado. —Por favor, sente-se?

—Obrigado, farei-o — disse Jeremy, deslizando-se na cadeira e colocando seu prato junto ao dela. Lucy apertou os dentes e se apoderou de sua faca de manteiga. *Sim,* os homens eram como as trutas. E Jeremy era um que desejava fervorosamente fatiar.

—O que? — perguntou ele com uma voz tão profunda que foi quase inaudível — te puseste?

—Eu poderia perguntar o mesmo — murmurou por trás de sua taça, — Lorde Kendall.

—Pensei que havia esquecido meu título.

—Esquecê-lo? Eu? Talvez você o extraviou. Estou segura de que o vi por alguma parte. Justo ao lado de sua gravata.

Sua mandíbula se esticou.

—Estava montando a cavalo. Quando me inteirei de que já estavam na mesa, pareceu-me imprudente atrasar minha própria refeição — seu olhar zombador se desviou de seus pendentes a seu decote. —Parece que minha preocupação estava justificada.

—Quando lhe nomearam protetor de Toby? Ele é um homem adulto, não?

Toby retornou à mesa com café e pão torrado. Sentou-se junto à Sophia Hathaway e murmurou algo que Lucy não pôde ouvir. Sophia sorriu com recato e agitou suas pestanas. Os ovos se revolveram no estômago de Lucy.

Jeremy foi pegar um prato de geleia, obstruindo sua visão.

—Consideraste — perguntou, — que pode ser que não seja ao Toby a quem estou tentando proteger?

Antes que Lucy pudesse convocar uma resposta bastante indignada, Felix interrompeu.

—Qual é a nossa atividade para hoje, Henry?

—É um dia quente e agradável — respondeu Henry. — Pensei que poderia ser pesca?

—Muito bem! — disse Felix. —Quer te unir a nós, Lucy?

Lucy sentiu que Kitty e Sophia a olhavam fixamente. As damas bem criadas evidentemente não pescavam.

—OH, não! Asseguro-lhe, senhor Crowley-Cumberbatch, que renunciei às atividades de moleque de minha juventude — se voltou para o Toby. — Não pesquei em muito tempo. Não posso recordar a última vez.

—Realmente, Luz? — Toby pareceu incrédulo. — Henry, é certo?

Henry cortou uma fatia de presunto.

—Se contar seis dias como "muito tempo", então suponho que é verdade. Mas se não pode recordar seis dias atrás, Lucy, e te esqueceu o nome de batismo do Felix, estou preocupado por ti.

Talvez tenha passado muito tempo com a tia Matilda.

—Henry — disse Marianne, —não diga essas coisas diante da pobre.

—OH, ela não tem nem ideia — ele se inclinou e gritou ao ouvido da tia Matilda. — Lucy renunciou à pesca, tia Matilda! Ela está enchendo-se de seda e adornos. Depois vai pintar a cara e sair correndo para converter-se em uma atriz! Não seria encantador?

A Tia Matilda sorveu seu chocolate.

—Encantador.

Lucy sorriu e aumentou a pressão do aperto em sua faca.

—Já que o dia está tão agradável, talvez as damas desfrutassem de um piquenique junto ao rio — disse Marianne.

—OH, que delicioso! — Sophia virtualmente saltou em seu assento. — Vou trazer minhas aquarelas.

—A senhorita Hathaway é uma pintora muito perita — disse Toby. — Justo a outra semana, mostrou-me uma engenhosa e pequena bandeja de chá que adornou com... rosas, verdade?

—Orquídeas — se ruborizou Sophia.

—Você desenha, senhorita Waltham? — perguntou Kitty com tom petulante.

—OH, sim. Eu adoro desenhar. E a pintura. Vou trazer minhas aquarelas, também — ela sabia que uma dessas instrutoras deixaram algumas pinturas em alguma parte. Talvez na velha sala de aulas. Seus pensamentos foram interrompidos por um gole ruidoso e áspero.

—Lucy, dê à tia Matilda mais chocolate— disse Henry. — Ela está aspirando ar outra vez.

Levantou-se de sua cadeira, erguendo a chaleira de chocolate com tanta graça como pôde reunir.

—Nunca soube que fosse uma artista, Lucy— disse Toby.

Lucy se inclinou para diante enquanto enchia a taça da tia Matilda, dando ao Toby uma vista de seu decote transbordante. Ela fez sua voz baixa e entrecortada.

—OH, mas, Sir Toby — disse, agitando as pestanas como louca, — há tantas coisas que não sabe de mim.

O pendente de opala de sua mãe lhe escapou da orelha, aterrissando na taça de sua tia Matilda com um chapinhar.

—Não ria, Jemmy. Não te atreva a rir.

Maldição. Tendo em conta o interminável desfile de instrutoras que passou pelo Waltham Manor, Lucy se viu obrigada a admitir que deveria ter posto sequer um mínimo de atenção a uma ou duas delas.

Jeremy posicionou-se sobre seu ombro, baixando o olhar para seu cavalete. Seu trabalho da última hora se traduziu em uma imagem bastante boa de um atoleiro de barro.

Tencionava capturar a glória outonal de uma distante árvore de carvalho, sua folhagem vermelha-alaranjada ramificando-se em um claro céu azul. Começara por cobrir todo o papel com uma encantadora esteira de azul brilhante. Era um céu excelente. Chamativo, sem nuvens, e indicativo do gênio criativo sem explodir. Nenhuma mundana bandeja de chá, sem importar quão engenhosa fosse, poderia esperar a roçar seu céu.

Mas então ela começou com a laranjeira. Só que, quando pôs o pincel no céu ainda úmido, ela não teve laranjeira, a não ser café. Pior ainda, o café não se fixava nas pequenas e lindas formas como as folhas. Listras cafés pálidos sulcavam o papel como lágrimas lamacentas. Quanto mais tentava arrumá-lo, mais horrível se voltava, até que toda a pintura não era mais que um desastre empapado.

—Não te atreva — chiou.

Ele se inclinou por cima de seu ombro, como se examinasse seu trabalho. Havia algo vagamente inquietante na forma em que se abatia sobre ela, seus largos ombros bloqueando o

sol. Sentiu o impulso repentino de retroceder, ou aproximar-se mais.

—Não sonharia me atrever — o tom baixo solene de sua voz ressonou profundamente em seu corpo, emocionando a de uma maneira íntima e inesperada. Uma maneira não desejada. — E você tampouco deveria. Atrever-se só convida ao desastre. Adiante, segue com a aquarela.

Ela levantou a vista bruscamente. Seus rostos estavam só a um palmo de distância. Muito perto para avaliar sua expressão. Só via um conjunto de feições. O cabelo negro deslizando-se sobre um cenho grave. Lábios cheios. Uma mandíbula forte e quadrada. Olhos azuis.

Um forte azul brilhante.

Lucy fechou a caixa de pinturas com um golpe desafiante. Um correto, sério, homem insuportável. Segue com a aquarela, realmente.

—Está dirigindo mal tudo isto — disse com frieza. — Um vestido de seda, aquarelas... De verdade crê que vão captar a atenção do Toby?

—Funcionaram para ela— Sophia estava sentada a uns metros diante deles, perto da borda do arroio. Inclinava-se sobre seu próprio cavalete, onde se via um desenho de um grupo de aneas arqueando-se sobre a borda do rio. Parecia delicado, detalhado e notavelmente seco.

—Você não é ela.

—Não posso acreditar que te atreva a me aconselhar sobre o cortejo. Não notei que traga contigo uma esposa.

—Isso é porque não quero me casar.

Ela lançou uma risada sardônica.

—Ah, já entendo. O celibato é sua escolha. Não tem nada que ver com sua falta de encanto.

—Isto vem de uma moça, cujo conceito de uma abertura romântica é que lhe passem assobiando uma bala sobre sua cabeça.

Apontou-lhe com o pincel.

—Não tente apontar. Nisso também é o pior dos quatro. Mas suponho que é deliberado— disse. — Simplesmente não quer disparar aos faisões?

Uma expressão estranha cruzou seu rosto. Uma que Lucy nunca vira antes. Um brilho de surpresa azul, rapidamente esmagado por seu cenho sério. Quando falou, estalactites penduravam de suas palavras.

—Creia o que quiser. — se ergueu em toda sua estatura. — Faz o que queira. Não é de minha incumbência— partiu para reunir-se com os cavalheiros.

Lucy teve a tentação de lhe arrojar sua caixa de pinturas à cabeça. Acertaria a seu objetivo. A diferença dele, sabia como apontar.

Sophia interrompeu seus pensamentos vingativos.

—Terminou a pintura, senhorita Waltham? Posso ver?

—É obvio — respondeu Lucy, ainda silenciosamente fervendo. Ela tirou o papel de debaixo dos clipes do cavalete e o sustentou no alto entre o polegar e o indicador. E logo o soltou.

—Meu deus! — uma solícita brisa fez cair a pintura à correnteza. — Que vergonha. Não importa. Posso pintar outra tão encantadora em um instante.

Ela não tinha nenhum desejo de tentar outra pintura, nem agora nem nunca. Dobrou seu

cavalete com movimentos fortes, até que o fio de sua frustração se acalmasse.

Sophia voltara para seu trabalho, retocando sua pintura com luminosas e emplumadas pinceladas. Kitty, tendo declarado que o sol estava muito forte, sentou-se escondida à sombra de um guarda sol. O último ataque de cólicas da pequena Beth fazia que Marianne ficasse no quarto dos meninos. Marianne estava sempre no quarto dos meninos.

Maldito refinamento. Lucy ansiava deitar-se de costas à borda do rio e olhar ao céu. Aplanar sua coluna contra o chão até que a grama se elevasse por cima dela, a terra fria esquentando-se debaixo dela, e o batimento do seu coração golpeando em seus ouvidos como um tambor. Teve que conformar-se inclinando-se para trás sobre uma mão estendida. Seu olhar, entretanto, deslizou-se diretamente a seu lugar de descanso natural.

Toby.

Levava o cabelo um toque mais comprido este ano. As grossas ondas castanhas douradas mal roçavam a gola de seu casaco. Cada outono, os rasgos de seu rosto pareciam mais cinzelados, mais permanentes em sua perfeição. Ainda se movia com a graça segura e ágil que Lucy invejara sempre. Bronzeado pelo sol e brilhando a partir do seu interior, Toby irradiava beleza masculina.

Ela olhava com inveja como os cavalheiros lançavam seus anzóis, metiam-se na corrente gelada, brincavam e riam entre eles. Seria sempre assim, desse ano em diante? Os homens desfrutando da mesma fácil camaradagem, com a Lucy exilada as margens de sua atenção? Agarrou uma pedra da erva e a jogou na correnteza. Tinham passado tantos outonos agradáveis aqui, só os cinco.

Por que os homens precisavam arruinar tudo para casar-se? Primeiro Henry, continuando, Felix. E agora Toby. Seu coração se deteve. Ela não podia perder ao Toby. Amara-o durante oito anos, desde aquela primeira tarde. Jeremy entendia tudo mal. Não tinha nada que ver com que Toby lhe tivesse disparado. Foi tudo o que seguiu, uma vez que a nuvem de pólvora se dissipou. Henry lhe gritara, Jeremy a fulminara com o olhar; Felix fazia provavelmente uma brincadeira. Mas Toby se inclinou ante ela.

Com seus ouvidos ainda ressonando pelo disparo, mal registrara as palavras de sua galante desculpa. Mas pela primeira vez em meses, alguém falara a ela, não diante dela ou sobre ela. Toby convencera ao Henry para que deixasse que Lucy ficasse, em vez de enviar a casa. Fizera-lhe uma coroa de hera e a coroou como sua Diana. Ela, Lucy Waltham, uma menina magra como um junco, com o cabelo enredado e um vestido de luto mal talhado. Uma deusa.

E essa tarde, pela primeira vez desde muito antes que sua mãe morresse, Lucy se havia sentido feliz. Não só feliz. Leve de felicidade. Desde esse dia, ela nunca imaginou amar a ninguém mais. Não era uma emoção que ela pudesse deslizar-se dentro e logo tirá-la, como se fosse um vestido de seda. A adoração se teceu através do tecido de seu ser com um fio castanho dourado.

Sem ele, certamente ela se desintegraria.

O fio se esticou ao redor de seu coração. Toby se dirigiu à borda, para ela, sua expressão decidida. Chegou a seu lado, caiu sobre um joelho, e se dirigiu a ela com seriedade.

—Tenho uma pergunta para ti, Lucy.

Ela tragou saliva e assentiu.

Toby colocou uma mão no bolso e tirou algo pequeno e brilhante. Tinha-o na palma da mão para que ela o examinasse.

—Esta mosca funcionará para outubro? o que te parece? — tirou uma caixa de arranjos de pesca detrás de suas costas e a abriu. — Ou sugeriria outra?

Ela afundou a cara entre as mãos. Moscas. Estava disposta a lhe prometer seu coração, sua vida, a devoção de sua alma e ele queria sua opinião sobre as iscas de pesca.

—Lucy?

—OH, Toby — suspirou, deixando ao descoberto seu rosto. — Essa é uma mosca para maio. Não serve para nada — tomou a caixa de arranjos de pesca e começou a procurar entre o sortido de moscas artificiais.

Sophia chegou até a borda, inclinando-se para unir-se a eles.

—Que absolutamente encantador! — exclamou, olhando a caixa de arranjos de pesca. — Do que são feitos?

—Disto e daquilo — respondeu Lucy. — De restos de lã e de penugens. Do cabelo de um cão ou de um bezerro. De penas. — Tirou uma resplandecente mosca azul da caixa e a pôs sobre sua palma. —Esta a fiz com uma pena de pavão, e um pouco de casca iridescente.

—Você fez isto? — Sophia tomou a isca de penas de pavão e a ergueu à luz para analisá-la.

—Essa é nossa Lucy — disse Toby, alisando uma mecha de cabelo da fronte. —Tão inteligente. Tão...

—Engenhosa — sugeriu Lucy.

—Engenhosa. Exatamente assim.

Seu sorriso ligeiro sacudiu o coração de Lucy. *Esse era Toby.* Nunca fazendo uma recriminação, nunca zangado. Era de sentir saudades que o adorasse? Com uma só palavra ou um olhar sem esforço podia endireitar todo seu mundo. Desfrutar-se nesse quente olhar castanho era sentir-se distinguida, especial. Como se o sol brilhasse só para seu benefício.

Ruborizando-se, ela voltou sua atenção à caixa de arranjos. Arrancou uma pequena mosca e a estendeu ao Toby entre os dedos apertados. Um gordinho pedaço de lã negra formava o corpo e as asas pequenas se fizeram de uma só pena de pato real.

—Esta é a que precisa —disse. — Uma mosca de árvore espinheiro. Pode ser menos elaborada, mas às trutas resulta irresistível — ela o pôs em sua mão estendida, permitindo que seus dedos se deslizassem através de sua palma. O olhar do Toby se encontrou com o seu. Seus olhos brilharam com surpresa, e talvez com curiosidade? — Toby — sussurrou, inclinando-se mais perto. Desafiando-o a fazer o mesmo. Seu olhar caiu sobre seus lábios, e Lucy esperou em uma agonia sem fôlego até que, doce paraíso, curvou seus dedos apertando os seus. Tão perto, tão perto.

E então, o desastre.

—Poderia tentá-lo? — Sophia se voltou de seu exame da mosca de pavão.

Toby soltou a mão de Lucy. Posou esses olhos castanhos na Sophia, e o rosado floresceu nas faces de porcelana. Lucy se esfriou. Sempre soube que Toby tinha o poder de fazê-la sentir-se especial. Mas, evidentemente, fazia sentir especial a Sophia, também.

—Quer tentar pescar, senhorita Hathaway? — perguntou.

—Sim, se você puder me ensinar.

—Eu adoraria.

Ajudou a Sophia a ficar de pé e lhe ofereceu o braço enquanto caminhavam pela borda. Lucy olhou com olhos entrecerrados quando Toby unia a mosca de pavão ao anzol e demonstrava a técnica adequada de lançar. Logo entregou o extremo a Sophia, guiando suas mãos em sua posição. Estavam parados lado a lado, o ombro dela pressionado contra o braço do Toby.

A linha de Sophia se esticou, e ela deu um grito de espanto quando seu extremo desceu abruptamente. Toby se moveu rapidamente de pé atrás dela e a rodeou com seus braços, pondo as mãos sobre as dela para sustentar a vara de pescar.

Lucy ficou de pé. Já não podia suportar ver esta... esta cena por mais tempo. Voltou-se, caminhou uns passos e logo voltou-se no momento seguinte. Sophia voltou a lançar sua linha sob a direção do Toby. Ela esperava por cada palavra dele e copiava seus movimentos, olhando-o com grande atenção. Lucy pôs os olhos em branco, mas Toby parecia satisfeito. Encantado. Mais alto.

O que havia nos homens que encontravam a impotência tão atraente? Supõe-se que eles deviam gozar da ilusão da superioridade. Bom, Lucy não se sentia nem um pouco indefesa ou inferior, e seu orgulho se rebelava contra a ideia de fingir um ou outro estado.

OH, mas ela ia fazê-lo de todos os modos.

Ela pegou uma vara de pescar que sobrava e pôs como isca no anzol uma mosca de árvore espinheiro. Jeremy a observava com uma expressão petulante, que ela intencionadamente ignorou. Aproximou-se com cautela a uma estreita península do rochoso leito do rio e lançou a linha a seu terreno favorito, uma ligeira curva no arroio, onde as águas se reuniam em um lago profundo antes de desafiar o curso de pequenas e rápidas águas abaixo. A superfície tranquila do lago não dava nenhuma pista da árvore caída que sabia que se escondia sob a água.

Lucy recolheu a linha até que sentiu resistência. Ela se recuou para trás e atirou, enganchando a linha no obstáculo sob a água. Suas botas escavaram para fazer alavanca contra as rochas, e ela escorou seus calcanhares.

—Ajuda! — gritou por cima do ombro, em direção ao Toby.

Felix chegou a seu lado.

—Apanhou um grande, verdade?

Ela assentiu com a cabeça, fazendo movimento de lutar contra a presa imaginária.

—Toby! Ajudaria a rebobinar?

Jeremy se aproximou por detrás.

—Suponho que não quer minha ajuda?

—É obvio que não — ela evitou uma grande rocha. Por que se atrasava Toby? Sem dúvida levava seu tempo para separar-se da Sophia Hathaway. Lucy se tornou para trás de novo, lutando com o peixe fantasma com todas suas forças.

Henry se uniu ao grupo e avaliou a situação.

—Sua linha está presa, Lucy. Isso é tudo — tirou uma navalha do bolso e a abriu.

—Henry, não! — ela tentou freneticamente endireitar-se.

Muito tarde.

Com um golpe da navalha, Henry cortou a linha. Presa fora de balanço, sem um contrapeso, Lucy se inclinou, cambaleou-se, e por último mergulhou totalmente no arroio.

Frio. Água fria congelada. Mortificação gelada.

A comoção gelada agarrou sua caixa torácica como uma prensa, extraindo o ar de seus pulmões. A Lucy não podia lhe importar menos. Com muito gosto se afogaria. Aqui, no lugar onde ela e Toby passaram tantas tardes agradáveis. Seria um final digno de sua jovem vida e vã esperanças. Porque quem em seu são julgamento se casaria com uma perfeita parva?

Então várias mãos fortes e intrometidas a arrastaram fora da água. Lucy ficou inerte. Só podia haver uma coisa pior que morrer de vergonha. Sobreviver à mesma.

Manteve os olhos bem fechados enquanto os homens a arrastavam até a borda. Ouviu vozes. Henry, Sophia, Toby, Kitty, Felix, Jeremy. Todos falavam de uma vez.

—Busca uma manta.

—Está viva?

—Henry, imbecil.

—Ela está respirando.

—Não imaginei que pesasse tanto.

—Lucy, acorda.

Deixou que suas pálpebras se agitassem brevemente, só o suficiente para vislumbrar o rosto do Henry abatendo-se sobre ela. Seus olhos estavam preocupados, sua boca uma fina linha. Ela fechou os olhos outra vez. Mais vozes.

—O que vamos fazer? — perguntou Toby, enquanto seus fortes dedos afastavam o cabelo de sua cara e garganta. Lucy rapidamente dissimulou seu suspiro com uma tosse. Toby estava tocando sua garganta.

—Deixa-a— ordenou Henry. — É minha irmã. Eu me encarrego dela.

O toque cessou. *Maldito Henry*. Seu amor fraternal sempre aparecia no pior momento possível.

—Pobrezinha — disse Sophia.

—Deveríamos tirar as suas botas. — disse Felix.

Silêncio.

—Dizem isso, sabe? — falou Felix de novo. — Se está se afogando, deveria tirar os sapatos.

—Acredito que isso só ajuda enquanto a pessoa está realmente na água — disse Kitty.

—Lucy, desperta agora — Henry lhe deu uma forte sacudida. — Deixa de brincar. Juro-te que será minha morte, se não te matar primeiro.

—Você muito bem poderia havê-la matado neste momento — a voz do Jeremy era áspera, e mais perto do que tivesse suposto.

—Henry, saia de lado. Vamos levá-la de volta à casa, a esquentá-la. — *OH,* agora isso parecia prometedor. A voz do Toby a esquentou de dentro para fora, como o uísque.

Lucy sentiu um par de fortes braços erguendo-a, colocando seu corpo contra um amplo e musculoso peito. Poderosos passos a levavam pela margem e por todo o terreno irregular.

Ela suspirou e acariciou com o nariz o casaco do Toby, respirando o aroma deliciosamente masculino de couro e de pinheiro. Com os olhos bem fechados, mentalmente catalogou a posição de cada um de seus dez dedos em seu corpo. Uma estrela de cinco pontas cavavam seu ombro direito, e os outros cinco formavam uma meia lua ao redor da curva superior de sua coxa. Os músculos flexionados de seus braços eram grossos cabos correndo por suas costas e por debaixo de seus joelhos, atando-a a ele.

Não podia recordar a última vez que a tinham carregado. Devia ter sido uma menina, e uma muito pequena além disso. Sempre foi uma questão de orgulho, para a Lucy, o escolher seu próprio caminho. Já seja a pé ou a cavalo ou conduzindo a caleça, ela decidia que tão longe ir e em que direção, e encontrava seu próprio caminho para voltar. Eventualmente.

Mas havia algo estranhamente prazeroso em render-se a esta força, com os olhos fechados, seu corpo inerte em seus braços. Poderia está-la levando a alguma, ou a nenhuma parte. Mas onde seja que estivesse indo, Lucy estava disposta a que a levasse. Pressionou seu ouvido contra seu peito e escutou o ritmo longínquo dos batimentos do seu coração, pulsando mais rápido para igualar seu ritmo decidido.

Batalhando por ela.

Ele caminhou por um pendente, e seu corpo se afundou mais em suas mãos a cada passo. Sua face se deslizou da lã áspera de sua lapela ao linho suave de sua camisa. Seus dedos apertaram a carne de sua coxa. Ele interrompeu brevemente seu passo, arrojando seu corpo em um novo agarre, mais forte.

—OH! — exclamou, caindo contra seu peito com um golpe seco e empapado.

Ele se deteve.

—Lucy? — sua voz retumbava em seu peito como um trovão longínquo. Soava diferente dessa maneira. Mais profunda. Mais sombria. Ligeiramente perigosa.

—Mmmmm? — ela manteve os olhos bem fechados e a face colada a seu peito.

—Terminaste de representar a Ofélia, então?

Não. Não podia ser. Seus olhos se abriram de repente, e uns frios azuis encontraram seu assustado olhar.

Jeremy.

—Pensei que Henry estava brincando esta manhã quando disse que planejava entrar nos cenários. Tem uma parte da loucura dominada, mas o afogamento? Isso é um assunto duro. Poderia dar lições de natação a alguns peixes desse arroio.

—Não quis cair — ela se retorceu em seus braços. — Baixa me.

—Não — ele empurrou suas costas contra seu peito e reatou seu caminho a passo enérgico.

—Disse, baixa me! — golpeou seu ombro com o punho.

—Disse não. Queria que lhe resgatassem.

—Não você! — Lucy lhe cravou o cotovelo nas costelas, seu braço fazendo alavanca para aumentar o espaço entre eles. — Jemmy, não necessito que me carregue — grunhiu de frustração. — Baixa-me.

Finalmente, ele acessou a sua ordem sem cerimônias, limpamente a deixou cair na lama.

Para sua acrescentada irritação, Lucy sentiu saudades de sua calidez imediatamente. Ela se abraçou para proteger-se do frio e olhou ao redor para conseguir orientar-se. A familiar fachada tipo Tudor da casa lhe afigurou através das portas de ferro da mansão. À distância, o resto do grupo bordeava um longínquo pendente.

Com um encolhimento de ombros, Jeremy tirou o casaco de lã azul marinho e irritado o jogou sobre os ombros dela. A parte frontal de sua camisa estava molhada. O tecido fino se aferrou a seu peito, mostrando cada feixe de músculos e o plano endurecido contra o qual fazia tão pouco tempo, tão equivocadamente, moldara seu corpo.

—Está fazendo o ridículo, Lucy.

Se seus dentes não estivessem batendo tão ferozmente, lhe teria arrojado seu casaco de volta, junto com umas quantas maldições. Permitiria a sua senhoria dispensar seu cavalheirismo com uma generosa dose de condescendência.

Seus olhares de desaprovação sobre seu vestido empapado e sobre seu molhado matagal de cabelo eram totalmente desnecessários. Não necessitava que lhe dissesse que parecia uma tola. Em meio da brisa de outono, jorrando água do rio de suas botas de cano longo de nanquim era uma pequena pista. Estava imersa até os ossos de humilhação.

E por que deveria importar a ele?

Ela firmou o queixo e o olhou.

—Está com ciúme.

CAPÍTULO 3

Ciumento? Jeremy quis rir. Parecia que ele devia rir. Para provocar Lucy, para distrair-se, não importava para que. Só sabia que se não tirasse uma risada irônica breve, ou ao menos outro insulto, poderia fazer algo verdadeiramente vergonhoso. Como sacudi-la, ou beijá-la, ou simplesmente desabar-se no chão de alívio. Não podia deixar de voltar a viver esse momento, quando Lucy caíra no arroio e seu estômago caiu junto com ela.

E pior, não podia deixar de notar seu aspecto molhado.

Parecia furiosa e ferozmente bela. Como uma ninfa da água arrancada do rio e deixada gotejando em terra firme. Seu cabelo se livrou de seus grampos uma vez mais, e as mechas molhadas penduravam sobre seus ombros como uma videira grossa e encrespada. Seu rosto estava pálido, mas seus olhos brilhavam intensamente verdes como um oceano em uma tempestade, e seu tremente lábio inferior igualava o tom de uma ameixa gelada.

E esse era o final dela. Lucy não existia abaixo do pescoço. Jeremy se negava a olhar mais abaixo, porque sabia o que ia ver. Seda molhada, toda transparente aferrando-se a uns seios altos, plenos, um ventre liso, quadris arredondados... ele não precisava olhar. Podia imaginar seu corpo o suficientemente bem. O imaginara por toda uma noite sem dormir. Selara seu cavalo ao amanhecer desta manhã, montado vertiginosamente através dos campos com a esperança de deixar atrás essa imagem, só para encontrar as mesmas tentações servidas para ele durante o café da manhã. Era inútil. Inclusive se sua mente podia esquecer a visão das doces, enlouquecedoras

curvas, seu corpo recordava cada centímetro dela enquanto a sentiu pressionando-se contra ele.

Não olharia. Não o faria. Não.

Apesar de que ela respirava com dificuldade, e ele sabia que também teria o seio agitado. E apesar de que ela estava fria e úmida, e seus mamilos deviam estar? Seus olhos se deslizaram.

OH, Deus. Estavam-no.

Jeremy apertou os dentes e olhou para o horizonte em busca de alguma distração. Ah, sim, Henry, seu irmão, caminhando pela grama. Henry serviria muito bem.

Que diabos aconteceu com ele? Isto era a consequência de passar toda a temporada na cidade sem deitar-se com uma mulher, por nenhuma maldita razão. Esteve esperando receber uma placa da Sociedade de Damas para a promoção da Abstinência? A taça de prata como prêmio pelo Libertino Reformado do Ano? Qualquer que fosse sua percebida recompensa, Jeremy passou os últimos meses polindo seu autocontrole até deixá-lo com um brilho excelente. Por desgraça, parecia havê-lo deixado em Londres.

E agora, esta bruxa da água, esta Lucy, estava diante dele, acusando o de estar ciumento.

Luxurioso? Sim. Confundido? Evidentemente. Mas ciumento? Com toda segurança, não.

Jeremy nunca antes esteve mais feliz de não ser o destinatário dos afetos de uma dama. Deus não queira que este moleque convertida em sereia, desatasse-se em sua direção. Duvidava de que pudesse sobreviver à experiência.

Ciumento. Que ideia ridícula. Para provar o ponto, evocou uma vívida imagem mental de Lucy em camisola, elevando-se nas pontas dos pés para beijar ao Toby, entrelaçando seus dedos em seu cabelo. Observou imparcialmente, um mero observador de um espetáculo de ópera procaz, enquanto em sua mente Lucy caía sobre o peito de Toby. Ela abria os lábios, Toby aprofundava o beijo, e Jeremy não sentiu nada.

Um pouco de incômodo, talvez, pela forma totalmente equivocada em que Toby estava beijando-a. Ela se arqueava contra ele e afundava os dedos em seus ombros e fazia um pequeno movimento rotatório com seus quadris. Jeremy não sentiu... Quase nada. Só o mais leve indício de algo. Uma picada de pulga. Uma pequena ardência. Então, em sua mente, ouviu Lucy emitir um gemido afogado de paixão, e em algum lugar profundo e baixo de seu corpo, algo se rompeu. Já não era um observador da cena, mas sim tomava o controle dela. Tomando o controle de Lucy. Agora eram seus lábios os que cobriam os dela. Sua língua estimulando a sua. Seus dedos serpenteando entre os botões de sua camisola para curvar-se ao redor de...

Meu deus, Henry caminhava imperdoavelmente lento. O que se necessita para acender um fogo no homem? Sua irmã quase se afogou.

Lucy seguia olhando-o, deixando essa palavra, ciumento, suspensa no ar, sem resposta. Devia reunir uma defesa. Devia lhe pôr os pontos sobre os ís. Devia levá-la para dentro e colocá-la em frente ao fogo e lhe tirar essas roupas molhadas.

—Está ciumento — repetiu ela, com um tom gelado que dissolveu categoricamente o calor de seu desejo. Seus olhos brilhavam de fúria. — É um homem frio, sem sentimentos e sem coração. E não tem ideia do que é querer algo, a alguém, tão profundamente. Precisa estar disposto a admiti-lo, a ti mesmo e ao mundo. Fazer o ridículo total e absoluto de ti mesmo, se for

necessário. O verdadeiro amor necessita um verdadeiro valor. Eu o tenho, e você não. E está ciumento.

Passou junto a ele e partiu para a casa. Jeremy ficou olhando, paralisado pela comoção.

—Suponho que Lucy se recuperou por completo— Henry cobriu os últimos passos até situar-se ao lado do ombro do Jeremy. — O que foi todo isso, então?

Oxalá Jeremy o pudesse dizer. Trocou o peso de um pé ao outro, logo se deslocou para trás.

—Henry, acredito que temos que conversar.

—Acredito que sim — disse Henry, olhando-o com expressão divertida. — Me explique, por favor, por que minha irmã mais nova está te dando sermões sobre o amor.

Os cavalheiros convocaram sua assembleia ao redor de uma garrafa de bom brandy. Jeremy tomara uma taça e já estava servindo uma segunda, enquanto que seus amigos ainda saboreavam seus primeiros goles.

—Algo precisa ser feito com respeito a Lucy — anunciou com voz intencionadamente firme para convencer a ninguém mais que a ele mesmo.

—Estive tentando fazer algo com respeito a Lucy há anos — disse Henry, recostando-se em sua cadeira e apoiando os pés sobre sua escrivaninha. — Dei-me por vencido totalmente.

—Perdi algo? — disse Felix. — O que acontece com Lucy?

—Além do fato de que esqueceu como nadar, pescar, e vestir-se apropriadamente para o clima? — Jeremy esvaziou sua taça e se afundou na cadeira mais próxima ao fogo. Sua camisa estava ainda úmida, e Lucy levou o seu casaco. — Ela se crê apaixonada.

—Droga — disse Henry. Voltou-se para o Felix e lhe sussurrou em voz alta. — Ao que parece, ela e Jem tiveram algum tipo de briga de apaixonados — ambos os homens explodiram em gargalhadas.

Toby pôs-se a rir em seu copo.

—Lucy e Jem? Isso sim que é divertido. Mas melhor Jem que esse filho do vigário, com a cara cheia de grãos, Henry. Escreveu-lhe uns versos absolutamente atrozes o ano passado.

—O filho do vigário estava escrevendo versos a Lucy? — Henry se ergueu de sua cadeira, de repente ficou sério. — Por que ninguém me diz essas coisas?

—Pensei que sabia — Toby encolheu os ombros. — E como disse, eram atrozes. Inclusive se não fossem, nem mesmo Byron poderia tocar o coração de Lucy, a menos que viesse trazendo um bolo junto com seus poemas.

—Vamos pedir chá e sanduíches, sim? — disse Félix. — Morro de fome.

—Não tivemos uma briga de apaixonados — interrompeu Jeremy. —Lucy não está apaixonada por mim — se voltou para o Toby. — Nem tampouco do filho do vigário, idiota. Ela está apaixonada por ti.

—Ainda? — Toby bebeu seu brandy. — Maldição. Tinha a esperança de que lhe tivesse tomado afeto a outro.

—Você esperava uma coisa assim — Jeremy baixou sua taça com um ruído contundente. — Sabe que a anima. Assim como anima a tudo o que tenha uma saia entre os treze e os trinta anos.

—Jem — disse Henry, — em caso de que não o tenha notado, Lucy esteve sonhando com o

Toby há anos. Amor juvenil, isso é tudo o que é.

Jeremy gemeu.

—Henry, em caso de que não o tenha notado, Lucy já não é uma menina. Já passou do amor juvenil. Ela... — se deteve, afastando-se dessa frase como se tratasse de um precipício perigoso.

Henry pôs-se a rir.

—Certamente não estará chamando a minha irmã uma cria totalmente desenvolvida?

Jeremy tomou ar e começou de novo, devagar. Como se falasse com uma criança.

—Lucy sabe que Toby está planejando casar-se com a senhorita Hathaway.

Felix deixou escapar um assobio.

—Isso é um problema.

—Quem de vocês o disse? — perguntou Toby em um tom ligeiramente incomodado.

—Não fui eu — disse Felix.

—Eu certamente não o fiz — Henry franziu o cenho. — Está seguro de que ela sabe, Jem?

Jeremy fez uma pausa. Obviamente não podia lhes dizer como sabia que Lucy sabia. Não havia uma boa forma de lhe dizer ao Henry que sua irmã visitara seu dormitório em camisola. Não havia nenhuma forma, absolutamente, de explicar o que aconteceu a seguir.

—Há quatro damas na casa — disse encolhendo os ombros. — Já sabe como falam as damas. Ela deve saber. E agora que sabe...

—Está ciumenta — finalizou Felix.

—Exatamente. Está ciumenta. — Jeremy tomou um triunfante gole de brandy, satisfeito finalmente de pendurar essa etiqueta onde justamente pertencia.

—Então está ciumenta — disse Henry. — Não vejo por que haja algum motivo para fazer algo a respeito.

Jeremy sacudiu a cabeça. Poderia haver outro homem tão tolo em toda a Inglaterra? Como Henry conseguiu passar por Eton e Cambridge, Jeremy não podia imaginá-lo. Em realidade, a resposta era óbvia. Apoiando-se em Jeremy. Não é que Jeremy lhe tivesse regulado a ajuda. Desde seu primeiro ano em Eton, Henry foi um amigo.

A escolha dos amigos de Jeremy provocara a seu pai uns ataques, se se podia chamar à ligeira contração de sua mandíbula que precedeu a um monótono sermão como um "ataque". Ainda podia ouvir o frio desdém em sua voz. Warrington, dissera depois do primeiro ano de Jeremy em Eton, me escapa por completo por que deveria escolher te rodear dessa coleção de patifes miseráveis, de baixo berço. Quais são seus pais? Comerciantes? Agricultores? Nenhum tem título, salvo um, que é um simples baronete. É em todos os sentidos superior, e se tolerar sua companhia, ao menos deve insistir em que se dirijam a ti por seu título.

Mas era exatamente isso. Jeremy não desejara juntar-se com outros rapazes de sua fila, nem ser chamado "Warrington", título que, na mente do Jeremy de dez anos, ainda pertencia a seu irmão mais velho. Por que teria que sofrer constantes lembranças da morte do Thomas, quando podia jogar com garotos que não sabiam nada dela? Garotos como Henry, Felix, e Toby.

Bons amigos, os três, mas principalmente Henry. Não lhe permitia sentar-se a meditar melancolicamente em seu clube quando havia um combate de boxe para ver, mais do que lhe

permitia amargurar-se pensando em casa sobre uma colheita de trigo fracassada, quando havia trutas para pescar. Sem descer a métodos tão irritantes como o otimismo, Henry simplesmente se negava a que se entregasse a seu estado de ânimo mais sombrio. Mas as mesmas qualidades que o faziam um amigo valioso, faziam ao Henry uma desculpa miserável de tutor. Agora que Jeremy começava a ver o que lhe estava custando a Lucy essa alegre irreverência, seu humor estava obscurecendo na verdade.

—Sabe a persistente que pode ser Lucy quando põe algo na cabeça — disse com irritação. — Jogará-se no Toby em cada oportunidade. Esta tarde falhou e em troca, caiu ao rio.

Vai se matar, e levará a uns quantos de nós com ela.

—E o que, exatamente, recomenda fazer? — perguntou Henry.

—Não você — disse Jeremy. — Toby.

—OH, não — o alarme se acendeu nos olhos de Toby. — Não vou ter essa conversa com a Lucy. Eu não gosto de romper os corações das jovens damas.

Os outros três ficaram olhando.

—Bom, eu não gosto — disse à defensiva. — Nos últimos tempos.

—Não precisa romper seu coração — Jeremy estava exasperando-se. —Pelo menos, não à cara. Só precisa te declarar à senhorita Hathaway. Uma vez que estejam comprometidos, Lucy se verá obrigada a renunciar a esta ideia absurda de sedução.

—Serei perfeitamente feliz de lhe propor matrimônio à senhorita Hathaway — disse Toby. — Ao final de nossas férias.

—Por que no final? — disse Felix. — Kitty está atrás de mim todos os dias, perguntando quando finalmente o vai propor a Sophia. Ela pensa que tem a gota, já que é tão resistente a dobrar um joelho.

—Também posso estar doente, por toda a diversão que terei uma vez que esteja comprometido — disse Toby. — Não posso carregar com uma noiva pela manhã e com um faisão essa mesma tarde. Uma vez que tenha pedido sua mão, vou ter uma centena de coisas que fazer. Ir solicitar lhe a mão a seu pai em Kent. Ver meu advogado na cidade. Fazer entrevistas com meu alfaiate. Recuperar o anel de minha avó em Surrey. Vou estar percorrendo toda a Inglaterra como um invasor normando, e isso suporá o fim de toda a diversão.

—Que tolices! — disse Henry. — Felix e eu estamos casados, como vê, e nos arrumamos isso para ter um pouco de diversão apesar disso.

—Sim, mas você está casado — respondeu Toby. — Uma mulher casada gosta que a deixem sozinha. Uma mulher comprometida não deixará que o homem esteja sozinho. Vou estar obrigado a dar tranquilos passeios no jardim e ler poesia durante o chá, quando deveria estar vagando pelos bosques, tomando goles de uma garrafa de uísque.

—A conquista pode ser uma diversão em si — disse Felix com um sorriso malicioso.

Toby replicou:

—Sim, mas virgens ruborizadas sempre há em uma temporada — se levantou de seu assento e foi parar junto à janela, olhando para o parque. — A senhorita Hathaway é uma criatura encantadora. Admiro sua beleza e seu caráter. Pode ser que inclusive a ame. Mas este outono é

meu último fôlego de celibato, e tenho a intenção de desfrutá-lo. Enquanto houver bandos nos bosques de Henry, não tenho intenção de propor matrimônio a Sophia Hathaway.

—E a Lucy? — perguntou Jeremy.

—OH, não se preocupe. Tampouco vou fazer uma proposta de matrimônio a ela.

Jeremy olhou a seu amigo com os olhos entrecerrados. A classe de encanto imprudente do Toby estava bem em um jovem de vinte e um anos, mas mal se aplicava a um cavalheiro perto dos trinta. Não é que as jovens tivessem deixado de deprimir-se a sua passagem. Apaixonar-se pelo Sir Toby Aldridge era ainda um rito de iniciação para as debutantes.

Mas esta não era outra herdeira de sorrisinhos bobos, da qual estavam discutindo. Esta era Lucy. Voltou-se para Henry.

—Não está minimamente preocupado pelo bem-estar de sua irmã?

—É obvio que estou preocupado por seu bem-estar. Sou seu tutor.

Jeremy soltou um bufido.

—Exagera sobre isto — disse Henry. — Então Lucy está apaixonada pelo Toby. É um infortúnio muito comum. Um dos muitos aos que uma moça sobrevive, sem efeitos negativos duradouros.

—A menos que conte que esteve a ponto de afogar-se.

—Ela confunde a amabilidade do Toby com uma emoção mais profunda — continuou Henry, passando por cima da observação de Jeremy. — É totalmente compreensível. A estas alturas ela deveria ter tido sua temporada, e apaixonar-se e desapaixonar-se uma dúzia de vezes. Pois bem, ela é uma completa inocente.

Jeremy soltou um bufido de novo. Era evidente que Henry não sabia do livro.

—Sente-se excluída — prosseguiu Henry. — Está rodeada de damas que estão felizmente casadas ou comprometidas — ele fez caso omisso da interjeição do Toby.—Quase comprometidas. Quer um pouco de romance próprio— aparentemente satisfeito com esta dedução, Henry saudou seu próprio engenho servindo outra ronda de brandy. — Passará.

Jeremy sentiu que lentamente uns restos de loucura rodeavam seu cérebro. Passará? Henry não podia saber quão equivocado estava. E Jeremy não podia dizer-lhe.

—E enquanto isso? — perguntou. — Permitirá seguir com estas... estas palhaçadas?

—Jem tem um ponto ali — disse Toby. —Não posso ter a Lucy pendurada em mim sempre por toda parte se estou destinado a cortejar à senhorita Hathaway. Isso é um pouco incômodo.

Henry encolheu os ombros.

—Não vejo o que outra coisa fazer.

—Talvez deveria convidar ao filho do vigário a tomar o chá — sugeriu Felix.

—Impossível — disse Henry. — Está fora, em Oxford.

Jeremy sacudiu a cabeça. Esta conversa estava voltando-se desatinada. Lançou ao Toby um olhar fulminante. Imbecil egoísta. Tão completamente seguro de poder cativar todos e cada um dos afetos de uma mulher.

É obvio que não via razão para apressar-se a fazer uma proposta. A ideia que a senhorita Hathaway o rechaçasse nunca lhe cruzava pela mente. Bem que lhe serviria se o fizesse.

Toby notou a expressão áspera do Jeremy.

—Não me olhe assim! Não é minha culpa, sabe. Se acha as "palhaçadas" de Lucy tão incômodas, por que não a distrai você?

—Por favor — Jeremy inclinou sua taça para esvaziar o último gole de seu brandy e logo a baixou lentamente. Henry estava lançando um olhar do mais inquietante.

—Essa não é uma má ideia — disse Henry.

—O que não é uma má ideia? — perguntou Felix.

—Jem distraindo a Lucy — um malicioso sorriso atravessou o rosto de Toby.

—OH, não — Jeremy se ergueu de sua cadeira e ficou atrás dela, como se a barreira da poltrona de orelhas pudesse protegê-lo dessa loucura. — Se por "distrair" quer dizer distrair e se por "Lucy", quer dizer a irmã de Henry... a resposta é não. Não.

—Relaxe, Jem — disse Henry. — Não estamos sugerindo que a corteje a sério. Só que lhe dê um pouco mais de atenção. Leva-a a um passeio tranquilo pelo jardim. leia-lhe um dos poemas do Byron.

—E não se esqueça do bolo — Felix estava desfrutando muito disto.

—Não pode falar a sério, Henry. — Henry nunca foi um modelo de tutor, mas isto punha prova a definição do termo. —Está sugerindo honestamente, está me convidando a brincar livremente com os afetos de sua irmã?

—Seus afetos? — riu Henry. — Como se você pudesse comprometer os afetos de Lucy. Não é nada tão terrível. Seu orgulho foi golpeado, e ela quer um pouco de admiração. Faz o melhor que puder para substituir à cara manchada do filho do vigário.

Meu deus!, Henry conhecia sua irmã? Lucy era muitas coisas, mas que fosse fácil de dissuadir não era uma delas. Investira oito anos nesta adoração desconjurada, e se Henry pensava que umas poucas palavras a fariam recuperar-se dela agora, era muito pouco despachado.

—Não a tocará, é obvio — adicionou Henry, sua voz profunda com uma zombadora advertência.

Um pouco tarde para isso, também.

—Vamos — declarou Toby. — faça ao homem um favor. Eu o faria por ti, se nossa situação fosse à inversa.

—Não duvido que o faria — disse Jeremy. — Mas curiosamente, Toby, nunca aspirei a seu exemplo de conduta.

Eles se aproximavam dele, os três com expressões de grande diversão. Jeremy começou a sentir-se um pouco desesperado.

—Não funcionará— protestou.

—Está tão fora de prática, então? — burlou-se Toby. — Normalmente, causas uma grande sensação na sociedade, mas não esta temporada. Talvez é só que não está à altura?

As mãos do Jeremy se fecharam em punhos a seus flancos. Sua direita morria de vontades por conectar com a mandíbula do Toby. A esquerda tinha ambições claramente mais baixas.

—Minha capacidade não está em questão.

Henry lhe deu uma palmada no ombro e sorriu.

—Bem. Então está decidido.

CAPÍTULO 4

—Vem para me chamar de tola uma vez mais? — perguntou Lucy por trás de seu livro. — Ou possivelmente ideaste um novo insulto?

Jeremy aproximou uma cadeira à lareira. A tia Matilda dormitava em um divã próximo, sua cabeça com o turbante caído sobre seu peito. A pena cor índigo do turbante pendurava diante de seu nariz, e com cada estertor se movia com a brisa.

Depois do mergulho desta tarde, Lucy trocara o arruinado vestido de seda por um singelo vestido verde escuro com, felizmente, um decote modesto. Tinha o cabelo trançado em uma grossa corda castanha, que afinava em uma curva suave à cintura. Um volume encadernado em couro ocultava seu rosto. Manteve esta atitude estudiosa desde que o grupo se retirou à sala depois do jantar, mas Jeremy não a vira voltar nenhuma só página.

Ele manobrou uma mesa de xadrez no espaço entre eles e começou a arrumar os peões em filas ordenadas.

—Não vim a te insultar. Justamente o contrário — se inclinou para diante através do tabuleiro de jogo, como se preparasse a anunciar um grande segredo. — Vim a te seduzir.

Ela o olhou às escondidas por cima do livro. Seus olhos se acenderam momentaneamente antes de estreitar-se como frestas.

—Prefiro o insulto ao ridículo.

Ele encolheu os ombros e continuou organizando as peças de xadrez.

—Talvez simplesmente queira um jogo de xadrez.

Ela soltou um bufido de incredulidade e olhou para a mesa de jogo, onde as irmãs Hathaway se encontravam a beira de quebrar os três cavalheiros.

—Henry te pediu isto, não?

Jeremy apertou os dedos ao redor de uma torre negra.

—Não quero sua compaixão, Jemmy — Lucy fechou de repente seu livro. — E o que é mais importante, não a necessito.

Olhou-o aos olhos diretamente, e a força de seu olhar quase o fez cair de sua cadeira. Seus olhos verdes eram claros e vivos de inteligência, nem vermelhos nem cheios de lágrimas.

Sacudiu a cabeça, repreendendo-se por subestimar sua capacidade de recuperação. Lucy não se isolou para curar seu orgulho ferido ou lamentar suas esperanças frustradas. Estava planejando seu próximo movimento.

—Não estou aqui porque sinto compaixão. Tampouco estou atuando a pedido do Henry — Jeremy colocou as últimas peças no tabuleiro. — Tenho minhas próprias razões para falar contigo.

Ela girou o tabuleiro de xadrez para situar as peças brancas ante ela. Fazendo girar a trança ao redor de sua mão direita, avançou um peão com a esquerda. Olhou-o através de suas pestanas espessas e frisadas.

—Para pedir desculpas?

Para desculpar-se, por certo. Lucy deveria lhe agradecer. Tencionava terminar rapidamente com este plano absurdo de seu irmão. No jantar, que suportara as piscadas do Henry, os sorrisos de Toby, a cotovelada de Felix nas costelas, inclusive a expressão maliciosa de Marianne quando sentou a seu lado. Bom, Henry podia converter em cúmplice a cada lacaio da casa, ao Jeremy pouco importava.

Que o levasse o diabo se passava suas férias recitando a Byron no jardim, simplesmente para mimar suas consciências. Tampouco pretendia montar guarda no corredor cada noite, ou manter Lucy fora de perigo quando for a pesca. Se nem Henry nem Toby eram o suficientemente homens para simplesmente lhe dizer a verdade, Jeremy o faria.

Moveu um peão para enfrentar ao dela.

—Vim a te dizer as boas notícias. Toby vai propor matrimônio à senhorita Hathaway ao final das férias.

—Essa é a boa notícia? — ela moveu um bispo através do tabuleiro, reclamando um peão negro. —Mal posso conter minha alegria. Por favor, desculpa meu desdobramento de júbilo selvagem.

—Ao final das férias, Lucy. Semanas a partir de agora. Qualquer tento de impedir o compromisso seria inútil — continuou falando ignorando sua objeção, — mas se insistir em tentar, tem tempo suficiente. Não há necessidade de cometer um descarado ato de sedução. Ou uma rebelião.

—Pelo contrário — as comissuras de seus lábios se curvaram em um sorriso pícaro. — Com tanto tempo a minha disposição, mais que nunca posso cometer atos descarados.

—E crê que o descaramento é uma qualidade que Toby procura em uma esposa?

Seu dardo deu no alvo, e a boca de Lucy se apertou em uma linha. Olhou de esguelha aos jogadores de cartas.

—O que é que vê nela?

—Como lhe disse, ela é formosa, inteligente, e, o mais importante, rica.

—E essas são as qualidades que incitam a um homem às alturas da paixão? Um grande dote e uma engenhosa bandeja de chá?

—Não, não são as qualidades que incitam a um homem à paixão. São as qualidades que incitam a um homem a fazer uma petição de mão.

Lucy estudou o tabuleiro de xadrez, enroscando-a ponta de sua trança ao redor de seus dedos e tocando-o contra o canto de sua boca. Sua língua apareceu por entre os lábios entreabertos, delineando uma mecha de cabelo. Jeremy se moveu em seu assento.

—Parece que estamos de novo onde começamos — disse.

—Como é isso?

—Não tenho dote ou bandeja de chá para incitar a um homem a fazer um pedido de casamento. Portanto, terei que recorrer às qualidades que incitam a um homem à paixão — elevou o olhar para ele, os olhos verdes dançando ante o reflexo da luz do fogo. — E essas seriam?

Se estivesse sendo honesto, Jeremy se veria obrigado a lhe dizer que o brilho descarado de seus olhos era um grande começo. E que a forma em que ela seguia provocando esse cacho

castanho com a língua, mordiscando-o, chupando-o, arrastando-o para sua boca, o fizera sentir-se realmente incitado.

Mas Jeremy não tinha nenhum desejo particular de ser honesto. De fato, de todo coração desejava trocar de tema. E se as arrumava para fazê-la trocar de opinião no processo, tão melhor.

—Não é só o dote da senhorita Hathaway— disse, — acredito que Toby sente um apego real por ela.

Lucy pareceu incrédula. Moveu seu bispo através do tabuleiro.

—Não pode esperar que creia que foi amor a primeira vista.

—Não, absolutamente. Mas bem a segunda — isto capturou sua atenção. Ela se inclinou ligeiramente para diante em sua cadeira. Jeremy se inclinou sobre o tabuleiro e baixou a voz. —Ao Toby apresentaram pela primeira vez à senhorita Hathaway em um jantar na casa do Felix. Ela era tão formosa e encantadora como a vê agora. Conversou de coisas corriqueiras durante o jantar e depois tocou o piano, muito habilmente. Toby não lhe fez caso; — ele moveu um cavalo.

—E a segunda vez?

—A segunda vez estávamos acompanhados, reunimo-nos em um baile. Nessa ocasião, a senhorita Sophia tinha um grupo de admiradores que a rodeavam antes da primeira peça. Ao Toby a cativou imediatamente. Durante semanas não falava de outra coisa que da senhorita Sophia Hathaway. Estava bastante insuportável.

Lucy pareceu desconcertada.

—Então, o que está me dizendo é que Henry deveria dar um baile?

Ele suspirou.

—Estou te dizendo que deixe de te jogar nos pés do Toby. Um homem não quer rebaixar-se para amar. Quer chegar mais alto, uma postura mais erguida. Ele deseja algo mais que uma mulher. Ele quer um anjo. Um sonho.

—Uma deusa?

—Se quiser.

Sua voz se fez nostálgica.

—Toby sempre me chamou uma deusa. Sua Diana. A deusa da caça.

—Ela era a deusa da castidade, também — se burlou. — Mas não importa. Está começando a compreender o princípio. O encanto do inalcançável. Seria uma tola se segue mostrando... seus encantos ao Toby tão descaradamente. Os homens querem o que parece que não podem ter.

E Deus lhe ajudasse, ele era um homem. Ele queria o que não podia ter. Essa devia ser a razão pelo qual Jeremy se sentia cada vez mais duro ante a só menção dos encantos de Lucy.

Lucy era inalcançável, recordou-se pelo que devia ter sido a décima nona vez esse dia. E qualquer estranho encanto que tivesse, logicamente provinha desse fato. Não de suas tentadoras curvas femininas, ou de sua pele dourada, suave como a pétala. Nem do óbvio desafio de seu férreo espírito, nem do convite velado de sua voz suave. Nem definitivamente de seus lábios, esses lábios vermelhos escuros, curvados, exuberantes, que Jeremy agora sabia que foram feitos para algo completamente diferente às réplicas afiadas.

Para doces beijos sensuais que agitavam o sangue de um homem e tinham sabor de frutos

silvestres e amadurecidos. O fruto proibido.

Tudo era muito certo. Os homens querem o que parece que não podem ter.

Lucy nivelou seu verde olhar com o seu.

—Ciumento.

Gemeu interiormente. Não essa palavra de novo. Ele não, não estava ciumento. Começou a armar um protesto, mas ela falou primeiro.

—Entendo-te perfeitamente. Tenho que fazer ciúmes ao Toby.

Ele a olhou fixamente. Sem entender.

—Você mesmo disse que ele nunca olhou duas vezes a Sophia até que apareceu com uma multidão de pretendentes. Isso é o que necessito. Um pretendente. Uma multidão deles, seria preferível, mas suponho que qualquer um terá que bastar — girou a trança ao redor de seu dedo e começou a brincar com ela de novo. — Lástima que o filho do vigário está fora em Oxford. Está totalmente louco por mim.

Ela olhou o tapete, o cenho franzido. Então levantou a cabeça e seus olhares se encontraram.

—Terá que ser você.

—Eu?

—Sei, sei. Soa ridículo, mas não há ninguém mais. Não é nada tão terrível. Só pretendo que me corteje por um tempo. Até que Toby se dê conta de que me ama.

—Eu poderia te cortejar eternamente, e esse plano nunca funcionaria.

Lucy se afundou em sua cadeira e cruzou os braços. Ela exalou com força.

—Suponho que tem razão — o olhou com uma expressão que impactou ao Jeremy de uma forma muito incômoda, próxima ao desdém. — Ninguém acreditaria.

Jeremy não podia decidir que aspecto desta conversação inquietantemente familiar deveria perturbá-lo mais. Para começar, estava a repetida insistência de que, sem fazer caso de seus próprios sentimentos ou princípios, forçosamente devia cercar um cortejo fictício com a Lucy. Logo estava o fato de que uma vez mais ficava em segundo lugar com respeito ao filho do vigário, com sua cara cheia de espinhas, na conveniência para este posto. O mais irritante de tudo, entretanto, parecia ser o cepticismo geral a respeito de sua habilidade para atrair de forma convincente inclusive a uma inocente, criada no campo.

Seu orgulho falou antes que seu julgamento.

—Pode ser que não seja consciente disso, Lucy, mas tenho uma certa reputação. Os outros aqui estão acostumados a ver-me seduzir às damas na cidade. Esperam-no. A ninguém parecerá tão surpreendente se começarmos um flerte.

Isto era em sua maior parte certo. É obvio que um flerte não pareceria tão surpreendente ao Henry, Toby, ou ao Felix, já que todos eles insistiram em que começasse um.

Lucy se ergueu de seu assento.

—Jemmy, está tentando me dizer que é um libertino? —explodiu em gargalhadas. Se não se estivesse rindo dele, Jeremy teria pensado que era um som totalmente agradável. — Não acredito — disse ela, sacudindo a cabeça.

Estendeu uma mão para o tabuleiro de xadrez, e ele a pegou entre as suas.

—Me acredite — sussurrou. — Quando quero, posso ser muito convincente— seguiu a junta de seus dedos com o polegar, riscando lentamente para cima até chegar a suave fenda sob seus nódulos.

Viu como seus olhos aumentaram e separaram seus lábios. Então lhe acariciou brandamente o lugar, uma carícia rápida, circular, e ela fez um pequeno som, meio ofego, meio suspiro.

Esse pequeno som, essa diminuta, ofegante respiração, esteve muito perto de ser sua ruína. Jeremy conhecia esse som. Era o seguro de uma fechadura caindo em um lugar, o forte rangido entre o relâmpago e o raio, o assobio de uma mecha no instante antes que ganhe vida com a chama. Um som incompleto. Um som que prometia, e rogava, por mais. A luxúria ardeu atravessando-o, e ele deixou cair sua mão como se o queimasse.

Lucy cruzou os braços e se afundou em sua cadeira, seus olhos estudando seu rosto. Logo sorriu, uma curvatura maliciosa, brincalhona de seus lábios, que pareceu ser o próprio sorriso do diabo. Jeremy jurou para si mesmo. Deveria levantar-se de sua cadeira nesse instante e partir. Era certo que Henry e Toby o insistiram a fazer exatamente o que sugeria Lucy, mas não tinha o dever de acessar. Lucy não era sua irmã. Ela não era sua admiradora. Mas por algum giro absurdo do destino e da linha de pesca, converteu-se em seu problema.

Porque ele conhecia Lucy. Iria atrás de Toby, com ou sem sua ajuda. A alternativa a esta artimanha, a seus olhos, envolvia um certo vestido de colarinho alto e amostras audazes de pele nua e dourada.

E Jeremy descobriu que não gostava dessa alternativa. Absolutamente.

—Então o fará — disse lentamente. — Pretenderá me cortejar.

—Pretenderei — sublinhou, suspirando pesadamente. — Sim.

Lucy sorriu.

Gostava do plano. Gostava muito. Tinha perfeito sentido. Ver o Toby com a Sophia Hathaway a impulsionara a uma nova dimensão de ciumento desespero. lançou-se a um rio. Se alguma estratagema poderia fazer que Toby a visse com uma nova luz, era esta. E melhor ainda, o plano oferecia uma fonte de diversão no pacto. Uma oportunidade de incomodar o Jeremy até lhe voltar louco.

Viu a expressão de Jeremy, sua habitual aparência sóbria, severo. Uma provocação irresistível. Sim, gostava muito desse plano.

Permitiu-se uns minutos para estar em silêncio. Era hora de romper o ovo.

—Então, Jemmy, o quanto apaixonado está de mim?

Foi recompensada com uma expressão de puro pânico. *OH, isto ia ser divertido.*

—Perdão?

—E aceito suas desculpas — brincou. Ela capturou seu cavalo com sua torre. — Xeque.

Ele a olhou com uma expressão de total perplexidade. A gente poderia pensar que nunca tinha jogado xadrez antes. Teve piedade dele.

—É só que, se for ser meu pretendente, eu gostaria de saber exatamente que nível de devoção posso esperar. É um simples admirador? Completamente cativado? Completa, absoluta e

cegamente apaixonado?

Exalou com evidente alívio.

—Não terá que deixar-se levar —grunhiu, pondo seu rei fora de perigo. — Cativado estaria bem.

—Cativado, então — reposicionou sua torre. — Xeque —ela se inclinou mais perto e sussurrou: — Acredito que um pretendente cativado me deixaria ganhar.

—Nunca — ele capturou sua torre com sua rainha.

A mandíbula de Jeremy se encheu de petulância cativando a seus próprios lábios para curvar-se em um sorriso. Lucy esteve muito tentada a lhe mostrar a língua. Duvidava, entretanto, que lhe mostrar a língua fosse o modo em que uma dama tratasse a um pretendente cativado. Ao menos, não quando fora provocado por um ataque de petulância. Em um momento de paixão, entretanto... tirar a língua parecia ser o certo. Seu rosto avermelhou de calor.

Houve um estalo de aplausos na mesa de jogo. Lucy se voltou para ver como Sophia colocava a carta ganhadora e arrastava a pilha de fichas da metade da mesa. Toby tomou a mão e a beijou antes de inclinar-se mais para lhe murmurar algo ao ouvido. Algo que a fez sorrir e avermelhar a um rosa brilhante. Rosas de porcelana, com um halo de ouro. Um anjo. Um sonho.

—Toca a te mover — apontou Jeremy.

—Já não tenho vontades de jogar. Vou terminar de te dar uma surra amanhã.

Ele seguiu seu olhar à mesa, onde as cabeças do Toby e Sophia se inclinavam muito juntas, enquanto ela examinava as cartas da mão dele.

—Lucy, tem que aceitar...

Interrompeu-lhe com um olhar. Pegou seu livro e o entregou.

—Aqui. Lê para mim.

—Ler para ti? Deve estar brincando.

Atirou-lhe o livro, e ele pegou por instinto.

—Um homem cativado leria.

Ele jogou uma olhada à capa. Sorrindo, leu o título em voz alta.

—Métodos e Práticas para Criar Lebres? Lucy, não me diga que este é o livro.

—Não, não é o livro —envolveu seu xale ao redor de seus ombros. —Não é mais que o primeiro livro que peguei.

Ele meneou a cabeça.

—Suponho que deveria estar agradecido de que não seja Byron.

Abriu o volume ao azar e começou a ler com uma voz lenta e firme. Lucy se inclinou contra o braço de sua cadeira, apertando sua face contra a tapeçaria. Suas pálpebras se fecharam.

A sala se desvaneceu. O esgotamento a reclamou, e se deslizou nesse lugar sonolento entre a vigília e o sonho. Ali, nesse mundo meio sonhado, quase podia recuperar esses poucos minutos felizes desse mesmo dia, quando a mesma voz profunda retumbara através de um tecido áspero. Quando imaginara estar segura e protegida, envolta nos braços do homem que amava.

Foi um sonho muito bonito.

CAPÍTULO 5

—Há algo que tive a intenção de te perguntar, Jem — Henry se alinhou ao lado do Jeremy, suas gastas botas pisando com força sobre as folhas caídas e as enrugadas samambaias. —É uma pergunta que estive pensando há bastante tempo, e bem, sabe que valorizo sua opinião.

Deteve-se, agarrou a asa de sua cartola, e se voltou para o Jeremy com uma expressão séria.

—Este chapéu faz que minha cara se veja redonda?

Atrás dele, Felix e Toby se dobraram da risada.

—Jem, supõe que — ofegou Felix— as fitas rosadas seriam mais adequadas para mim ou as lavandas?

—OH, definitivamente lavanda — respondeu Toby, instruindo a sua expressão a uma de zombadora sinceridade. —Estou seguro de que Jem estaria de acordo em que o cabelo avermelhado e as fitas rosadas são uma combinação horrível.

Jeremy endureceu sua mandíbula e inalou lentamente pelo nariz.

—Estou levando um rifle carregado, sabe?

—Não é bom, Jem. Todos sabemos que urina com melhor pontaria que o que dispara — Toby o roçou, cravando um cotovelo no flanco do Jeremy enquanto passava. — Não é nenhum exímio atirador. Mas é evidente que não fez caso do chamado da chapelaria.

—Preciso lhes recordar — disse Jeremy, aumentando a pressão de seu agarre ao redor de sua arma — que isto não foi minha ideia? Lembro que alguém me suplicava que fizesse a um homem um favor.

—E por isso te nomeio à santidade — disse Henry, lhe dando uma palmada nas costas. — É melhor homem que eu. Nenhuma causa humanitária poderia me seduzir para acompanhar a três damas a comprar chapéus.

Meu deus, pensou Jeremy. Nunca superaria isto. E seus amigos não sabiam nem a metade. Só lhe viram conduzindo a calesa de volta da aldeia, enterrado sob as damas sorridentes e caixas de chapéus rosados. Graças a Deus que não lhe viram inclinado sobre uma pequena mesa de chá, repleta de delicados bolos cheios de creme, ou sustentando até três extensões de fitas de rosa, uma em cada mão, a terceira presa entre os dentes, só para que Lucy pudesse retroceder três passos e compará-los de longe.

E não terminou aí. Os acontecimentos dos últimos três dias formaram uma cadeia de pequenas degradações. Novos vínculos eram acrescentados por hora, enquanto Lucy fiava fantasias ridículas de como devia se comportar um homem cativado. Um homem cativado, de acordo com a Lucy, juntaria centenas de sementes de espinheiro de uma sebe espinhoso, sacrificando felizmente várias horas e um casaco quase novo pela longínqua promessa de uma geleia ácida e de mau aspecto. Um homem cativado, evidentemente, sentava-se ao lado de sua dama no piano e passava as páginas para ela, inclusive se a única canção que sua dama sabia era uma vulgar canção de bêbados, que tocava de cor a um ritmo fúnebre por quase uma hora inteira.

Um homem cativado compartilharia seu brandy.

Um homem cativado acariciaria ao gato.

Um homem cativado sorriria.

E um homem cativado renunciaria a uma tarde perfeitamente agradável de caça para levar às compras às damas.

Como permitira que o engano fugisse das mãos? Era o Conde de Kendall, pelo amor de Deus. Empregava a vinte e seis lacaios, só em Londres, que atendiam todas suas ordens. Agora ele atendia os caprichos de uma déspota em musselina de pontos. Tramar algo com Lucy era um destino muito pior que estar verdadeiramente cativado. Desalinhado, acossado, assediado, sentia-se cada um alguma vez, e frequentemente os três de uma vez.

Uma dúzia de vezes ao dia, Jeremy decidia terminar com esta farsa do flerte. Nunca pôde decidir-se a fazê-lo. Não obstante, as brincadeiras de seus amigos e seu próprio orgulho machucado, o plano estava funcionando de maneira admirável. Além da compra de uma touca obscenamente feia, Lucy não havia, a seu conhecimento, cometido nenhum outro ato imprudente. Ela não invadira o dormitório de Toby.

Mas Jeremy não podia mantê-la fora do dele.

Como se as demandas caprichosas de Lucy não fossem suficiente castigo pelo dia, a verdadeira tortura começava na noite. De noite, ela o voltava completamente louco, em seus sonhos. Sonhos extremamente vívidos, imorais, indecentes. Sonhos com carne cremosa e lábios manchados de bagos. Sonhos com cintas de cetim e pele sedosa, deslizando-se sob suas mãos e presa entre seus dentes. Sonhos com fôlego a brandy, respirando quente em seu pescoço e canções obscenas animando-o. Sonhos que o excitavam com tanta força, que o despertavam coberto de suor e dolorido pela liberação.

Maldita seja, um homem de vinte e nove anos deveria faz muito tempo ter superado este tipo de ofegos de adolescente. Jeremy pensou que o superou. Em sua juventude, desfrutou de sua parte de frenéticos toques, isso com criadas e as meninas do povoado. Logo partiu a Cambridge, onde estudou todos os jogos de azar e às mulheres, com maior diligencia que a filosofia ou a física.

Teria que adicionar um ano que passou degustando os prazeres do Mediterrâneo. Logo retornou à cidade, de volta à sociedade.

Era tempo, seu pai o encarregou, para estabelecer-se e selecionar uma noiva. Ele necessitava um herdeiro, assegurar a linha - e a promessa de um condado e uma das fortunas mais importantes da Inglaterra, significava para o Jeremy que poderia apontar tão alto como quisesse. Uma noiva adequada, em opinião de seu pai, teria sido uma mulher de rosto formoso e delicada criação, de linhas estabelecidas e dinheiro antigo. Uma formosa presa.

Um troféu.

Como de costume, seu pai se decepcionou.

Jeremy assistiu aos bailes requeridos, os musicais, o jantar e às partidas de cartas. E ele esteve em busca de damas, sim. Evidentemente não as adequadas. Viúvas dispostas, sobre tudo, sem o menor desejo de voltar a casar-se. A ocasional atriz de talento, uma cortesã de elite ou duas. Cada conquista celebrava uma dupla emoção, satisfazendo seus próprios desejos enquanto frustrava os de seu pai. Então, fazia dois anos, retornou a Londres como o conde de Kendall. Tomou só uma poucas entrevistas sem sentido para dar-se conta que a emoção desaparecera. Seu

pai morrera.

As damas não tinham nenhuma queixa, e as mamães casamenteiras virtualmente se deram por vencidas com ele. A única pessoa que estava decepcionada era ele mesmo.

Além disso, tinha um imóvel que precisava aprender a fazer funcionar, antes que o abandono a deixasse pelo chão. Jeremy tomou o desejo de uma só vez, ir para longe com segurança.

Tinha uma experiência considerável em enjaular emoções não desejadas. Pensou que também podia manter a luxúria encerrada.

Já. Tomou um beijo. Bom, três beijos. O primeiro foi bastante mau, o segundo, uma melhora considerável. *E Deus do céu,* o terceiro... A luxúria escapou livre de sua jaula e agora percorria seu corpo a vontade. O custo de um ano de desejo reprimido, desatou-se em um instante. E nessa dúzia de vezes ao dia que Jeremy desejava terminar com este plano mal concebido, sempre era a luxúria a que rugia "não". Tentou acreditar que tinha uma melhor, uma razão mais nobre para afastar ao Lucy do dormitório do Toby. Talvez sim a tinha, em algum lugar, em algum canto esquecido de sua mente, arquivado sob o cavalheiro. Mas uma besta enlouquecida por uma luxúria selvagem, indomável, estava rondando sob sua pele, e a ideia de Lucy no dormitório de algum homem, outro que não fosse o seu, incitava à besta à violência.

Jeremy levantou sua arma ao ombro, apontou a um longínquo tronco de árvore, e disparou. Lascas de madeira carcomida explodiram no ar. Henry, Toby e Felix se detiveram em seco, e o olharam como se de repente se pôs a cantar.

—Havia um faisão — disse.

Três cabeças giraram ao uníssono para olhar a cratera do toco da árvore, e logo se voltaram para ele. Henry abriu a boca para falar, mas Jeremy o silenciou com um olhar.

O Olhar. Houve poucos aspectos da conduta de seu pai que Jeremy encontrou dignos de imitar, mas O Olhar era um desses poucos. Gostasse ou não, herdara os olhos azul gelo de seu pai e o cenho poderoso. Com um pouco de prática, lhe dar O Olhar a alguém foi tão fácil como flexionar um músculo.

O Olhar significava coisas diferentes em momentos diferentes, dependendo do destinatário e da ocasião. Poderia significar: "te cale!" Poderia significar: "Levanta suas saias". Em uma ocasião particularmente memorável, quis dizer: "Baixa o maldito candelabro antes que envergonhe aos dois". Mas seja qual seja o significado de La Olhar, suportava autoridade. O Olhar dizia, sem rodeios, eu dirijo, e você segue.

Só havia uma pessoa que Jeremy conhecia que ficava totalmente imperturbável ao Olhar. E maldita seja, se não o dirigia por toda parte com uma fita de cetim.

—Ele a está dirigindo esse olhar outra vez — sussurrou Sophia.

Lucy levantou a cabeça de seu livro.

—Quem?

—Lorde Kendall, é obvio — respondeu Sophia, molhando sua pena em um tinteiro. —Está muito apaixonado por você.

—Quer dizer Jemmy? — Lucy ergueu o olhar para surpreender ao Jeremy olhando-a do

outro lado do salão. Ela sorriu e lhe piscou um olho, e ele olhou para outro lado. Sem dúvida, ainda lhe incomodava o das fitas.

Ou o pelo de gato em seu casaco. Talvez o brandy. Não podia ser porque lhe tivesse roubado seu biscoito de xerez no jantar. Nunca se preocupara pela sobremesa. O que lhe estava incomodando, devia ser algo verdadeiramente terrível. Marianne se sentou ao piano, mas ele mal o notou.

—OH, ele está muito apaixonado por mim — respondeu a Sophia com naturalidade. — Está completamente cativado.

Finalmente alguém se deu conta, apesar de ser a pessoa por completo equivocada. Por três dias, Lucy provocou ao Jeremy para o papel de pretendente cativado, mas Toby se mantinha indiferente. Para o caso, o mesmo acontecia com o Henry, Marianne, Felix e Kitty. Era indescritivelmente irritante. Ela poderia ter fugido com um jardineiro tempo atrás, e ninguém se teria dado conta.

—Você o chama por seu nome de batismo? — Sophia elevou uma sobrancelha. — Muito valente. Talvez inclusive um pouco descarado — sua boca se torceu em um sorriso estranho.

Descarado? Lucy o esquecera. Estava falando com um anjo. por que, em nome do céu, optara por sentar-se perto da escrivaninha? Deveria ter sabido que se apoderaria da Sophia Hathaway a urgência de escrever cartas. Lucy desejava ser verdadeiramente descarada e escapar com seu livro ao assento da janela, deixando fora a Sophia e à sociedade com um puxão das cortinas de cor ameixa.

—Conheço-o há séculos — disse Lucy. — Desde que era uma menina. Nem sequer era o conde de Kendall então. Era o visconde alguma coisa.

—Warrington — disse Sophia, pondo a pena no papel com um toque delicado. Lucy observava à medida que os traços amplos e curvas precisas fluíam da pena da Sophia. Inclusive sua caligrafia era perfeita.

Lucy a odiava com uma paixão malvada, negra como a tinta.

—Hmm?

—Visconde Warrington.

—OH.

Sophia pôs a pena sobre a mesa e estirou a mão.

—A correspondência pode ser tão aborrecida— disse. — Nada esgota mais a alegria de uma lembrança feliz, como o ato de levá-lo a papel dez vezes. Não lhe parece?

—Não sei — respondeu Lucy, voltando sua atenção a seu livro. — Eu não escrevo cartas.

—Nenhuma absolutamente? por que não o faz?

Lucy encolheu os ombros.

—Não tenho a quem enviar.

—Certamente deve ter alguém — disse Sophia. — E seus amigos da escola?

—Nunca fui à escola. Sempre tive instrutoras.

—Nem mesmo lhes escreve?

A sugestão trouxe um sorriso de suficiência à cara de Lucy.

—Não — respondeu ela. — Não fomos especialmente próximas.

—Bom, ao menos terá logo a quem escrever.

—Sério? A quem?

—A mim — disse Sophia, levantando a vista da carta. — Ficarei desconsolada se não me escrever quando formos.

—Sim, é obvio — murmurou Lucy. Volteou uma página de seu livro e avançou sua cadeira em direção oposta, como se a falta de sinceridade pudesse ser contagiosa. A ideia de escrever cartas a Sophia Hathaway era absurda.

Como se fossem amigas!

—E mais vale que não me esqueça — advertiu Sofía com um sorriso malicioso, —sem importar quantos novos amigos fará uma vez que seja uma condessa.

A palavra deu em Lucy uma sacudida.

—Uma condessa?

—Quando chegar a próxima temporada, será a queridinha da alta sociedade. Todo mundo estará desesperado por conhecer a mulher que capturou ao esquivo Conde de Kendall.

—Não, não o estarão — cortou Lucy. — Porque ele não vai se casar comigo.

—Por que não? — Sophia pareceu incrédula. — Você mesma me disse que está completamente cativado. É um conde. É rico. É amigo de seu irmão.

—É frio. É severo. É áspero.

Sophia baixou a voz.

—Sim, mas não é isso que o faz tão atraente? Dessa maneira forte e silenciosa, é obvio. Em só olhá-lo, imagino que tem todo tipo de sombrios e emocionantes segredos.

A Lucy não gostava que Sophia especulasse sobre os "sombrios e emocionantes segredos" do Jeremy. Sobre tudo porque sabia que não havia nenhum. Lucy o conhecera durante oito anos. Sabia tudo o que teria de saber sobre o Jeremy Trescott, e nada disso era nem um pouco emocionante.

Exceto seu beijo. Lucy admitiu a contra gosto que seu beijo foi, de fato, um pouco emocionante. Dias mais tarde, ainda sentia o beijo nas pontas de seus pés. E esse Olhar dele, o mesmo olhar que sempre havia devolvido imediatamente com uma simples indiferença, agora, penetrava seu equilíbrio, desatando um estranho ronrono no profundo de seu interior.

—Rico, bonito, com um título... — Sophia enumerou os atributos com os dedos. — É um magnífico partido, para qualquer padrão.

—Quem, Jemmy? Se ele é um magnífico partido, por que não quer casar-se com ele? — agora, isso resolveria as coisas de um modo agradável.

—Se ele me olhasse da forma em que a segue olhando — sussurrou Sophia, — talvez o fizesse.

Lucy fechou de repente seu livro em uma só mão. Voltou o olhar para o Jeremy, só para descobrir que ele, de fato, estava-lhe dirigindo esse Olhar de novo. E esta vez, ele não afastou seus olhos. Seus olhares se encontraram, travaram-se, intensificaram-se. Tentou imaginar que o via pela primeira vez, lhe vendo como Sophia o fazia, só uma fortuna e um título e segredos sombrios

e imaginários.

Quase riu em voz alta ante o absurdo daquilo.

Mas então o olhar de Jeremy mudou, descendo ao longo de seu corpo de uma forma pausada, quase como se sua mente não soubesse que seus olhos estavam perambulando. E Lucy se deu conta de que não a olhava como se a visse pela primeira vez. Ele estava, imaginava ela, olhando-a como se a houvesse visto muitas vezes antes em vários estados de nudez. Uma consciência potente correu por suas veias, e se estendeu a uma sensação muito curiosa.

Lucy se sentia como se estivesse vendo a si mesma pela primeira vez.

—Primos — soltou Sophia, arrancando a Lucy de seu devaneio. — Sem dúvida tem primos a quem escrever.

—Nenhum pelo lado de minha mãe. Pelo lado de meu pai, está a tia Matilda — ela fez um gesto com a cabeça assinalando para um canto, onde sua tia estava abrindo uma caixa de prata, com incrustações de azul, para reunir um generoso pingo de tabaco. — Mas ela nunca se casou. Meu avô cultivou índigo na Tortola. Suponho que tenho primos ali, mas nunca nos conhecemos. Em todo caso, seriam muito mais velhos que eu.

—Tortola — se aumentaram os olhos de Sophia. Apoiou o queixo em uma mão e ficou olhando sem ver em realidade, para os contornos das janelas com parte na luz. — Que romântico. Se tivesse primos na Tortola, eu lhes escreveria uma carta cada semana, embora só seja pelo prazer de imaginar sua viagem através do mar. Minha pequena missiva, meus tediosos ganchos de ferro de todos os dias, jogada no oceano, chegando à beira de uma terra longínqua e arenosa — se incorporou bruscamente, deixando cair a mão sobre a mesa com um ruído surdo. — Ou piratas! — exclamou, estremecendo-se levemente. - Imagine: minha carta caindo em mãos de piratas.

Lucy olhou a Sophia com expressão divertida.

—Que imaginação tão vívida tem.

—Sim — a expressão de Sophia se voltou nostálgica, e, golpeou sua pena contra o tinteiro. — Desejaria muito não tê-la. É uma maldição, imaginar tantas coisas maravilhosas e não as ver nunca realizadas.

Houve um incômodo silêncio, durante o qual a atitude da senhorita Hathaway fazia uma progressão rápida de pensativa a taciturna. E uma estranha sensação encheu o peito de Lucy. Algo incomodamente próximo à simpatia.

Impossível. Sophia era o inimigo. A gente não simpatizava com o inimigo.

Mas então o inimigo soprou e mordeu o lábio, e a horrível verdade se voltou inegável. Era simpatia. Que irritante.

—Não esperaria que os piratas soubessem ler — disse Lucy, obedecendo à compulsão estranha de animar a sua companheira. — Mas se estiver tão fascinada com a ideia, convido-a a lhes escrever a meus primos por mim.

—Posso? — Sophia se animou imediatamente. Tirou uma folha de papel e afundou a pena. — Como se chamam?

Lucy se deteve.

—Não recordo.

—Qual era o nome do irmão de seu pai?

Lucy o pensou por um momento.

—George, acredito. Como meu avô.

—Então, seu filho deve chamar-se George também — Sophia pôs sua pena sobre o papel. —Querido primo George— leu em voz alta, detendo-se brevemente antes de começar a rabiscar de novo. —Estamos desfrutando de bom tempo — fez uma pausa de novo. — O grupo de caça anual de meu irmão está em marcha. Este ano Waltham Manor está animado pela companhia da senhora Crowley-Cumberbatch e sua irmã, a senhorita Hathaway— Sophia deu ao Lucy um olhar de soslaio enquanto afundava a pena. —A senhorita Hathaway é uma jovem agradável e encantadora— seguiu dizendo. Seus lábios lentamente formavam cada palavra em quanto sua pena dançava freneticamente através da página. —Já somos as melhores amigas. De fato, recentemente me implorou que a chamasse por seu nome de batismo, Sophia — dirigiu a Lucy um amplo sorriso, a quem devolveu de uma forma bastante desconcertada. Os olhos da Sophia brilharam com súbita inspiração, e ela afundou a pena de novo. -Escrevo-lhe para lhe convidar, querido primo, a minhas próximas bodas. Embora o compromisso ainda não esteja formalizado, não pode demorar muito tempo. Para o momento em que esta carta lhe chegue, é muito factível que seja Lady Lucy Trescott, a condessa de Kendall.

—Não! — Lucy olhou pela sala para ver se alguém ouvira. Felizmente, Marianne chegara a uma seção mais viva de sua sonata.

—Não?

Lucy tragou seu protesto em um nó grande e amargo. Quando decidir flertar com o Jeremy se tornou em pretender casar-se com ele?

—Meu nome completo é Lucinda — disse. — Lady Lucinda Trescott soa muito mais bonito, não lhe parece? — mal podia pronunciar o nome sem encolher-se.

—Lady Lucinda Trescott, condessa de Kendall — corrigiu Sophia. —- Pela presente convido a minhas bodas. Mas já que esta carta não alcançará a lhe chegar em um tempo, também pela presente aceito suas desculpas e rápido meu maior desejo de que você pudesse ter estado presente. Estou segura de que terá sido uma ocasião preciosa.

Lucy pôs-se a rir a seu pesar. Ainda assim, estava ansiosa por trocar de tema.

—Mas o que acontece com os piratas?

Sophia afundou a pena de novo e franziu o cenho.

—Uma advertência aos piratas —disse com severidade. — Embora meu marido é um dos homens mais ricos de toda a Inglaterra, também é um dos mais temíveis. Se tiverem algumas ideias para sequestrar aos autores desta carta para retê-las para pedir resgate, aconselho-lhes que as abandonem. Até mesmo Barba Negra treme em suas botas...

Ela deixou de escrever e olhou a Lucy.

—É botas, ou bota? Barba Negra tinha uma perna, ou duas?

—Acredito que tinha duas.

—Barba Negra treme em suas botas — continuou, — ante a mais simples menção de Jem "o Olho do Mal", o Conde Saqueador.

Lucy juntou ambas as mãos sobre sua boca para não rir em voz alta.

—O Conde Saqueador? A gente realmente não o chama assim, não?

—Não o fez até agora. Mas ele tem uma reputação muito escandalosa. Minha mãe me proibiu dançar a valsa com ele. Não é que ele alguma vez me tenha pedido isso — Sophia desviou a vista para o Jeremy e baixou a voz até um sussurro. — tentou saqueá-la?

Realmente, desejava dizer secretamente Lucy, foi mas bem ao reverso.

Marianne fez um gesto a Sophia para que se aproximasse do piano. Toby se aproximou com uma mão estendida, e Sophia a aceitou. Enquanto ficava de pé, inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Lucy:

—Se eu fosse você, o permitiria.

CAPÍTULO 6

—Todos os ingleses saúdam o sabujo— cantou Henry com voz alta e com um zombador tom barítono, impulsionando a seu baio a um trote. Felix igualou seu ritmo, acrescentando sua voz de tenor à canção.

—Quem, dá tenaz perseguição pela clareira e o monte, quando sua dama cai ao solooooooo? — detiveram seus cavalos atirando das rédeas e alongaram a nota em uma harmonia de duas partes que estirou o sentido da palavra. — Para escavar em busca da puta e seu buracooooooo! — gritaram finalmente.

Um abacaxi voador golpeou o rosto de Henry apagando seu sorriso triunfante.

—Tome cuidado, Waltham! —- exclamou Toby. —- Há damas presente.

Henry olhou por cima do ombro com uma expressão de fingida inocência.

—Damas? — seu olhar caiu sobre a Sophia. — Sim que as há —ele se tirou o chapéu, arqueando uma sobrancelha em direção a Lucy. — Minhas desculpas, damas — disse ironicamente, sopesando em excesso o duvidoso plural. Então tocou com o chicote o flanco de seu cavalo castrado, guiando-o em direção ao bosque. Os cães correram adiantando-se a ele, as espigas caindo com o vento.

Jeremy viu como Lucy estremecia, e venceu a onda de simpatia que surgiu em seu peito. Realmente, o que podia esperar ela? Durante oito anos, com agrado conseguira a permissão de acompanhar aos cavalheiros e exigido uma igualdade no trato. Em um dia qualquer do outono anterior, teria cavalgado pelos campos ao lado de Henry, montada escarranchado com calças emprestadas e embelezando os versos profanos com seu claro soprano.

Agora Lucy queria ser uma dama. Pôs um traje de montar de veludo avermelhado e luvas de pele marrom, seus cachos arrumados no alto de sua cabeça, e em algum lugar, de algum jeito conjurou uma sela de amazona. Era, teve que admitir, uma grande melhora de sua loucura de joias e sedas, de uns dias atrás. Mas não podia esperar que os homens mudassem seu comportamento logo que ela mudasse de roupa.

Certamente não fazia sentido que se sentisse ofendida se não o faziam.

Ela soprou.

—Sabia que deveria ter usado calças. Vejo-me tão ridícula, então? — olhou ao Jeremy — estiveste me olhando fixamente toda a tarde.

Olhando fixamente? Ele não a esteve olhando fixamente. O fez? *Maldita seja.*

—Não está ridícula — disse, aceitando o convite para apreciar sua forma abertamente. — Vê-te... — suave. Encantadora. Estranhamente delicada e com toda franqueza, desconcertante — diferente.

Lhe dirigiu um olhar triste.

—E essas são as palavras de um homem cativado. Não é de se admirar que Henry esteja burlando de mim.

Jeremy suspirou. Desejava poder montar adiante, com o Henry e Felix e deixar essa expressão de dor atrás. Mas um pretendente cativado, como Lucy decretou, montaria ao lado de sua dama. Por uma vez, suas noções do cortejo resultaram ser corretas. Toby não se afastou do lado da Sophia desde que o grupo saiu dos estábulos. Os quatro bordeavam a borda do bosque, os cavalheiros flanqueando as damas enquanto percorriam a margem de um ceifado campo de cevada.

Com relutância, Jeremy deu um golpezinho a seus arreios para aproximar-se mais a ela.

—Henry é um imbecil — não era a frase mais conciliadora que poderia ter pronunciado, mas era sincera.

Encolhendo os ombros, ela meteu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

—Henry é Henry. E ele pode ser um imbecil, mas também é meu irmão.

—Precisamente — baixou a voz. — Deveria tratar seus sentimentos com mais cuidado.

—Sim, lhe importam —murmurou. — Ele simplesmente... não é bom nisso — seu queixo se ergueu. — E quem é você para falar de tenros sentimentos?

Jeremy quis recompensar seu frio comentário com um silêncio igualmente frio, mas a senhorita Hathaway falou, arruinando o efeito.

—Essa canção que cantavam os homens— disse Sophia, —não acredito havê-la escutado antes.

—Senhorita Hathaway, me permita pedir desculpas pelo grosseiro comportamento do senhor Waltham — disse Toby, com um tom repugnantemente lisonjeador. — Não estamos acostumados à companhia de damas nestas excursões.

Lucy torceu o nariz, e sacudiu a cabeça.

Jeremy enfocou seu olhar no horizonte. Aprendera a lição. Era inútil lhe oferecer palavras tranquilizadoras. Lucy sempre tomava a seu desejo, inclusive quando se tratava de uma ofensa.

—Não são necessárias as desculpas — respondeu Sophia. — Eu gostaria de aprender as palavras, isso é tudo — arrumou as dobras de sua saia cor verde esmeralda sobre o flanco pintalgado de seus arreios.

Seu rosto se iluminou quando ela voltou seu cavalo para o bosque.

—OH, olhem! encontraram um?

Nenhum dos cães de dois peniques conseguiu até agora farejar uma raposa, mas parecia que um cão listrado conseguira surpreender um esquilo. Ambos, cão e presa correram sob os pés de

todos, causando que a égua de Lucy retrocedesse e corcoveasse.

Jeremy se lançou para agarrar as rédeas, mas Lucy não necessitou de sua ajuda. Com um rápido movimento de uma parte da rédea e uma palavra tranquilizadora, acalmara ao cavalo em questão de segundos.

Reposicionou-se na sela. Seu traje de montar de veludo se deslizou facilmente com o roçar do couro, fazendo um pequeno ruído chiado, que Jeremy achou algo menos tranquilizador.

Lucy se voltou e o surpreendeu olhando. Ela arqueou uma sobrancelha.

Ele clareou a garganta.

—Desde quando monta de lado?

—Desde esta manhã.

—Esta manhã? Não é de sentir saudades que seu cavalo esteja inquieto.

—Thistle não está inquieta. montei escarranchada sobre ela, em pelo, e de pé. Espero que possa montá-la com uma sela de amazona — Lucy deu uns tapinhas ao pescoço da égua e agitou sua juba cinza.

—De pé?

Jeremy supunha que devia parecer o suficientemente impressionado, porque ela sorriu pela primeira vez em todo o dia.

—Só uma vez — disse ela, seus olhos verdes zombadores. —Em um desafio. Fazem alguns anos. O filho do mordomo...

Sua voz se apagou quando seus olhos se fixaram em algo atrás dele. Jeremy se voltou para seguir seu olhar. Viu imediatamente o que captou a atenção de Lucy. Toby e Sophia apearam em uma pequena clareira, a alguns passos de distância. Um raio de sol atravessava as árvores, banhando ao casal em um dourado luminoso. Toby estava trabalhando algo entre suas mãos, e Sophia estava sentada em uma árvore caída, olhando-o com uma expressão radiante. Trocaram sorridentes palavras, que Jeremy não pôde ouvir, e logo Toby sustentou sua criação no ar por um momento, antes de colocá-la suavemente sobre a cabeça da Sophia.

Uma coroa, tecida de hera.

Toby tomou a mão da Sophia e a beijou. Jeremy amaldiçoou entre dentes.

—Lucy — começou, voltando-se para ela.

Ou onde ela esteve. Captou só rangidos de ramos quebrando e um vislumbre de veludo avermelhado e de uma égua cinza desaparecendo entre as árvores. Jeremy voltou seu cavalo para iniciar a perseguição, inclinando-se sobre o pescoço do semental para esquivar um ramo baixo.

Lucy esporeou a sua égua, montando como uma alma que leva o diabo através do campo de cevada. Inclinada sobre o pescoço da égua, seus cachos castanhos voando soltos e ondeando atrás dela, abrindo um caminho através do campo, para um espaço da paliçada. Jeremy teve a tentação de deixá-la ir. Deixá-la que tivesse um tempo para toda a dor e que retornasse mais tranquila.

Mas então recordou esse pequeno chiado do veludo deslizando-se sobre o couro. O som ecoou em seus ouvidos e se arrastou pelo pescoço, lhe colocando todos os cabelos de ponta. Não se chamava um ritmo desenfreado por nada. Um passo em falso, uma pedra no campo de cevada, poderia enviá-la voando. Jeremy açulou a seu cavalo ao galope. Em uma carreira a toda velocidade

ao longo do campo aberto, sua égua não era rival para seus arreios, e a distancia entre ambos se reduziu. Então viu o postigo.

Uma baixa perto da madeira que enchia o espaço da paliçada. Mais à frente, uma costa levantada até as hortas. Seria um salto difícil para qualquer cavaleiro, sob as melhores condições. Para um cavaleiro com uma fúria sacrossanta, sobre um cavalo inquieto, montando como dama pela primeira vez em sua vida, era um desastre seguro.

Jeremy puxou as rédeas, detendo seu cavalo no centro do campo.

—Lucy! Pare, maldita seja!

Procurou em sua cabeça uma advertência mais impressionante para lançar-lhe, mas já era muito tarde. Ela impulsionara à égua a fazer o salto. Jeremy ouviu o ruído vazio de cascos roçando madeira. Logo, cavalo e cavaleiro se perderam de vista por completo.

O estômago lhe deu um tombo. O pânico lhe apertou o peito, espremendo o ar de seus pulmões. Por um negro e interminável momento, seu coração se negou a pulsar. Então rugiu de volta à vida em um galope ensurdecedor, e ele cravou os joelhos nos flancos do cavalo até que seu semental igualou o ritmo.

A parte superior do postigo caíra. Os arreios do Jeremy franqueou facilmente o que ficava por perto, aterrissando com um ruído surdo do outro lado e imediatamente deslizando-se veloz e precipitadamente pela ladeira rochosa. No momento em que seu cavalo encontrou um alicerce sólido, desmontou. Lucy não se via por nenhum lado. O pomar estava desenhado em ordenadas fileiras de árvores, que formavam um sombreado de avenidas pavimentadas de folhas. inundou-se no arvoredo, procurando através dos vazios corredores emoldurados de ramos, até que divisou ao Thistle, pastando sem cavaleiro sob uma distante pereira. dirigiu-se para a égua, esperando que em qualquer momento fosse tropeçar com um inerte montão de veludo avermelhado.

Parecia ter passado uma eternidade desde que respirou pela última vez. Seu cérebro se sentia emaranhado. Os contornos de sua visão estavam cinzentos.

Então, viu-a.

Estava de pé, de costas para ele, descansando um ombro contra o tronco de uma árvore. Simplesmente relaxando no pomar, perfeitamente serena, como se não acabasse de ver o Toby coroar a Sophia como sua deusa. Como se não acabasse de quase ter quebrado o pescoço. Como se Jeremy não estivesse a ponto de vomitar o café da manhã sobre suas botas.

—OH, Jemmy — disse ela, — como o faz?

Não tinha nem a mais remota ideia do que se referia. Como fazia, o que? No momento, não estava de todo seguro de como as arrumava para manter-se em pé. O peso da ansiedade, como um chumbo, lhe esmagara o peito, afundou-se em suas vísceras, agitando o conteúdo de seu estômago. Agora parecia pendurar em algum lugar nas proximidades de seus joelhos, por isso suas pernas as sentia débeis, instáveis. Escolheu uma árvore perto da dela e se apoiou contra ele.

—Como o faz? — Lucy se voltou e pressionou as costas contra a árvore, erguendo o olhar para o dossel de folhas de laranjeira. — Como se pode ir pela vida e só não te importar?

Isso sim o fez. Ia estrangulá-la. Fecharia seus punhos nesse veludo avermelhado, enrugá-lo-ia aproximando-a, envolveria suas mãos ao redor dessa delicada pele dourada de sua garganta, e a

estrangularia.

Imediatamente depois, inclinaria-se contra essa pereira por um bom momento.

Ficou olhando fixamente uma fila de árvores, seu fôlego ofegando em seu peito. Como o fazia? Como, em efeito. Entretanto, era esse como as arrumava para ir pela vida e só, como Lucy tão amavelmente o expôs, não lhe importar, Jeremy não era capaz de recordá-lo. O esquecera por completo. Maldita seja.

—Nunca pensei que te invejaria — disse ela—- Nem em um milhão de anos. É tão composto, tão sério. Tão frio.

Suas mãos se fecharam em punhos. Como se atrevia? Como se atrevia a irromper em seu quarto e beijá-lo e inundá-lo em uma correnteza de emoções e invadir seus sonhos e ir arrojar-se ela mesma de cabeça ao perigo e recostar-se contra uma pereira com um vestido da cor exata ao de seu cabelo, beijado pela atenuada luz do sol? Como se atrevia a lhe fazer esquecer? *Maldição contudo.*

Maldita ela por fazer que lhe importasse.

—Quero ser fria — disse. — Todos estes sentimentos são como chamas dentro de mim. Estou cansada de me queimar. Já não os quero. Quero apagar o fogo e ser fria. Nunca imaginei que te invejaria, mas hoje... — sua voz vacilou — hoje o faço.

Ele mal escutava o que ela dizia, mas não podia afastar-se. Seus olhos verdes estavam nublados de dor, ameaçando explodir em uma tormenta de lágrimas.

Não chore, disse-lhe em silêncio.

—Não chore — disse em voz alta.

Ela mordeu os lábios e piscou com força.

—Não choro.

Mas até mesmo enquanto falava, seu queixo começou a tremer. E em algum lugar profundo e baixo dentro dele, o pânico começou a surgir. Ele esteve aqui muitas vezes antes, vendo uma mulher derramar lágrimas por um homem que ele nunca poderia substituir. Olhe a outro lado, disse-se. Melhor ainda, vai embora. Já não era um garoto, ele não precisava sofrer esta cena novamente. Mas não podia afastar o olhar, e não podia ir. Ele estava deprimido e impotente, e ela estava tão condenadamente formosa, reclinada contra essa árvore. Se chorasse... Não podia deixá-la chorar.

—Deixa de ser tão dramática, Lucy — ela fez uma careta. Jeremy quadrou os ombros. Tentou-o de novo. — Está fazendo uma cena ridícula.

Funcionou. Em um instante a dor em seus olhos deu passagem à fúria. Endireitou as costas e deu dois passos para ele. Jeremy deu um suspiro de alívio. Sabia como tratar a uma Lucy furiosa.

—Chamei-te frio? — perguntou ela. — Você é pior que frio, é cruel. E o que é pior, tem medo. Serei uma tola, uma e outra vez, mas nunca serei como você. Nem por milhares de Tobys.

—Medo? Eu? Você é a única que se esconde da verdade.

—Eu me escondo? — a fúria a fez crescer um centímetro. — Não me escondo. De nada.

Ele soltou um bufido.

—Não te esconde. Não te escondeu quando deixou que as vacas entrassem no campo de

aveia, então? Não te escondeu quando deixou cair o selo do Henry na churrasqueira no meio do carvão?

—Isso é completamente diferente. Eu era uma menina então. Já não sou uma menina.

—Ainda está se escondendo, Lucy. escondendo-se detrás de sedas e joias e selas de amazona e de um comportamento escandaloso. Tudo porque tem medo. Tem medo de deixar estes jogos ridículos e simplesmente dizer ao Toby como se sente.

—Estava a caminho de fazê-lo a noite que chegou — disse.—Alguém me deteve.

—Não estava a caminho de lhe dizer a verdade. Estava a caminho de lhe estender uma armadilha para que se casasse contigo.

A boca de Lucy se abriu, mas não disse nada. Jeremy deu outro passo para ela. Ele sabia que deveria afastar-se, mas seus pés não se moviam em outra direção. Deteve as lágrimas. O perigo passara. Mas não era suficiente. Havia coisas que ela precisava saber. Se queria chamá-lo frio e cruel, então ele a familiarizaria com a verdade fria e cruel.

—Direi-te por que não lhe disse — falou, aproximando-se dela, fazendo-a retroceder contra o tronco da árvore. — Porque no fundo, Lucy, sabe que ele não sente o mesmo. Ele não te quer. E se tivesse uma conversa sincera com ele, teria que fazer frente a esse fato. Enquanto te mantenha com seus jogos e seus planos, pode imaginar que ele se interessa por ti. É por isso que não lhe dirá a verdade. Tem medo.

—Está equivocado — ela fervia. — Equivocado em todas as formas possíveis. Eu não tenho medo. Estou apaixonada. Você não conheceria o amor nem que te batesse na cara. E estou muito tentada de te bater, só para provar o ponto.

Jeremy se inclinou mais perto, apoiando seu braço na árvore atrás dela, encerrando-a entre a árvore e seu corpo.

—Adiante — se burlou e lhe ofereceu a face. — Me bata. Não funcionará. — Baixou a voz a um murmúrio. —Sabe por que não vai funcionar? Porque tampouco está apaixonada por ele. Tem medo dessa verdade, também. Não ama ao Toby — ela abriu a boca para responder, mas ele a interrompeu. —OH, você o quer, como uma menina quer um doce ou um brinquedo novo e brilhante. Mas você mesma o disse, Lucy. Já não é uma menina.

Os olhos de Lucy aumentaram. A luz do dia se desvanecia, suavizando-se a uma cor âmbar. O ar estava carregado com o aroma das peras. Seu rosto estava a escassos centímetros por debaixo do dele; seus lábios, a escassos centímetros dos seus. As faces de Lucy estavam rosadas sob o dourado. Ela ergueu a cara para ele, e suas pálpebras se fecharam. Um convite que ele conhecia muito bem.

Ele colocou um cacho atrás de sua orelha, de modo que ela pudesse escutá-lo e acreditar em cada palavra.

—Se realmente amasse ao Toby — disse, — não estaria aqui sob uma árvore, esperando a que outro homem te beije.

Seus olhos se abriram de repente, mas ela não o afastou.

—Estou certo, Lucy — sussurrou com voz rouca. — Sabe que tenho razão.

Ela pôs sua mão enluvada contra seu peito. Jeremy esperou que o rechaçasse. Teria que

rechaçá-lo, porque não havia parte dele que queria estar em outro lugar. Cada centímetro de seu corpo era plenamente consciente dela, tão perto, tão cálida, tão amadurecida. Seu cabelo, caindo sobre seus ombros, em ondas castanhas brilhantes. Seus seios, subindo e baixando sobre seu peito com cada respiração.

Seus lábios, vermelhos escuros e ligeiramente abertos, convidando a seu beijo. Sua mão estendida sobre seu coração, um toque elétrico, inclusive através das capas de linho, de couro e de lã. Teria que empurrá-lo.

Em vez disso, ela curvou os dedos ao redor de sua lapela. E o atraiu de um puxão.

CAPÍTULO 7

Lucy queria que ele a saqueasse.

Mesmo que estivesse equivocado, de todas as maneiras possíveis. O homem equivocado, no lugar equivocado, e simplesmente equivocado, tudo equivocado. Mesmo que fosse descarado, ela sabia que seu próprio comportamento estava muito longe de ser o de um anjo ou o de um sonho.

Queria ser uma deusa, a deusa de alguém. E ali estava ele, adorando-a com seu olhar, se não com suas palavras. E quando ela o tocava, tinha o poder de fazê-lo tremer com a ponta de seus dedos. Queria que a beijasse. Queria ser desejada. Queria que esses lábios fortes, grossos deixassem de cuspir estupidezes desatinadas e em troca, começasse a beijá-la.

Atraiu-o para ela e viu seus olhos azul céu obscurecer-se até o índigo mais profundo, logo os fechou em um varrido de pestanas de ébano. Sua cálida fragrância masculina a envolveu, um almíscar de limpos aromas de couro e pinheiro. Ele baixou lentamente a cabeça, até que sua fronte se apoiou na sua. trocaram o mesmo fôlego, de ida e volta. E quando seus lábios finalmente salvaram a última parte da distância entre eles, foi como o final de um beijo em vez do princípio.

Lucy fechou os olhos. Deixou que o mundo se reduzisse a essa suavidade irresistível que roçava seus lábios e ao tato da lã áspera apertada em sua mão. Não recordaria nada antes desse momento, e não ia pensar no futuro. Não queria pensar no que ele dissera. Não pensaria, só sentiria. Deixaria tudo fora e só lhe permitiria entrar nele. Ao gosto dele e ao calor de sua boca.

Sua boca, reclamando a sua em um tenro beijo. Seus lábios, oscilando sobre os seus em uma série lenta e provocadora. Sua língua, varrendo sua boca uma e outra vez em uma dança suave e rítmica. Ela apertou seu corpo contra seu peito sólido, enterrando-se mais perto, aninhando-se em sua força e calidez. Ele gemeu contra sua boca e arrancou seus lábios dos dela.

Lucy manteve os olhos bem fechados. Não precisava vê-lo. Podia senti-lo observando-a, o calor de seu olhar vagando por seus olhos fechados, suas orelhas ruborizadas, o vão de sua garganta onde seu pulso pulsava acelerado. Manteve os olhos bem fechados e seus lábios entreabertos, e esperou. Porque ela sabia que voltaria. E ele o fez. E esta vez, não houve dança suave, nem provocação ou ternura. Ele se apertou contra ela, empurrando-a contra o tronco da árvore até que as cristas da casca morderam a carne de suas costas.

Seus lábios reclamaram os seu em um ardente abraço. Colocou sua língua em sua boca uma e outra e outra vez, lhe roubando o fôlego, lhe roubando a presença mesmo da prudência. Ele

abrangeu seu rosto com uma mão e o inclinou para trás, tomando mais dela, e Lucy se aferrou a sua lapela como se esse resto de tecido fosse sua única ancora à terra.

Este não era Jeremy Trescott. Este não era o homem que ela conhecia. Era um estranho selvagem, perigoso e saqueador, e ela era uma lasciva deusa pagã sendo violada sob uma pereira.

Afastou sua boca, beijando uma esteira de fogo ao longo de sua mandíbula. Gemeu seu nome contra seu ouvido, e soou estranho, esquecido, duas sílabas ao azar deslizando-se sobre sua pele como um par de quentes lábios inquisidores. Não sabia quem era ela. Quem era ele. Não lhe importava. O mundo se reduziu a calidez de um beijo e a um punhado de lã áspera, e não havia ninguém mais.

Mas havia.

Havia alguém mais.

Alguém, ou vários mais, pisando nas folhas secas, aproximavam-se, falando entre si. Lucy exalou um agudo chiado. Jeremy ficou imóvel, o rosto fundo em seu pescoço, seus lábios apertados contra o suave lugar sob sua orelha.

—Devem ter vindo por este caminho — dizia uma voz. — É o cavalo do Jem.

Toby.

—Talvez não deveríamos segui-los — respondeu Sophia. — Talvez querem estar sozinhos. — Sua voz adquiriu um tímido matiz. — Os amantes às vezes o desejam.

Toby pôs-se a rir.

—Não estes amantes.

Deviam estar a umas poucas fileiras de distância. Com uns quantos passos, girariam suas cabeças e descobririam a Lucy e o Jeremy, aferrados um ao outro, moldados à casca da árvore como líquenes. Lucy soltou seu agarre do casaco de Jeremy e empurrou contra seu peito.

Ele não se moveu.

—Te afaste — sussurrou.

Ele não se moveu, só cobriu seu corpo com o seu e a abandonou contra a árvore.

—Não.

—Já vêm — o desespero beliscou sua voz. — Verão-nos.

—Que nos vejam — sussurrou asperamente. — Você queria este jogo. Me queria cativado. Queria causar ciúmes. Que nos vejam.

Lucy se retorceu contra ele, sem nenhum resultado. Seu peso a prendia. Ouviu passos que se aproximavam. Fechou os olhos, conteve a respiração, e afundou a cara no casaco do Jeremy. Os passos se detiveram. Lucy não se moveu. Ela não respirava. O silêncio se prolongou uma eternidade. Então, finalmente, os passos se reataram. apressaram-se, afastaram-se.

Ela ouviu a risada da Sophia desaparecendo entre as trilhas bordeadas de árvores.

—Não estes amantes, né?

Lucy empurrou o peito do Jeremy de novo, e desta vez, ele retrocedeu. Seu rosto estava em branco. A expressão de seus olhos, como de costume, ilegível.

—Tinha razão— ela sacudiu o tecido de seu traje de montar para reacomodá-lo em seu lugar. Ele a olhou com receio enquanto ela prendia seu cabelo em um nó simples. — Tinha razão

em uma coisa — se separou dele.

—Precisamos terminar com os jogos. Vou dizer ao Toby a verdade.

ଌଌଌ

—Então, digo-lhe a verdade?

Toby se inclinou sobre a mesa de bilhar e alinhou seu tiro. Uma cascata de cabelo castanho dourado lhe caiu sobre a fronte, e ele o afastou com um rápido movimento de sua cabeça.

—Dizer a verdade a quem? — perguntou Jeremy. — Sobre o que?

—Ao Henry —Toby impulsionou seu braço, fazendo um movimento de vaivém. A bola branca deu no alvo com um forte estalo, e a bola vermelha ricocheteou contra a borda entrando no buraco lateral. —Digo-lhe o que vi está tarde no pomar? — endireitou-se apoiando-se no taco observando ao Jeremy com um frio olhar. — Apesar de que se burla de Lucy, não quereria que brinquem com ela. É sua irmã, sabe? Ou o esqueceste?

—Não o esqueci — Jeremy tirou do buraco a bola vermelha. Colocou-a em seu lugar e observou o perímetro da mesa, deliberando por seu melhor tiro. — Não aconteceu nada.

Toby pôs-se a rir.

—Vamos, Jem. Sei a diferença entre nada e algo, e isso definitivamente não foi nada.

Jeremy guardou silêncio e se inclinou sobre a mesa para avaliar seu disparo.

—Não lhe falou nem uma vez durante o jantar — continuou Toby, — e ela nem sequer te olhou. Estávamos só a dez minutos na sala antes que ela se retirasse mais cedo, e você desenvolvesse uma paixão repentina pelo bilhar. Duas pessoas não se esforçam tanto para não dizer nada a menos que estejam evitando algo. Vamos, Jem. No que estava pensando?

O tom do Toby era loquaz, mas cada suave palavra aguilhoava a consciência de Jeremy. Preparou o taco entre seus nódulos, deslizando-o para trás e para frente. Vacilando.

Maldita seja. O que esteve pensando? A resposta a essa pergunta era evidente. Não esteve pensando absolutamente. Ele beijara Lucy. Não uma vez, a não ser duas, e a incitara para que lhe devolvesse o beijo. Ele soube que seria muito teimosa para dar marcha atrás, e se aproveitara disso. aproveitou-se dela. A pressionara contra essa árvore e a atacara grosseiramente como um bruto. Logo, em um momento de absoluta loucura ou de só simples estupidez, permitira que as pessoas os vissem. Não só o permitiu. Insistira nisso. Fazer uma exibição pública de sua conduta repreensível. abateu-se sobre ela como um cervo cuidando de sua corsa em época de cio, reclamando-a como a sua fêmea.

Um animal. Ficara reduzido a um animal. Durante a maior parte da semana, Lucy tinha aguilhoado os fios de seu autocontrole com cada olhar insolente e atuar imprudente, e sua restrição de cavalheiro se erodiu perigosamente até uma linha fina. Agora a capa de cortesia se estava rasgando, expondo à besta enlouquecida de luxúria, que se escondia debaixo.

A besta nua e suarenta que sentia fome, sede, desejos, demandas, que não se podia negar.

Meu Deus. Inclusive sumido na auto recriminação, estava-se arrancando as roupas.

Retirou o taco, os músculos de seu ombro esticando-se contra as costuras de sua camisa.

Marfim rajado contra vermelho. As bolas giraram em trajetórias inúteis, errando por completo os buracos.

Luxúria. Tinha que ser luxúria. Essa era a única explicação possível para este comportamento, este absoluto lapso de consciência e controle. Era o único nome possível desta necessidade que o fazia tremer cada vez que ela estava perto. A necessidade de possuí-la. Reclamá-la em alguma forma primitiva, irreversível, e enviar a todos outros homens da terra diretamente ao diabo, com o Toby encabeçando a procissão.

Mas havia algo mais. Precisava haver, por muito que odiasse admiti-lo. Se fosse simples luxúria o que o transformava em uma ofegante e selvagem criatura cada vez que estava a dez passos da moça, então a lógica arguia uma parte simples. Aumentar a distância entre eles. Ir-se. Não poderia ser mais simples. Selar seu cavalo e cavalgar para Londres à alvorada. Encontrar alguma pequena cortesã formosa de cabelo castanho e olhos verde-dourados para manusear e batalhar até que seu desejo se aplacasse.

Mas Jeremy sabia que não funcionaria. Nem sequer pôde reunir o desejo para tentá-lo. Esteve selando seu cavalo cada manhã ao amanhecer, e não pôde chegar aos limites das terras do Henry sem sentir um puxão visceral arrastando o de volta à mansão. E então ocorrera esse terrível momento no pomar. Não esse momento terrível e sombrio quando se convenceu de que estava morta. O pânico real começou quando a encontrou com vida, e esta necessidade rugira por surgir à vida também. A necessidade de espreitá-la, de prendê-la, de imobilizá-la contra uma árvore, de ancorá-la com seu corpo, e sobre tudo de mantê-la quieta. Evitando que saísse disparada a uma velocidade suicida, arrastando-o com ela por meio dessa maldita fita de cetim agora rodeada ao redor de suas vísceras.

Isto não era um desejo cego, sem sentido, por alguma mulher disposta. Isto era uma necessidade com um nome. Era uma força além da luxúria. Era Lucy.

Ele desejava a Lucy.

Lucy desejava a Toby.

E Jeremy não queria falar disso.

—Não me leve a mal — continuou Toby, com uma atitude de indiferença. — Fez um trabalho admirável mantendo Lucy distraída, e avalio muito seu sacrifício. Mas não há nenhum motivo para deixar-se levar. Um beijinho, não é nada para uma de nossas habituais damas na cidade. Inofensivo. Mas Lucy é diferente. Ela não esteve em sociedade. Não quererá arriscar seus sentimentos.

Jeremy não podia acreditar no que escutava. Certamente Toby, o presunçoso mais desumano da sociedade, não quereria lhe dar um sermão sobre a delicada sensibilidade das jovens. Certamente Toby não estava tentando iluminá-lo sobre as distinções entre a Lucy e cada dama na Inglaterra. Lucy é diferente. Se havia uma verdade da Criação em que Jeremy não necessitasse de mais convencimento, era essa.

—Desde quando — perguntou em tom moderado, — importam-lhe os sentimentos de Lucy?

—É obvio que me importam os sentimentos de Lucy. Ninguém quer ver Lucy ferida. Disso é do que se tratava, recorda?

Jeremy conjurou e deixou que seu taco fizesse um ruído estrepitoso na mesa.

—Isto se tratava de ti— disse furioso, —e de sua determinação vã, infantil, egoísta de terminar suas férias antes de te comprometer — puxou a frente de seu colete e tentou compor sua expressão.

Toby se aproximou de uma mesa lateral e desarrolhou uma garrafa de brandy.

—Se acalme, Jem — disse, servindo dois copos generosos. — Espero que só esteja ciumento.

—Ciumento — Jeremy se engasgou com a palavra. — Não é possível que te refira...

—Ridículo, não? Nem sequer a beijei ainda. Eu. beijei a centenas de jovens, agora tenho que beijar a uma e ainda não posso compartilhar um tenro momento com a dama com a que quero me casar.

Sophia. O sangue correu a refugiar-se nos joelhos de Jeremy. Referia-se a Sophia.

—Acreditei que havia dito que um beijinho não era nada para uma dama da alta sociedade. Inofensivo.

—Um beijo é inofensivo. Mas se começar com um beijo, não estou seguro de que me vá deter, e então não poderei responder por sua segurança.

Jeremy arqueou uma sobrancelha olhando a seu amigo e aceitou a bebida que lhe ofereceu.

—Com o autocontrole debilitado, não? — Graças a Deus, não era o único. Olhou seu copo com receio. Talvez havia algo no brandy de Henry. Ele teve com sua mulher três meninos em cinco anos.

—Vivo em uma tortura — disse Toby, fazendo uma careta. — Vendo-a cada dia, vivendo sob o mesmo teto... Não poderia entendê-lo. Surpreenderia-te. Ela era igualmente encantadora na cidade, é obvio. Mas lá, era uma formosa dama dentro de uma dúzia delas, em alguma determinada sala ou salão de baile. Aqui... aqui, ela brilha como uma jóia entre carvões.

Jeremy pôs os olhos em branco. Se Lucy pudesse ouvir ser comparada com um pedaço de carvão.

—Graças a Deus pela geometria — disse Toby.

—Geometria? O que tem a ver a geometria com isto?

—Nisso é o que penso quando sinto que perco o controle. Quando ela está ali, e tão tentadora... dirijo minha mente à geometria. Já sabe, teoremas, provas, tudo isso.

—Sim, entendo a geometria — disse Jeremy. — O que não entendo é por que você deveria afirmar entendê-la. É um inútil em matemática. Sempre foi, inclusive no Eton.

—Precisamente. O velho Fensworth teve minhas bolas sobre uma chama todo o curso do quinto. Sempre me odiou o miserável, artrítico canalha. Até o dia de hoje, não posso pensar na geometria sem me pôr a suar frio. É por isso que é a parte perfeita para o ardor.

Jeremy considerou se esta parte da geometria pudesse funcionar para sua própria situação. O problema era que sempre foi bastante bom na geometria. O latim, por outra parte...

—E estamos sempre juntos, e a sós com muita frequência — continuou Toby, encrespando seu cabelo com uma mão. — Se a senhorita Hathaway soubesse o que acontece na minha cabeça, ela estaria... aterrorizada, imagino. Sophia é uma flor delicada. Inocente. Refinada. Não posso simplesmente arrastá-la aos arbustos para uns amassos — lançou ao Jeremy um olhar acusatório

por sobre seu copo.

Foi no pomar, não nos arbustos, desejou replicar Jeremy, mas não acreditou que fosse prudente. Tampouco seria prudente assinalar que não lhe tinha dado uns amassos a Lucy, quando sem a interrupção oportuna do Toby, poderia ter feito justamente isso.

—Uma dama de sua criação não permite essas liberdades — continuou Toby. — Nem deveria. Sophia Hathaway é um anjo. Pura como a neve, e não a teria de outra forma. Não me atrevo sequer a lhe dar um beijo antes que nos comprometamos — seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso. — E portanto, é possível que nos comprometamos muito em breve.

—É tão tentadora? — a senhorita Hathaway combinava com todas as normas aceitas de beleza, mas Jeremy não podia ver a atração além da admiração estética. Mas então, ele e Toby nunca compartilharam o mesmo gosto em mulheres. E de repente, Jeremy se viu muito agradecido por esse fato. — O que acontece a caça? — perguntou. — Acreditei que estava decidido a acabar com todos os bandos dos bosques de Henry antes de sequer contemplar o te ajoelhar.

Toby franziu o cenho.

—Nunca se tratou disso, Jem. É que o comprometer-se é um grande passo, se te der conta. Uma decisão bastante transcendental, uma vez que se toma. E por uma vez, realmente é minha decisão —fez girar o brandy no copo pensativamente. — Tendo em conta nossas vidas. Nós não escolhemos nascer. Nosso títulos nos destinaram antes que pudéssemos pronunciar nossos nomes de batismo. Certamente, não selecionamos o tempo ou a forma em que os herdamos, do contrário não o teríamos feito ainda.

Jeremy inclinou seu brandy. Toby não sabia nem a metade. Seu título foi destinado a uma pessoa completamente diferente. Jeremy deveria ter sido o segundo filho de um conde.

Em vez de ler sobre a rotação de cultivos, deveria ter estado repelindo baionetas no Waterloo. Ou perseguindo uma cantora de ópera por todo o continente, esbanjando a fortuna da família pelo caminho.

Toby continuou:

—vamos ter muito pouco que dizer a respeito de quando nascerão nossos filhos, ou inclusive quantos vamos ter. Não vamos escolher a hora ou o dia de nossa morte — esvaziou sua taça e a deixou.—Entretanto, temos esta escolha: com quem nos casamos, e quando. Tenho uma mãe e três irmãs mais velhas, cada uma mais inusualmente competente que a anterior. Nunca me necessitaram para levar alguma carga, além do título. Isto pode ser muito bem a primeira escolha em minha vida de alguma importância, e tendo em conta a natureza do matrimônio, é provável que seja a última por uma boa quantidade de tempo. Meu compromisso é minha decisão para tomar. E pode ser que seja condenadamente egoísta de minha parte, Jem, mas não vou tomar essa decisão pela conveniência de alguém mais. Nem pela de Lucy, nem pela tua, nem inclusive pela da senhorita Hathaway. Chegará o momento, e talvez muito em breve, quando simplesmente souber que é tempo. Quando não puder viver uma hora sem segurar a mão da Sophia. Aí é quando o vou propor, e não um maldito minuto antes.

Jeremy olhou a seu amigo. Devia haver algo no brandy, pensou. Por um momento, quase por

um sólido minuto, Toby voltou-se reflexivo.

—Tem razão — disse finalmente, tomando um gole lento de seu próprio copo. — Isso é condenadamente egoísta de sua parte.

O rosto de Toby se quebrou em um amplo sorriso. Agarrou o taco e recolocou as bolas.

—Sabe, estar apaixonado não é de tudo mau, Jem. Não posso imaginar por que o evitei com tanta assiduidade todos estes anos — fez um tiro terrível que errou as duas bolas completamente.

—Não pode?

—Deve ser o brandy — respondeu Toby com um sorriso tímido. O sorriso se desvaneceu, e seu olhar agudo. — Não respondeu minha pergunta. A respeito desta tarde. O que digo ao Henry?

Maldita seja. Jeremy esperava que ele tivesse esquecido a pergunta.

—Não diga nada ao Henry — tomou o taco e o giz, tentando manter seu tom leve. — Não há nada que contar. Lucy não está encaraprichada comigo, está furiosa comigo. É por isso que não nos falamos.

O joguinho terminou.

—Deu-te uma patada na tíbia, verdade? — Toby riu entre dentes. — Ou talvez, uns poucos centímetros mais alto? Bem por Lucy. Bem por ti, também, suponho. Lucy teve seu pingo de romance. Logo vou fazer a proposição a Sophia. Fica livre de responsabilidade.

Livre de responsabilidade. Toby tinha razão. Devia sentir-se aliviado. Não mais brincadeiras de seus amigos. Não mais tolices de "pretendente cativado". Como Lucy mesma disse. Temos que terminar com os jogos.

—E devo admitir que me sinto aliviado também — disse Toby. — Não tinha nenhum desejo absolutamente de discutir essa cena com o Henry.

—Discutir que cena com o Henry? — Henry entrou na sala e foi imediatamente para o brandy. Toby olhou ao Jeremy, arqueando as sobrancelhas.

Jeremy deu uma ligeira sacudida de cabeça dirigindo-se ao Toby. O jogo terminara. Não ganhava nada transtornando ao Henry por uns quantos beijos. Jeremy se inclinou sobre a mesa e centrou seu olhar na bola de marfim.

—Está falando a respeito de sua tia Matilda — disse. — Terá que pôr fim a seu perambular, Henry. Toby despertou ontem de noite para encontrá-la parada sobre sua cama de camisola.

Toby se afastou da mesa e tossiu violentamente contra sua manga. Jeremy conteve o tiro.

—Sério? — perguntou Henry.

Com seu acesso de tosse já acalmado, Toby se voltou com rosto solene. Estremeceu-se dramaticamente.

—Deu-me pesadelos.

Henry se pôs a rir.

—Suponho que será melhor que assegure fechada sua porta esta noite, homem.

—Melhor ainda— disse Jeremy— deveria colocar um lacaio no corredor. Assegure-te de que ela permaneça em seu quarto — empurrou o braço para frente, seus pensamentos se enfocaram o um pouco por completo diferente a ela. Sua bola branca ricocheteou no lado oposto da mesa, e logo ricocheteou de novo à esquerda contra a bola vermelha, afundando-a em um canto; logo se

conectou com a bola branca do Toby e a perseguiu em escalada até colocá-la dentro de um buraco lateral.

Henry deu um assobio de apreciação.

—Boa jogada — disse, sorvendo sua bebida. — E terá que colocar um lacaio.

CAPÍTULO 8

—OH, bem feito! — Sophia ficou sem fôlego, rompendo em aplausos.

—Não é nada— disse Lucy, ajustando outra flecha em seu arco. Era muito satisfatório por fim ser melhor que a senhorita Hathaway em uma ocupação aceitável, própria de uma dama. Sophia poderia ter a vantagem na pintura, o bordado, cartões, e escrever cartas, mas Lucy a vencera à hora do arco e flecha. Não havia muita gente que Lucy não pudesse ganhar no arco e flecha. Agora que o pensava, não havia ninguém que ela conhecesse.

Lucy levantou o arco ao ombro e retraiu a corda.

—Se quer dar no alvo, é tão simples como isso: querê-lo. Algumas pessoas lhe falarão sem parar da técnica apropriada. Analisarão a linha de seu braço, a forma de sujeitar o arco, o tempo que se leva a soltar. Umas absolutas tolices. Eu simplesmente miro o centro do alvo, e o quero. Concentro-me e espero e o quero. Espero até que o resto do mundo desapareça, e a única coisa que fica é minha flecha, o alvo e o desejo — seu olhar se reduziu e seu discurso se abrandou. — E quando os quero colidir com tanto desespero que posso sentir que a flecha o quer, também... então, a solto —soltou a corda e viu a flecha zumbir e dar no alvo.

Sophia aplaudiu de novo.

—Magnífico! Podemos tentá-lo novamente?

—Se gostar. vou recuperar as flechas.

—Caminharei com você — Sophia enlaçou seu braço com o de Lucy, e Lucy a olhou com receio. As duas começaram a caminhar atravessando a grama para o alvo: um gordo bufão, suas cores de palhaço contrastando com uma cortina de bosque escuro.

—Tenho-lhe muita inveja, sabe — disse Sophia enquanto caminhavam. A manhã era cinza e nublada, e ainda permaneciam no chão rastros da geada da noite anterior. A umidade transpassava as botas de Lucy alcançando os dedos de seus pés.

—É só arco e flecha — respondeu ela.

—OH, não— riu Sofía. —Você é brilhante com um arco, o asseguro. Mas não é essa habilidade a que invejo.

—Então, o que?

Sophia baixou a voz até um sussurro, embora não havia ninguém que escutasse.

—Ontem. No pomar. Vimo-los.

—OH. Isso.

—Foi terrivelmente emocionante? Como se sentiu? Como era ele? Tocou-a... por toda parte?

Lucy ficou boquiaberta ante sua acompanhante. Ela pensava que certamente a senhorita

Hathaway devia estar burlando-se, mas não. A expressão da Sophia era honesta, ansiosa de saber. Nem sequer estava ruborizada.

Considerou brevemente responder às perguntas com franqueza. sentia-se poderosamente tentada. Enfureceu-se com o Jeremy no dia anterior, quando insistiu em que os vissem. Agora ela o desprezava com força, porque ele esteve certo. Toby finalmente a olharia não como uma menina, mas sim como uma mulher. E finalmente Lucy poderia falar da desassossegada tempestade de sensações que um beijo com alguém podia desencadear... embora esse alguém fora o inimigo.

Foi terrivelmente emocionante? Sim, que o diabo o leve. Que o diabo o leve a ele. Sim.

Como se sentiu? Perversa e maravilhosa. Como um enxame de abelhas zumbindo debaixo de sua pele, lhe fazendo cócegas na nuca e no dorso de seus joelhos. Umas quantas picadas atrasadas cravavam sua memória mesmo agora.

Como era ele? Como pãezinhos quentes recém saídos do forno, regados com uísque.

Tocou-a por toda parte? Não. Mas, Senhor, desejou que o fizesse.

Lucy considerou uma grande tragédia ter deixado passar perto de vinte anos de sua vida sem beijar a ninguém. Estava muito impaciente por prová-lo com o homem que realmente amava. Foi tentador pôr em marcha seu plano original a noite anterior, mas ela não quis lhe dar ao Jeremy a satisfação. Podia ganhar o coração do Toby, sem enganos ou tentações. Necessitava só a oportunidade, uns poucos minutos a sós com ele. E, evidentemente, precisava encontrar essa oportunidade antes que Sophia encontrasse a sua.

—Se eu fosse tão afortunada — disse Sophia. — estive esperando e esperando por um momento apaixonado, mas Sir Toby é um modelo de decoro— o disse com um desgosto tão óbvio, que Lucy pensou que ela poderia haver dito, Sir Toby tem sífilis.

—Não o deixou beijá-la? — perguntou, quase com medo da resposta.

—O teria deixado — respondeu Sofía com incômodo, — mas não o tentou sequer.

Lucy sentiu um estremecimento queimando por seu pescoço, e ela o apertou entre suas omoplatas, erguendo-se mais como resultado. Toby não podia estar apaixonado pela Sofía. Não tentou beijá-la.

Ela e Jeremy não sentiam quase nada um pelo outro salvo rancor, e compartilharam cinco beijos até agora. Cada um melhor que o anterior.

—Às vezes parece como se queria — continuou Sophia. — Seus olhos ficam frágeis, e fica olhando meus lábios — enrugou seus rasgos em uma máscara vesga, e Lucy riu a pesar dele. — Mas então, nada. Clareia a garganta, faz uma coisinha estranha com seu pescoço, e logo troca por completo o tema de conversação. Pela geometria por incrível que pareça!

—Geometria? — Lucy estava desconcertada. O que sabia Toby da matemática poderia caber na cabeça de um alfinete. Tentou imaginá-lo mantendo uma conversação real sobre o tema. Fracassou absolutamente.

—Absurdo, não? Terá que me dar um beijo algum dia. Suponho que está esperando nosso compromisso.

A pequena e cálida emoção entre suas omoplatas se converteu em gelo.

—Espera que se declare logo?

—Kitty diz que qualquer dia destes.

—Não parece muito entusiasmada com a ideia. — Chegaram até o alvo desenhado, e Lucy começou a tirar as flechas do alvo cheio de palha. Fechou a mão ao redor de um eixo, que aterrissara no centro. Ela se congelou. Mas, é obvio. Como não o pensara antes? Durante todo este tempo em que esteve tentando evitar o compromisso de Toby e Sophia, esteve apontando ao objetivo equivocado. Inclusive se Toby estava decidido a lhe propor matrimônio à senhorita Hathaway, não necessariamente significava que Sophia estava obrigada a aceitá-lo. voltou-se para a Sophia. — Você não quer casar-se com ele, verdade?

Sophia encolheu os ombros.

—OH, espero que sim. Ao menos, todos os outros esperam que o faça. Kitty fala e fala do casal esplêndido que fazemos. Sir Toby é muito bonito, e do mais afável. Conversamos sobre todo tipo de temas e nunca estamos em desacordo. E está o título. Quando nos casarmos, serei Lady Aldridge, o que será satisfatório.

—Será-o?

Sophia mordeu os lábios e seu olhar se perdeu no horizonte.

—OH, Lucy, temo-me que não. Sir Toby me admira, sei. Mas eu não quero ser só admirada — devolveu o olhar a Lucy, seus olhos iluminados de malícia. — Quero ser desejada. Quero verdadeira paixão. Quero o que você tem com Lorde Kendall.

Lucy conteve uma gargalhada. Qualquer um que parecesse que fosse a fantasia da Sophia a respeito da "verdadeira paixão", não poderia assemelhar-se à verdade das coisas entre o Jeremy e ela. Mas a verdade das coisas não vinha ao caso. Se sua aparente felicidade com o Jeremy levava a Sophia a procurar a felicidade com outro homem que não fosse Toby, Lucy exsudaria sorte romântica.

—Gostaria de ouvir a respeito da verdadeira paixão, então? — perguntou, girando-se para retornar pela grama.

Sofía agarrou seu braço com força.

—OH, sim! conte-me isso tudo. O que sente quando se aproxima? Seu coração começa a revoar loucamente? Sente como se pudesse deprimir-se?

—Nada mais longe disso— respondeu Lucy com sinceridade. — Deprimir-se seria por completo equivocado. Quando um homem te beija, quer estar acordada. Assim é como alguém se sente quando um homem apaixonado se aproxima. Acordada, cada centímetro de si. Acordada, e... — procurou em sua mente uma palavra apropriadamente estremecedora — te formiga — terminou em um sussurro.

—Se sente formigar? — as faces cor marfim da Sophia se tingiram de uma cor rosa brilhante.

—Se sente formigar. Por todos lados. Cada canto esquecido do corpo formiga como louco. Inclusive os espaços entre os dedos.

—Só ao estar perto dele?

Lucy assentiu.

—E depois? — disse Sophia. — Quando a toca, então, o que acontece?

Lucy o considerou.

—Um raio — disse. — Todos os formigamentos se precipitam em uma descarga lhe liquefazendo. E a descarga vai direto ao centro do peito e espreme todo o fôlego. E só por um mínimo momento, a gente teme não recordar como respirar, nunca mais.

Sophia se estremeceu contra seu braço e Lucy sorriu. Ai, mas que grande diversão era corromper a angélica senhorita Hathaway.

—E depois? — perguntou Sophia, sem fôlego.

—Então, se tiver sorte, beija-a, e se esquece de respirar por completo.

Chegaram ao extremo da grama, e Sophia ajustou uma flecha a seu arco.

—Continue — apressou ela, puxando a corda.

—E então — disse Lucy lentamente, — é muito parecido a retrair um arco. Sente-se tudo esticando-se e há um, um... desejo construindo-se em algum lugar, dentro, no profundo. O mundo inteiro começa a cair —fechou sua mão em um punho, apertando os dedos ante a lembrança de uma lapela de lã áspera. — Até que só fica ele e você...

—É o desejo — terminou Sophia, lançando uma flecha que aterrissou justo à esquerda do centro. — Sim — suspirou ela, — isso é exatamente como se sente para mim.

Lucy sacudiu sua cabeça, de volta ao presente.

—Mas pensei que disse que Toby não a beijou!

—Não o fez — Sophia colocou outra flecha em seu arco, sua sobrancelha se arqueou à altura de sua corda. — Isso não quer dizer que nunca me beijaram.

—Mas — balbuciou Lucy — quem?

—Prepare-se para algo verdadeiramente escandaloso — estreitou seu olhar dirigindo-o ao alvo. — O ano passado, mi...

—Não! — Lucy lhe deu uma palmada ao braço da Sophia. O arco se afrouxou.

—Bom, não é tão escandaloso — disse Sophia, decepcionada. — Atreveria-me a dizer que você será capaz de dormir de noite depois da narração.

—Não, não é isso — Lucy observou o bosque atrás do alvo, seu olhar vagando pela cortina de fundo castanho e verde. Aí estava de novo. Um brilho de azul profundo onde não pertencia. — É a tia Matilda. Está vagando outra vez.

Ela começou a correr pela grama, vagamente consciente que Sophia a seguia.

—Tia Matilda! — chamou, fazendo ranger a moita. O som de ramos rompendo a guiou para a esquerda, e se internou mais profundamente no bosque, seus olhos procurando o caminho a seguir ante qualquer vislumbre de azul.

—Faz isto frequentemente? — Sophia esquivou um ramo baixo.

—Sim — respondeu Lucy com irritação. — O que seja que Henry está pagando a sua enfermeira, é três vezes demais. Realmente, que tão difícil pode ser manter uma idosa senil em seu lugar? Não é como se ela fosse especialmente rápida nos pés.

Lucy viu adiante um turbante azul flutuando entre as árvores.

—Aí está — cavou as mãos ao redor da boca. — Tia Matilda! —o turbante ficou flutuando.

—Não acredito que ela a escute.

—Não, nunca o faz. Está completamente surda.

—OH. Então por que lhe grita?

Lucy se arrepiou de irritação, mas se conteve. Redobrou seu passo por uma trilha de caça semeado de folhas, deixando a Sophia que lutasse entre as moitas por sua conta. Em realidade, seguiria o jogo da Sophia até certo ponto, não lhe permitiria que a fizesse parecer uma estúpida.

—Uf!

Algo invisível prendeu seu tornozelo, enviando-a esparramada ao chão do bosque. Suas unhas se afundaram no musgo esponjoso. Ela não necessitava a Sophia para fazê-la parecer estúpida, pensou com tristeza. Fazia uma grande idiota de si mesma com regularidade.

Girou com cuidado. Seu tornozelo estava preso sobre..., ou mas bem, preso em algo. Ela puxou contra a resistência, e uma aguda pontada de dor foi sua recompensa. Lucy se sentou e levantou a prega de sua saia para investigar. Uma corda fina se enrolou ao redor de seu tornozelo por cima de sua bota; um pequeno laço que se apertava mais com cada movimento que fazia.

—Maldição — murmurou enquanto Sophia corria a seu lado.

—Lucy, o que é?

—É uma armadilha — puxou a corda, trabalhando com os dedos sob o cordão. — Vá à tia Matilda.

—Não... OH, sim.

—Seria tão amável de ir atrás dela, por favor?

—Não acredito que seja necessário.

—O que quer dizer? — Lucy desatou a bota e a deslizou fora, então começou a afrouxar a corda sobre seus calcanhares com meias. — É obvio que é necessário. Não queremos perdê-la. Eu estarei bem.

—Não vamos perdê-la. Já a encontrou.

Lucy levantou a vista de seu pé, exasperada. Uma réplica cortante picando a ponta de sua língua. Sophia não podia prescindir dos comentários recatados? Não era como se Toby estivesse pelos arredores, depois de tudo.

OH. Mas o estava.

Toby e os outros três homens estavam caminhando para elas. Henry os guiava, o braço da tia Matilda metido firmemente no seu. Felix e Toby conversavam amigavelmente enquanto os seguiam. Jeremy ia no final do grupo.

—Olá, Lucy — Henry se deteve abatendo-se sobre ela. — Necessita que lhe resgatem, também?

—Não — soprou ela, finalmente deslizando a alça da corda fora dos dedos de seus pés e colocando seu pé com força de volta em sua bota. — É uma armadilha, é tudo. Tinha a vista posta na tia Matilda, e não olhei onde pisava.

—Quem coloca armadilhas nesta parte do bosque? — Felix dirigiu sua pergunta ao Henry.

Henry encolheu os ombros.

—Os inquilinos, suponho.

—Caçadores furtivos, quer dizer — disse Jeremy. Sua voz era baixa e concisa.

—Se chamas a um homem caçador furtivo porque apanha uma lebre para alimentar a sua família de vez em quando — disse Henry, — então suponho que são caçadores furtivos. Eu mesmo sou da ideia de fazer a vista grossa.

—Não sou eu quem os chama assim. Faz-o a lei — a gravidade na voz do Jeremy baixou a um grunhido. — Esta é sua terra. Se fizer a vista grossa à lei, fomenta a anarquia. As pessoas— assinalou a Lucy sem voltar o olhar — resultam feridas.

Henry deu um bufo desdenhoso.

—A lei enviaria a um homem a Austrália pelo bem de uns quantos animais miseráveis. Deveria deportar a todos meus agricultores porque me ressinto de umas poucas lebres? Não se trata de Cambridge, e te agradecerei que termine com este sermão. Como disse, é minha terra. E Lucy está bem.

A mão do Jeremy se enroscou em um punho a seu flanco.

—Como sabe que Lucy está bem? — demandou— Não lhe perguntaste. E deveria?

Lucy o interrompeu.

—Em realidade, ninguém perguntou — ela tomou a mão do Felix que lhe oferecia e ficou de pé, sacudindo a sujeira das mangas de sua jaqueta. — Mas Lucy está bem. A única pessoa que Henry deveria enviar a Austrália é a enfermeira de tia Matilda. De verdade, Henry. Esta é a terceira vez este mês.

Todos se voltaram a olhar à tia Matilda, que aproveitou a pausa para rebuscar nas dobras de sua saia por sua tabaqueira. Sophia foi a seu lado e pôs um braço sobre os ombros da idosa.

—Ela nem sequer tem uma capa, a pobre.

A tia Matilda soprou e cuspiu um pingo de tabaco.

—Encantador.

Jeremy tirou o casaco e bruscamente o estendeu a Sophia. Com um olhar de despedida ao Henry, deu meia volta e se afastou em direção aos estábulos. Lucy se alegrou de lhe ver as costas. E não porque seus amplos e musculosos ombros parecessem tão irritantemente esplêndidos sob o linho engomado de sua camisa. Sabia que estava furioso com ela pelo incidente no pomar. Apenas a tinha cuidadoso desde a tarde anterior. Se tinha algum juízo, deveria estar furioso consigo mesmo. Ser vistos juntos foi sua grande ideia. Mas furioso com ela ou consigo mesmo, não tinha nenhum motivo para meter-se em uma discussão sem sentido com o Henry.

Os caçadores furtivos, seu pé.

Ouch. Ela fez uma careta quando trocou seu peso. Seu pé.

Sophia colocou o casaco de Jeremy sobre os ombros da tia Matilda, e a frágil solteirona desapareceu dentro de suas grandes proporções. Parecia uma coluna de lã marrom rematada por um turbante azul.

—Será melhor levá-la para casa — disse Felix. — O vento começa a fazer-se mais forte. Parece que vai chover — se adiantou para a mansão. Henry e Sophia o seguiram, guiando à tia Matilda entre eles.

—Está bem, Lucy? — perguntou Toby. — Não está ferida absolutamente?

—É obvio que não — ela deu um passo firme, e seu tornozelo se torceu explodindo de dor.

Ela vacilou, mas de repente Toby estava ali, escorando-a com o braço.

Seu braço se estendia por suas costas. Sua mão, enroscada ao redor de sua cintura. Seu tudo, ali mesmo, contra o dela. Se seu tornozelo não lhe pulsasse, Lucy teria saltado de alegria. Ela era brilhante. Realmente se repreendera por tropeçar com essa armadilha? Honestamente se havia sentido envergonhada de ter ativado um dispositivo desenhado para apanhar a roedores com um pequeno cérebro? Bom. Nunca esteve mais equivocada. Tropeçar com esse pequeno laço era o mais preparado que fez em anos.

—Meu tornozelo... parece que o torci — Lucy tentou dar um passo mais. A dor que sentiu foi menos intensa esta vez, mas deu um pulo espetacular para lhe dar mais dramatismo.

—Só te apoie em mim.

Em um sonho perfeito, a teria elevado arrebatado em seus braços e levado de volta à mansão. Mas isto não era um sonho, recordava-se com cada passo dolorido, coxeando. Isto era a realidade ao vivo, acordada, de carne e osso, e o que é mais: era sua oportunidade.

Tinha tantas coisas que lhe dizer. Por onde começar? Ela imaginou e descartou uma série de audazes declarações.

Toby, amei-te desde que era menina. Muito no passado, disse-se. Falar sobre o presente.

Toby, não pode te casar com a Sophia Hathaway. Era provável que fosse melhor não mencionar os inimigos. Enfocar-se no futuro.

Toby, me faça sua esposa e nunca te arrependerá. Esquentarei sua cama, e te darei bebês formosos, e nunca, bom, quase nunca estaremos em desacordo. Lucy se mordeu o lábio. Talvez um pouco muito rápido?

Averiguar o que dizer era só a metade do problema. A outra metade, encontrar um momento para dizê-lo. Toby falava incessantemente enquanto faziam seu lento avanço para a casa.

—Foi uma sorte que decidíssemos cortar nossa caça desta manhã — dizia. — Estávamos mais para a borda oriental do bosque, e o céu se ia pondo cada vez mais escuro. Forma-se uma boa tormenta, pensou Henry. Este vento tem dentes de javali, diria eu. Estranha época do ano para este vento. Mas não inaudito, note. Foi faz três anos que tivemos essa neve justo antes que a temporada de caça de raposas começasse? Talvez só dois.

Lucy abriu a boca para lhe dizer que foram quatro anos, mas nunca teve a oportunidade.

—Sim, foi uma sorte que nos retornamos quando o fizemos. Uma extraordinária. Imagine — disse — poderia ter estado aqui no bosque com uma tia desobediente e um tornozelo torcido e a ponto de chover...

Agora o tema do tempo era chegar a alguma parte. Sim, pensou, assentindo com entusiasmo. Imagina o perigo. Ela esteve perfeitamente bem, é obvio, mas uns poucos instintos masculinos de amparo nunca podiam cair mal.

—Imagina — disse, — a pobre senhorita Hathaway não teria sabido o que fazer.

A pobre senhorita Hathaway! gemeu Lucy.

Os passos de Toby e seu discurso fizeram um alto.

—Sinto-o muito. Estou caminhando muito rápido?

—Não... Bom, sim. É só... — ergueu seus olhos para ele. Ele baixou o olhar para ela. Seus olhos eram de um castanho claro, paciente, com um toque dourado e nada de frágeis.

Ela lambeu e franziu os lábios, mas o olhar do Toby nunca se separou do dela.

—Acha-me bonita?

As palavras saíram antes que pudesse as deter. Saíram e ecoaram no bosque, ricocheteando nas árvores, ressonando no espaço silencioso entre eles. Não podia as recuperar. Não queria fazê-lo, se pudesse.

O cenho de Toby se enrugou pela surpresa. A tensão se atou no estômago de Lucy.

—Bem... sim, é obvio — ele clareou sua garganta. — É uma garota muito bonita, Lucy.

Já está. Havia-o dito. Era bonita. Sir Toby Aldridge a achava bonita. Lucy estava satisfeita. Nunca precisaria escutá-lo de novo.

—De verdade? — uma vez mais não viria mau.

—De verdade e realmente — as palavras brotaram de seus lábios tão à ligeira, que ela se desesperou porque ele não as dissesse a sério. Mas logo tomou o queixo na mão, e seu olhar vagou lentamente por seu rosto. Lucy conteve a respiração.—Tem os olhos mais formosos — disse brandamente. — E esse cabelo? — sorriu e colocou uma mecha detrás de sua orelha — Um homem pode perder-se nesse labirinto e não encontrar a saída.

Seus lábios estavam a poucos centímetros de distância. Muito perto. Se ela estirasse seu pescoço um pouco... e então ele inclinava sua cabeça uma fração...

OH, mas o faria ele? Ela não sabia. Esteve conversando como louco, mas não dissera uma só sílaba de geometria.

—A próxima temporada — disse, — irá a Londres, e terá um montão de pretendentes te pisando os calcanhares. Henry terá que te defender com um pau.

—E você?

—Eu?

—Onde estará a próxima temporada?

—Ali mesmo contigo — passou um dedo por sua face e sorriu. — Levarei minha própria vara.

Logo voltou seu olhar para o caminho e começou a caminhar de novo. A pesar que seu tornozelo se sentia quase bem, Lucy se aferrou a ele com mais força que nunca.

Caminharam em silêncio. O céu estava obscurecendo. Uma mordida de vento gelado atravessou o tecido da jaqueta de Lucy, mas um sorriso lhe esquentou a cara. A próxima temporada, Sir Toby Aldridge afugentaria com um pau a seus admiradores. A ideia era ridícula e muito bárbara e o mais romântico que já ouviu jamais. É obvio, pergunta-a seguia sendo... espancaria a metade da sociedade por um afeto fraternal ou por um amor ciumento?

Neste momento, não importava. A próxima temporada podia esperar. Toby lhe dissera que era bonita, e seu braço estava ajustado em sua cintura. Neste momento, isto se sentia como tudo o que ela sempre desejara.

OH, Toby, as verdadeiras palavras vieram a ela agora, você é a única pessoa no mundo que me faz sentir perfeita tal como sou. Que nunca me condena ou me reprova ou quer que mude. E se te casar com a Sophia Hathaway, temo-me que seguirei minha vida sem sentir desta maneira

outra vez. Agarrou com força seu casaco. Toby, se te perder, temo que me vou perder também.

Mas seu orgulho nunca lhe permitiria dizer estas palavras.

À medida que finalmente se aproximavam da casa, Toby perguntou:

—Como está seu tornozelo? muito melhor?

Ela assentiu com a cabeça. O latejamento de seu tornozelo se acalmaram. Tudo o que ficava era um leve formigamento.

Lucy franziu o cenho. Devia lhe doer. Devia ter quebrado um osso, e a comoção deixar o resto de seu corpo intumescido. Porque ela caminhou um quarto de quilômetro apoiada no braço do Toby, e podia assegurar que lhe formigava o tornozelo como louco... podia assegurar também que não lhe formigava em nenhum outro lugar.

CAPÍTULO 9

A tormenta desatou pela tarde.

Jeremy tentou evitá-la adiantando seus arreios, mas a chuva o alcançou nos campos do sul. Foi uma volta longa, úmida e lamacenta de retorno à mansão. A chuva fria empapou sua camisa e o colete, colando o linho e a seda a sua pele. Menos mal que já não tinha seu casaco. Não havia nada mais repugnante que o aroma da lã úmida.

E o frio lhe fazia bem. A chuva lhe fazia bem.

Partira cavalgando possuído de uma raiva cega, furioso com o Henry além de toda razão. E sabia, por anos de experiência, que a única coisa que servia para tratar uma ira como essa era cavalgar. Cavalgou duro e rápido, até que sacudiu o demônio que respirava em seu pescoço. Ou uma chuva gelada que o arrastasse.

Estava malditamente cansado de ver que Lucy saísse machucada. No espaço de uma só semana, quase se afogara no arroio e quase a derrubara um cavalo. Era completamente irracional vê-la presa por um pedaço de corda lhe causasse um pânico que o enrijeceu o peito.

Mas o fez. É obvio que o fez.

Jeremy podia caminhar os sete moderados da Terra e os nove círculos do Inferno e nunca ouviria um som mais repugnante que o surdo esticar proveniente de uma corda de uma armadilha. Porque em sua mente, esse som sempre seria o eco do estalo de um disparo ensurdecedor. Seguido pelo mais terrível, inquietante som de todos: nenhuma advertência, nenhum grito. Só silencio. Anos de silêncio.

Disse-se que poderia ter sido qualquer um. Se fosse Sophia, a tia Matilda ou inclusive Toby quem tropeçasse com a armadilha, teria reagido igualmente.

Mas isso seria uma mentira.

Lucy era diferente.

Ao voltar para os estábulos, empapado de chuva e livre de ira, Jeremy o viu claramente: exatamente o porquê a manteve a distancia desde o dia em que Toby quase lhe dispara na cabeça. Lucy tinha escrito "desastre iminente" em toda ela, e Jeremy vira sua cota de desastres por toda uma vida.

Mas Lucy se negou a manter-se afastada. Ela seguira chateando-o, provocando-o, incomodando-o com os chamarizes de pesca e o xadrez. E agora irrompera em seu quarto e se arrojou direto em seus braços. Essa distancia segura se reduziu a espessura de duas capas de roupa. E debaixo da roupa se encontravam as suaves, enlouquecedoras curva e a tenra pele dourada. A luxúria gritara por cobrar vida dentro dele, mas algo mais, também. Algo que não queria examinar muito de perto, nem queria lhe nomear.

Quando por fim entrou na mansão, jorrando água e deixando um rastro de barro no chão de mármore, Jeremy nem sequer foi capaz de ir diretamente a seu quarto e arrumar seu aspecto. Não, precisava vê-la primeiro.

Assegurar-se que não estava estendida em uma cama com um tornozelo quebrado ou sentada ainda no bosque, congelada em meio da chuva. Encontrou-a na sala. Encontrou a todos na sala. E a julgar por seus olhares surpreendidos quando entrou, todos o acharam com um aspecto impressionante.

Felix rompeu o atônito silêncio.

—Desfrutou de seu passeio, Jem?

—Muito — o silêncio caiu de novo no salão, salvo pelo leve som da destilação.

Os olhos de Jeremy se dirigiram a Lucy quando ela se sentou no assento da janela. Parecia seca e bastante bem, e inconvenientemente atraente, envolta em um xale de encaixe, cinza pérola, que deslizara de um ombro. Ela evitou seu olhar.

Todos os outros, pelo contrário, não deixavam de olhá-lo.

—Meu casaco? — perguntou Jeremy.

—O dei a seu ajudante de câmara — disse Henry.

—Bem— uma trilha de água corria por sua fronte. Jeremy se secou com o punho, resistindo as vontades de sacudir-se como um cão molhado. — Então irei trocar me.

—Não se atrase muito — disse Marianne, tendo recuperado a compostura. — Estamos a ponto de jogar jogos de salão. A maneira perfeita de passar uma tarde de chuva. Não está de acordo?

Jeremy não estava de acordo absolutamente, mas ele fez um gesto cortês. Preferia ser esquartejado a passar a tarde jogando jogos de salão. Não sentiriam a sua falta. Simplesmente se deslizaria até seu quarto e convenientemente esqueceria de retornar. Nada mais simples.

Ele trocou seu peso, e seu pé deformou ligeiramente a bota.

—Só porque o clima mudou — disse Sophia, — não quer dizer que os homens devam renunciar a seu esporte por completo. Ainda nos podemos arrumar para um pouco de caça, — ela arqueou uma sobrancelha em direção ao Toby.

Entretanto, a atenção do Toby estava enfocada no assento da janela. Estava olhando, olhando, realmente, a Lucy. Jeremy decidiu que não havia nenhuma razão para iniciar uma rápida retirada. Já estragara o tapete.

—Do que está falando? — perguntou Kitty a sua irmã.

—Esta é uma magnífica casa, e estive desesperada por explorá-la — continuou Sophia. — por que limitar nossos jogos à sala? — seus olhos brilharam, e sua boca se torceu em um sorriso

malicioso. —Vamos jogar gato e ao rato.

Ante isto, Lucy ergueu o olhar. Seus olhos se encontraram com os do Toby, e então ambos afastaram o olhar em um instante. *Maldita seja.* O que passou entre eles enquanto ele esteve fora cavalgando com seus demônios?

Ele recordou as últimas palavras de Lucy que lhe disse no pomar. As palavras que apagaram seu beijo de seus lábios e haviam tornado sua boca suave, flexível em uma de pedra. vou dizer ao Toby a verdade. Certamente não o fez.

O olhar de Lucy voltou por um instante para o Toby. Logo se voltou para a janela, olhando a chuva sem vê-la em realidade. Lentamente fez girar uma mecha de cabelo ao redor de seu dedo e a levar-lhe aos lábios. *Pensando.* Planejando.

Certamente não o fez... ainda.

—Um jogo de crianças? — Kitty jogou com um de seus braceletes. — Por que em troca não só jogamos às cartas?

—OH, não — disse Henry, passando seu olhar de Kitty a Sophia. — Não o posso permitir. Uma tarde mais de cartas com vocês, damas, e uma se apropriará do Waltham Manor.

—Acredito que é uma ideia estupenda, Sophia— disse Felix. — Mas advirto a todos, sei justo o lugar onde esconder. Vocês não me acharão durante dias.

—A despensa? — perguntou Lucy, sem deixar de olhar pela janela.

—Co... — Felix se ruborizou — Não. Não estava pensando na despensa absolutamente. Que absurdo— tomou o atiçador e agitou o fogo, resmungando um juramento às chamas. — A despensa, realmente.

—Então, está arrumado — Sophia tirou palitos da caixa e começou às cortar com sua navalha. —- Só temos que escolher um buscador — as amontoou no punho e as ofereceu. Dirigiu-se primeiro ao Jeremy, mas ele declinou com um ligeiro movimento de sua cabeça.

Sua negativa não pareceu ofender à senhorita Hathaway. Entretanto, quando ofereceu os palitos ao Toby, moveu um pouco a mão. Um tipo diferente de olhadas se trocou entre os dois. Jeremy não foi o menos surpreso quando, uma vez que o último dos palitos teve terminado a ronda, Toby levantou o mais curto.

—Ah, Toby— disse Henry. —Sempre suspeitei que seu palito era o mais curto.

Marianne lhe deu um pontapé sob a mesa.

—Henry! Estamos em uma reunião social — dirigiu um olhar de desculpa a Kitty e a Sophia. As irmãs mostraram umas expressões muito inocentes.

—Estamos a ponto de jogar um jogo de crianças — se queixou Henry, esfregando-a tíbia. — Só tentava entrar no clima.

Sophia deu umas palmadas.

—Vamos começar, de acordo? Em sua mente, Sir Toby, deve contar até cem, muito lentamente. Devemos ter tempo suficiente para encontrar nossos esconderijos.

—Não se preocupe, senhorita Hathaway —disse Henry, levantando-se de sua cadeira e puxando seu colete para firmá-lo. — Muito lentamente é a única maneira que Toby pode contar. De fato, duvido que vá chegar a cem sem perder-se e começar de novo ao menos duas vezes —

Marianne lhe deu uma cotovelada nas costelas. —Ai!

Toby sorriu.

—Iria até aí e te daria uma surra, Waltham, mas não vou desperdiçar o esforço. Sua esposa está fazendo o trabalho admiravelmente.

—Irei esconder-me antes que Toby conte até dez — disse Lucy, levantando-se do assento da janela. Ela se aproximou de Toby com um olhar afiado e um pequeno sorriso— Com um tornozelo lesado, não posso ir muito longe. Parece que vai ser muito fácil me encontrar.

Jeremy se estremeceu. O flerte de Lucy não era o mais delicado. Ela empregava suas artimanhas femininas com toda a sutileza de um elefante sapateando uma valsa. Surpreenderia-lhe que a tia Matilda não tivesse compreendido o convite.

Disse-se que não deveria lhe importar. O resto do grupo poderia estar preparando-se para iniciar esta diversão infantil, mas ele terminara com os jogos. Lucy não era sua irmã ou sua admiradora. Ela não era seu problema. Ela não era seu nada, disse-se com severidade. Ela não era sua, absolutamente.

Toby ficou flanqueado por Lucy e Sophia. As duas damas o olhavam espectadoras, atirando sua atenção em duas direções opostas. Clareou-se garganta.

—Suponho que todos entendemos o objetivo, então — seu olhar saltava de uma dama à outra. Parecia um homem que o estiravam no potro.

Ao Diabo. Jeremy se voltou sobre seus calcanhares empapados e saiu rapidamente do salão em direção às escadas.

—Isso é armadilha, Jem— disse Henry atrás dele. — Mas não acredito que sua vantagem te vá servir de muito. Está deixando um rastro de água.

ꕥꕥꕥ

Lucy esperava em seu armário.

Ela sempre pensou nele como seu armário, apesar de que em realidade pertencera a seu pai. Apesar de que não estava em seu quarto, e não tinha nenhum de seus objetos de vestir. O armário se localizava em um canto do corredor do primeiro piso, em frente à porta do escritório de Henry, e estava acostumado a estar vazio, salvo quando ela o ocupava.

Ela se apoiou contra os painéis de madeira do fundo do gabinete. Diáfanos farrapos de luz se filtravam através da persiana na parte superior das portas, salpicando a musselina verde de seu vestido com manchas douradas. Ela fechou os olhos e respirou fundo, empapando-se dos aromas secretos que nunca se perdiam: uns toques provocadores de especiarias e tabaco e sal marinho e rum. Os aromas da Tortola, como ela sonhava que devia ser.

Seu pai havia trazido o gabinete das Índias Ocidentais, ao chegar ao Waltham Manor. Lucy não podia imaginar como um navio conseguira manter-se a flutuação levando este armário monolítico. De menina, ela teve que sujeitar-se à maçaneta esculpida com ambas as mãos e reclinar-se sobre seus calcanhares só para abrir a maciça porta. O exterior do armário era esculpido com parras e folhas e flores que floresciam por toda a superfície em patrões sinuosos e

pagãos. Lucy juraria que cresceram e trocaram muito ligeiramente com o tempo.

Dentro, entretanto, os painéis de ébano eram sólidos e suaves. Como pedra polida, mas quente ao tato. Uma cova profunda, escura, a que lhe disparavam flechas de luz. Aqui passou encerrada horas incontáveis. Escondendo-se de babás e governantas. Fugindo da culpa de alguma travessura que fizera. Escutando ao Henry e a seus amigos beber e falar até bem passada a hora de sua hora de deitar-se. Esperando que sua mãe morresse.

Mesmo a pesar que crescia e ficava mais alta, o espaço dentro do armário nunca parecia encolher-se. Sempre havia lugar para dois. Duas dela. Estava Lucy: problemática, órfã, moleque; e estava a outra menina. A melhor. A menina que abriria de um empurrão a porta de ébano e sairia a uma praia de areia branca na Tortola, balançando-se da mão com sua mãe em um lado e seu pai do outro. A menina que era formosa e elegante, de pele clara e cabelo amarelo e perfeitos joelhos, sem arranhões. A menina que em realidade era uma princesa adormecida a espera de seu príncipe de cabelo dourado que viria a despertá-la com um beijo.

Lucy suspirou. Tinha quase vinte anos e já não era uma menina. Seus pais morreram, e nunca veria Tortola. Sua pele era azeitonada, e seu cabelo era castanho, e esfolara seus joelhos uma vez mais essa mesma manhã. E se seu príncipe de cabelo dourado não vinha por ela hoje... nunca o faria.

Lucy sabia exatamente por que Sophia sugerira esta diversão. Queria encontrar um canto escuro, oculto da casa e, então abandonar-se ao Toby. Sophia queria seu momento de paixão. Mas, o que queria Toby? Mais ainda, a quem queria Toby? Lucy sentira seu olhar sobre ela na sala. Surpreendeu-o olhando-a mais de uma vez, e a expressão de seu rosto era totalmente desconhecida. Totalmente desconhecida, e portanto, totalmente ilegível. Lutou contra a tentação de sair de seu esconderijo e ir buscá-lo. Se a conhecia, saberia que estaria aqui.

Se queria encontrá-la, faria-o. E se não... não o faria.

Ouviu uns passos pesados que se aproximavam. Se abrandaram. Detinham-se frente ao armário. As duas portas do armário se abriram, dissipando a escuridão.

—Lucy, sai daí — Jeremy se abatia sobre ela, sua silhueta sombria enchendo o marco de ébano.

—Vai-te — chiou ela, elevando uma mão até seus olhos e piscando contra a avalanche de luz cegadora. — Encontra seu próprio esconderijo. Há uma encantadora despensa sob as escadas onde se guardam os rôdos. Vá esconder-se ali.

—Sei o que está fazendo, Lucy — disse, sua voz uma sombria advertência. — Pensei que o tempo dos jogos tinha terminado.

Ele entrou em seu enfoque à medida que seus olhos se acostumavam à luz. O cabelo negro lhe caía sobre a fronte em espessas e úmidas mechas, fazendo um forte contraste com o azul pálido de seus olhos. pôs-se uma camisa seca, rapidamente ao que parece, e sem a ajuda de seu criado. O linho engomado pendurava aberto na gola, expondo fibras de pelo escuro que se frisavam ao redor da fenda da base de sua garganta, e a borda dura de sua clavícula que se estendia para os ombros. Os punhos da camisa estavam desabotoados e enrolados, e o olhar dela seguiu o cordão de músculos de seu antebraço quase até o cotovelo.

Seus olhos dispararam de volta até seu rosto.

—Agora, eu não propus o jogo, não... Isso foi ideia de Marianne e da Sophia. Vá acossar a uma delas — empurrou seu peito com ambas as mãos. Bem poderia ter querido empurrar uma pedra.

Mas as pedras não eram cálidas. E as pedras não cheiravam a chuva e couro e pinheiro. E as pedras não lhe provocavam sacudidas de eletricidade que zumbiam através de seu corpo, lhe produzindo um formigamento até a ponta dos pés e até nos espaços entre os dedos.

Lucy sentiu que algo rápido e repentino crescia em seu interior, curvando-se na boca do estômago. Então o som de vozes no corredor lhe deu um nome. *Pânico.* Pânico, deve ter sido, e nenhuma outra emoção terrestre, já que só um cego, irrefletido desespero poderia havê-la possuído para fazer o que fez a seguir.

Suas mãos, ainda estendidas contra o peito imutável do Jeremy, juntaram-se em uns punhos. Ela puxou de sua camisa, arrastando-o para o interior do armário com ela, logo soltou uma mão para fechar de um puxão as portas de ébano. Imediatamente, a temperatura no interior aumentou.

Ela fez com que ele se apoiasse de costas em um canto do armário, ainda agarrando sua camisa com uma mão. Com a outra, cravou um dedo no centro de seu peito, tão somente um centímetro por debaixo desse indecente pescoço aberto e o ninho de cachos escuros que o emoldurava.

—Você disse que deveria deixar de jogar. Você disse que deveria dizer ao Toby a verdade a respeito de como me sinto. Assim aqui estou, esperando minha oportunidade de fazer exatamente isso, e agora você está arruinando tudo — apertou a mão em um punho, e o golpeou no peito. — Você-está-arruinando-tudo.

Ela ergueu seu olhar para sua cara. Um fragmento de luz atravessou a grade para iluminar esses olhos. Um raio de sol ricocheteando no gelo.

—Tudo — repetiu, golpeando o peito, com ambos os punhos nesta ocasião. Ele não se alterou. Nem sequer piscou, *maldita seja.*

Homem irritante. Lucy estava cansada de sua compostura de pedra. Estava cansada em geral e confusa com o calor e este formigamento perverso, e sua cabeça a sentia lerda e pesada. Ela não podia pensar. Não poderia estar pensando claramente absolutamente, para que ela deixasse cair a cabeça contra seu peito, a coroa de sua cabeça apoiada contra o quente espaço de pele e pelo.

Ainda não lhe dava uma resposta, nem falada ou de outra forma. Ficaram no armário, envoltos na escuridão e o silêncio, por uns momentos que se converteram em minutos. O silêncio queimava a prudência de Lucy. Por um lado, ante a ausência de palavras, não havia muitas outras coisas que escutar. A respiração do Jeremy: uma lenta, rouca ressonância que provocava seus ouvidos enquanto seu peito subia e descia contra ela.

Seu próprio coração golpeando contra suas costelas tão forte que estava segura de que ele também o ouvia. O zumbido incessante de excitação elétrica que percorria seu corpo.

Por outro lado, o silêncio se fazia cada vez mais insuportável devido ao que Lucy não ouvia. Passos no corredor. As portas de ébano rangendo ao abrir-se. A voz do Toby. Estremeceu-se ao

pensar em que a encontrariam nesta posição, mas começou a perguntar-se se sequer a encontrariam.

—Como sabia que estaria escondida aqui? — sua voz era um sussurro, mas ecoou através da escuridão que compartilhavam.

Ela sentiu que ele encolhia os ombros.

—Sempre te escondeste aqui. Cada vez que Henry estava furioso para te dar uma surra. Quando esse cão sarnento morreu. Custou um quarto de penique?

—Seis peniques.

—OH.

Lucy sentiu algo quadrado e duro posar na parte superior de sua cabeça. Seu queixo, deu-se conta.

—Ele não o recordou — sussurrou contra seu peito. — por que não o recordou? Você o fez.

Ele pôs suas mãos sobre seus ombros, enviando gêmeos raios de sensações diretamente a seu centro, espremendo todo o ar de seus pulmões.

—Talvez ele só não veio a te buscar.

—Você o fez.

Ela sentiu que seu corpo se esticava. Ele colocou os polegares em baixo das bordas das mangas curtas de seu vestido e a voltou a arrastar para enfrentá-lo. Suas mãos deslizaram fora de seu peito e caíram a seus flancos, com os punhos ainda fechados.

—Vim a te buscar, sim. Para te deter de fazer algo estúpido — seu olhar frio acendeu o orgulho de Lucy.

—Estúpido? Estamos jogando um jogo de crianças. É uma estupidez por natureza.

—Algo... comprometedor.

—Tal como me encontrarem em um armário com um homem meio vestido? Ou que me descobrissem em um abraço amoroso sob uma árvore? Bom, obrigado por nomear você mesmo guardião de minha reputação.

—Maldita seja, Lucy. Você me atraiu aqui. Você...

Ela o interrompeu.

—Por que me carregou?

—O que?

—O outro dia, quando caí no rio. Por que me recolheu e carregou de volta? Por que não Toby? Por que não Henry ou Felix?

—Oxalá soubesse — disse com voz áspera. — Deveria ter feito que caminhasse, pequena descarada. Obviamente, não estava pensando.

—Ontem estava pensando? Quando me seguiu até o pomar?

—Parece que não. Não estive pensando claramente em toda a semana — seus polegares pressionaram a pele de seus braços. — Desgastei-me tentando cuidar de uma jovem intrigante com a vista posta na ruína total.

—Não pretenda dizer que está zangado comigo. Só está zangado contigo mesmo.

—Me explique — disse com os dentes apertados, — por que devo estar zangado comigo

mesmo?

Um descarado acento se deslizou em sua voz.

—Porque você gosta mais quando não está pensando. E isso te está voltando completamente louco.

Ele se aproximou dela, sua cara cruzando as sombras.

—Se alguém me está voltando louco é...

Ela o fez calar ao pôr seus dedos sobre seus lábios.

—Contarei-te um segredo — sussurrou, riscando lentamente a forma de sua boca com a ponta de seus dedos. —Também eu gosto mais quando não está pensando — esses lábios se entreabriram, e ela deixou deslizar o polegar para a comissura de sua boca.

Lucy não sabia o que estava acontecendo com ela. Disse-se que era a rajada de poder, esse evidente poder que tinha sobre ele. Sentia que era imensamente preferível à confusão ou à angústia. Ou talvez queria seguir debilitando sua compostura glacial, porque o que ela desejava se filtrava através das frestas. Indícios de um homem diferente por completo, alguém sombrio, feroz, emocionante. Essa sensação de perigo que se erguia do profundo dele, e a excitação de provocá-la para que saísse à superfície. O gosto dessa sensação em seu beijo.

Não, pensou Lucy. Era só o costume. Passou oito anos dominando a arte de provocar ao Jeremy Trescott. Era um jogo, um esporte. Não tinha nada que ver com a emoção ou o sentimento ou, Deus não o queira, o amor. Nada absolutamente.

Houve uma pausa. Um breve momento de silêncio e de calor. Lucy inalou, extraindo uma lenta, espessa baforada de vapor com aroma de couro. O suor marcou a parte posterior de seu pescoço. Jeremy amaldiçoou entre dentes. Deslizou suas mãos dos ombros até suas costas e a esmagou contra ele. Seus seios se aplanaram e lhe doeram contra o peito duro. Sua coxa se encaixou entre suas pernas.

A musselina suave correu sobre a musculosa força, acendendo uma dor ardente entre suas coxas.

—O que está fazendo? — ela se revolveu contra ele, e o pequeno movimento desatou um inferno de sensações. — OH — disse ela com voz débil. Ela já sabia a resposta. A resposta que saiu de seus lábios um momento antes que seus lábios caíssem sobre os dela.

—Não pensando.

CAPÍTULO 10

Jeremy deixou de pensar. Desde que foi puxado a este maldito armário, sua mente esteve correndo em uma dúzia de direções diferentes de uma vez. Tentara recordar quem era. Era Jeremy Allen Dumont Trescott, o sexto conde de Kendall. Era um cavalheiro e um par do reino. Era um homem de vinte e nove anos e não um jovem no cio.

Era um homem que nunca lhe faltara nada: nem riqueza, propriedades, nem influências. Mas ele estava beijando a esta mulher como se sua vida dependesse disso, devorando sua boca com uma fome desesperada.

Tentara recordar quem era ela. Era Lucy Waltham, a irmã do Henry. Ela era uma marimacho desajeitada, uma mucosa impertinente, um perpétuo espinho no flanco. Tinha dezenove anos, e nem sequer saíra do campo. E lhe devolvia o beijo com uma paixão inocente que fez que lhe dobrassem os joelhos e sua cabeça lhe desse voltas. Tentara recordar onde estavam. Estavam na casa do Henry, onde era um convidado. Estavam em um armário no meio do corredor, onde qualquer um poderia, de fato alguém deveria, vir a qualquer momento e abrir as portas do armário e expor sua perfídia ao mundo. E foram se movendo para um canto do armário, as línguas enredadas e os corpos fundindo-se como um só.

E quando falharam todos os esforços para obter um pensamento racional, Jeremy tentou recordar o latim. Basio, basias, basiat, basiat, basiamus... eu beijo. Você beija. Ele beija. Ela beija. Nós beijamos. Foi então quando Jeremy renunciou a pensar. Não podia recordar a conjugação para "eles beijam", e maldito se lhe importava.

O armário era o suficientemente grande para dois, e para este momento, o armário era o mundo. Eu, você, ele, ela... nós. Ninguém mais. Ela era selvagem e doce, como as peras e o mel e o ar fresco depois da chuva. Cambaleou-se para trás, atirando-a com ele no escuro canto do armário. Suas mãos percorriam suas costas enquanto violava sua boca.

Diminutos relevos tentavam a ponta de seus dedos. Laços.

A ideia era perversa e muito depravada.

O bom é que ele não estava pensando.

Desprendeu seus lábios dos dela, lentamente fazendo um caminho de beijos até o fundo de sua garganta enquanto suas mãos vagavam ao longo de suas costas. Seus dedos se atrasaram em cada casa provocadora de seu vestido, e seus lábios saborearam cada centímetro de seu pescoço delicioso. Ela jogou a cabeça para trás e suas mãos se fecharam em seu cabelo. Os dedos do Jeremy encontraram o nó do laço na base de sua coluna, provocando com a ideia de desatá-lo, enquanto que com a língua estimulava o vão de sua garganta. Envolveu o extremo do laço em seu dedo e puxou lentamente enquanto percorria com a língua a longitude de seu pescoço.

Ela suspirou de prazer, e o vestido deu um suspiro ao soltar-se de seu corpo, e Jeremy pensou que estava completamente perdido.

Ergueu as mãos até seus ombros e a afastou um pouco. As mãos de Lucy caíram a seus flancos. As sombras envolveram seu rosto e seu corpo, mas finos raios de luz se filtravam através da persiana para dar um brilho dourado a sua silhueta. Um só cacho de cabelo avermelhado brilhava contra sua fronte. Uma pétala de luz flutuava sobre sua face. Uma fina fita dourada ondulava por cima de seu ombro enquanto seus seios subiam e baixavam com cada respiração.

Formosa.

A palavra ressonou em sua mente, encheu seu fôlego, dançou em seus lábios. Mas não se atreveu a dizê-la em voz alta. Entretanto o silêncio se manteve, este momento, também. Sua mão foi a essa fita dourada de luz que ondulava sobre seu ombro. Riscou-a com seus dedos, observando o movimento da luz sobre sua pele bronzeada e sobre o tecido verde de sua manga. Logo, lentamente percorreu com um dedo o contorno de seu ombro, para seu pescoço, e enganchando-o sob a borda da musselina aberta.

Ele esperou. Esperou a que ela se esticasse ou sobressaltasse. Esperou a que ela se afastasse ou protestasse. Ela não o fez. Com cuidado, baixou o tecido um centímetro. Dois. um pouco mais: o suficiente para deixar que a fita dourada de luz se deslizasse sobre a suave pele nua. Ele a riscou com os dedos uma vez mais, e ela se estremeceu ante seu contato.

Jeremy exercera seu encanto para lhe tirar o vestido a muitas mulheres, mas isto era um território desconhecido. Algumas emprestavam uma ajuda ansiosa; outras faziam uma exibição de resistência. Lucy não fazia nada. Limitava-se a esperar na escuridão. Acariciou-lhe o ombro de novo com o polegar, e de novo, ela se estremeceu. Um estremecimento de medo? De deleite? Não sabia. Talvez ela tampouco soubesse.

Então, a mão de Lucy se dirigiu a seu peito duro, explorando lentamente, subindo até seu pescoço, deslizando-se sob sua camisa aberta. Sua mão roçou o relevo de sua clavícula. O toque quente e suave sussurrou sobre sua pele, como a respiração. Sua mão ficou quieta em seu ombro. Então seu polegar percorreu sua pele com uma carícia atrevida, e Jeremy se estremeceu. Afundou-se contra o painel de ébano maciço e tremeu como uma folha. Tremeu com a suavidade de seu toque, tenro, mas absolutamente tímido. Tremeu com o conhecimento que ela era diferente a outras mulheres, que não sabia como fazê-la tímida ou a liberal. Ela queria que a tocasse. Ela queria tocá-lo. Essa era a simples verdade; e a verdade o deixou tremendo com uma necessidade insuportável.

Ele fez um leque com seus dedos sobre seu ombro e baixou sua mão arrastando-a lentamente, arrastando o sutiã de seu vestido junto com ela. Descendo pela luz da persiana, para as sombras, onde o tato era seu único guia. O tecido resistiu brevemente, e logo um puxão mais rude a convenceu de ceder. Ele colocou os dedos na borda de seu espartilho, e o firme fluxo de seu seio surgiu em sua palma.

Ela conteve o fôlego.

Tomou o seio com suavidade, deixando que o quente peso enchesse sua mão. Passou o polegar por sua pele. Era suave. Tão suave. Inimaginavelmente doce ao tato, como açúcar derretendo-se sob sua mão. Esfregou seu polegar sobre a ponta rígida do mamilo, e ela ofegou. Esfregou-a de novo, e ela suspirou. Então pressionou o polegar contra a ponta, rodando e provocando a pele tensa até que ela gemeu.

Queria beijá-la. Cobrir sua boca com a sua, fazê-la gemer uma e outra vez, e empapar-se nesse som meloso. Mas então o dedo dela tocou vacilante o duro broto de seu bico do peito, e ele foi incapaz de mover-se. Devolveu-lhe toda sua doce tortura, e ele o permitiu. Permitiu-lhe provocá-lo até quase voltá-lo louco, beliscando e pressionando até que ficou dolorido de desejo. Quando não suportou mais, ele levantou seu seio com sua palma e afastou a mão dela de seu peito com a outra. Inclinou-se sobre seu seio, acariciando com o nariz essa doce suavidade na escuridão, e a seguir levou o mamilo à boca.

Querido Deus. *Céu misericordioso.*

Não era só que ela era cálida e doce e formosa e rosa. Era mais que a forma em que inclinou a cabeça sobre a sua, para que seu cabelo encaracolado caísse a seu redor, lhe roçando o pescoço e a face. Não era a forma em como ela soprava e ofegava contra seu ouvido e sua própria virilha

pulsava com cada grito apaixonado.

Era a forma em que ela se fundia contra seu corpo e se aferrava a seus ombros com ambas as mãos, agarrando-o como se fosse sua ancoragem à terra. Como se ela sem ele poderia flutuar longe ou desintegrar-se ou morrer. E enquanto ele adorava seu seio, sugando e lambendo sua pele exuberante e doce, uma pergunta, ardilosa e sinistra, apareceu como um sussurro em sua mente.

Quem era ele para ela, aqui na escuridão? Era ele mesmo, ou um estranho, ou, mais terrível de contemplar e de tudo provável, alguém a quem conheciam ambos?

Se ele a chamasse por seu nome... Ela saberia o seu?

—Lucy — sussurrou.

Mesmo seu nome era um beijo. Uma coleção erótica, depravada de sons. Murmurou seu nome uma e outra vez, beijando-o lentamente sobre seu seio. Lambendo sobre seu mamilo, franzindo os lábios ao redor da aureola sensual, arredondada, e liberando seu nome em um chiado de ar quente. Ela era suave, um suspiro de céu em seus braços, mas ele era perverso e maldito e isto não era suficiente. Ele queria mais, necessitava mais. mais dela.

Beijou seu caminho de volta até seu pescoço e levou as mãos ao colarinho de seu vestido, juntando o tecido de ambas as mangas. Vacilou, seu agarre endurecendo-se sobre a musselina até que ameaçou rasgar. Então Lucy moveu sua língua tremulamente em uma súplica silenciosa contra seu ouvido, de um modo tão suave, que uma vez poderia havê-lo imaginado.

Duas vezes, não podia equivocar-se.

Com um gemido abafado, arrancou o sutiã e a regata de seus ombros. Ela liberou seus braços, deixando as mangas penduradas em sua cintura. Logo suas mãos voaram até a borda de sua camisa, e com um puxão rápido a tirou de suas calças e colocou as mãos por debaixo para estendê-las através de seu peito.

O prazer o perfurou com dez agudos dardos, enquanto esses dedos pressionavam contra sua pele. Dez pequenos fogos acendiam sua pele, queimando diretamente através de seu centro. E então, *OH, Deus,* e, então. Esses dez dedos atormentadores começaram a mover-se. Vagando por sua pele, difundindo atalhos chamejantes através de cada centímetro de seu torso. Pressionando contra seus mamilos, ondulando o pelo que lhe cobria o peito e riscando seu caminho para o centro de seu abdômen. Logo suas mãos se deslizaram a suas costas, e ela se apoiou contra seu peito. Roçou com seus lábios a base de sua garganta. Outra vez. E outra vez. Seus beijos caíram como gotas de chuva em um deserto, chispando sobre sua pele ardente. Ele inclinou a cabeça, e sua boca encontrou a sua. E então se desatou a tormenta.

Ela estava pendurada cobrindo sua coxa e retorcendo-se em seus braços, suas unhas se cravaram na pele de suas costas enquanto ele saqueava sua boca. Seus seios se esfregavam contra seu torso através de uma capa de linho. Suas mãos percorriam a suave pele de suas costas, atraindo-a mais perto, esmagando seu corpo deliciosamente suave contra seu duro peito e sua virilha dolorida. Ele estendeu ambas as mãos para abranger o firme fluxo de seu traseiro e empurrar seus quadris contra a sua virilha.

Afogou um grito, surpreendida. Logo se arqueou contra ele de novo, e seu grito afogado se

converteu em um gemido. Jeremy estava em chamas, e seu gemido entrecortado lançou álcool ao incêndio. Ele a abraçou, beijando o pescoço e a curva deliciosa de seu ombro nu. Ela ondulou seus quadris contra ele uma e outra vez, até que sua respiração se converteu em pequenos ofegos. Ela procurou seus lábios e os cobriu com os seus, e provocou a pergunta desesperada em seu beijo. Estava correndo para um destino desconhecido, e ela o necessitava para lhe ensinar o caminho.

E Deus, ele sim queria mostrar-lhe. Mostraria-lhe só o que ela desejava. Levaria-a ao topo do prazer, onde nenhum outro homem a levou. Ela seria sua e de nenhum outro, e saberia que homem a levou ali.

Ela diria seu nome.

—Lucy — gemeu contra sua boca. Deixou que uma mão se deslizasse até sua perna.

Minha, pensou, agarrando sua coxa enquanto ela se arqueava contra ele novamente. Fechou em um punho o tecido de sua saia, subindo-a até o joelho. Sua mão serpenteou abaixo das dobras da saia e de sua regata, enrolando-a ao redor de sua perna com meias. *Minha,* jurou-se, deslizando os dedos até alcançar sua coxa, onde a meia áspera terminava e um paraíso suave e flexível começava.

Sua pele estremeceu sob seus dedos. Ela rompeu o beijo e deixou cair a cabeça contra seu peito.

—Lucy — sua voz era baixa e rouca. — Lucy, me olhe.

Ela ergueu a cabeça, mas as sombras lhe obscureciam o rosto. Ele não podia vê-la. Ela não podia vê-lo. Eram dois estranhos apinhados na escuridão. Curvou sua mão sob sua coxa nua e a ergueu contra ele, saindo do canto escuro do armário. Em um rápido movimento, reverteu suas posições, cravando-a contra o painel de ébano posterior.

Fragmentos de luz decoraram seu rosto e dançaram sobre as taças de seus seios. Ela o olhou à cara, suas pupilas dilatadas, o verde de seus olhos quase eclipsado pelo negro. Seus lábios estavam inchados e vermelhos escuros. *Minha,* pensou, tomando sua boca em um beijo ambicioso. Lhe deu a bem-vinda a sua língua com a sua, mas ele se afastou. Queria lhe ver a cara, para ver esses lábios formosos enquanto formavam as sílabas de seu nome.

Lentamente, baixou-a, deixando-a descansar sobre sua coxa. Ela se arqueou contra ele com um pequeno gemido. Logo se derreteu de novo contra o painel de ébano, e seus olhos bateram as asas ao fechar-se. Jeremy moveu a mão sob sua saia, roçando com os dedos o suave topo de sua coxa. Mordeu o lábio enquanto seus dedos viajavam lentamente para cima, para ao calor úmido e os cachos apertados.

Logo seus dedos roçaram seu monte, e seus olhos se abriram de repente.

—Sim — disse ele, esfregando ligeiramente de novo. Ela estremeceu, e seu fôlego ficou preso em sua garganta, mas lhe sustentou o olhar. —Sim.

Querido Deus, seria tão fácil. Uns poucos botões, uma rápida investida, e ela seria dele. Toda dele. Mas tão desesperadamente como ele a desejava, tanto como sua virilha doía e seu coração pulsava com força e todo seu corpo tremia de desejo, não a queria desta maneira. Ela precisava vir a ele. Ela precisava vir por ele.

Moveu seus dedos contra ela com lentidão.

—OH — suspirou ela. — OH, Deus.

Minha, decidiu em silêncio, deslizando um dedo dentro de seu centro úmido. Ela abriu a boca. Seu olhar era suplicante. Diga meu nome. Não o dele. Deus, ou o do demônio, ou o de qualquer outro homem. O meu.

Através da espessa e almiscarada névoa de desejo, Jeremy foi vagamente consciente dos ruídos. Ruídos apagados provenientes de fora do armário. Pisadas. Vozes. Entretanto, deslizou seu dedo mais dentro em sua vagina quente e lubrificada, e seu pequeno grito estrangulado foi o único ruído no mundo. Ela se aferrou com força a seus ombros.

Diga meu nome, pensou.

—Toby — gritou.

Ele se congelou. Os dedos dela se cravaram em sua pele. Ele retirou o seu de seu interior.

—Já vem — sussurrou, retorcendo-se de seu abraço. Ela se esmagou contra o fundo do armário e envolveu seus braços ao redor de seus seios nus.

Os passos se detiveram diretamente fora do armário.

—E Lucy tem que estar aqui — a voz de Toby estava amortecida pelos grossos painéis de ébano, mas era inconfundível. Como o era a voz de Sophia perguntando:

—Como sabe?

—Ela sempre se esconde aqui — foi a resposta. — Sai, Lucy — disse Toby.

Lucy olhou ao Jeremy, sua expressão de pânico.

—Faz algo!

Faz algo. Jeremy desejava tanto fazer algo. Muitas coisas. A primeira coisa era fazer que seu punho se estrelasse atravessando a porta de ébano, agarrar ao Toby pelo pescoço e estrangulá-lo. O segundo era tomar a Lucy em seus braços e encontrar o lugar quente e lubrificado que abandonou. E o terceiro... *OH, Meu deus*, o terceiro.

As portas de ébano começaram a abrir-se, e uma dobra fina de luz brilhou filtrando-se. Jeremy agarrou os fechos que mantinham os cabos das portas em seu lugar e os arrastou bruscamente para trancar as portas.

Sustentou os fechos com um agarre que lhe pôs os nódulos brancos, enquanto que mãos invisíveis o tentavam de novo, sacudindo as portas de seu marco.

—É estranho — disse Toby. — Deve estar fechada com chave.

As portas se aquietaram, e o agarre pelo Jeremy sobre os fechos relaxou. Logo a dobra de luz rasgou a escuridão de novo, e ele aferrou os fechos uma vez mais. Esta vez, não se atreveu a soltá-los. Não até que as pisadas se reataram e as vozes se apagaram. Não, por vários momentos depois disso. Quando por fim se voltou para a Lucy, ela estava de costas a ele. Estava encolhendo os ombros para colocar de novo a regata e o vestido, deslizando as mangas em cima de seus ombros.

Jeremy teve vontade de as rasgar e voltar às baixar. Mas em troca, ajustou seus laços e os atou em silêncio. Ele pôs suas mãos em sua cintura e lhe beijou a parte posterior do pescoço.

—Lucy — sussurrou.

Ela se afastou.

—Recordou-o — disse com suavidade. — Recordou-o, depois de tudo.

CAPÍTULO 11

Lucy jazia de costas, olhando o teto. Jazia em cima da colcha de brocado, com o cabelo estendido por todo o travesseiro como um leque. Se ela girasse seu pescoço um pouco, poderia ver a bandeja do jantar sem tocar em sua escrivaninha. Sem dúvida, a comida faz muito que se teria esfriado.

Ainda levava o mesmo vestido verde que pôs essa manhã. Lhe prepararam o banho, soltou o cabelo, mas quando Mary foi desatar seus laços, Lucy virtualmente lhe deu uma palmada na mão. *Ridículo,* agora se repreendeu. Totalmente absurdo, a ideia de que sem essas finas capas de musselina e grama, sua criada de algum jeito saberia.

OH, mas como não ia saber? Como podia alguém não saber em apenas olhá-la? Por isso fugira, apressou-se a ir diretamente do armário até seu quarto e não retornou à sala. Não desceu para jantar, em troca, enviara a Mary para transmitir uma desculpa sobre seu tornozelo lesado. Ela nunca poderia voltar a mostrar seu rosto em público, porque todo mundo saberia.

Certamente estava estampado em sua fronte com letras grandes e vermelhas que descreviam em detalhe... O que exatamente? Sentou-se em frente a sua penteadeira por uma longa hora, estudando seu reflexo à luz das velas, tentando discernir essa palavra. Lasciva? Beijar a um homem era uma coisa. Uma coisa muito agradável. Tentar a um homem para que a beije a toda era outra coisa, e igualmente grandiosa. Mas isto... isto estava além de algo.

Arrastado a um homem a um espaço fechado, fez um breve trabalho com sua roupa, e se jogou contra ele com tanta força que lhe pôde ficar aderida. Lucy nunca pretendera ser uma autoridade na definição do comportamento próprio de uma dama, mas ela sabia a diferença entre a boa criação e... bom, simplesmente a criação.

Tola? Talvez essa era a palavra. Porque as letras que descreviam "grande maldita imbecil" provavelmente não entrariam. Se Toby se casasse com a Sophia Hathaway, Lucy não teria a ninguém a quem culpar a não ser a si mesma. Poderia ter falado com ele, enquanto voltavam dos bosques, mas não o fez. Deveria ter jogado ao Jeremy quando irrompeu em seu armário, mas não o fez. Não o tinha feito e não o fez, e ela não podia entender na vida o porquê.

Arruinada? Lucy sabia que a maioria das pessoas poderia pensar assim. Mas não estava preocupada com o que a maioria das pessoas pensava. No momento, só lhe importava a opinião de duas pessoas em particular.

Bom, talvez três. Ela mesma era a mais importante entre eles. E Lucy não se sentia "arruinada" no mais mínimo. Sentia-se perfeitamente, deliciosamente melhorada. A outra palavra a escolhia a borda inquieto de sua mente. Tentou afastá-la. Mas sempre voltava, essa palavra. A mais simples etiqueta de todas, e a mais impensável ainda. Dele.

Só de pensar a palavra, vibrava como uma corda de arco. Todo seu corpo tremia ante a verdade crua e insuportável. Ela foi marcada. Ela era dele. Não era isso o que realmente temia que o mundo lesse em sua cara? Ele não o escreveu com seus lábios sobre seu corpo e seu toque não o imprimiu a fogo em sua pele? Inclusive agora, sentia sua marca, primitiva e ansiosa debaixo do

tecido de seu vestido. Marcada uma e outra vez ao longo de sua pele.

Dele.

Sua lasciva. Sua tola. Sua só para ele, e arruinada para qualquer outro.

Lucy piscou para o teto. Logo apertou as palmas de suas mãos contra os olhos e apagou o mundo. Maldição.

Maldito ele. Maldita ela. *Maldição, maldição, maldição.*

Não se supunha que seria assim. Ela não era uma coisa para ser reclamada. Uma presa para ser caçada. Nunca desejou a indignidade de uma temporada em Londres. A terrível experiência de ser polida e emplumada e desfilada ante a alta sociedade. A humilhação de esperar que algum pavão presumido cruzasse o salão de baile, para colocar um anel em seu dedo, colar seu nome ao dele e estampar "Sua" na fronte, para que todo mundo o pudesse ler. A vergonha absoluta, se nenhum homem sequer o tentasse.

Ela era Diana. Era a deusa da caça. Queria escolher. E escolheu, recordou-se Lucy. Escolheu ao Toby. Os rasgos familiares flutuaram na escuridão, atrás de suas pálpebras. Cabelo castanho dourado. Maçãs do rosto marcados e um queixo com uma covinha. Olhos divertidos e uma boca generosa, sorridente. Dele, decidiu. Tudo isso, dele. Ela o desejava com cada grama de sua vontade e cada centímetro de seu corpo.

Cada centímetro... salvo a pequena parte de pele que sente cócegas sob seu lóbulo esquerdo. Esse pedacinho dela desejava a outro. Os lábios de outro. Não essa generosa boca sorridente, a não ser os firmes lábios glaciais, que se derretiam a fogo contra sua pele. Contra esse pequeno e traidor centímetro de sua pele que se declarava dele. Pôs seus dedos na suave fenda de seu pescoço, e seu pulso se acelerou sob seu toque.

Outro pedaço dela se rebelou. Um relevo aleatório de sua clavícula se separou de sua vontade. Ela passou seus dedos ao longo dessa república minúscula que agora vivia pelo peso de um cenho poderoso e o frio tonificante de um cabelo úmido, fresco e escuro como o ébano. Já não pertencia a ela, a não ser a ele, era dele. E então seus seios se ergueram contra o confinamento de seu sutiã. Desejando ser liberados nas mãos dele. Esmagou suas próprias palmas sobre eles, e seus mamilos se endureceram em sinal de protesto.

Dele, dele, insistiram em paralelo. Lucy era superada em número. Sua resolução caía a pedaços, e seu corpo se dissolvia junto com ela. Sua mente estava girando entre sombras e fragmentos de luz de persiana, e sentiu o escuro secreto de sua ardente carícia na pele. Reavivando essa dor quente entre suas pernas. O lugar onde seu tenro assalto destroçou sua vontade. O lugar que tão facilmente, tão de boa vontade poderia ter sido dele, que desejava ser sua inclusive agora.

Se Toby não tivesse chegado... Todo seu corpo se ruborizou com a interrogante, ardia por saber a resposta. Suas mãos perambularam mais abaixo, acariciando seu ventre. Um ligeiro golpe na porta a arrancou da lembrança e do armário... outra vez.

Sentou-se na cama.

—Lucy, sou eu.

Lucy abriu o ferrolho e abriu a porta. Sophia estava no corredor, envolta em um roupão de

seda azul. Seu cabelo loiro estava solto caindo sobre seus ombros em ondas suaves.

—Posso entrar?

Lucy abriu a porta em um convite silencioso, e Sophia entrou.

—Vim ver se se sentia melhor — disse, caminhando com decisão até a borda da cama. Ela olhou o tornozelo de Lucy, coberto com as meias, de forma dúbia. Logo seu olhar vagou até as faces acesas de Lucy.

—Mas me atreveria a dizer que o está — disse, arqueando uma sobrancelha. Sorriu. — De fato, vê-se muito bem.

Lucy se sentou em sua escrivaninha e pegou um pãozinho da bandeja do jantar. Ela mordeu a ponta e o mastigou com fúria. *Senhor,* mas estava faminta.

—Você desapareceu esta tarde — acusou Sophia. — E também o fez Lorde Kendall. Não pode esperar que acredite que é uma coincidência.

Lucy pegou outro pedaço de pão e encolheu os ombros.

Sophia deslizou na borda da cama.

—Lucy! Sabe que precisa me dizer o que aconteceu.

—Não aconteceu nada.

Sophia fez uma careta.

—Sei a diferença entre algo e nada — disse, reclinando-se de costas sobre seus cotovelos. — E o olhar em sua cara não vem de não fazer nada.

—Não? — era como Lucy suspeitara. Um olhar a seu rosto, e Sophia soube. Nunca seria capaz de deixar seu quarto de novo. Então recordou o abortado conto "escandaloso" da Sophia dessa manhã.

—Assim me conte algo — disse ela, — e eu lhe direi se esta tarde se ajusta à definição.

Sophia jogou com o decote de encaixe de seu roupão.

—Quer que lhe conte a respeito do Gervais?

—Gervais? — assim que algo tinha um nome.

—Ele foi meu professor de pintura. E meu tutor na arte da paixão — suspirou ela e se deitou na cama. — Divinamente formoso. Esbelto e forte, com cabelo negro azeviche e olhos prateados e dedos longos e esculpidos. Eu estava loucamente apaixonada por ele. Talvez ainda o esteja.

Lucy se engasgou com seu pedaço de pãozinho. Serviu-se uma taça de clarete e se tornou para trás para tomar um saudável gole. Logo outro. Quando teve esvaziado a taça, ergueu seus joelhos até o peito e se aconchegou em sua cadeira. Sophia estava deitada na cama, olhando o teto. Seus pés descalços penduravam sobre o bordo, flexionando seus tornozelos ociosamente.

—E bem? — perguntou Lucy. — Certamente não tem a intenção de deter-se ali.

—Tudo começou com o desenho—disse Sophia ao teto. — Estava fazendo um retrato de David de Miguel Angelo. Só um pequeno desenho ao lápis-carvão de uma ilustração de um livro. Não podia capturar os músculos do antebraço, e estava me zangando muito. Gervais tentou me explicar isso mas não podia pôr as palavras em inglês, e eu não podia compreender seu francês. de repente, levantou-se, tirou seu casaco, e enrolou a manga de sua camisa. Tomou a mão e a pôs sobre seu pulso. Passou meus dedos por cada centímetro de seu antebraço, seguindo cada cordão

tenso de músculos e tendões. Ele era tão sólido, tão forte...

Sophia girou sobre um flanco, apoiando-se em um cotovelo.

—Pensará que fui uma desavergonhada, e não me importa. Você terá razão. Sou uma desavergonhada. Queria lhe arrancar a camisa e tocá-lo por toda parte.

Lucy não pensava que Sophia era uma desavergonhada absolutamente. Dando-se conta de sua própria reação similar no armário, pensou que o da Sophia era totalmente compreensível. De fato, o patrão de comportamento era muito tranquilizador. Sophia não tinha a culpa, nem tampouco ela. Claramente, a visão de uma boa musculatura do antebraço incitava a uma mulher à depravação total. Como mais se explicaria a invenção dos punhos?

—E o fez?

A boca da Sophia se torceu em um meio sorriso.

—Não então. Só muito depois — riscou o patrão da colcha de brocado com a ponta de seus dedos. — Desenhei-o, sabe. Inteiro.

—Inteiro? Inclusive?

—Sim, inclusive. E lhe permiti me desenhar inteira.

Lucy pôs uma mão sobre sua boca e riu contra sua palma. E Toby pensava que a bandeja de chá da Sophia era engenhosa? Isto lhe dava ao termo "talento" um novo nível de significado.

—Não o fez?

—OH, mas o fiz — Sophia colocou uma mão sobre seu coração. — E depois de me desenhar, pintava-me.

—Quer dizer, um retrato? Ou uma miniatura?

—Não, não. Não pintou meu retrato. Pintou-me. Tirava-me toda a roupa e me estendia em uma cama, e ele acariciava cada centímetro de mim com a pintura. Dizia que eu era branca e lisa, como uma tela em branco. Sua tela. Pintou pequenas vinhas que se curvavam sobre meu ventre... — os dedos da Sophia desenharam um círculo enroscando-se sobre seu estômago. Então sua mão riscou a curva de seu seio. —E aqui, orquídeas de lavanda — fechou os olhos e suspirou. — Fingi ter gripe e me neguei a me banhar durante uma semana.

Lucy ofegou em um silêncio reverente. As perguntas engasgavam em sua garganta. Quando Gervais acariciou a Sophia com a pintura, a acariciou ali? E ela havia sentido a mesma dor insuportável e maravilhosa que Lucy havia sentido... que ainda sentia, inclusive agora? E o senhor e a senhora Hathaway alguma vez ouviram falar de acompanhantes?

Sophia rodou para voltar a ficar de costas e estreitou as duas mãos sobre seu coração em meio de uma agonia romântica.

—OH, Gervais— suspirou ela. — Ele me amava. Sim me amava. *Je t'aime,* dizia. *Je t'adore, Ma petite.* Dizia-o uma e outra vez enquanto ele...

A voz da Sophia se apagou, e Lucy teve vontade de gritar.

—Enquanto ele, o que?

Sofía lhe lançou um olhar superior.

—Não sabe?

—Né... sim, bom — Lucy se ruborizou. — Quero dizer, descobriram-nos? — meu deus, e aqui

Lucy pensando que ela estava arruinada. Um pequeno escarcéu em um armário não era nada em comparação a um tórrido romance com um professor particular. E com um francês! Se soubesse, a sociedade nunca perdoaria a Sophia. Suas vinte mil libras poderiam ficar esperando. Se alguma vez um escândalo como esse se fizesse público, nenhum cavalheiro da alta sociedade a quereria.

Os pelos de Lucy se arrepiaram. Toby não a quereria.

—OH, não — disse Sophia. — Nunca nos descobriram. Brigamos, e o disse que se fosse.

—Brigaram? por quê?

—Sir Toby tinha pedido permissão para me cortejar, e meus pais estavam contentes. Eu estava desesperada. O disse ao Gervais que queria que fugíssemos. Poderíamos ter uma casinha junto ao mar. Passar nossos dias pintando e nossas noites fazendo o amor apaixonadamente. Nosso próprio pedaço do paraíso — ela se estremeceu. — Mas Gervais se negou.

—Mas por que, se ele a amava?

—Ele duvidava de minha devoção. Disse que ia viver para lamentar me haver casado com ele, que a dor do escândalo e a pobreza escureceriam nossa sorte. O disse que estava equivocado. Roguei-lhe e lhe supliquei e lhe gritei e o beijei..., mas não pude lhe fazer mudar de opinião. Assim que o disse que se fosse— pôs suas mãos sobre seu rosto. — OH, Gervais! — gemeu ela. — *Mon cher, mon amour.* Perdoe-me.

Lucy se serviu outra taça de clarete.

Sophia descobriu seus olhos e deixou cair seus braços aos flancos.

—Provei a paixão, Lucy —disse ela, sua voz tranquila. — E agora que o fiz, não sei como vou suportar um insípido matrimônio de conveniência. Tomarei um amante, suponho. Mas a ideia mesma parece tão...torpe.

—Não sente nenhuma paixão por Toby? — perguntou Lucy, tomando um gole com cuidado.

—Como poderia? Ele manifesta sentir carinho por mim, mas então apenas me olha. Um beijo na mão, uma bonita frase aqui ou lá... tudo tão medido, tão próprio. Nada de verdadeiro desejo — Sophia se ergueu. —Não tenho grandes expectativas. Não espero a classe de paixão crua, animal que conheci nos braços do Gervais. Isso pode vir só uma vez na vida.

—Seriamente? — Lucy enrugou o nariz. — Só uma vez?

—Mas se Sir Toby me mostrasse uma luz de esperança — Sophia moveu suas pernas da cama e as cruzou em baixo dela. — Só um gesto de puro romance, desinibido. É tudo o que desejo. Que arranque seu casaco. Que me dobre em seus braços. Que me faça perder a cabeça. Mas não, nunca, nenhuma só vez. Tinha tantas esperanças que o momento chegaria esta tarde. Não me escondi absolutamente, sabe. Contei até dez e fui direto à sala.

—Sério? E o que fez?

—A coisa mais desavergonhada imaginável. Ofereci-me a lhe ajudar a contar. Ele se limitou a sorrir. O disse: "Devemos nos assegurar que não olhe", e então me inclinei sobre o sofá até que meu seio quase caiu de meu vestido E ele tampou os olhos com uma mão! Aproximei-me dele, tomei sua mão e a sujeitei com a minha. Jamais fui tão descarada, e ele o que disse? Que tema surgiu primeiro em sua mente?

—Geometria?

—Pior! Você! — acusou pela primeira vez.

—Eu? — a cabeça de Lucy deu voltas. Ou talvez o quarto estivesse dando voltas ao redor dela. Seja qual for o caso, queria que seguisse girando para sempre. Ela levou a taça a seus lábios e bebeu todo o líquido restante.

—Sim, você. Só deu a minha mão um pequeno aperto e disse: "Vamos procurar a Lucy". Nesse momento, realmente te odiei — Sophia a fulminou com o olhar e logo a voltou para a garrafa pela metade ao lado do cotovelo de Lucy. — Pensa bebê-la toda você só? Quase não te odiaria tanto se a quisesse compartilhar.

Lucy sorriu. Sophia Hathaway era bem-vinda para odiá-la tudo o que quisesse. Enquanto Toby não o fizesse. Ela encheu a taça de todos os modos e a entregou a Sophia, que tomou o conteúdo de um longo gole e logo lhe estendeu o copo para mais. *Ainda leva uma vantagem* respondeu Sophia ante o olhar divertido de Lucy.

Lucy voltou a encher a taça, seus pensamentos formando redemoinhos como o vinho no copo. Toby não sentia paixão pela Sophia. A Sophia não importava nada Toby. E Gervais... Gervais era a resposta a uma prece. Um sinal decima. Seria um engano fazer caso omisso de um sinal, disse-se Lucy. Perverso, de fato.

—OH, Gervais—se lamentou Sophia com sua segunda taça de clarete. —Se apenas pudesse... OH, mas é impossível. Vivemos em mundos diferentes.

—Nada é impossível, se o desejar com força. Deve lhe escrever — Lucy afastou a bandeja do jantar. Abriu a gaveta da escrivaninha e tirou uma folha de papel e uma pena.

—lhe escrever? — Sophia ergueu o olhar bruscamente. — Uma carta? Que ideia. Eu não poderia.

—Por que não? — Lucy desarrolhou um tinteiro.

—É só...ele não... realmente não poderia — Sophia mordeu a unha de seu polegar. — OH, mas devo fazê-lo.

—Deve fazê-lo — levantando-se de sua cadeira, Lucy lhe estendeu a pena.

Sophia meneou a cabeça.

—Não, escreve você. Minhas mãos tremem.

—Está bem— Lucy voltou a se sentar e afundou a pena na tinta. — Como começa?

—*Mon cher petit lapin* —ditou Sophia.

—Se eu vou escrever, terá que ser em inglês. Meu francês é péssimo.

—Muito bem — suspirou Sophia. — Meu querido, pequeno coelho.

Lucy não moveu sua pena.

—Certamente está brincando.

—Não, absolutamente.

—Seu coelho? Está segura de que não preferiria começar com algo um pouco menos... peludo? Querido Gervais, parece uma opção adequada.

—Mas é que eu sempre o chamava assim — insistiu Sophia. — E se a carta está em sua caligrafia, e no idioma equivocado, ele precisa saber verdadeiramente que sou eu de algum jeito.

Lucy encolheu os ombros.

—Meu... querido... pequeno... coelho — disse ela, rabiscando as palavras ao falar. — E logo...

—Me perdoe, carinho — continuou Sophia, recostando-se de novo sobre um cotovelo e fazendo um gesto grandioso com sua taça de vinho. — Arrependo-me de nossa discursão mais do que você pode imaginar. Sir Toby não é nada para mim. Você é meu único...

—Um momento — interrompeu Lucy. — Está falando muito rápido — escreveu com fúria. — Você... é... me... único... Muito bem, continua.

—Você é meu único amor. Não posso te esquecer. Penso em ti constantemente durante o dia, e vejo seu rosto em meus sonhos todas as noites. Desejo-te. Desejo seu toque. Quando fecho meus olhos, meu corpo recorda o calor de suas mãos—fez uma pausa para tomar um gole de vinho. — Quando saboreio o vinho, meus lábios recordam seus beijos.

—OH, isso é muito bom — disse Lucy, molhando sua pena.

—Obrigado. Veio como inspiração para mim — Sophia estudou seu copo de clarete. — Este é um vinho muito bom.

—Continua, então.

Sophia se deteve um momento antes de falar.

—Não duvide da profundidade de meus sentimentos, nem da perseverança de meu amor. Veem para mim, rogo-lhe isso. Faça-me tua em todas as formas.

Lucy soltou uma risadinha abafada.

—O que foi? — perguntou Sophia.

—É só... que pensei que já o fez. Fazer-te sua em todas as formas.

Sophia jogou a cabeça para trás.

—OH, Lucy —disse intencionadamente. — Havia tantas formas que não tínhamos provado ainda.

Os olhos de Lucy se arregalaram. Voltou sua atenção para o papel.

—Esperarei-te esta noite — continuou Sophia, —e todas as noites de agora em diante — esperou até que a pena de Lucy terminasse de riscar. — Com todo meu amor...não, espera. Com todo meu imortal e eterno amor... Tua e só tua... Assina, seu pequeno repolho.

—Bom Deus — Lucy olhou a Sophia por cima do ombro. —Primeiro coelhos, agora repolhos?

—Soa bonito em francês.

—Suponho que acreditarei em sua palavra.

—De verdade. *"Mom petit chou".*

Lucy sacudiu a cabeça.

—É um repolho, ou melhor, o repolho é você — soprou suavemente sobre o papel para que secasse a tinta, então o dobrou. — A direção?

Sophia lhe deu uma direção que Lucy devidamente transcreveu. voltou-se para a Sophia, levantando a garrafa e uma sobrancelha, e Sophia ansiosamente estendeu seu copo. Lucy derramou a metade do vinho que restava na taça. O resto o bebeu diretamente da garrafa.

—À "notre santé" — disse Sophia, erguendo a taça aos lábios. — "Et À l'amour" — e tomou todo o conteúdo da taça e o deixou deslizar-se de sua mão enquanto se reclinava totalmente. —

Acredito que estou bêbada.

Lucy pôs-se a rir.

—Acredito que sim.

Então Sophia girou para ficar de barriga para baixo e cobriu o rosto com o antebraço. Seus ombros tremiam. Tomou mais de uns minutos a Lucy dar-se conta de que não ria, mas sim estava chorando.

—Sophia? — Lucy se sentou suavemente na cama. Alongou a mão e lhe aplaudiu o ombro timidamente, procurando em sua mente algumas palavras de consolo. *Maldita seja*. Outra área mais da qual carecia seu comportamento. Ela não era particularmente perita em dar consolo; nem em dar, nem em receber.

—OH, Lucy, o que será de mim?

—Bem, fugirá com o Gervais. Terá sua casinha junto ao mar. Pintarão, farão o amor. Coelhos, repolhos. Será esplendidamente feliz.

—Se pudesse te acreditar — Sophia levantou a cabeça. Seus olhos e nariz avermelhados. Ela aspirou com força.

—Me acredite—disse Lucy. Ela se deitou junto à Sophia na cama, estendida sobre seu estômago e posicionando seus braços sob seu queixo. — Não quer te casar com o Toby, de todos os modos. Se ele agarrar o mais leve resfriado, vai à cama e geme como se tivesse sucumbido à febre pútrida. Tomaria seu dote e o gastaria todo em botas novas. Ou o perde nas cartas. É inútil nas cartas.

—OH, não vá fazer que eu goste dele! — Sophia sorriu e secou as lágrimas. — Tudo parecia tão diferente antes, não? Quando éramos meninas? Quando pensávamos que se só imaginávamos algo e o desejávamos profundamente e acreditávamos com todo nosso coração, faria-se realidade.

Afastou a colcha e se aconchegou sob os lençóis.

—Quando era uma menina — disse, volteando seus cabelos dourados sobre o travesseiro, — tive uma boneca de porcelana chamada Bianca. E sempre soube que Bianca poderia converter-se em uma pessoa real. Se prestasse atenção a minha babá e comesse toda minha papa e acreditava que com toda minha alma, ela um dia ganharia vida. Caminharia e falaria e jogaria comigo como uma menina de verdade— seu cenho franziu.—Ela nunca o fez, é obvio. Mas é engraçado: ainda não estou segura de por que. A resposta é óbvia, é claro, porque Bianca não era mais que uma peça de porcelana e umas partes de tecido. Mas de algum jeito sigo sem estar convencida. Talvez foi simplesmente porque nunca comi toda minha sopa.

Lucy jogou para trás a outra borda da colcha e se meteu sob os lençóis.

—Quando eu era menina, estava acostumada a pensar que se fechasse os olhos com força e o desejasse o suficiente, abriria-os e me encontraria na Tortola.

Sophia fechou os olhos e acariciou o travesseiro. Sua voz mais grossa por causa do vinho e do sono.

—Foi mais valente que eu. Eu pensava em Veneza.

CAPÍTULO 12

Lucy abriu a porta e surgiu no corredor. O lacaio apostado frente à antecâmara da tia Matilda estava recostado contra a parede, sua peruca empoeirada inclinando-se em um ângulo sonolento. Tossiu em voz baixa, mas o criado não se moveu. Se ela esforçasse seus ouvidos, podia distinguir o débil ritmo de seus roncos.

Saiu ao corredor e fechou a porta suavemente atrás dela, deixando a Sophia com seus sonhos encharcados pelo vinho. Movendo-se tão rápido como podia sem que se apagasse sua vela, caminhou com suavidade pelo corredor. Ela manteve o olhar fixo no tapete puído até que chegou ao início da escada. Suas sapatilhas roçaram ligeiramente a madeira desgastada pelo tempo enquanto descia as escadas em silêncio e com segurança. Com um salto ágil, saltou o terceiro degrau da parte inferior.

Cheirava ao corredor, e ainda mais forte do que o habitual com o clima úmido.

Fez uma pausa na parte inferior da escada. A chuva diminuíra à medida que avançava a noite, mas o vento uivava feroz como nunca. Um ar gelado formou redemoinhos em seu pescoço. Apertou a carta entre seus dentes por um momento, ajustando seu xale ao redor de seus ombros. Às vezes Waltham Manor parecia construída de encaixe, em vez de pedra e argamassa. meteu-se no escritório de Henry. O fogo se tornou brasas e cinzas que cobriam a sala com uma luz tênue e avermelhada. Lucy pôs o candelabro sobre a escrivaninha de nogueira. ficou quieta por uns instantes, piscando e esperando que seus olhos se acostumassem à penumbra. Uma bandeja ovalada, com bordas douradas fixou-se ante ela, assim como o punhado de envelopes fechados que esperava o correio da manhã.

Lucy abriu a gaveta superior direita da escrivaninha e começou a mexer nela. A gaveta transbordava de penas e livros de contabilidade e correspondência amassada. Finalmente seus dedos se fecharam ao redor da parte de lacre que procurava. Sustentou-o sobre a vela até que a cera vermelha se suavizou e gotejou, e logo escorreu um grande selo vermelho sobre a dobra do papel.

Ela sustentou a carta na palma de sua mão e soprou suavemente sobre a cera que se esfriava. Chegara o momento. Seu futuro. Jazia justo aí na palma de sua mão, disfarçado de inocente refugos de papel e uns quantos rabiscos de tinta. inclinou-se para colocá-la na bandeja junto com o resto da correspondência, mas algo a fez deter-se.

O que aconteceria se Gervais não viesse?

Lucy se endireitou e apertou a carta contra seu peito.

Talvez os nobres instintos de Gervais triunfariam. Talvez ele já não amasse a Sophia. Talvez tivesse mudado a outro endereço. Uma vez que a carta seguisse ao correio, a carta se iria a seu destino. Seu futuro estaria em mãos de um pintor francês, com uma predileção pelo repolho. Embora como escutou dizer a Sophia, essas mãos eram bastante capazes, mas ainda assim... Não precisava enviá-la ao correio, Lucy se deu conta. Uma simples mudança na direção serviria muito melhor a seus propósitos. Só precisava mostrar a carta ao Toby, e seu plano de casar-se com a

Sophia seria cancelado imediatamente. Suas vinte mil libras teria todo o encanto de vinte mil

afiadas farpas no olho. Nenhuma pintura de bandeja de chá poderia alterar este fato.

Mas Sophia ficaria com o coração destroçado. E estaria arruinada.

A sala estava fria e com correntes de ar, mas Lucy começou a ruborizar-se. Seu cérebro se sentia quente e confuso. Algo estava mal com ela. Apertou o dorso da mão sobre sua fronte. Talvez estivesse doente. Ela devia ter febre cerebral, porque não podia pensar absolutamente. Não lhe ocorria o que fazer, e esta era uma situação que, definitivamente, obrigava-a a fazer algo. Não? Lucy se sentia dividida, sua vontade estava dividida. A sensação era totalmente desconhecida e muito alarmante. Isto era pior que a febre cerebral. Isto era indecisão. A indecisão não estava em seu temperamento.

Sempre soube o que queria, e sempre soube como consegui-lo. Ela não se apresentava nas salas com correntes de ar, hesitante, em meio da noite quando ela poderia estar quentinha e cômoda em sua cama, sonhando doces sonhos que logo se converteriam em realidade. Mas, de novo, nunca sustentou seu futuro na palma de sua mão. Sentia-se indecisa pela primeira vez agora, poderia ser porque esta era a primeira decisão real a que enfrentou alguma vez.

E não era isto o que desejou sempre? Escolher?

Lucy considerou suas opções. Pensou em enviar a carta ao correio. Pensou em empurrá-la debaixo da porta do Toby. Pensou em atirá-la ao fogo e vê-la fazer um novelo até converter-se em cinzas. Mentalmente caminhou através de cada alternativa, com a esperança que simplesmente uma parecesse correta.

Mas nenhuma delas parecia correta, ou mesmo simples.

Há uma semana, saberia o que fazer. Há uma semana, a dúvida era tão estranha a Lucy como a amizade, ou um beijo. Antes, cada peça dela, coração, mente, corpo, alma, vivia para um propósito. Para uma outra Lucy. Mas então ela não entrara furtivamente ao dormitório de outro homem e, logo Sophia entrara indignada na dela, e entre esses fatos, uma centena de coisas terríveis e maravilhosas aconteceram. De repente, cada pedaço dela, coração, mente, corpo, alma, tornou-se maior, mais forte, com necessidades e desejos e demandas próprios.

E esse propósito, essa única pessoa, já não era suficiente para manter todas as peças juntas.

Permitiu-se pensar nas palavras impensáveis. Permitir-lhes brotar do profundo de seu interior e filtrar-se silenciosamente pelas frestas de sua resolução. Só aqui, na escuridão, onde poderia mudar de opinião e as retirar sem que ninguém soubesse.

Não estou apaixonada pelo Toby.

Seu coração seguiu pulsando. A vela seguiu ardendo. A terra não se abriu e a engoliu inteira. Tentou de novo as palavras, esta vez em voz alta, mas suavemente.

Só um sussurro, formando redemoinhos no ar como a fumaça de uma vela.

—Não estou apaixonada pelo Toby.

Era tão fácil. Muito fácil. Quase riu em voz alta com o absurdo disso. Com o alívio disso. Lucy sentia como se tivesse passado anos obstinada a uma corda para salvar sua vida, pendurada e girando no ar com cada brisa caprichosa, só para finalmente soltá-la e cair dois centímetros e tocar terra firme. Ou ébano maciço.

Seu olhar se deslizou para a porta. Através da porta e ao outro lado do corredor, ao canto

ovalado, cuja sombra ocultava seu armário. Só que o armário já não pertencia só a ela, sabia. Pertencia aos dois.

Já não restava nenhum lugar onde ocultar-se.

E embora meio o esperava, embora tinha perfeito, indiscutível sentido, quando Jeremy rodeou a porta, viu-a e se deteve em meio de seus passos, pegou a Lucy totalmente despreparada.

Se soubesse que ao vê-lo enviaria uma onda de choque através de seu corpo, teria se agarrado na escrivaninha. Se ela tivesse previsto o esplêndido que estaria. Levava um casaco negro jogado descuidadamente sobre uma camisa aberta, seu cabelo escuro visivelmente despenteado, teria aceso mais velas. E se Lucy tivesse tido a mais mínima suspeita de que este homem voltaria seus planos um caos e sua vontade, água e seus joelhos, um absoluto mingau, não teria se introduzido em seu quarto e beijado essa noite, faz menos de uma semana... Ela o teria feito há anos.

ꕥꕥꕥ

Seu xale caiu ao chão.

O coração do Jeremy se sacudiu em seu peito.

Usava o mesmo vestido. Mesmo à luz mortiça da vela, reconheceu-o. Reconheceu-o na escuridão. A mesma musselina verde clara que descartara com avidez de seu corpo e logo voltou a atar com fortes puxões pesarosos. Ao dar-se conta, seu corpo reagiu com rapidez, com violência. Sua boca secou. Seu peito se esticou. Suas calças também.

Usava o mesmo vestido. Ela não se banhou. Todos os lugares que ele tocou, todos os lugares que beijou, tinham ainda algo dele. Sobre ela. dentro dela. Ela não o removera a ele com um banho. *E Deus*, nunca pareceu mais bela. A luz vacilante beijava suas faces, sua fronte, seus lábios. Seu cabelo caía sobre um ombro como uma cascata castanha. Sua pele se empapava da luz das velas e brilhava. Ou talvez a vela se empapava de sua beleza e ardia.

—Ah— disse ela finalmente. — É você.

—Esperava a alguém mais?

—Não — seu olhar revoou longe por um instante, mas logo voltou para casa, a encontrar-se com o dele. — Em realidade não.

Jeremy quis aproximar-se um passo mais, mas seus pés não se moveram. Tinha vindo aqui com a intenção de ir-se, mas sabia que tampouco podia fazer isso. Ficaria neste pedacinho de terra até que a vela se consumisse ou até que o sol saísse ou até que as paredes da mansão se convertessem em pó a seus pés.

Ele não ia a nenhuma parte.

—O que está fazendo aqui? — perguntou ela, sua voz cheia de calidez.

Ela queria saber o que estava fazendo aqui. Jeremy fez uma pausa, considerando sua resposta. Não parecia prudente lhe dizer exatamente o que estava fazendo ali, nesse preciso momento. Imaginando nua, deveria lhe dizer? Ou talvez, recordando a suavidade deliciosa de seus lábios sobre minha pele? Provavelmente não lhe importaria ouvir, cavando minhas mãos ao redor

da lembrança de seus seios.

Clareou a garganta e flexionou suas mãos aos flancos. Não, provavelmente era mais sábio limitar sua resposta ao que desejara fazer aqui. antes de vê-la a ela, e a seu vestido que não mudou, tivessem mudado tudo.

—Ia deixar uma nota para o Henry.

—Ias deixar ao Henry uma nota?

Ele assentiu.

—Mas agora não o vais fazer?

Ele negou com a cabeça.

—Não vou fazê-lo.

—O que te fez mudar de opinião?

—Você está aqui — era parte da verdade. A totalidade era: está aqui, e não posso suportar estar em outro lugar.

Ela ficou rígida. Seus olhos se entrecerrarão.

—Bom, irei então. Deixo-o com sua nota — se separou da escrivaninha. Pegando o papel entre seus dentes, ela se agachou para recolher seu xale.

Ele estava a seu lado antes de dar-se conta que dera um passo.

—Não o faça.

Ela ficou de pé, movendo o xale sobre seus ombros. Com o papel ainda agarrado entre seus dentes, tirou-se o cabelo de debaixo da lã cinza pérola de seu xale. Finalmente, tomou de novo o papel com a mão.

—Que não faça, o que?

—Ir.

Um fio de cabelo estava preso em sua boca, e ela o afastou com um sopro de seu fôlego. Jeremy cheirou o vinho.

—Vou. Não tem necessidade de me grunhir — começou a rodeá-lo, mas ele a agarrou pelo pulso.

—Não-vá — obrigou às palavras a sair de sua garganta.

O rosto de Lucy se suavizou.

—OH.

Ela olhou a mão que agarrava seu pulso. Ele a soltou bruscamente. Queria agarrar muito mais que seu pulso, desejava estreitá-la entre seus braços. Mas não o faria. Não podia vê-la fugir dele novamente.

—Só quero dizer — disse, ajustando seu casaco, — suponho que veio aqui por alguma razão.

—Ia enviar uma carta —levantou o papel dobrado.

—Ias enviar uma carta?

Ela assentiu.

—Mas agora não o fará?

Ela sacudiu a carta cuidadosamente contra seu lábio inferior.

—Em realidade, não o decidi de tudo.

Sem pensá-lo, ele estendeu a mão e lhe tirou a carta. Se ela seguia golpeando-a contra o lábio assim, teria que beijá-la. Nenhuma decisão complicada. Só o faria. É obvio, agora que sustentava o papel em sua própria mão, Jeremy se deu conta que mal necessitava o movimento da carta como provocação. Ela estava muito perto. Tão perto que lhe doía a boca por saboreá-la. Teria o gosto do vinho.

Pensou em retroceder um passo. Não o fez.

—Você não escreve cartas — disse, deslizando o polegar através do irregular selo de cera. A sensação imediatamente lhe recordou o cetim franzido de seu mamilo. Dificultou-lhe a respiração. Devia retroceder um passo. Não pôde.

—Eu não escrevo cartas. É da Sophia. Está apaixonada. Quer fugir.

—Com o Toby?

Lucy mordeu o lábio.

—Não.

Ele rompeu o selo e desdobrou o papel. Ela não fez nenhum esforço para detê-lo. Leu o conteúdo rapidamente e voltou a dobrar a carta antes de colocá-la no bolso do peito de seu casaco.

—Não pode fazer isto, Lucy. Não lhe permitirei isso.

—Por que não? Se Sophia estiver apaixonada por outro homem, não merece ser feliz? Se ela estiver apaixonada por outro homem, Toby não merece sabê-lo?

Seus olhos eram verdes e ingênuos, mas Jeremy viu tudo vermelho.

—Não pretenda que isto é a respeito deles. Importa-te um cominho o que Toby ou Sophia se merecem. Isto é tudo a respeito de ti. Crê que se Sophia não estivesse, Toby se voltaria para ti. Não o fará.

Seus olhos brilhavam, e ela elevou o queixo.

—Por que não? Porque não sou elegante e educada? Porque não tenho nenhum dote?

—Porque — disse bruscamente, agarrando-a pelos ombros. A suave lã de seu xale deslizou sob seus dedos. -—Porque eu não o permitirei.

Aproximou-se dela, fechando a distância entre eles até que as lapelas de sua jaqueta roçaram o sutiã de seu vestido. Ele esperou. Ela não se afastou. Lentamente, com ternura, deslizou uma mão do ombro até o pescoço, enredando seus dedos em seu cabelo e embalando a parte posterior da cabeça. Fez um pequeno círculo com o polegar, acariciando a pele sedosa atrás de sua orelha.

Ela suspirou de algum lugar profundo do fundo de sua garganta, e o som o debilitou. Seus lábios tintos de vinho se entreabriram, e sua língua apareceu como uma flecha para umedecê-los.

Inclinou sua cabeça contra a dela, que abriu muito os olhos.

—OH, não.

Jeremy retrocedeu como se lhe tivesse picado. Liberou seu ombro. Sua mão se afrouxou no cabelo. Afastou sua cabeça.

Então as mãos dela rodearam seu pescoço, puxando-o para baixo.

—Não o permita.

ꕥꕥꕥ

Lucy arrastou seus lábios sobre os dele. Realmente passaram só umas horas desde que os provara pela última vez? sentia-se como meses. Anos.

E se sentia correto. Tão correto. Ao diabo a carta e todo o resto. Isto, isto era a única coisa correta. Seus lábios eram firmes e quentes sobre os dela, mas imóveis. E fechados. Uma de suas mãos se abatia sobre seu ombro, a outra em algum lugar atrás de sua cabeça. Lucy podia sentir seu calor, mas não seu peso. Não seu tato. Ele vacilava, sabia. Lutando contra o beijo, lutando contra seu desejo. Podia sentir sua luta em seu peito, enquanto subia e baixava contra o seu.

Ela puxou o seu lábio inferior para o interior de sua boca, sugando-o suavemente. Ele gemeu em algum lugar no profundo de seu peito, e o som a voltou atrevida. Tomou seu lábio entre seus dentes e o mordeu. Mais forte. Seus lábios se entreabriram. Por fim. Ela deslizou sua língua em sua boca, saboreando o uísque e o alívio. Pinçou em seu casaco aberto e pressionou seus seios contra seu peito. E quando suas mãos ainda duvidavam, agarrou-o pelos ombros e pulou. Pulou e ficou suspensa, e não voltou a descer porque ele tomou em seus braços. Justo como ela sabia que o faria. *OH, sim. Finalmente.* Um forte braço envolvia sua cintura. Uma mão curvada rodeando sua cabeça. Seus lábios movendo-se sobre sua boca uma e outra vez. Sua língua acariciando a sua.

Cada centímetro de seu corpo duro e quente pressionado contra ela, suportando seu peso. O Céu. Era de noite e escuro, e seu beijo era o céu puro, mas Lucy não via estrelas. Via nuvens. Nuvens brancas e ligeiras, céu azul, azul. Azul como seus olhos. Seus pés nunca tocariam o chão outra vez. Ela flutuaria nesta nuvem pelo resto de sua vida. E por muito mais tempo depois disso.

Ela enganchou suas pernas ao redor de sua cintura. Ele deslizou sua mão até a curva de seu traseiro, e a pressionou com força contra sua virilha. Ainda não via estrelas. Ela se converteu em uma estrela, em queda livre pelo sombrio desejo, explodindo em luzes e chamas ao vermelho vivo. Baixou-a sobre a escrivaninha, seus quadris ainda travados com a suas. Ele beijava seu pescoço agora, passando sua língua até seu ouvido.

Logo se afastou. inclinou-se para ela, apoiando-se em suas mãos. A luz das velas iluminava um lado de seu rosto. Parecia metade homem, metade sombra perigosa e Lucy o desejava tudo.

—Me toque — sussurrou ela. *Deus do céu,* me toque antes que incendeie diretamente esta escrivaninha.

Ele deu um salto.

—Ouve algo?

Lucy ouvia muitas coisas. Ouvia seu coração golpeando em seu peito e seu pulso rugindo em seus ouvidos. Ouvia as trabalhosas e ofegantes respirações dele. Ela martelou seus quadris contra os dele. Aí. Ouviu um gemido.

Ele fechou os olhos e apertou os dentes. E então, Lucy também o ouviu. Passos por cima deles. Não só uns poucos, mas também muitos. Passos trovejando pelas escadas. O rangido do terceiro degrau.

—Não de novo — disse ela, cobrindo o rosto com as mãos. — Isto está ficando ridículo —

soltou as pernas de sua cintura, e ele deu um passo atrás. — E bem? — perguntou ela, sentando-se. — O que faremos?

Ele encolheu os ombros, passando uma mão pelo cabelo.

—Poderia te esconder sob a escrivaninha.

—Está louco? Esta é minha casa. Não vou me esconder sob a escrivaninha. Se alguém for se esconder sob a escrivaninha, esse vai ser você.

Ele pôs uma mão sobre sua boca. Sua voz era baixa e rouca, e ela a sentiu vibrar através dela, através de seu peito e entre suas coxas.

—Faz o que queira. Mas faça o que faça, será melhor que o faça rápido.

Ele tirou sua mão. Olharam-se um ao outro.

Lucy deu-se uma sacudida. Abriu a boca para amaldiçoá-lo, mas ele a cortou de novo.

Esta vez com um beijo cru e possessivo.

—Não o faça— disse, sua voz rouca enquanto desprendia seus lábios dos dela. — Não te esconda.

CAPÍTULO 13

Quando Henry entrou em seu escritório, Jeremy estava sentado na escrivaninha, afiando uma pena à luz de uma vela. Lucy estava sentada em um canto do escritório, estudando um documento graças ao resplendor de umas brasas vermelhas. Se Henry tivesse sido um tutor observador, poderia haver-se alterado ante o fato de que seu amigo e sua irmã estivessem sozinhos em uma sala a uma hora tão inoportuna da noite, evitando escrupulosamente olhar-se entre eles. Poderia haver-se dado conta de que suas roupas estavam amassadas, seus cabelos revoltos e suas respirações alteradas.

Ele poderia ter visto que o documento na mão de Lucy estava em branco.

Mas Henry não era um bom observador. Nem sequer era um bom tutor.

—Ah, bem — disse. — Ambos estão acordados.

Lucy olhou a seu irmão. Tinha as calças postas sob sua camisa de dormir e um casaco solto pendurado em cima. Seu cabelo castanho escuro levantado em ângulos descabelados.

—Jem, veem conosco — disse Henry. — Lucy, vai com a Marianne. Ela está revistando a casa.

Lucy olhou ao Jeremy. Ele se limitou a piscar para ela, sua expressão em branco.

—Vamos, então — disse Henry com impaciência. — Ela não pode ter ido muito longe. Ao menos, a chuva parou, mas este vento é um maldito filho de cadela.

—Tia Matilda — Lucy e Jeremy falaram ao mesmo tempo.

Jeremy seguiu o exemplo de Henry, detendo-se na porta para jogar um olhar de despedida a Lucy, intensa e ilegível. Ela envolveu seu xale ao redor dos ombros e tomou a vela antes de sair ao corredor.

Marianne a recebeu na parte inferior da escada. Sophia estava descendo os degraus, a borda de sua bata de seda azul roçando seus pés descalços.

—Quanto tempo está desaparecida? —perguntou Lucy.

—Não sabemos com certeza — disse Marianne. atou o cinturão do roupão com enérgicos puxões. — Sua enfermeira a deixou às dez, e agora é mais de meia-noite. Henry levou a todos os homens para procurá-la.

—Duas horas — Sophia estremeceu. — Neste momento poderia estar a meio caminho em direção ao povoado.

Lucy olhou a Sophia e pôs um braço sobre os ombros de Marianne.

—Estou segura de que não fez algo como isso. Provavelmente só se meteu tranquilamente em um quarto desocupado e ficou a dormir. Encontraremo-la.

—Vou seguir procurando por aqui — disse Marianne. voltou-se para a Sophia. — Senhorita Hathaway, seria tão amável de procurar na planta de cima junto com Lucy?

—É obvio — respondeu Sophia. — Despertarei a Kitty também.

—Obrigado.

Lucy subiu as escadas de dois em dois, com a Sophia correndo atrás dela. dirigiu-se ao corredor oriental, onde se encontravam os quartos. A maioria deles estavam em uso neste momento, mas uns quantos restantes seguiam desocupados. Talvez encontrassem à tia Matilda aconchegada entre um divã e seu guarda-roupa.

—Lucy! — Sophia a agarrou pelo cotovelo quando entraram em um quarto sem uso. Lucy se soltou e começou a levantar os lençóis dos móveis e revistando os armários.

Sophia a encurralou em uma estante.

—Lucy, onde foi? O que fez com a carta?

Lucy parou. Tomou um momento recordar a que carta se referia Sophia. Tomou outros quantos momentos recordar seu lugar atual: o bolso do peito do casaco do Jeremy, comodamente escondida entre capas de tecido, aconchegada contra seu duro peito. Então tomou um longo momento recuperar-se dessa imagem.

—Não a pôs com a correspondência, verdade? — Sophia a agarrou pelos ombros. — Me diga que não o fez.

—Por quê? Não queria que o fizesse?

—É obvio que não!

—Mas o que acontece com o Gervais? Como vai ou seja o que quer que venha por ti, se não receber a carta?

Sophia deixou escapar um suspiro abafado.

—Gervais nunca virá por mim. Gervais não existe.

—O que?

—Que ele não existe. Eu o inventei. Meu verdadeiro professor de pintura é um dissimulado com pouco cabelo chamado senhor Turklethwaite. Diluiria meu chá com tinta antes de lhe tocar seu antebraço, por não falar de qualquer outra parte de seu corpo— Sophia se estremeceu.

Lucy ficou atônita.

—Mas, a carta...

—Foi sua ideia! — Sophia exclamou em um sussurro. — Pensei que estava sugerindo um

pouco de diversão, assim como propôs escrever essa carta aos piratas. Pensei que entendia. —Seu rosto se suavizou.—Tudo isso fala de desejar algo com tanta força, que se converte em realidade... Lucy, pensei que entendia.

—Sim— disse, pensando em sua própria obsessão pelo Toby. Lucy tomou a mão de sua amiga e a apertou. — Sim, entendo. OH, mas como pôde inventar uma história tão sórdida em primeiro lugar? O desenho, a... a pintura! Os coelhos e os repolhos!

—O vinho — Sophia pôs os olhos em branco —E, enquanto estou sendo momentaneamente honesta, a inveja.

—A inveja?

—Sim, é obvio, a inveja! beijam-lhe sob as árvores e de novo nos armários, e eu estou em aulas de geometria!

Lucy sorriu a seu pesar. Este provavelmente não era o momento para dizer a Sophia que ela acabava de ser beijada até a loucura no escritório do Henry.

—Mas se Gervais não é real — perguntou, — então, de quem é a direção que me deu?

—A de minha costureira — Sophia se encolheu e soltou os ombros de Lucy.— OH, ficarei arruinada— gemeu ela, pondo uma mão sobre seus olhos.

—Não seja ridícula. Seu nome não figura na carta. Não é nem sequer sua letra.

Sophia descobriu seus olhos.

—Tem razão. Mas que brilhante! Madame Pamplemousse vende mais intrigas que vestidos. Esta carta terminará nos folhetins, e toda a Inglaterra se voltará louca tentando averiguar quem a escreveu. Vamos ser a fofoca dos salões durante todo o inverno. Seremos famosas! — ela agarrou a mão de Lucy com a sua. — OH, me diga que a pôs com a correspondência!

—Não o fiz.

—Pois me deem isso então. Farei-o eu mesma.

—Não posso — Lucy a roçou ao passar junto a ela e sair do quarto. foi pelo corredor até o seguinte quarto. O fecho se sacudiu em sua mão. Estava fechada com chave. deu-se a volta e pulou ao ver o nariz da Sophia a seis centímetros do seu.

—O que quer dizer com que não pode? Onde está?

—Né...

Lucy se salvou por uma série de gritos masculinos provenientes do pátio. Cruzou o corredor e entrou no primeiro quarto aberto. apressou-se a chegar até a janela e a abriu de um puxão.

Os lacaios corriam pelo pátio, brandindo tochas e gritando aos outros instruções.

Sophia pôs uma mão sobre o ombro de Lucy e se inclinou sobre ela, estirando seu pescoço.

—Devem tê-la encontrado.

Lucy se separou da janela e pôs-se a andar para a porta. Ela se congelou em seco. Este era o quarto de Jeremy. Olhou a seu redor. Do fogo ficavam só as brasas e a penumbra começava a alagar o quarto. A cama não fôra usada; a colcha, sem rugas. Não havia objetos pessoais. Nenhum libero sobre a mesa de noite. Nenhuma cigarreira que esperava para encher-se no bar. Nenhuma gravata descartada pendurada do canto do espelho. Só dois objetos no quarto evidenciavam sua ocupação. Duas malas de mão, em posição de firmes junto à porta.

Ele se ia.

—Bom, vamos então — Sophia puxou seu cotovelo, e Lucy a seguiu, aturdida.

É obvio, pensou Lucy enquanto se apressavam pelo corredor. É obvio que ele se ia. Por que então ia deixar uma nota ao Henry em meio da noite?

—O que é tudo isto, então? — Kitty saiu ao corredor, esfregando o sono de seus olhos com uma mão e sujeitando o colarinho do roupão com a outra.

—A tia Matilda— disse Sophia por cima do ombro enquanto a passavam rapidamente. — Ela se perdeu de novo. Todos os homens estão fora procurando-a.

Lucy e Sophia começaram a descer as escadas, e Kitty correu atrás delas.

—Esperem! — disse.

Sophia se deteve, e Lucy também. ficaram olhando a Kitty.

Kitty soprou.

—Bom, eu não vou ficar aqui só — plantou uma mão no quadril e se apoiou no corrimão.

—Vamos, então — disse Lucy com um encolhimento de ombros, reatando sua descida das escadas. Realmente, pensou. Kitty era insuportável. A gente poderia pensar que tinha perdido seu convite a uma festa no jardim.

Lucy guiou às irmãs através da grande porta principal da mansão. O frio se apoderou dela imediatamente. O vento açoitava diretamente através de seu xale e vestido fino. A luz da lua se filtrava por um cordão de nuvens, e ela piscou enquanto seus olhos se acostumavam ao tênue resplendor prateado. Rodeou seu peito com seus braços e se apressou a seguir a fila de lacaios com tochas, que se encontravam no jardim. voltou-se ligeiramente e se deu conta que Marianne se somou às outras damas.

O temor a percorreu estremecendo-a enquanto ziguezagueavam pelo jardim detrás das almeias, com suas chamas oscilantes. Temor e vergonha. Porque apesar de que deveria ter estado cheia de medo pela tia Matilda, a verdadeira fonte do temor de Lucy era a visão das malas no dormitório do Jeremy. Ele se ia. Suas sapatilhas estavam molhadas, e sentia seus pés como blocos de gelo arrastando-se debaixo dela. Ferroavam de dor. O resto dela estava insensível. Ele se ia, e o vento invernal se sentia como uma brisa do mar na Tortola em comparação ao frio que envolvia seu coração.

Os lacaios continuaram seu percurso sinuosa através das sebes de jardim, finalmente se reuniram ao redor de um terraço de lajes, circular, com uma fonte no centro. Alheios ao frio, a ninfa e o sátiro da fonte pulavam em seu perpétuo verão, seus corpos de bronze desgastados até ficar de um verde apagado. Sentada na borda da fonte, a tia Matilda se estremecia dentro de um grande casaco negro.

O casaco de Jeremy.

Lucy e Marianne correram ao lado da tia Matilda.

—Pobrezinha — disse Marianne, ajustando um braço sobre os ombros da idosa.

Lucy agarrou a sua tia em um abraço feroz e a sustentou por muito mais tempo do que tinha planejado. O aroma habitual de sua tia Matilda, tingido de especiarias, chocolate e tabaco em pó, misturado com o aroma dele. Lucy afundou a cara na lapela do casaco, respirando couro e

pinheiro e doce adiamento. Ele poderia ter a intenção de ir-se, mas não o fez ainda. Não podia ir-se sem seu casaco.

—Quanto tempo crê que esteve aqui? — perguntou Sophia, surgindo por sobre o ombro de Lucy. — Deve estar se congelando.

Lucy colocou a mão em uma grande manga negra e encontrou uma das mãos engilhadas da idosa.

—Suas mãos estão geladas —esfregou os ossudos dedos congelados entre os seus.

Olhou a seu redor. Os homens estavam de pé na borda do terraço, conversando com os serventes. Kitty foi para o lado de Felix e o assaltou a perguntas. Lucy era vagamente consciente de Henry fazendo gestos com uma tocha e dizendo algo sobre um colchonete e umas mantas. Sua atenção estava centrada principalmente na alta figura oculta nas sombras atrás de seu irmão. Uma silhueta de ombros largos, emoldurada por linho branco que brilhava à luz da lua. Não podia ver seu rosto, mas podia sentir seu olhar sobre ela, queimando-a através do frio da meia-noite.

Então Toby saiu das sombras e entrou no círculo de luz.

OH, graças a Deus, pensou Lucy. Graças a Deus, ela já sabia que não o amava. Porque nos oito anos que passou admirando sua beleza física, Toby nunca pareceu tão esplêndido. Usava um casaco aberto na frente, revelando seu torso nu. A luz das tochas bronzeava cada plano e contorno musculoso de seu peito. Seu cabelo castanho dourado estava açoitado pelo vento e desgrenhado. Luzia magnífico e pagão, como uma escultura do jardim que cobrava vida. Lucy se sentia pagã só ao olhá-lo.

A seu lado, Sophia ofegou.

—OH — disse. — OH, Deus.

Toby passou junto ao Felix e cruzou diretamente em direção a Sophia. Ele a olhou dos pés a cabeça, seu olhar detendo-se em umas poucas áreas intermediarias.

—Deus do céu, olhe-se — meneou a cabeça ligeiramente e impulsionou seus olhos de volta a seu rosto. — Deve estar se congelando.

Sophia assentiu com a cabeça ligeiramente. Seu olhar fez seu próprio reconhecimento ao passear e ficar sobre seu peito nu. Toby tirou o casaco e o jogou sobre os ombros da Sophia. ficou nu até a cintura no glacial vento noturno, mas Lucy poderia ter jurado que via sair vapor de seu corpo.

—Melhor? — perguntou a Sophia com voz rouca.

Ela assentiu.

—Sente calor?

—Em todas as partes — soprou Sophia. Ela o olhou fixamente, fascinada. — Em todas as partes... exceto em meus pés.

Toby olhou para baixo onde os pés descalços da Sophia se encontravam com as lajes frias. Sem dizer uma palavra, ele a levantou em seus braços e a colocou contra seu peito. A seda azul de seu roupão fluía sobre seus braços como uma cascata, e seus cabelos dourados se desdobravam como um leque sobre o ombro nu do Toby.

—Melhor?

Sophia assentiu de novo e fez um pequeno som chiado, presumivelmente de aceitação. Toby a olhou à cara e tragou com força.

—OH, diabos — disse, como se tratasse de poesia. E então ele a beijou.

Lucy sabia que uma resposta educada teria sido olhar para outro lado. Estudar o caminho empedrado sob seus pés. Admirar o arbusto talhado em forma de cisne. Olhar o céu noturno. Mas uma resposta educada estava além dela neste momento. Ela ofegou abertamente. E como ninguém a seu redor comentou sobre as lajes ou os sebes ou as estrelas do céu, assumiu que não era a única.

Ao final, foi a tia Matilda quem rompeu o silêncio atônito.

—Encantador.

—Felix! — Kitty cravou a seu marido nas costelas. — Não crê que deveria fazer algo?

Felix fechou bruscamente sua mandíbula e olhou a sua esposa.

—OH, muito bem — tirou o casaco e o ofereceu a ela. Kitty negou com a cabeça e o olhou como se estivesse louco.

—Não desejará que eu te ergue em meus braços? — perguntou, seu rosto duvidoso. — Não estou seguro que...

—Não comigo — ela assinalou com sua cabeça para o Toby e Sophia. — Com eles.

A compreensão fez uma viagem lenta através do rosto de Felix.

—De acordo — disse em voz baixa. Logo, um pouco mais forte: — Ok.

Toby e Sophia permaneceram com os lábios unidos e alheios a todo o resto.

Felix elevou a voz.

—Digo, Toby — nenhuma resposta. — Toby! —gritou bastante mais forte.

Toby, a contra gosto, rompeu o beijo. Manteve os olhos fechados e a fronte apoiada contra a da Sophia.

—O que acontece, Felix?

Felix moveu os pés.

—Perdão por interromper, homem, mas acredito que aqui é onde se supõe que devo te recordar que é minha cunhada a quem está... abraçando — absorveu o olhar mordaz que Kitty lhe dirigiu. — Há algo que queira lhe perguntar?

—Bem — Toby abriu os olhos e se endireitou afastando-se da cara avermelhada de Sophia. Clareou a garganta. — Senhorita Hathaway — começou a dizer, trocando seu peso em seus braços, — fazem já vários meses que admirei sua elegância e a beleza de seu... — seu olhar se passeou por sua figura, — seu caráter. O apego que sinto para você transcende... — ele elevou seu olhar de novo até seus lábios e se deteve.

—Transcende...

Sophia sorriu e conteve uma risadinha.

—OH, diabos — disse de novo, inclinando a cabeça contra a dela e afogando a risada de seus lábios. — Casa-se comigo?

Mesmo que o tivesse desejado, Sophia não poderia ter pronunciado uma resposta. Toby estava mantendo seus lábios ocupados. Seus lábios, e, pelo visto, também sua língua. Mas de

algum jeito as arrumou para emitir um chiado abafado de aceitação. Realmente, pensou Lucy, todo o corpo da Sophia sugeria que o aceitava.

—Bom, então — disse Felix. — Tudo arrumado. Continuem.

Como se ao Toby ou a Sophia importasse um ápice sua permissão. Se seguissem assim por mais tempo, melhor Henry enviar aos lacaios a procurar um vigário e uma licença especial, em vez de um colchonete e umas mantas. Lucy se disse uma vez mais que deveria olhar para outro lado. Mas pelo silêncio geral, parecia que outros tampouco afastavam o olhar.

Mas havia alguém. Alguém estava olhando a ela. E a acalorada intensidade de seu olhar fazia que Lucy ardesse com sensações contraditórias. Sentia-se nua e exposta ao frio. Sentia-se coberta de calor. Sentia-se ancorada à pedra sob seus pés, e se sentia com vontade de correr a seus braços. Em um segundo, estava paralisada pela comoção, no seguinte, cada centímetro de seu corpo explodia em uma consciência deliciosa. Seu olhar a mantinha íntegra e a destroçava, e o coração de Lucy corria tão rápido, que temia que fosse romper.

ꕥꕥꕥ

Seu coração estava rompendo.

Jeremy viu Lucy vendo que o sonho de sua vida lhe escapulia. Sem importar quanto a olhasse, sem importar quanto ele queria que ela afastasse o olhar, ela não o fez. Seus olhos estavam cravados no estúpido desdobramento de ardor e peito nu do Toby. Seu rosto lhe voltou de uma palidez mortal para logo ruborizar-se. estremeceu-se de frio, mas lhe viu o brilho de suor na fronte. Seu coração estava rompendo, e não havia nada que ele pudesse fazer. Ela não era sua irmã. Não era sua prometida. Ela não era dele, e esse era todo o maldito problema.

Qualquer dos outros poderia ter feito algo, mas não o fizeram. A ninguém importava. Toby, como o asno egoísta que era, tinha demorado semanas para fazer sua proposta, esperando o momento perfeito, só para escolher fazê-la precisamente agora. Felix, que deveria ter atirado à fonte ao asno egoísta do Toby por machucar a sua cunhada, tinha o descaramento de rir. E Henry, velho amigo ou não,

Jeremy o odiava. Ele era uma pobre desculpa de tutor, e só uma má imitação de irmão. O coração e as esperanças de sua irmã estavam fazendo-se pedaços diante dele, e ele, ou era muito estúpido para notá-lo, ou muito insensível para que lhe importasse.

Dois lacaios chegaram pressurosos até a fonte, levando um colchonete entre eles.

—Vamos, então — disse Henry. — Voltemos para a casa. Estou me congelando aqui fora.

Lucy e Marianne tomaram à tia Matilda pelo braço e a ajudaram a subir ao colchonete. Quando os lacaios a levavam, um pedaço de papel branco caiu ao chão.

—O que é isto? — Kitty se inclinou e o recolheu. Girou-o e levantou o selo quebrado. — Não há nenhum nome — desdobrou a carta, e Jeremy sentiu que suas vísceras se retorciam em um nó. Os olhos de Kitty começaram a ler a página, e levou uma mão à boca. — Ai, Deus! — seus olhos aumentaram.

—O que é? — perguntou Felix. Tentou olhar por cima do ombro, mas Kitty lhe deu as costas.

Continuou lendo.

—OH, vá — disse ela, seus lábios se curvaram em um sorriso felino.

Felix agarrou o papel. Sustentou-o com o braço estendido e franziu o cenho.

—Meu... querido... pequeno... rabanete?

—Não, não — Kitty lhe tirou a carta a seu marido. — Diz: "coelho", não "rabanete", tolo.

Felix encolheu os ombros.

—Para mim é "rabanete[1]".

—OH, Felix, é claramente um "b". Meu-querido-pequeno-coelho — leu Kitty em voz alta, golpeando com o dedo cada palavra.

Jeremy olhou a Lucy. Lucy estava olhando a Sophia. E Sophia se aferrava ao pescoço de Toby com os olhos arregalados de terror. Ela mordeu o lábio e dirigiu a Lucy uma sacudida de cabeça mal perceptível.

—Me dê isso — disse Henry com irritação, deixando à tia Matilda com sua esposa e indo até onde se encontrava Kitty. Ela a contra gosto pôs a carta em sua mão estendida. Henry tomou e sacudiu as dobras do papel com um movimento de seu pulso. Baixou a tocha para proporcionar uma melhor iluminação a sua leitura. —Não me admira que não o possam decifrar. Esta é a letra de Lucy. Mas é coelho. Definitivamente coelho — sacudiu novamente o papel.

Jeremy olhou a Lucy. Agora era ela a quem tinha uma expressão de terror em seus olhos.

—Meu querido pequeno coelho— disse Henry em uma voz de trovão. — Me perdoe, carinho. Carinho? —- lançou um olhar divertido por sobre o papel e continuou. — Arrependo-me de nossa discursão mais do que pudesse imaginar. Sir Toby não é nada para mim. Você é meu único — interrompeu a leitura e elevou o olhar para a Lucy, arqueando as sobrancelhas.

—Henry, pare — rogou ela.

—Você é meu único amor — acrescentou com um sorriso, imitando o tom de uma menina.

—Henry — advertiu Marianne.

Lucy olhou o Jeremy, o pânico escrito em sua cara. Jeremy passou as duas mãos pelo cabelo. *Maldição*, isto era como ver um cavaleiro derrubado por um cavalo e ser incapaz de pará-lo. A impotência se enroscou em seu estômago como a bílis. O que podia fazer? Não podia dizer ao Henry que a carta era da Sophia. Teria que explicar como sabia que era a carta da Sophia, e arruinaria a duas damas no espaço de um minuto. Nem ele era tão bom libertino.

—Não posso te esquecer. — Henry continuou com sua voz alta e zombadora. —Penso em ti constantemente durante o dia, e vejo seu rosto em meus sonhos todas as noites.

Jeremy tentava freneticamente recordar o conteúdo exato da carta. Talvez não fosse tão imperdoável como a recordava. Talvez Henry simplesmente riria e atribuiria tudo às fantasias de uma moça.

—Desejo-te— cantarolou Henry. — Desejo você... — seu sorriso se desvaneceu. Sua boca se diluiu a uma linha. — Desejo seu toque?

Jeremy gemeu. Era imperdoável. Henry leu rapidamente o resto da carta, murmurando

[1] *Em inglês rabanete é radish, coelho é rabbit, dali a confusão do Felix.*

frases mais imperdoáveis à medida que lia.

—Lembro o calor de suas mãos... Quando saboreio o vinho, lembro... esperarei-te esta noite... me faça tua em todas as formas... Repolho! — Henry levantou o papel e o sacudiu ante a Lucy. —O que significa isto?

—Henry, por favor — lhe rogou, lançando um olhar para a Sophia. — Podemos discutir isto lá dentro?

—Não, acredito que seria melhor discutir isto agora.

Lucy negou com a cabeça.

—Henry, não entende. Não é real — sua voz se fez aguda pelo desespero. — Nem sequer é minha!

Sophia enterrou a cabeça no ombro do Toby. Kitty agarrou o braço do Felix com regozijo.

Lucy afundou a cara entre as mãos. Seu xale se deslizou de um de seus ombros encurvados, e Jeremy viu o rebordo de seu pescoço estremecer até voltar-se como pele de galinha. *Maldito Henry.* Ela tinha frio e o coração quebrado, e Jeremy se indignou. Mesclou-se tudo em seu interior: esta necessidade de protegê-la, o desejo de possuí-la. A ira e a luxúria lutavam em seu peito, estimulando a seu coração a um ritmo furioso. Não queria nada mais que ir até ela. Cobri-la. Esquentá-la. Não possuía um casaco, mas ele tinha seu corpo. Tinha suas mãos e seus lábios e sua língua.

—Bom, se esta carta não for tua — exigiu Henry, — então de quem é?

Jeremy se adiantou, tomou calmamente a carta da mão de Henry, e disse a única palavra que importava. A palavra que esteve ecoando em sua mente e em seu coração e em um armário de ébano quase toda uma semana.

—Minha.

CAPÍTULO 14

Lucy descobriu seu rosto. *Não.* Ele não acabava de...

OH, mas o fez.

Jeremy parou ao lado de Henry, carta em mão, com a expressão mais séria e decidida que vira em sua vida. E isso dizia algo.

Felix arrancou-lhe a carta de sua mão, rindo.

—Boa, Jem. Como se alguma vez tivesse sido o querido pequeno rabanete de Lucy.

—Coelho — o tom baixo na ameaça do Jeremy teria enviado a uma lebre saltando a seu buraco. Recuperou a carta, mas no instante seguinte, Henry a arrebatara de novo.

—Vamos, deixa de brincar — Henry alisou o papel na parte dianteira de seu casaco e logo o sustentou diante de seu rosto. — Sinceramente espera que acreditemos que Lucy é... seu pequeno repolho?

Jeremy apertou os dentes. Ele fechou brevemente os olhos e os voltou a abrir.

—Mas bem, eu gosto do repolho.

—Sério? — disse Felix. — Uma coisa terrivelmente suave, sempre o pensei. É obvio, não é

tão mau quando se guisa com um pouco de carne de porco salgada. Ou em escabeche, está bem, também. Mas... Ai!

Kitty jogou seu cotovelo de um lado de seu marido.

Lucy finalmente capturou o olhar de Jeremy.

—Que-estás-fazendo? — modulou ela.

Lhe dirigiu um olhar sério, inescrutável. Logo deu meia volta.

Lucy sacudiu a cabeça. Não podia entendê-lo. Jeremy acabava de sentenciar-se a uma vida de brincadeira sem piedade. Henry, Toby, Felix nunca lhe permitiriam deixar que se esquecesse da carta. Intermináveis piadas de coelhos se fariam a sua costa. Inumeráveis pratos de repolho se serviriam em seu benefício. Mas Jeremy a tomou de todos os modos. Adquiriu essa carta as custas de sua dignidade, e Lucy sabia que ele teria preferido caminhar através do fogo. Ou era o ato mais completamente idiota que alguma vez presenciou, ou o mais incrivelmente romântico.

Talvez ambos.

Henry lia atentamente a carta na mão.

—Seu tato, seu beijo, me faça tua de todas as formas— leu. Ele levantou a vista do papel e olhou ao Jeremy com uma expressão cética. — Diz que esta é sua carta, Jem. Não acredito que isso signifique que tenha de responder por ela?

Jeremy assentiu com a cabeça. O coração de Lucy golpeou violentamente em seu peito. Responder por ela? O que é o que queria dizer Henry? Certamente não seriam tão idiotas para brigar? Ou um duelo? A ideia a congelou até a medula. Ela agarrou seu xale com ambas as mãos. Jeremy não lhe podia acertar a um faisão nem a seis passos. Nem sequer a um que já estivesse morto. Mas o olhar que Henry dirigia ao Jeremy era incrédulo, não assassino. E, Lucy se assegurou, que embora sim acreditasse que Jeremy a comprometera, Henry nunca o desafiaria a um duelo.

Simplesmente não seria esportivo.

Henry dobrou a carta com um estranho ar de despreocupação, todo rastro de brincadeira desaparecido de sua voz.

—Realmente aceita a responsabilidade por isso? E todas as consequências?

—Estou aceitando a responsabilidade por ela — Jeremy caminhou até ficar parado ao lado de Lucy, tão perto que ela podia sentir seu radiante calor masculino. Logo, em voz mais baixa, acrescentou: —É hora de que alguém o faça.

Os olhos de Henry faiscaram.

—Que demônios se supõe que significa isso?

Lucy queria desesperadamente uma resposta exatamente à mesma pergunta. E as respostas a umas quantas perguntas delas. Agarrou o punho da camisa do Jeremy e o puxou até que fez que baixasse seu olhar para ela. Seus olhos a atravessaram com sua intensidade azul claro, lhe tirando o fôlego, podendo só emitir pouco mais que um sussurro.

—O que está fazendo?

Tomou-a pelo cotovelo e a afastou ligeiramente do grupo.

—Sinto muito, Lucy. Sei que isto não é o que queria. Mas é a única maneira.

—Que única maneira?

A única resposta do Jeremy foi girá-la de volta para enfrentar ao Henry. Os dois homens se olharam um ao outro em silêncio. Lucy finalmente cavou um pingo de coragem da boca de seu estômago, e logo convocou o tom apropriado.

—Será que um de vocês me fará o favor de me dizer que diabos está acontecendo?

A mão de Jeremy se deslizou para agarrar a sua.

—Vamos nos casar — disse, sem afastar seu olhar do de Henry.

—O que? — Lucy tentou soltar seus dedos, mas ele os apertou com mais força. Aproximando a de um brusco puxão, colocou a mão de Lucy no vão de seu cotovelo. Ela olhava, aturdida, enquanto seus dedos se enroscavam sobre seu antebraço por sua própria vontade. Como se pertencessem ali.

Jeremy finalmente baixou o olhar para ela.

—Vamos nos casar — repetiu. Sua voz retumbou por todo seu corpo, enviando pequenos calafrios ao longo de sua pele, que não tinham nada que ver com o frio.

—Nos casar? — Lucy sentiu que todo o sangue lhe subia à cabeça. quanto mais insistia ele em repetir esta ideia ridícula, mais fácil a podia imaginar. Mas isso não o fazia correto.

Se pudessem falar a sós, ela poderia lhes explicar que a carta eram nada mais que mentiras estimuladas pelo clarete. A reputação da Sophia, o compromisso do Toby, nada sofreria danos, salvo a dignidade de Lucy. E certamente Jeremy não poderia pensar que algo assim valesse uma proposição de matrimônio. Não é que lhe tivesse proposto algo exatamente.

Ela cravou os dedos em seu braço, aferrando-se desesperadamente à ideia.

—Mas... mas não tenho algo que dizer a respeito? Não deveríamos ter um momento a sós? Não recordo ter aceito alguma proposta!

—É um pouco tarde para o romance, Lucy — Henry sustentou em alto a carta dobrada e fixou nela um olhar de recriminação. — Parece que já outorgaste seu consentimento.

Diga algo, cravou-se Lucy. Este era o momento para dizer a verdade. Ela só precisava dizer ao Henry, e a todos os outros, que a carta implicava nada mais que duas moças fantasiosas bebendo muito vinho. Sophia certamente não ia sair e dizê-lo, provavelmente pensava que este giro dos acontecimentos tinha ao Lucy estaticamente feliz. Mas não era assim. Não? Sem dúvida, "estaticamente feliz" sentia-se mais como um sol do verão, ou uma chuva de pétalas de rosa. Não como um ouriço cavando tocas em seu estômago.

A felicidade não era a razão de que Lucy sentisse que se derretia contra o braço do Jeremy. Só que a noite era fria, e ele estava quente. Quente. E forte. Ah, e destrutivamente bonito. Seu olhar subiu a borda de sua mandíbula, sombreada de escuro e a barba incipiente. Seus lábios carnudos, fortes, escuros à luz da lua. Viu como seu fôlego se voltava um espiral de vapor onde se encontrava com o ar frio. Como um beijo dissolvendo-se na noite.

Lucy se sacudiu. Precisava protestar. A ideia era absurda. Fossem quais fossem as inapropriadas noções de dever ou de decoro que impulsionaram ao Jeremy a reclamar essa carta, o que tinham que ver com ela? Ela não era uma dama. Certamente não o tipo de mulher com a que um conde se casaria. Não era elegante ou educada ou rica. Suas únicas tênues reivindicações à beleza eram seus olhos grandes e seus dentes direitos. Se ela não tivesse descido com essa carta,

nada disto teria acontecido. Ele teria deixado ao Henry sua nota e então...

E então ele teria ido definitivamente.

Seus pertences já estavam empacotados. estremeceu-se de novo, a lembrança dessas duas malas esfriando-a até a medula. Se ela protestasse agora, não haveria uma segunda oportunidade. Ele se iria. E à luz do dia, certamente se daria conta do absurdo desta cena. Estremeceria-se ao pensar que quase se casou com uma marimacho sem dote.

Diga algo, gritou sua mente. Mas sua voz simplesmente não obedecia. O agarre pelo Lucy se fez mais forte sobre seu braço. Ela não estava pronta para deixá-lo ir.

Olhando de esguelha aos outros, Henry se aproximou do Jeremy e baixou a voz.

—Está seguro de que esta carta te pertence, Jem? Não permita que um simples mal-entendido determine o resto de sua vida, sabe. Por amor de Deus, é um conde.

—Sim —respondeu Jeremy, sua própria voz firme. Firme, e deliciosamente sombria e decidida, e o suficientemente forte para expulsar todas as objeções da mente de Lucy. — Sou um conde. E Lucy será uma condessa.

Silêncio.

Lucy sentiu que todo mundo a olhava. Ninguém dizia uma palavra. Realmente, pensou. Era mais que um pouco grosseiro. Pela forma em que todos ficaram boquiabertos ante ela, parecia que ele tivesse anunciado algo realmente impactante. Algo assim como: "Lucy é uma espiã do Napoleão," ou "Lucy só tem seis meses de vida," ou "Lucy decidiu tocar a harpa".

Obrigou-se a erguer o queixo. Bom, agora ela não podia protestar. Agora era uma questão de orgulho.

Marianne se recuperou primeiro.

—Dois compromissos em uma noite. Que emocionante! — levantou-se da borda da fonte e chegou ao lado de Lucy. — Que maravilhoso — disse, beijando-a na face.

Os outros murmuraram palavras que soaram vagamente a felicitações.

—E quando se realizará o bendito evento? — perguntou Henry.

—Na sexta-feira — disse Jeremy.

—Sexta-feira! Esta sexta-feira? Dois dias a partir de agora? — Esta explosão teria mortificado a Lucy muito menos se não tivesse vindo de seus próprios lábios.

—Na sexta-feira — repetiu ele, com os olhos fixos no Henry— Irei à cidade pela manhã conseguir uma licença.

Henry tinha uma expressão que Lucy nunca lhe vira cruzar a cara. Nem zombadora, nem duvidosa, nem cínica, nem irônica. Simplesmente em branco.

—Muito bem.

—Precisarei me levantar cedo, então — disse Jeremy, olhando a todo o grupo. — Se me desculparem — os homens assentiram.

Jeremy desenganchou a mão de Lucy de seu braço e se voltou para ela. A determinação esculpia um sulco profundo em sua fronte, seus olhos brilhavam tão sinceros, que eram o próprio azul do céu. E Lucy se deu conta de que sem dizer que sim, sem sequer lhe perguntar, de algum jeito se comprometera. Ia casar-se. Com ele.

Toda sua vida até esta noite, a enormidade de seu futuro, tudo clamava pelo acesso a esta mostra breve de tempo, ressonava no formigante calor de sua pele contra a dela. A respiração de Lucy ficou presa em seu peito. Seu pulso pulsava com um rugido surdo em seus ouvidos, e cada pulsado fazia eco para toda uma vida. Este único momento emocionante, terrível, queria que se estendesse até a eternidade.

—Te cuide, Lucy — Jeremy inclinou a cabeça e roçou um quente beijo contra seus dedos. — Não vai demorar muito tempo — logo lhe soltou a mão e caminhou para a casa, deixando-a sozinha.

Lucy se deu conta, muito tarde, que deveria ter dito algo a modo de despedida, ou ao menos olhá-lo aos olhos antes de que ele se afastasse. Deveria tê-lo visto ir-se e cimentar a lembrança em sua cabeça. Mas ela não pensou em nenhuma dessas coisas. Esteve muito preocupada olhando estupidamente sua mão. A mão que ele beijou.

E quando ao fim esteve de volta em sua cama, olhando o teto e desejando que lhe tivesse dirigido alguma espécie de olhar tranquilizador, ou que lhe houvesse dito uma só palavra um pouco mais amável que "sexta-feira", soprou a vela, rodou sobre seu flanco, e apoiou sua face contra essa mão.

E então fez a coisa mais tola, infantil, ridiculamente imaginável. Ela a beijou.

CAPÍTULO 15

Passaram-se dois dias.

Muito lentamente. Houve um par de horas que passaram rápido em um sussurro de sedas e alfinetes de costura. A tarefa de recolher seus pertences encheu uma meia dúzia de baús e lhe ocupou a maior parte de uma tarde.

Mas mesmo quando suas mãos estavam ocupadas, o frenético funcionamento da mente de Lucy estendia a cada segundo uma eternidade. Passado, presente, futuro. Seu cérebro tentava desesperadamente agarrar os três de uma vez e uni-los em algo que se parecesse com a segurança. Reviveu cada minuto que passou em companhia do Jeremy: cada discussão, cada olhar, cada refeição.

Cada beijo.

Tentou imaginar o que ele poderia estar fazendo nesse mesmo momento: montando para Londres, adquirindo a licença, reunindo-se com seus advogados.

Inundar-se em seu banho. Então sua mente se aventurou no vazio desconhecido do futuro e vagou durante horas. A primavera em Londres, o verão pelo mar, os invernos no imóvel de Jeremy, cuja localização, Lucy desejava fervorosamente poder recordá-la.

Milhares de noites na cama.

Cada minuto, acordada ou dormindo, Lucy refletia e voltava a refletir sobre tudo o que ocorreu na última semana e tudo o que viria por diante. Em sua memória, Jeremy parecia tão bonito, que tinha medo de decepcionar-se quando em realidade aparecesse. Estava tão decidido essa noite no jardim, mas sua determinação sobreviveria a uma separação de dois dias?

Ela esperava sua volta a qualquer momento e imaginava esse acontecimento de mil maneiras, algumas maravilhosas e outras, não. Quando saiu a montar na quinta-feira pela manhã, sabia que ele ainda não poderia estar de volta. Mas procurou sua figura no horizonte de todos os modos. Imaginava galopando para ela em seu cavalo, homem e besta movendo-se como um sozinho. Poder, graça, e determinação, decidido a tomar seu destino. Decidido a tomá-la a ela.

Logo no café da manhã, imaginou aparecendo na porta, e paralisando-a com esse mesmo olhar de desaprovação azul frio que ele usou a manhã depois que se beijaram. Ele observava sua pele azeitonada e seu vestido mal talhado e os brincos de sua mãe e a via pela impostora que era. Logo se voltava sobre seus calcanhares e se ia. Mais tarde, Lucy estava parada em um tamborete em seu quarto, enquanto sua donzela prendia com alfinetes a renda de um vestido emprestado. Em sua mente, Jeremy irrompia pela porta, arrancava o vestido de seu corpo, e a tombava sobre a cama sem dizer uma palavra. A exclamação involuntária de Lucy ante esta visão preocupou à donzela, mas convenientemente lhe jogou a culpa a um alfinete.

E essa tarde, quando a luz do sol começava a desvanecer-se, Lucy passeou pelo pomar. apoiou-se contra uma pereira e fechou os olhos. ficou ali por compridos minutos, esperando a que viesse a procurá-la. Esperando seu beijo.

Logo a tarde se converteu em noite, e Lucy começou a temer que não viria absolutamente. Sofreu em silencio durante o jantar. Depois, negou-se a jogar às cartas, em troca, dirigiu-se a um canto da sala, a esconder-se atrás de um livro. Tentou imaginar o que poderia tê-lo mantido afastado. Talvez não foi capaz de adquirir a licença. Talvez mudou por completo de ideia, recuperando o sentido e se deu conta que não podia fazer sua condessa a uma marimacho torpe, sem um centavo. Talvez seu cavalo tivesse tropeçado na escuridão e jazia em uma sarjeta ao lado do caminho, olhando as estrelas e sussurrando seu nome com seu último fôlego.

Lucy fechou seu livro de repente e se sacudiu. Esse terceiro "talvez" era um horrível, horrível pensamento. E era horrível, horrivelmente mal de sua parte preferi-lo ao segundo.

Então ergueu o olhar, e ali estava ele. De pé na porta usando um casaco amassado, suas botas Hessianas polidas e sua expressão inescrutável de costume.

Pela primeira vez em dois dias, as engrenagens ronronantes da mente de Lucy fizeram um alto. E o fogo oscilante em seu ventre rugiu cobrando vida.

Se em sua memória ele se via improvável bonito, agora se via incrivelmente bonito. OH, mas bonito não era a palavra. Um rosto arrumado, poderia-se contemplar para o desfrute ocioso, simplesmente admirando as feições ideais e a agradável simetria. E embora suas feições eram tão fortes e bem equilibradas como sempre, isto? isto era algo completamente diferente a bonito. Não havia nada agradável ou ocioso a respeito. Só olhá-lo, e seu estômago começou a balançar-se como uma cortiça flutuando em um arroio. Mal podia resistir olhá-lo, mas tampouco podia afastar o olhar.

E certamente não se tornou dez centímetros mais alto em dois dias. Certamente só era o fato de que ela estava sentada e ele, de pé, o que lhe dava esse aspecto. Mas o parecia tão alto e largo de ombros, que quase enchia o marco da porta; tão sólido e forte que poderia ser a pedra angular de toda a maldita casa. Lucy piscou e se mordeu o interior de sua face, só para estar

segura de que não estava sonhando. Depois de saudar com um movimento de cabeça aos jogadores de cartas, Jeremy se aproximou dela onde estava sentada junto à lareira. notava-se que logo vinha dos estábulos. Quando se inclinou sobre sua mão, pôde cheirar o vento frio que impregnou em seu cabelo e em sua roupa. Sua mão se sentia gelada quando levantou a sua; seus lábios uma curiosa mescla de frio e calor enquanto lhe beijava os dedos.

Seus olhos sustentaram os seu só por um breve momento. Só o tempo suficiente para que Lucy lesse ali a mesma combinação estranha de frieza e calidez.

—Lucy — disse com simplicidade. Como se fosse só para confirmar que não se colocou na sala de estar equivocada, na casa equivocada e beijado a mão da dama equivocada.

Então lhe soltou a mão, endireitou-se, e se voltou. No instante em que ele o fez, ela encaixou sua mão entre suas coxas e a almofada da cadeira. Mas o cotovelo ainda lhe tremia, vibrando contra suas costelas da maneira mais humilhante.

Henry se levantou da mesa e puxou seu colete.

—Falei com o vigário. Estará aqui amanhã às dez.

—Bem — respondeu Jeremy. — Meu advogado redigiu os documentos. Mas prefiro discuti-los pela manhã, se for o mesmo para ti. foi um dia comprido, e estou querendo tomar um banho.

—E uma bebida forte, espero — Henry se sentou de novo e agarrou sua mão de cartas. — Vemo-nos pela manhã, então.

Jeremy se despediu deles silenciosamente, logo se voltou para ela.

—Lucy — disse de novo, movendo a cabeça com brutalidade. Logo partiu.

Lucy cruzou os braços sobre o peito e se afundou em sua cadeira. *O que aconteceu?* Passou dois dias completos sonhando e temendo este momento, e agora chegou. E passou.

E além de um pequeno beijo que converteu seu braço em gelatina, parecia que não receberia uma maior percepção do estado de ânimo do Jeremy, até que aparecesse na manhã para casar-se com ela. Em suas piores e melhores representações, ele a rechaçava ou caía a seus pés ou a tombava na cama, ao menos sabia onde estava parada com ele.

E o que sabia ela agora? Confirmou, em duas ocasiões, que recordava seu nome. Ainda tencionava casar-se com ela. Isso era tudo. Outra noite ruminando e conjeturando se estendia interminavelmente ante ela. Se houvesse algumas respostas nas frestas de seu teto, Lucy sabia que já as teria encontrado. Pela manhã, certamente já estaria louca.

ꕥꕥꕥ

Com seu banho preparado, Jeremy se despojou do casaco e a gravata antes de começar a trabalhar nos punhos de sua camisa. Ouviu que a porta se abria e voltou a cabeça para vislumbrar um redemoinho familiar de veludo vermelho e cachos castanhos. Lucy fechou a porta, voltou-se e se apoiou contra ela, agarrando seu roupão fechado até o pescoço.

—Preciso te dizer algo.

A mão do Jeremy se congelou. Esteve em processo de enrolar a manga de sua camisa, mas ele começou a rodá-la para baixo.

—Quer cancelá-lo, então?

Maldição. Ele não desejava deixar escapar essa oportunidade.

Ela franziu o cenho.

—E você?

—Eu te perguntei primeiro.

—Sim, mas você o expôs. Mudou de opinião?

—Lucy, estou aqui. Tenho a licença especial e as contratos matrimoniais. Cavalguei três horas na escuridão. Não mudei de opinião.

—OH — ela se suavizou contra a porta. — Não veio a cancelá-lo.

O alívio o alagou. Os músculos tensos por horas de montar e dias de incerteza começaram a afrouxar-se. Jeremy esfregou a parte posterior de seu pescoço, sacudindo lentamente a cabeça. Ela queria saber se mudou de opinião. Como poderia mudar de opinião, quando sua mente não tinha nada que ver com isto?

Ele não estava pensando. Ele estava atuando. Ele estava reclamando. E o mais inquietante de tudo, ele estava sentindo.

Poderia ter retornado essa mesma tarde. Terminou seus negócios com seu advogado pela manhã, adquiriu a licença no dia anterior. As cartas que passou toda a tarde escrevendo se poderiam ter escrito no Waltham Manor, ou uma semana depois para o que importava. Mas perdeu tempo com eles, esperando sair até que o céu estivesse escuro e o dia quase acabado.

E quando ele chegara, necessitara vê-la imediatamente. Uma vez que o fez, havia-se sentido igualmente impulsionado a ir-se. Não lhe havia dito uma palavra, e isso lhe sentava bem. Porque se não lhe dava a oportunidade de falar, não poderia ter a oportunidade de dizer que não.

Mas agora estava ali, e ela não queria cancelá-lo, e como Jeremy ia dominar se para não beijá-la até deixá-la sem sentido nesse instante, não sabia. Bom Deus, foi o suficientemente forte para não fazê-lo na sala, com seis pessoas olhando. Agora aqui estava outra vez com esse maldito traje de veludo vermelho, e estavam sozinhos. Em seu dormitório. Um entrecortado suspiro escapou de seus lábios.

Ela o ouviu.

—Talvez devesse ir. Deve estar cansado.

—Estou cansado — respondeu com honestidade. — E precisa ir. Mas antes de fazê-lo, tenho algo para ti.

—Sério? — um sorriso surpreendido cruzou seu rosto, e ela se afastou da porta.

Jeremy colocou a mão no bolso de seu casaco, que pendurava no respaldo de uma cadeira. Tirou uma pequena caixa de veludo e a estendeu. Ela a olhou, mas não fez nenhum movimento para pegá-la de sua mão.

—O que é?

—Bom, abri-la seria uma segura maneira de averiguá-lo. — Tomou uma mão que pendurava em seu flanco e a voltou com a palma para cima. Pôs a caixa em sua palma.

Ela simplesmente a olhou, logo elevou o olhar para ele com as sobrancelhas arqueadas.

— Por piedade, Lucy. Não te morderá.

Tomou a caixa de sua mão e a abriu ele mesmo.

—É um anel de compromisso. Pensei que deveria ter um — jogou um olhar ao relógio da lareira. — Embora, tendo em conta que só ficam onze horas de nosso compromisso, agora parece um pouco tolo.

Ela olhou o anel na caixa. Um único, arredondado rubi brilhava como uma brasa sobre o veludo negro, flanqueado por brilhos de diamantes. Entretanto, não fez gesto de tomá-lo. Finalmente, Jeremy arrancou o grosso círculo de ouro de sua base e lançou a caixa sobre a mesa. Tomou sua mão de novo e deslizou o anel em seu dedo.

—Suponho que deveria ter escolhido uma esmeralda para que combinasse com seus olhos. Mas por alguma razão, a cor vermelha ficou em minha mente.

Soltou-lhe a mão. Lucy deu um passo para o fogo e levantou o anel ante seu rosto. Lentamente, moveu a mão para trás e adiante, inspecionando a pedra à luz do fogo. A manga vermelha de seu roupão se agrupou ao redor de seu cotovelo nu. O sangue de Jeremy se agrupou em sua virilha.

—Se você não gostar, comprarei-te outro — disse.

—Outro? — ela o olhou, os olhos muito abertos. — Faria-o, não?

Encolheu os ombros.

—Um para cada dedo, se o desejar.

—Não necessito nenhum outro. Nem sequer necessitava este — ela sorriu e arqueou uma sobrancelha. — Mas nunca vai afasta-lo de mim agora — olhando sua mão, moveu os dedos de novo. — Nunca vi nada tão formoso.

Nem eu, pensou Jeremy. A luz do fogo dava um brilho dourado às linhas de seu perfil e se filtrava através de seu cabelo, polvilhando um halo vermelho rubi sobre seus cachos. Seu pescoço se curvava com elegância sobre o anel enquanto seus olhos brilhavam de puro deleite. Parecia em parte uma ladra fascinada, parte uma Madonna.

Ela o olhou de repente.

—Sophia não tem um amante.

Jeremy piscou.

—O que?

—Isso é o que vim a te dizer — suas palavras saíram em uma corrente de tom alto. — Essa carta... tudo era mentira. Só um produto de sua imaginação e muito clarete. Ninguém a comprometeu. Posso explicar tudo ao Henry. Não precisamos nos casar.

Ele fez uma pausa.

—Me deixe ver se te entendo. Acredita que me ofereci a me casar contigo para salvar a reputação da Sophia?

—Bom, e o compromisso do Toby. Ele é seu amigo, não?

Jeremy estremeceu. Mesmo agora, quando ela estava comprometida com ele, e levava seu anel, odiava o som desse nome em seus lábios. Mas talvez lhe incomodaria menos ouvir o nome do Toby, se uma vez, só uma vez, Lucy pronunciasse o seu.

—Nossa amizade não vai tão longe.

—OH— ela olhou o anel de novo. — Então, por que faz isto?

Deliberadamente evitou sua pergunta, movendo-se para o aparador.

—É como já hei dito. O nosso pode não ser o mais convencional dos compromissos, mas me pareceu justo que tivesse um anel.

—Não o anel. Isto — disse, elevando o olhar e fazendo um gesto para o espaço entre eles. — por que te vais casar comigo?

Suspirou.

—Lucy, não é a reputação da Sophia que está em perigo. É a tua. Depois do que quase aconteceu no armário... e o que esteve perto de acontecer no escritório do Henry... tenho um dever para ti como cavalheiro.

—Um dever — repetiu aturdida.

—Uma obrigação. De honra.

—Honra — ela se endireitou. -—Assim só está sendo nobre, então?

—Sim. Ou não — Jeremy pôs uma taça sobre a mesa e o encheu de uísque. Destampou a garrafa e pegou o copo. De repente, Lucy estava ali, em seu ombro. — estive atuando de uma maneira pouco honorável, essa é a medula do assunto. E sinto que precise pagar por isso. Mas é a única maneira.

Ela franziu o cenho, lhe tirando a taça de sua mão e sorvendo pensativa.

—Mas certamente não o é. O que quase aconteceu no armário... o que esteve perto de acontecer no escritório de Henry... Ninguém sabe, exceto nós dois.

—Está o que aconteceu no pomar. Toby e Sophia o viram. Poderiam contar ao Henry.

—E crê que ao Henry importe?

—Se lhe importa ou não, não interessa. A ele deve lhe importar. Nós devemos nos casar. É o correto para fazer.

Ela não parecia muito convencida.

—Nunca fui das que fazem o correto.

Jeremy pôs outra taça e destampou a garrafa de novo, rogando para que sua mão permanecesse firme enquanto o líquido marrom ambarino formava redemoinhos lentamente no copo.

—Se quer sabê-lo, há outra razão pela qual vou casar-me contigo. Uma que não tem nada que ver com o dever ou a honra.

—E qual é?

Olhou-a fixamente.

—O que quase aconteceu no armário... o que esteve perto de acontecer no escritório do Henry.. — fez uma pausa. — Eu quero que aconteça.

Um feroz rubor subiu do pescoço de Lucy até a ponta de suas orelhas.

Ela tomou um grande gole de uísque.

—Você... — bebeu outro gole.— Você me deseja.

—Sim.

Seu olhar se desviou para logo voltar a encontrar o dele.

—Você me deseja.

—Sim — repetiu Jeremy com impaciência. — Quantas vezes quer ouvi-lo? — não muitas mais, esperava ele. Só dizer a palavra, vê-la ruborizar-se... Uma crua luxúria se apoderou de seu corpo esticando sua virilha.

Como se sua admissão verbal fosse um chamado a seus braços.

Algo mudou nos olhos de Lucy. Seu olhar afiado, centrando-se no seu com uma intensidade desconcertante. Ela deixou o uísque, e a taça se encontrou com a madeira polida com o contundente som de uma decisão tomada. Sua mão se reuniu com a dele, onde ele ainda segurava a garrafa.

—Não quero ouvi-lo — disse ela, sua voz cálida e insidiosa como a fumaça. Seus dedos escorregaram até seu pulso, o toque quente e suave, quase muito ligeiro para ser real. Como o mais doce dos sonhos. Ela curvou os dedos sobre seu antebraço e puxou suavemente até que ele soltou a garrafa. — Quero senti-lo.

Tomou a mão entre as dela.

—Notou — lhe perguntou timidamente, voltando sua mão, —que sempre nos interromperam nos momentos mais inoportunos? — ela começou a riscar círculos preguiçosos sobre sua palma.

A virilha de Jeremy palpitava com cada giro de seu polegar.

—Lucy, não — as palavras lhe saíram estranguladas, roucas. clareou a garganta e pôs autoridade em sua voz. — Não podemos. Não devemos.

—Por que não devemos? Como disse, vamos nos casar em onze horas — um sorriso pícaro se estendeu por seu rosto, emoldurado por umas desavergonhadas covinhas. — E então nunca terei minha oportunidade de ser uma descarada sedutora. Que vergonha seria. Tenho lido um livro e tudo.

Ela levou sua mão aos lábios e lhe beijou a ponta de cada dedo, um por um. Ao chegar a seu dedo polegar, sua língua saiu disparada de entre seus lábios e revoou pela ponta.

Jeremy gemeu. *Que maldita classe de livro esteve lendo?*

—Lucy — disse sombriamente. Queria que soasse como uma advertência, mas saiu mais como uma súplica. Arrancou a mão de suas mãos e a pôs sobre seu ombro. — Estou tentando me comportar de forma honrada. Não estamos casados ainda. Estamos na casa de seu irmão. Não vou fazer isto a ele. Não te vou fazer isto a ti.

—Mesmo se eu lhe estou pedindo isso? — seus olhos verdes brilharam para ele. A emoção o alagou até senti-la incômoda no peito. — Estamos a ponto de nos casar. Possivelmente o dever é razão suficiente para ti. Mas não é suficiente para mim.

O medo envolveu seu coração. Jeremy lhe apertou o ombro. Ela não ia escapar dele agora.

—Não é só por dever. Já lhe o disse várias vezes.

—Fez. E o ouvi. Mas neste momento... — pôs as mãos sobre seu peito duro, e ele fez uma careta de prazer. —Quero senti-lo.

—Quero senti-lo — repetiu lentamente.

—Sim.

Jeremy deslizou as mãos a sua cintura e a esmagou contra ele. Lucy entreabriu seus lábios

em um ofego, e ele os cobriu com os seus. Devorou sua boca, empurrando profundamente com sua língua. Profundamente, para saborear o ácido sabor do uísque. Mais profundo, para empapar-se com a doçura por trás. Estava tão malditamente faminto dela. Esfomeado. Sedento. Sentia-se como um homem que não comera em dias.

—Já está — disse com brutalidade, sustentando-a com força contra a borda dura de sua ereção. — Pode sentir isso?

Ela assentiu.

—Bem — lhe soltou a cintura. Suas mãos caíram aos flancos. — Agora, vai-te.

Ela negou com a cabeça. Sua cara estava avermelhada e seus olhos, entreabertos. Tomou uma de suas mãos.

—Agora me sinta — disse, arrastando a mão pela curva de seu seio.

Jeremy sabia que não devia. Mas o diabo o levasse, não podia evitá-lo. Seus dedos se moviam por sua própria vontade, amassando seu seio suavemente através da grossa felpa de seu roupão. A sensação de suave veludo deslizando-se sobre a pele mais suave por baixo, tinha-o a borda da loucura. Precisava parar isto, disse-se. casariam-se amanhã. Podia esperar uma noite mais. ia fazer da maneira correta, na ordem correta. Casar-se, logo a cama. Alguma besta básica, primitiva nele, poderia ter começado isto, mas estava resolvido a que o cavalheiro nele o terminasse. Lucy não merecia menos.

Mas ainda seus dedos percorriam o fluxo de pele coberto de veludo. Seu agudo grito de assombro lhe disse que encontrou seu mamilo. Acariciou-o de novo, provocando que o círculo plano de carne se convertesse em uma ponta endurecida. Provocando aos restos desmembrados de sua prudência.

Jeremy fechou os olhos, em busca dos farrapos de sua retenção. Maldita seja, nada o fazia isto a ele. Em especial, não uma mulher. A autodisciplina, a força de vontade, a determinação, não eram só palavras vazias para ele. Eram uma forma de vida. Eram a forma em como sobrevivera enquanto seu pai vivia e como conseguira o êxito depois de sua morte. Elas o distinguiram de seus pares licenciosos que jogavam suas fortunas nos infernos e nos bordéis de Londres. Elas lhe fizeram um cobiçado amante das mulheres que não queriam amor. Elas lhe fizeram quem era.

Mas Lucy o fazia esquecer. O fazia esquecer-se de si mesmo por completo. E quanto mais tempo permanecia ali, massageando sua suntuosa pele com a mão, esfregando os mamilos com seu polegar, escutando seus suspiros entrecortados, mais difícil se o fazia recordar. Se houvesse uma só razão de por que não devia levar a à cama nesse instante, Jeremy não podia recordá-lo.

De repente, ela se afastou. Bem a tempo. Ele recuperou um tênue controle sobre os restos de sua força de vontade. Sentiu a necessidade de estender a mão e puxá-la de volta, mas se conteve. Com dificuldade. Ela o olhava com os olhos entrecerrados. Seus lábios estavam inchados e vermelhos escuros. Girou seu pescoço em um sensual movimento, jogando o cabelo para trás, sobre os ombros. Levou as mãos ao cinturão de seu roupão. Afrouxou o nó.

OH, Deus. Sabia muito bem o que havia debaixo desse roupão. Essa camisola virginal de gola alta com suas dúzias de botões. Desejou lhe arrancar esse objeto essa noite mesmo. Sonhou com isso mais de uma vez.

Ele devia protestar. As palavras se obstruíram em sua garganta. ficou olhando, hipnotizado, como ela desatava seu cinturão. Então o veludo vermelho caiu qual fogo do inferno, e Jeremy soube que estava maldito, maldito, maldito. Não havia camisola virginal de gola alta. Não havia nenhuma camisola absolutamente.

Só Lucy.

Cada parte dele desejava ir atrás dela, mas seus pés estavam aprisionados ao chão. Sua mandíbula funcionava, mas não podia falar. Se havia algum som no quarto, além dos batimentos do coração selvagens de seu pulso, não podia ouvi-lo. Ela o enfeitiçara por completo. Lhe deixara imóvel, surdo e mudo.

Mas felizmente... não cego.

Dedicara uma quantidade excessiva de tempo durante os últimos dois dias imaginando Lucy nua. Acumulara uma boa quantidade de provas para formar essa imagem mental. Sabia como se sentia ela pressionada contra ele. Havia tocado quase cada parte dela, embora na escuridão. Mas nada o preparara para o espetáculo glorioso de toda ela. Seu corpo era como de nenhuma outra mulher que tivesse visto. E ele vira sua boa dose de mulheres sem roupa. Mas já se tratasse de damas ou cortesãs ou atrizes, em comparação com Lucy, todas compartilhavam uma suavidade quase indolente. Uma fragilidade que de algum jeito soava falsa. Lucy era arredondada em uns lugares e elegante em outros. A luz do fogo delineava o tom esculpido de seus ombros e de seus braços. Seus seios eram redondos e erguidos; seu ventre firme e plano. Seus quadris flexíveis, docemente curvados, alongavam-se em umas coxas firmes e vigorosas.

Ela era suavidade e força. Poder e misericórdia.

Uma deusa.

E logo lhe estendeu seus braços e o chamou. E ele a ouviu. Mesmo através da espessa névoa do desejo, ouviu-a, porque ela falou diretamente com seu coração. Seus pés estavam em marcha antes que ele sequer tivesse respirado. Em um momento, tinha-a apertada a seus braços. Um segundo depois, ambos caíam sobre a cama. E quando ele a colocou sobre o suave ninho de travesseiros, sussurrou de novo.

A palavra que esteve desejando ouvir de seus lábios durante tanto tempo se sentia como sempre. A simples chamada a que ele era incapaz de negar-se.

—Jeremy.

CAPÍTULO 16

Lucy caiu de costas sobre a cama, o grande peso de um homem sobre seu peito e uma pesada carga despencou de seus ombros.

Graças a Deus que funcionou, pensou. Não tinha mais cartas sob a manga depois disto. Havia alguma forma de sentir-se mais nua que nua? Se existia, ela a havia sentido. Por um comprido e terrível momento, começara a duvidar de que ele tivesse sequer alguma reação.

Mas finalmente sim reagiu, e da forma mais emocionante. Agora seus lábios e sua língua estavam reagindo sobre toda ela. E algo quente e duro estava fazendo suas próprias demandas

contra sua coxa.

Ele estava em todas as partes ao mesmo tempo. Uma mão amassando seu seio, a outra abrangendo seu traseiro, sua boca fazendo coisas indescritíveis ao vão suave debaixo de sua orelha. Ele encaixou uma coxa entre suas pernas, e Lucy ofegou ante a sensação de camurça suave e músculo duro pressionado contra sua pele delicada. Ele se esfregou contra ela. Um prazer doce, doloroso se disseminou através de seu ventre e até as curvadas pontas de seus pés.

—Jeremy — seu nome caía de seus lábios uma e outra vez enquanto ele colocava uma chuva de beijos quentes sobre seu pescoço. Era importante para ela dizê-lo em voz alta, pela mesma razão que viera a seu quarto, posto a mão do Jeremy sobre o seio dela e deixado cair descaradamente seu roupão. Assim ele saberia, assim ela saberia, que não era uma jogadora passiva nesta altura dos acontecimentos.

Ninguém podia obrigá-la a meter um dedal no dedo, e muito menos um anel de compromisso. Lucy pôde não ter tido uma proposta de matrimônio, mas tinha uma escolha.

E ela escolhia a ele.

—OH, Jeremy — suspirou contra sua orelha. Estava acariciando seu mamilo com o polegar e arrastando os dentes pelo lóbulo de sua orelha, e todo seu corpo começou a zumbir de desejo.

Passou-lhe as mãos pelas costas, saboreando a sensação de músculo sólido sob o linho suave. Logo tomou o tecido em um punho e a puxou para cima, desesperando-se por um maior contato. Desesperando-se por sentir o calor suave de sua pele contra a dele. Ela subira sua camisa quase até os ombros, quando de repente ele se afastou. sentou-se sobre os calcanhares, escarranchado sobre sua perna.

As mãos de Lucy caíram para cobrir seus seios. Observou-o enquanto se encarregava de sua camisa, empurrava-a sobre sua cabeça e a atirava a um lado.

Deixou que seu olhar vagasse sobre ele. Lentamente. Com avidez. Possessiva. Ele era dela. Todo dela, esta noite e nas sucessivas. Cada contorno de músculos de seus ombros e de seu peito. O pelo escuro, encaracolado, que se reduzia ao chegar a seu umbigo, e logo se perdia ainda mais baixo. E a proeminência fascinante e lhe pulsava, na parte dianteira de suas calças. Lucy estava muito tentada de ficar olhando. Com um pouco de esforço, obrigou a seu olhar a voltar para seu rosto, emoldurado de cabelo negro e encaracolado e ancorado por uns olhos azul claro, agora obscurecidos de desejo.

Obscurecidos, e concentrados em suas mãos. Ou por aí. A Lucy tomou um momento dar-se conta de que provavelmente não era a visão de suas mãos o que o cativou, mas sim o que se erguia debaixo. Deixou deslizar lentamente as palmas de suas mãos aos flancos, revelando seus seios. Ele conteve a respiração.

Seus mamilos se endureceram sob seu olhar, esticaram-se, as pontas doloridas, estendendo-se para ele, rogando por suas mãos, sua boca, sua língua. Se não deixasse de olhar e começasse a tocá-la logo, Lucy estava segura de que ficaria louca.

Levantou a mão para ele, deslizando as palmas pelos troncos grossos de seus braços e deixando que seus dedos revoassem como plumas sobre seu peito. Ele gemeu e se inclinou sobre ela, enjaulando-a entre seus cotovelos. Lucy ofegou ante o repentino calor que a envolveu.

Rodeou o pescoço dele com suas mãos, atraindo seus lábios para os dela.

De repente, ele resistiu.

—Não me banhei.

Sua expressão era tão adoravelmente séria, que teve que rir.

—Não me importa — aproximou seu rosto ao dele, e esfregou sua suave face contra sua mandíbula. Uma barba áspera e incipiente raspou sua pele. Acariciou seu ouvido com um beijo de boca aberta. —De fato—sussurrou, lambendo sua orelha, — eu gosto.

Ela respirou fundo, empapando-se de seu aroma. O aroma que esteve desejando durante dois dias intermináveis. Esse aroma embriagador de couro de sela de montar e de uísque e de vento noturno atravessando ramos de pinheiro. Afundou a cara em seu pescoço, passou a língua pelo rígido tendão que se encontrava aí. Tinha sabor de sal e a almíscar. Logo beijou o caminho de volta até sua garganta, benzendo ao mundo por ter a fortuna de um homem sem lavar. De ter este homem, que cavalgara na escuridão para chegar a ela, lhe trazendo joias e vento e o suor de seu corpo. Sentiu-o tragar e esticar-se quando lhe acariciou a garganta. Ela deixou cair a cabeça sobre a cama.

Olhou-a de uma forma feroz, quase selvagem.

—Lucy— disse seu nome como se o tivesse arrancado do peito, como uma ameaça, ou uma prece. Logo se deixou cair sobre ela, imobilizando-a sob seu peso, e se deu conta muito tarde do que foi em realidade.

Uma advertência.

Tirou-lhe o fôlego. Literalmente. Seu torso esmagou o dela, aplanando seus seios doloridos e extraindo o ar de seus pulmões. Sua língua encheu sua boca, empurrando e exigindo, e até roubando seu ofego surpreso. Então seus quadris martelaram os dela, introduzindo-se entre suas pernas, aninhando-se no berço de suas coxas, e ela se esqueceu de toda ideia de respirar. esqueceu-se de tudo.

Esfregou seus quadris contra ela, grunhindo no profundo de sua garganta. A suave pele de anta incitava a face interna de suas coxas. Um sólido calor pulsava contra a fenda de suas pernas. esfregou-se de novo, e o prazer a percorreu, envolvendo-a. Uma sorte aguda e cortante.

De repente, ele abandonou sua boca e se ergueu em um cotovelo.

—Lucy... —tragou com dificuldade entre respirações ofegantes. —Entende o que vai acontecer? Alguém lhe explicou isso?

Lucy pôs-se a rir.

—É obvio. O livro explica tudo.

Sua voz se aprofundou.

—Tudo?

Entre a nota de delicioso perigo em sua voz e a forma em que seus próprios lugares íntimos pulsavam ao redor de cada sílaba, ela começou a perguntar-se o livro "As Memórias de uma Leiteira Licenciosa" não fôra um pouco vago. Mas independentemente dos detalhes, sabia que tinha uma sólida compreensão dos conceitos básicos.

—Jeremy, isto é uma granja. Durante anos ajudei ao Henry a criar cães de caça. Entendo

como se leva a cabo o emparelhamento.

Agora tocou o turno a ele de rir.

—Sim, bom, é um pouco diferente entre um homem e uma mulher.

—Por que se faz cara a cara?

Ele sorriu ligeiramente. De uma maneira bastante maliciosa, pensou ela.

—Pelo geral. — Antes que Lucy tivesse alguma possibilidade de envolver sua mente com essa casual declaração, ele continuou: —Não é o ato mesmo o que é tão diferente. É mais o que acontece previamente.

—Previamente?

Jeremy beijou seu pescoço, sua língua pulando no vão da base de sua garganta.

—Preciso fazer que esteja pronta para mim — murmurou.

—Acredito que... — Sua voz se perdeu quando ele mordeu ligeiramente seu ombro. — Acredito que estou pronta — estava completamente nua, em sua cama, debaixo dele. Quanto mais pronta ia estar? Ela enganchou suas pernas ao redor das dele. — Estou preparada.

Uma risada abafada contra seu pescoço foi a única resposta. Logo, ele se deixou cair mais baixo, arrastando sua boca até seu seio, e Lucy não estava disposta a interrompê-lo.

Por favor, ouviu-se si mesmo suspirar. Seus dedos se deslizaram até seu cabelo, enredando-os e girando-os entre suas mechas negras e espessas. Levou seu mamilo à boca, e o prazer disparou através dela. Sua língua circundou a tensa crista de carne, revoando sobre a ponta. Lucy se arqueou contra ele, seu agarre apertando-se em seu cabelo.

Ele franziu os lábios a seu redor e puxou, lhe arrancando um grito do mais profundo de seu peito. Sugou com avidez, provocando e jogando com sua língua sem piedade, até que ela se retorceu debaixo dele, contra ele. E justo quando ela começava a acreditar que nunca se deteria, e ela começava a acreditar que não lhe importaria, ele soltou seu mamilo.

Beijou seu caminho lentamente através do vale tenro de seus seios.

Deixou que sua língua subisse o pendente de seu outro seio, a sua ponta endurecida e dolorida. E o fez uma e outra vez.

Lucy se deu por vencida. Deixou de lutar contra o prazer. Este perdeu suas arestas e se voltou líquido, e ela simplesmente o deixou fluir. Deixou que nadasse através dela em correntes sinuosas e curvadas. Sentiu-o formar redemoinhos entre seus dedos e baixar até as pontas de seus pés e subir até as pontas de suas orelhas. estremeceu-se quando o sentiu cair mais rápido, tomar impulso, e apressar-se a retornar ao poço entre suas coxas. Mal se ouvia a si mesmo murmurar palavras. Talvez o nome dele. Talvez o dela mesma. Não tinha nem ideia.

Mas quando abandonou seu seio e começou a beijar um caminho sinuoso até seu ventre, ela ficou em silêncio. Flutuou com ele, sua consciência flutuando com o prazer ondulante de seu beijo.

Ele se afundou entre suas coxas, a largura de seus ombros abrindo-as mais. Seu fôlego fazia cócegas em seus cachos suaves e na carne tenra que resguardavam. Sentiu que seus dedos a afastavam suavemente. E então a sorte quente e envolvente de sua língua.

OH, Deus.

OH, Deus; OH, Deus; OH, Deus. O livro definitivamente não mencionou isto. Teria se

recordado. Teria-o sublinhado. Sua língua se moveu oscilante contra ela, e Lucy gritou. Bastante forte. Ele se ergueu sobre um cotovelo.

—Lucy, silêncio. Alguém poderia escutar.

Ela assentiu e ele se inclinou para saboreá-la uma vez mais. Sua língua dançou sobre sua carne tenra, e o prazer a atravessou oscilando em uma grande onda brilhante. Voltou a gritar. Mais forte.

Ela pôs uma mão sobre sua boca.

—Não posso evitá-lo — sussurrou quando ele se levantou de novo. — Você tem a culpa, sabe — ele tinha seus dedos sobre ela agora, acariciando-a. Passou o polegar sobre esse lugar insuportável e cintilante em círculos pequenos e nefastos. Sua cabeça rodou de novo sobre o travesseiro. — OH, Deus.

—Devo parar? — perguntou-lhe, deslizando um dedo dentro dela.

—Deus, não — seu dedo se inundou mais profundo, movendo-se lentamente dentro e fora. Lucy gemeu contra o dorso de sua mão.

Logo ele esteve a seu lado, percorrendo com beijos o caminho de volta a seu corpo, estendendo-se a seu lado. O duro calor palpitando contra seu quadril. Sua língua apareceu dentro de seu ouvido. Esfregou a palma de sua mão contra ela enquanto seu dedo se movia dentro e fora e dentro e fora, e Lucy... Lucy estava preparada. Pronta, disposta, desejosa e preparada. A antecipação líquida, quente, corria por suas veias. Ela estava se afundando através do escuro e selvagem e úmido e quente, e estava preparada, pronta, pronta. Pronta para que algo acontecesse. Pronta para que nunca terminasse.

Nunca, nunca, nunca, nunca terminasse.

Sacudiram-na ondas de prazer. Alagando-a, enchendo-a. Obrigando a sair a todo o resto. Sua mão caiu longe de sua boca, e um grito impotente surgiu do profundo de seu ventre, rasgando sua garganta. Ele esmagou seus lábios sobre os dela, tragando seu grito. Alegria, confusão, frustração, medo, ela os verteu todos em um grito comprido e enlevado contra sua boca. E ele tomou tudo. Tomou tudo o que lhe deu, bebendo-lhe sondando profundo com sua língua para não deixar nada atrás. Acariciou-a suavemente enquanto flutuava de volta para baixo. De volta para si mesma.

OH, Deus.

Seu corpo se sentia maravilhosamente lânguido, mas logo umas perguntas inquietas agitaram sua mente. Como ele podia conhecer seu corpo tão bem, agitar com tanta facilidade sensações que lhe tomou dezesseis anos descobrir por sua conta? Umas que jamais descobrira absolutamente? Como ia poder descobrir os segredos dele para deixá-lo preparado? E isto de verdade foi só uma preparação?

Que prazer vinha depois? Tantas perguntas, e lhe faltavam as palavras para sequer as expressar. Quando por fim ela pôde confiar-se em sua voz novamente, tentou falar.

—Jeremy?

—Sim?

—Como se chama, isso... isso que me acaba de acontecer?

Ele fez uma pausa.

—Bom, há várias formas de chamá-lo.

—Só várias? — maravilhou-se Lucy. — Eu pensaria que haveria centenas. Milhares poderiam não ser suficientes.

Mordeu-lhe a orelha divertidamente.

—O que? Não havia umas poucas em seu livro?

Lucy aplaudiu seu ombro.

—Pensei que tínhamos discutido as limitações de aprender de um livro — ele seguia mordiscando o lóbulo de sua orelha. Ela suspirou e passou a mão pelos fortes músculos de seu braço. — E pode acontecer a ti?

Ela sentia o palpitar de sua excitação em suas calças, empurrando contra a curva de seu quadril.

—Sim— murmurou ele contra seu pescoço.

—Mas não... ainda.

—Não.

—Então, por que só fica assim? —afastou-o levemente para olhá-lo aos olhos. — Como pode suportá-lo?

Uma risada abafada se arrancou de seu peito enquanto ficava de joelhos.

—Com grande esforço.

Ela rodou sobre um flanco e tomou o fechamento de suas calças. Sua mão roçou o vulto duro e tenso da frente, que saltou. Lucy estava fascinada. Ela se ergueu sobre um cotovelo, soltando os botões com a outra mão. Finalmente, terminou a tarefa, liberando os últimos botões, baixando o tecido sobre seus quadris. Deixando sua mão livre para explorar.

E o que ela descobriu, nunca o teria imaginado. A dureza e a força, sim. Ele era duro e forte, em geral. Mas essa delicada suavidade, não a poderia ter sonhado nunca. Veludo suave, ligeiramente rugoso. Como a orelha de um gatinho. Deixou que sua palma se deslizasse por cima de sua longitude. Ele se afastou bruscamente de sua mão, e ela curvou seus dedos ao redor dele, apertando. Assim não poderia escapar.

Ele exalou com força. Um som áspero e francamente perigoso.

—Lucy, não temos que fazer isto. Podemos esperar— fechou os olhos um instante, então os abriu outra vez. — Eu posso esperar.

—Para que? — acariciou-o de novo, e ele fez um grunhido surdo do fundo de sua garganta. — Deseja-me, não?

Evitando sua mão, tirou-se de um chute as calças e se deitou de lado, em frente a ela. Encontrou seus olhos, fixando nela um olhar tão profundo, tão intenso, que todo o corpo de Lucy se sentiu vivo e ardente. O estreito espaço entre seus corpos crepitava de eletricidade, e quando a mão do Jeremy saiu disparado para abranger seu rosto, a descarga enviou faíscas até os seus pés.

—Deus, Lucy— disse com rudeza. — Não pode saber como te desejei.

—Não posso? — deslizou-se mais perto dele, até que seus mamilos lhe roçaram o peito. — Me Diga— lhe sussurrou, deslizando a mão por suas costas musculosas e sobre a tensa curva de suas nádegas. estremeceu-se quando ela apertou suavemente.

—Não há suficientes palavras — sua mão calosa se deslizou até tomar seu cabelo em um punho. Fez inclinar-se para trás a cabeça dela para poder lhe deixar um rastro de beijos ao longo de seu pescoço. —Necessitaria mais que várias — murmurou, sua língua tecendo um perverso caminho descendente. — Milhares poderiam não ser suficientes.

—Então me mostre— Lucy enganchou a perna por sobre a dele, aumentou a força de seu agarre sobre seu traseiro, e rodou sobre suas costas, puxando-o com ela. Ele se colocou entre suas pernas, pressionando o calor duro e pulsante contra seu montículo. O prazer ecoou através dela enquanto se arqueava contra ele, e seus gemidos se mesclaram em um beijo urgente.

Jeremy apoiou sua fronte contra a dela.

—Lucy, não posso — seu fôlego se precipitava sobre seu rosto, quente e denso, como o vapor. Ele tragou com força. Ela o podia sentir ali, pressionando contra sua entrada. Preparado para fazê-la sua. —Não há volta atrás daqui — disse, com voz tensa. — Se não ser... se não estar... — empurrou mais perto ainda, deslizando-se um pouco em seu interior. Doía-lhe ao redor dele. Sofria por ele. Jeremy apertou os dentes.—Só me rechace.

Ela deslizou suas mãos até seus quadris e puxou.

—Nunca.

E então ele estava dentro dela, rápido e repentino e forte. Enchendo-a, estirando-a.

Ficou ali, imóvel, em cima dela. Dentro dela. Seu peito duro movendo-se trabalhosamente sobre o dela, enquanto cada um lutava por respirar.

—Dói-te? — perguntou.

Ela negou com a cabeça.

—Deveria?

—Eu... não sei.

Esta admissão provocou a Lucy um pouco de pânico.

—O que quer dizer com que não sabe? — perguntou ela, empurrando seus ombros até que ele se levantou para olhá-la aos olhos. —Disse que foi um libertino! Não me diga que esta é a primeira vez que você há...

—É obvio que não — Jeremy apertou os dentes. — Mas nunca antes me deitei com uma virgem. E tenho entendido que é doloroso. — Lucy o olhou com curiosidade. — Para a mulher— esclareceu.

—OH — Lucy fechou os olhos e ficou em silêncio, avaliando. Diferenciando a miríade de sensações entristecedoras para julgar se alguma qualificava como dor. Como se sentisse objeto de investigação, seus músculos íntimos se esticaram ao redor dele.

Jeremy gemeu.

—Não me dói— disse. — Sinto...

Ele deu uma pausa entrecortada.

—Sente, o que?

—Isso é tudo— abriu os olhos. — Sinto — ela desenroscou seus dedos de seus braços e os percorreu, roçando-os, até subir a seu pescoço. — Sinto-te.

Moveu-se suavemente, ondulando seus quadris contra ela. Um prazer delicioso alagou seu

corpo. Sim, ela o sentia. E ele se sentia como o céu.

Retirou-se um pouco e a penetrou de novo, esta vez mais profundo. No coração mesmo dela. Aferrou-se a seu pescoço e lhe gritou ao ouvido. Todo seu corpo ficou rígido, e Lucy se perguntou por um momento se ela fez algo mal. Então Jeremy a olhou, seu olhar escrutinador e ansioso, e uma pontada de emoção sobressaltou o peito de Lucy.

Lhe doía, deu-se conta. Doía-lhe pensar que a machucou.

—Não há dor — lhe assegurou entre respirações ofegantes. — Só você.

Abraçou-o com força, com ternura, enquanto que seu corpo aprendia a adaptar-se ao dele. Apoiando sua fronte contra a dela, Jeremy a beijou ligeiramente na face. E quando ele se retirou com suavidade e empurrou de novo, Lucy fechou os lábios em um grito, selando-o em um gemido. Uma e outra vez, ele investiu em seu interior. Ela afundou a cara em seu ombro e sentiu ao doce dor edificando-se uma vez mais.

Ele se moveu mais rápido e mais forte, e ela começou a mover-se com ele, arqueando-se com cada golpe, ofegando de prazer. Seus dedos se afundaram em seus ombros. Ela ouviu um grande gemido. Provavelmente dela, mas Jeremy não lhe fez nenhuma recriminação. Os dois estavam além de lhes importar que os ouvissem. Sentia que começava de novo: essa maravilhosa avalanche de prazer ressurgindo do mais profundo dela. Ressurgindo dele, com sua respiração voltando-se áspera e seus impulsos, mais rudes. Até que se rompeu o dique e a avalanche a levou e se afogaram juntos no êxtase.

Ele se derrubou sobre ela, afundando-a na cama com seu peso. Flutuaram ali juntos, simplesmente respirando. E Lucy tentou recolher os pedaços de seu corpo, como os ramos pulverizados depois de uma tormenta. Uma perna se encontrava enroscada ao redor da dele. Um par de dedos os localizou enredados em seu cabelo. E justo quando ela começava a acreditar que se encontrava inteira ainda ali, embora algo reacomodada, começou outra avalanche. Esta não partia do seu ventre, ou dele. Começava em seu coração.

Um dilúvio de emoção estranho e poderoso que arrasava e enchia cada centímetro de seu corpo, até que se estremeceu com a terrível tarefa de contê-lo. E não se detinha. Só seguia chegando. Não havia trégua. Fluía em grandes rios até seus membros e golpeava feito ondas a seu centro ainda tremente. Inchou seus lábios e retumbou em seus ouvidos e brotou em seus olhos. Era muito para abranger, impossível de conter com um dique.

Finalmente, transbordou-se em sua alma.

CAPÍTULO 17

—OH, Odeio-te! — Sophia se inclinou sobre o anel de compromisso de Lucy, com uma expressão de fascinada inveja.—Simplesmente precisa estar um passo diante de mim, não? — perguntou ela, arrojando a mão de Lucy.

Lucy ficou sentada na penteadeira, vendo o reflexo da Sophia através do espelho movendo-se de um lado para outro. Por cima dela, a donzela da Sophia murmurava violentas ameaças com uma boca cheia de grampos. Os cachos de Lucy, como seus pensamentos, eram particularmente

rebeldes esta manhã. A diminuta donzela francesa não se desanimou. Atacou com determinação o ornamento, puxando e girando as mechas castanhas em um elaborado penteado em espiral para as bodas.

As bodas. O couro cabeludo de Lucy se arrepiou ante a ideia. Suas bodas.

—Em primeiro lugar — Sophia enumerou com os dedos, —está muito adiante de mim em beijos. Mal me comprometo no jardim, de uma maneira perfeitamente escandalosa. As pessoas poderiam pensar que teria a vantagem ali ao menos por uma hora inteira, mas não. Dez minutos mais tarde, você se compromete no jardim. Está a ponto de te casar antes de que meu pai dê seu consentimento. E agora se adianta com o anel. Não terei o meu até que Toby possa trazê-lo de Surrey. E mesmo assim, não será nem a metade de formoso.

Lucy sorriu ante a implicante tristeza de sua amiga.

—Devo te recordar — perguntou, — que não estaria comprometida ou estar por me casar ou usando um anel de compromisso, se você não tivesse inventado essa ridícula carta?

—Foi sua ideia — Sophia se deteve na janela e se apoiou contra o vidro em uma postura petulante. — E não soe tão chateada. Fiz-te um grande favor — jogou com a borla das cortinas cor âmbar.—É asquerosamente feliz, não pretenda dar a entender outra coisa.

—Muito bem — disse Lucy. — Não o farei — recolheu um dos brincos de opala de sua mãe da penteadeira e sorriu a seu reflexo enquanto o assegurava no lugar, recordando a deliciosa sensação dos dentes de Jeremy mordendo sua orelha. Seus mamilos se endureceram imediatamente, pressionando contra a seda marfim de seu sutiã.

Em realidade aconteceram só umas poucas horas desde que deixou sua cama? Já se sentia semanas. *Deus, sentia sua falta*. Era inclusive pior do que fôra a noite anterior, depois de dois dias intermináveis. Só de pensar nele, sentia uma dor surda rodeando seu peito. E uma profunda quentura acender-se entre suas coxas. Tentadoras lembranças fugazes passaram por sua mente, como os brilhos da luz do fogo na escuridão. Sua mão sobre seu peito. Sua língua em seu ouvido.

—Basta te olhar — disse Sophia. —É tão feliz, que tem um rubor rosa brilhante. Se não soubesse, pensaria que tem febre. Lucy fez uma careta e levou a mão à fronte em agonia fingida. —E-— continuou Sophia, atravessando o quarto para ficar de pé atrás dela. — Que o Senhor ajude a todos, deve ser contagioso — sustentou o olhar de Lucy através de seus reflexos no espelho. Um sorriso relutante se estendeu por seu rosto. —Mesmo eu estou feliz por ti.

A donzela cravou o último grampo no penteado alto de Lucy. Esta ficou de pé e girou lentamente para a avaliação da Sophia.

—Está encantadora — disse Sophia, retrocedendo para julgar o efeito.— O marfim se encaixa a seu tom de pele de uma formosa maneira. E fica como um sonho. Ninguém poderia dizer que o vestido é reformado.

Lucy foi ao espelho de corpo inteiro e contemplou sua imagem refletida. A seda cor marfim colava ao corpo como uma segunda pele, o decote do sutiã revelava mais que uma insinuação da fenda. A saia caía de uma cintura império, roçando a curva de seus quadris antes de render-se em uma suave coluna até o chão. As opalas penduravam de suas orelhas, e joias brilhavam em seus dedos. Seu cabelo estava empilhado e enrolado em um estilo grego clássico e debruado com uma

fita de seda. As mechas que lhe penduravam soltas não eram caprichosas, a não ser cachos cuidadosamente desenhados para atrair a vista para o delicado pendente de seu pescoço.

—Imagine — disse Sophia. —- Em poucas horas, será uma condessa.

Lucy viu empalidecer a seu reflexo. Uma condessa. Ela? As palavras "Lucy" e "condessa" não pareciam pertencer à mesma oração. Mal pareciam pertencer ao mesmo quarto. Repentinamente, Lucy se deu conta de que ela nem sequer conhecera a uma verdadeira condessa. Como demônios poderia converter-se em uma? Seu coração começou a pulsar com força contra seu espartilho, e ela sentiu o impulso de correr a seu armário e esconder-se.

Mas não podia esconder-se dele ali.

Tranquilizou-se e respirou fundo, escrutinando sua imagem de novo. Os mesmos firmes olhos verdes olhavam de um rosto em forma de coração, emoldurados por maçãs do rosto proeminentes abaixo e sobrancelhas escuras acima. Tinha a pele de oliva ruborizada, e quando sorria, seus dentes brilhavam em uma linha reta. Ainda era Lucy depois de tudo.

E mesmo com os brincos de sua mãe e um vestido emprestado, sentiu-se, pela primeira vez em sua vida, como se a beleza lhe pertencesse. Deixou de preocupar-se de que pudesse cambalear com as sapatilhas de salto ou tropeçar com essa pesada saia, forrada de cetim. Seu centro de gravidade se deslocou de algum jeito. Seu marco de marimacho seguia firme sob a seda, mas mais forte que ontem.

Escorado com beijos e reforçado pela paixão. O suficientemente forte para levar a carga formidável da elegância. Ainda a aterrorizava, esta ideia de converter-se em uma condessa. Mas Lucy pensou que poderia ser capaz de dirigi-lo, sempre e quando fosse a condessa dele.

—É como se esse vestido se desenhou para ti — disse Sophia.

—Sou afortunada de que as proporções de Marianne sejam tão similares às minhas.

—É afortunada em geral — a voz da Sophia se voltou nostálgica.

Lucy contemplou a sua amiga, sentindo uma leve pontada de culpabilidade. Todos no Waltham Manor passaram os últimos dois dias preparando-se para esta cerimônia improvisada. Qualquer celebração do compromisso da Sophia se perdeu na agitação dos preparativos das bodas. E esteve tão absorta em seus pensamentos, que Lucy mal falou com sua amiga.

Sua última e verdadeira conversa teve lugar com uma garrafa de muito bom clarete.

—Não é feliz, também? — perguntou Lucy.

A boca da Sophia se curvou.

—Espero sê-lo.

—Certamente, teve seu momento de paixão, não? —Lucy arqueou uma sobrancelha e agarrou o pulso de Sophia divertidamente. — A paixão a torso nu, nada menos. Inclusive Gervais estaria em apuros para superar isso.

Sophia mordeu os lábios e sorriu.

—OH, sim. Um momento de paixão, realmente— tirou o pulso das mãos de Lucy e envolveu seus braços ao redor de seu peito. Franziu o cenho. — É só que...

Lucy esperou um bom momento antes de perguntar:

—O que?

—Toby me adora. Até me idolatra. Não deixa de falar a respeito.

—E isso é mau?

—Sei, sei. Parece ridículo me queixar de ser objeto de uma devoção tão ardente— se aproximou da cama e se sentou na borda. — E suponho que não me importa ouvir que sou formosa. Mas quando começa a compor odes a minha pureza e perfeição, nem sequer reconheço à mulher que está descrevendo. Não estou de toda segura que sou eu. Se na verdade ele soubesse como sou, por dentro... — dirigiu ao Lucy um sorriso irônico.

—A beleza não é mais profunda que um reflexo.

Lucy se levantou da mesa da penteadeira e caminhou com cuidado para sentar-se junto à Sophia na cama. A seda cor marfim rodeando-a como uma nuvem.

—Mas isso é o maravilhoso, não te parece? Que ele veja qualidades no profundo de ti, ocultas, coisas formosas que não sabia que estavam ali.

Como a paixão, pensou. E a ternura. A graça de levar sedas e joias. E esse prazer perfeitamente maravilhoso que mostrou a noite anterior. que dera em três diferentes ocasiões, e pelo que provocou com três nomes diferentes, um deles inclusive em francês. Agora, esses eram o tipo de exercícios de vocabulário que uma garota poderia desfrutar.

Talvez poderia ser uma mulher educada ainda. Suspirou languidamente.

Sophia arregalou os olhos enquanto estudava o rosto de Lucy.

—Maldição, Lucy Waltham — disse com um olhar de cumplicidade. — Já vamos outra vez. Agora está irremediavelmente adiante de mim.

Lucy inclinou o olhar para o chão. Um rubor quente cobriu suas faces e seu peito. É obvio, Sophia saberia com apenas olhá-la. Não saberiam todos? Com sua primeira união poderia ter composto o rosto para dissimular, mas com a segunda? OH, céu doce, a segunda vez! Realmente, seria um milagre se toda a casa não tivesse escutado a segunda vez.

Lucy mordeu a unha do polegar, envergonhada.

—É tão óbvio?

—É obvio que o é! Está escrito em sua cara— Sophia cravou um dedo no braço de Lucy. — Você — acusou, — está verdadeiramente apaixonada.

—OH — a mão de Lucy caiu em seu regaço. — Ah, isso.

Apaixonada? *Por Jeremy?*

—Não tente negá-lo — disse Sophia. — É uma mentirosa terrível. Me recorde que algum dia te dê lições sobre a mentira, Lucy. É um ganho muito mais útil que o bordado.

Lucy não tinha nenhum desejo de negá-lo. Ela teve toda a intenção de repente apaixonar-se perdidamente dele. Esteve simplesmente esperando um momento livre para decidir-se a fazê-lo.

Da mesma maneira que decidira sobre o Toby. Concentraria sua mente e sua vontade na tarefa de amar a seu marido. além de razões, além de argumentos. Mas não se concentrou nisto. Sua vontade nem sequer foi consultada. Seja o que fosse o que estava sentindo, provinha de alguma capa fundamental de seu ser. Por baixo das razões, por baixo dos argumentos. Amava-lhe da mesma maneira que seus pulmões tomavam ar, ou seu coração pulsava em seu peito. E de fato, agora que Lucy era consciente disso, cada respiração e batimento do seu coração ressonava

com essa verdade elementar.

Eu amo ao Jeremy.

Todo seu corpo se ruborizou com uma consciência vertiginosa. Lucy se perguntou que parte dela o soube primeiro. Sua mão, quando ele a beijara aquela noite no jardim? Seus braços, quando ela o puxou para dentro do armário? Seus lábios, talvez, quando ele a beijara sob a pereira? Ou talvez até seus pés, quando a dirigiram a sua porta essa noite e não a do Toby? Inclinou a cabeça e sorriu, flexionando os dedos dentro de suas sapatilhas. Pés inteligentes, inteligentes.

Sophia sorveu pelo nariz. Lucy levantou a vista para ver os olhos de sua amiga cheios de lágrimas.

—OH, não é nada —disse Sophia, sacudindo a cabeça. Levantou a vista para o teto e pressionou um nódulo contra o canto de um olho. — Só que sempre choro nas bodas. Você não?

—Não — respondeu Lucy com sinceridade. — Mas é que eu não choro. Nunca.

Sophia sorveu outra vez e endireitou os ombros.

—Bom, então — disse ela, animando-se. — Me alegro de não te haver comprado lenços como presente de bodas — se levantou e agarrou um pacote envolto em papel. — Te vai encantar isto — seu sorriso se ampliou quando ela desatou o cordão atado. Tirou o papel e desdobrou o conteúdo em uma espetacular cascata de seda escarlate. — fez-se para o Kitty antes de suas bodas, mas ela pensou que era de mau gosto e vulgar. Digno de uma rameira, disse Sophia pendeu no ar um negligé vermelho fogo. — Eu, é obvio, achei-o perfeito — apertou uma parte da camisola sobre seu corpo e posou ante o espelho.

O decote caía de maneira dramática, e um lado tinha uma abertura que subia quase até o quadril. Os suspensórios finos eram só uns encaixes negros e debruavam toda a renda do escandaloso objeto.

—Há um roupão combinando também.

Extasiada, Lucy se aproximou para tocar o tecido brilhante. Deslizava-se sobre seus dedos como a água.

—Pobre Felix, né? — Sophia arqueou uma sobrancelha e baixou a voz. — E a sorte de Lorde Kendall. Ele lhe vai rasgar isso, sei. E quando te ver depois, quero escutar todos os emocionantes detalhes.

Lucy pôs-se a rir. Ela sentiria falta do elegante estilo das loucuras da Sophia.

—Sabe, tenho um presente para ti, também.

—Sério?

Lucy foi a sua cômoda. Abriu uma gaveta, jogou a um lado um grande monte de meias, e levantou o duplo fundo para revelar o esconderijo debaixo.

—Vais amar isto — disse ela, olhando a Sophia com uma cintilação no sorriso malicioso enquanto retirava cuidadosamente seu prêmio. — É um livro.

ஜஜஜ

—A vais levar ao Corbinsdale, então? — Henry apoiou uma bota em sua escrivaninha e se

recostou na cadeira. Folheou os documentos que o advogado do Jeremy preparou.

Jeremy assentiu.

—Até que comece a temporada.

—Lucy preferirá o campo de todas formas. Ela não vai com nenhum dote, mas ao menos não te custará muito. Não terá que gastar grandes somas de dinheiro em joias ou vestidos — riu entre dentes. —Não posso imaginar a Lucy pavoneando-se em um salão de baile.

Jeremy ajustou o punho de sua camisa.

—Talvez pudesse, se alguma vez lhe tivesse permitido assistir a um baile.

Henry lhe lançou um olhar por cima do maço de papéis. Reatou a leitura em silêncio.

Enquanto Henry lia, Jeremy se concentrou na tarefa de vestir a Lucy para seu primeiro baile. Parecia uma ocupação mais segura que o que esteve fazendo durante a última meia hora, imaginando a Lucy nua. Teve seu corpo nu durante a maior parte da noite, e só uns quantos documentos e um vigário se interpunham entre ele e o prazer da nudez de Lucy durante a maior parte de sua vida.

As pessoas poderiam pensar que seria capaz de frear seus pensamentos e sua excitação durante a hora que faltava. As pessoas estariam equivocadas. E o fato de que enfrentasse ao Henry em sua escrivaninha, a mesma escrivaninha de nogueira que ele e Lucy estiveram muito perto de polir faz três noites, não ajudava às coisas.

Fechou os olhos um instante. Não havia um lugar seguro onde deixar que seu olhar se posasse. Os suaves cilindros de pergaminho lhe recordavam sua pele. Um olhar à correspondência, com seu selo redondo, vermelho, irregular e os polegares lhe picavam pela sensação de seus mamilos. E o quadro da pena inundada no tinteiro levava a sua mente a lugares que eram claramente obscenos. Nenhuma mulher fez isto a ele. Jeremy conhecera a luxúria. Ele soube o que era desejar. Conheceu o doce alívio do desejo frustrado por fim satisfeito. E em seguida, conheceu a frouxidão inevitável.

O aborrecimento. A preguiçosa satisfação que durava dias ou semanas, até que uma nova conquista agitava seu sangue.

Bom, ele desejara a Lucy. A desejou com uma necessidade febril além do que tivesse experimentado jamais. E agora, conheceu o gozo sublime de seu corpo. Duas vezes. deleitou-se com a doce música de seus gritos de amor enquanto a fazia alcançar o clímax. Três vezes. Ela não se reprimiu absolutamente, não lhe mostrara nenhum medo. Só uma paixão inocente e uma confiança inquebrável que fez que seu coração lhe doesse ante esta bela misericórdia. Tencionava ser gentil, e o conseguira, algo, a primeira vez. Mas a segunda... *Deus Santo*, a segunda vez.

Sua resposta apaixonada e seus gritos agudos, despojaram-no de toda gentileza e se cravou em sua fenda apertada e escorregadia uma e outra vez, até que se perdeu por completo.

E ele estava, menos satisfeito. Quanto a frouxidão ou aborrecimento, Jeremy suspeitava que essas duas palavras se eliminariam definitivamente de seu vocabulário. depois de que ela deixara sua cama, situou-se nessa roupa de cama, onde seu quente e seu doce aroma ainda permaneciam, e ele sonhara com sua cor brilhante e luminosa. despertou-se duro e dolorido por ela, como se nunca tivessem feito o amor. Provara cada centímetro dela, mas só estava mais faminto. Jeremy

duvidava de que alguma vez se cansaria dela.

Mas a partir de... olhou seu relógio de bolso, uns quarenta minutos, faria a ambição de sua vida o tentá-lo.

—De verdade tem a intenção de fazer isto, não? — Henry moveu o maço de papéis ante ele.

—Mmm? — Jeremy se sacudiu para sair de seu devaneio.

—Estes dois últimos dias, estive esperando a que te arrependesse. Que te jogasse para trás. Mas realmente tem a intenção de fazê-lo — Henry lançou um profundo suspiro e atirou os papéis sobre a escrivaninha. —Não posso permitir isso, Jem.

—Não me pode permitir o que? Se houver algum problema com os contratos, podem-se solucionar facilmente.

—Não estou objetando os contratos, homem. Não posso permitir que te case com a Lucy. — Jeremy olhou a seu amigo, estupefato. —Isto é absurdo — continuou Henry. — Estou olhando estes documentos, propriedades, fideicomissos, títulos. Não pode honestamente querer fazer isto.

Ao Jeremy importavam um nada os documentos. Ou os títulos, ou propriedades, ou fideicomissos. A única coisa que queria era voltar a deslizar-se nesse céu quente, sedoso, onde nada disso importava. Onde ele esquecia tudo. Onde esquecia seu próprio nome, até que ela o devolvia em entrecortados gemidos.

Henry deixou que sua bota caísse ao chão e se inclinou para diante sobre a escrivaninha.

—Jem, sei que te pedi que desse a Lucy um pouco de atenção. Não era minha intenção que te casasse com ela. É uma boa garota, mas não é a classe de esposa que você desejaria. — Jeremy sentiu que uma rajada de violência o percorria, em um borrão vermelho, pulsando em seu sangue. Conteve o impulso poderoso de atravessar ao Henry com seu próprio abridor de cartas. —É um conde — continuou Henry. — supõe-se que tem que te casar com uma dama de uma família estabelecida. Uma pessoa com dinheiro, conexões. Resististe-te ao matrimônio como qualquer de nós. Suponho que não é simplesmente porque não encontrou à garota de campo adequada, e sem um centavo.

A violência crescente no sangue do Jeremy assumiu a carga potente do pânico. O suor manchava sob sua gravata. Ele dispôs que sua voz permanecesse firme e respirou lenta e profundamente.

—Henry, estou comprometido com Lucy. Vou casar-me com ela.

Um ligeiro toque precedeu o suave rangido da porta. Uma voz familiar disse:

—Marianne disse que queria ver-me.

Jeremy se levantou e se voltou, bem a tempo para ver a Lucy flutuar para a sala em uma nuvem de seda cor marfim. E então se esqueceu por completo de como respirar.

Primeiro se deu conta de seu cabelo, a profusão de cachos escuros coroando sua cabeça, e os brincos pendentes, que o tentavam a baixar o olhar. A sua face, onde um rubor se via sob o dourado translúcido. Ao longo do pendente delicioso de seu pescoço nu. Baixando até onde devia estar o decote de seu vestido. Mais abaixo, onde seu decote estava em realidade, onde a seda cor marfim se aferrava a cálida e doce pele como um sonho.

Jeremy pensou que nunca poderia vê-la mais formosa do que a viu a noite anterior, em sua

cama. E de fato, não era assim, não de tudo. Mas parecia bastante perto. E havia uma emoção completamente diferente com esta beleza. Afetava-lhe de uma maneira nova e estranha. Lucy era mais gloriosa nua e bem amada, é obvio. Mas isso era uma exibição privada, só para seus olhos.

Esta manhã, ia estar a seu lado ante o homem e ante Deus por igual, radiante como um anjo. Ninguém poderia olhá-la e não aturdir-se por sua beleza. Não era desejo o que lhe inchava o peito, substituindo a respiração em seus pulmões.

Era orgulho.

—Bom dia, Jeremy — lhe sorriu, um brilho tímido em seus olhos.

Jeremy assentiu com a cabeça em resposta, não confiava em sua voz. Mas em seu interior, esteve de acordo em que era, de fato, muito bom dia. Pela primeira vez desde que ela deixou sua cama, começou a imaginar outra coisa além de noites cheias de paixão. Imaginou toda uma vida de manhãs agradáveis. E quando pensava em começar cada dia como este, ouvindo essas palavras cair docemente de seus lábios, sabendo que esse sorriso era só para ele, este dia em particular se voltava ainda melhor. "Bom" não começava a descrevê-lo.

Henry pôs-se de pé.

—Lucy, me alegro de que esteja aqui. Entre, toma assento.

Ela negou com a cabeça, alisando a saia de seu vestido.

—Vou enrugar-me.

—Faz o que queira — Henry encolheu os ombros e se deixou cair em sua cadeira. — Mas não precisa preocupar-se pelo vestido. Estive explicando ao Jem que vou fazer-lhes um favor e pôr fim a esta farsa neste momento.

—O que quer dizer? —perguntou Lucy. — Que farsa?

—Esta!—Henry fez um gesto envolvendo os dois. — Este compromisso! Estas bodas!

Lucy lançou a Jeremy um olhar aturdido. Jeremy clareou a garganta.

—Henry, não acredito...

Henry fez caso omisso de sua objeção.

—Pensei-o bem. Ninguém sabe sequer que estão comprometidos, salvo nós oito. Felix e Toby podem fazer que suas damas guardem silêncio, acredito. A reputação de Lucy não tem por que sofrer. Vou levá-la à cidade na primavera, e ela vai ter sua temporada. Ambos serão livres para casar-se, quando e onde queiram. Todos felizes.

Feliz? O homem era tolo? Jeremy não podia lhe dar um nome exato a crescente sensação de mal-estar em seu peito, mas estava bastante seguro de que não era felicidade.

—Henry, escuta. Não tenho intenção de voltar atrás. Vou me casar com a Lucy. Tenho uma obrigação com ela, e contigo.

Henry franziu o cenho.

—Para já com a nobreza, Jem? Sei que essa carta ridícula não era tua —se levantou de sua cadeira e rodeou a escrivaninha, fazendo de vértice do pequeno triângulo. Sua voz se suavizou. — Jem, é meu melhor amigo. Lucy, é minha única irmã. E é certo que lhes conheço melhor que ninguém. E sei que ficariam completamente loucos um com o outro.

A expressão de Lucy passou de aturdida a indignada.

—Henry... Não posso imaginar o que quer dizer.

—É obvio que pode! Estiveram atacando um ao outro durante oito anos. Esperas que acredite que de repente mudaram? — Henry deu um passo para sua irmã e baixou a voz. — E se Jem me perdoa por dizê-lo, Lucy, todos estes anos, atacaste a seu lado amável. Acredite que ele é muito sóbrio aqui no Waltham Manor? Esse é seu futuro marido de férias. Aqui, é um pouco frio. O resto do ano, é uma verdadeira geleira.—Lançou um olhar fulminante em direção ao Jeremy. — Há mais dele do que conhece, Lucy.

Foi uma declaração bastante certa. O certo é que Jeremy não estava de todo seguro de como responder. Ele ficou ali, congelado, esperando a resposta de Lucy.

Ela franziu o cenho enquanto deslocava o olhar de um a outro.

—Estou segura de que o disse. E estou igualmente segura de que há mais de mim do que ele conhece. O que me confunde, Henry, é como isso é teu assunto.

Henry se aproximou de novo a sua escrivaninha.

—Maldita seja, Lucy, é obvio que é meu assunto. Não te dá conta de que a maioria dos homens saltariam ante a oportunidade de casar a suas irmãs com um conde? Estou tentando fazer o que é melhor para ti.

E essa foi a fenda que rompeu o gelo.

Jeremy soltou uma gargalhada áspera.

—Bom, isso seria uma novidade. Vamos, Henry. Nunca fez o que é melhor para ela. Deveria tê-la mandado a um internato, tê-la levado a cidade, a expor a à cultura e à sociedade. Está a anos atrasada para sua apresentação. E agora afirma saber o que é melhor para ela? — aproximou-se de Lucy e lhe pôs a mão na parte baixa das costas. Era vital, de algum jeito, tocá-la nesse instante. Reclamando-a. Pareceu-lhe que ela se apoiou ligeiramente contra sua mão. —Lucy nunca teve as oportunidades ou segurança que deveria ter tido — continuou Jeremy. — Posso oferecer-lhe. Posso cuidar dela.

Lucy se arrepiou afastando-se de seu tato.

—Quem disse que necessito de alguém para cuidar de mim?

Henry fez caso omisso de sua irmã, mantendo seu olhar acerado centrado no Jeremy.

—OH, sim. Tem dinheiro. É isso o que está dizendo? Não é necessário que me recorde que poderia comprar e vender Waltham Manor com a reposição das almofadas de sua calesa. E qualquer outra dama estaria emocionada de atar-se a sua conta bancária. Mas é de Lucy de quem estamos falando. Ela não se preocupa com as joias ou as sedas ou os luxos.

—Como sabe? — perguntou Jeremy. — Nunca lhe ofereceste nenhum luxo. Talvez gostasse de ir cheia de joias. Talvez desfrutasse da vida de uma condessa.

—OH, verdade? — Henry se voltou para sua irmã, um sorriso irônico em sua cara. — Realmente quer ser condessa, Lucy? Pensa com cuidado. Uma condessa não pode passar toda a tarde subindo às árvores nos pomares. Uma condessa não pode tirar os cães a dar uma volta e retornar com as saias enlameadas. Uma condessa não vai pescar.

Lucy franziu o cenho.

—Eu diria que uma condessa pode fazer o que lhe agrade — olhou ao Jeremy. — Verdade?

Jeremy suspirou. Este não era o melhor momento nem o lugar para ter esta conversa, mas supôs que teria que acontecer com o tempo.

—Não, Lucy. Henry tem razão. Corbinsdale é... bom, não é Waltham Manor. Não pode te comportar da maneira que está acostumada a te comportar aqui.

—O que quer dizer? — cruzou os braços sobre o peito. — Por que não?

As mãos de Jeremy se curvaram a seus flancos enquanto procurava a melhor maneira de explicar-se. Casar-se com ela significava tomá-la sob seu amparo. Não só abastecê-la materialmente, ou resgatá-la de semanas de ver o Toby adulando a Sophia, tencionava mantê-la fisicamente segura. Ainda não se recuperou de vê-la tropeçar com essa armadilha miserável faz três dias, e muito menos esse vertiginoso passeio pelo pomar ou o banho no rio. O pensamento de Lucy solta nas terras do Corbinsdale, com todos seus penhascos e penhascos, sem mencionar aos inquilinos... bom, Jeremy não podia pensar. Era impensável.

—Vais estar muito ocupada. Terá uma casa que administrar, fiscalizar aos serventes. A abadia é um imóvel muito grande, uma das maiores da Inglaterra— absteve-se de acrescentar.

—Sim, mas esteve funcionando sem problemas, sem uma condessa há anos, não? E certamente mesmo uma condessa pode tirar seu cavalo para um bom galope de vez em quando. Ou dar um passeio pelo bosque quando estiver de ânimo.

As mãos do Jeremy se fecharam em uns punhos. Se havia uma coisa que Lucy nunca ia fazer, era vagar pelos bosques do Corbinsdale em seu tempo livre. Já perdera muito por esses bosques esquecidos de Deus.

Seus joelhos se sentiram Estranhamente débeis, mas ele manteve sua voz firme.

—Não, Lucy. Uma condessa não pode. Não minha condessa, de todos os modos — e apesar de que sabia que não a perturbaria no mais mínimo, dirigiu-lhe O Olhar no caso dele.

Lucy retrocedeu como se tivesse recebido uma bofetada.

—Bom— disse em voz baixa. — Talvez Henry tenha razão. Possivelmente não estou apta para ser sua condessa absolutamente. Talvez deveríamos esquecer de tudo.

Agora tocou a vez a Jeremy de fazer uma careta de dor. *Esquecer tudo?* Impossível. Poderia viver mais que o Matusalém e nunca esqueceria a noite anterior. O calor provocando cócegas com o seu fôlego em sua orelha, o cetim de suas coxas envolvendo seus quadris. A alegria milagrosa de verter sua semente muito dentro dela, fazendo-a sua para sempre. E ali estava. Ela era sua agora. Importava-lhe um cominho se ela sentia carinho por ele ou não, se ela queria ser uma condessa ou uma atriz ou uma espiã da Coroa.

Ela era dele, e ele não ia deixá-la ir.

—É muito tarde — disse Jeremy em voz baixa, — não, Lucy?

Viu como em seus olhos surgia a compreensão. Então Henry se interpôs entre eles.

—Não, não é muito tarde— disse. — Vê-o? Já está começando. Jem, você vive para ordenar às pessoas que te rodeia. Lucy não pode suportar que lhe digam o que fazer. Perversamente suficiente, acontece que os quero profundamente aos dois. E não os verei presos em um matrimônio miserável só para satisfazer o decoro.

—Miserável ou não, vamos nos casar. E não tem nada que ver com o decoro— disse Jeremy

intencionadamente. —Nada absolutamente.

Henry ajustou a parte dianteira do colete. Seus olhos se estreitaram.

—Poderia não dar meu consentimento, sabe. Ela é menor de idade.

Jeremy exalou lentamente e tentou um enfoque menos sutil.

—Henry, não pode. Não entende? Lucy está comprometida.

—Acabamos de passar por tudo isso. Esquece a maldita carta. Podemos sufocar qualquer falatório ocioso. Quase ninguém na alta sociedade sabe o nome de Lucy, e muito menos vão se preocupar o suficiente para fofocar sobre ela.

Jeremy se aproximou mais, até que ficou cara a cara. Falou devagar e com clareza, sua voz quase um sussurro.

—Henry, escuta o que estou te dizendo. Lucy está comprometida.

Lucy correu a seu lado e agarrou sua manga.

—Jeremy, por favor, não...

Sem desviar seu olhar de Henry, Jeremy se sacudiu de seu agarre.

—Eu comprometi a Lucy. Precisamos nos casar. Ela pode estar grávida.

CAPÍTULO 18

Lucy viu mudar as cores de seu irmão enquanto absorvia esta informação. Seu rosto curtido e bronzeado, primeiro empalideceu, e logo avermelhou a um rosa brilhante. Finalmente, lentamente, voltou-se para ela.

Ela não pôde suportar encontrar-se com seu olhar.

—OH, Lucy. Sério? Com... com ele?

Evitando seus olhos, ela se abraçou e fez uma pequena inclinação de cabeça.

Henry soltou uma praga, indo para a janela.

—Aqui? Em minha casa? Quando diabos aconteceu isto?

Jeremy suspirou.

—Eu poderia responder isso, mas não acredito que realmente queira saber.

Henry soltou uma praga de novo, redobrando o passo.

—Como aconteceu isto?

—Com três filhos, já deveria sabê-lo — disse Jeremy. Quando Henry se deteve e o olhou, acrescentou: — Vou me casar com ela, Henry. vou fazer bem as coisas.

—Fazer as coisas bem? Eu... Você... — Henry se moveu ao lado de Lucy. — Deus, Lucy. Nem sequer posso encontrar as palavras. Estou tão... —apertou e afrouxou as mãos. — Tão...

—Furioso — contribuiu ela, o olhar fixo no tapete. — Decepcionado de mim.

—Sinto-o — sua mão a agarrou pelo ombro, e ela ergueu o olhar a seus brilhantes olhos verdes. Se ela não o tivesse conhecido melhor, teria pensado que ele estava a beira do pranto. — Lucy, simplesmente o sinto tanto, maldita seja. Isto não deveria ter ocorrido.

Impressionada, aceitou seu rude abraço, com um só braço.

—Henry, isso... isso é doce de sua parte — agora ali havia uma frase que nunca esperava

pronunciar. — Mas me alegro de que não esteja furioso, porque estou perfeitamente...

—OH, estou furioso. Mas não contigo — liberando-a, voltou-se para o Jeremy. — Ela é minha irmã. E pensei que fosse meu amigo. Pelo amor de Deus, que classe de homem compromete a irmã de seu amigo?

Aquele que é seduzido descaradamente. Lucy mordeu o lábio. Talvez deveria defender ao Jeremy, mas como ia começar a contar a verdade ao Henry?

As mãos de Henry se fecharam em uns punhos.

—Assim me ajude, Jem. Tenho o grande impulso de...

Jeremy ampliou sua postura.

—Só faz-o.

E antes que Lucy tivesse alguma oportunidade para protestar ou para considerar se ela queria sequer protestar, Henry dirigiu seu punho em cheio ao estômago do Jeremy. Lucy estremeceu com o ruído doentio.

A bílis lhe subiu à garganta.

Jeremy pôs a mão sobre a escrivaninha e se inclinou sobre ele, respirando com dificuldade.

—Sente-se melhor? — disse com voz áspera, dirigindo-se ao tapete.

Henry partiu para a janela.

—Não.

—Bem — ofegou Jeremy. — Então somos dois.

—Três — Lucy se engasgou com a palavra. Não sabia por qual dos dois homens sofria mais. Tampouco podia decidir qual merecia a maior parte de sua ira. Só sabia que esta discussão estava conduzindo ao desastre, e se não terminasse agora, as coisas nunca poderiam ser iguais. — Por favor, detenha isto, antes que digam coisas que das que não se possam retratar.

Henry olhou pela janela, o olhar desfocado.

—Algo acaba de me ocorrer, Jem. Poderia te matar.

Lucy fechou os olhos.

—Algo como isso.

—Estaria em meu direito de te desafiar — continuou Henry em um tom tranquilo. — Todo mundo sabe que não pode apontar nem para urinar. Poderia te disparar onde está parado.

O coração de Lucy paralisou.

—Henry, não.

Jeremy falou por cima de seu protesto.

—Sim, pode. Mas te peço que não o faça. Não por mim, mas sim pela Lucy. Em caso de que haja uma criança.

Henry não disse nada. Deu uns golpezinhos com um dedo ao painel da janela.

Jeremy se endireitou.

—Cuidarei dela, Henry. Da forma em que ela merece.

Da forma em que ela merece? Lucy abafou uma risada amarga. Ela merecia esta humilhação? merecia-se ver os dois homens que amava, os melhores amigos da infância, voltar-se violentos um contra o outro? E o pior: saber que ela era a força impulsora que os estava

separando?

Henry fixou no Jeremy um olhar frio.

—É um bode. Atreve-te a sugerir que estará melhor contigo, porque pode comprar vestidos finos e anéis e carruagens? Arruinaste-a. Terá que casar-se contigo agora. Não lhe deixaste outra opção. Mas não te atreva a me olhar por cima do ombro e atuar como se lhe estivesse fazendo um grande favor à família Waltham — se aproximou da porta e a abriu.

—Henry, espera — Henry se deteve na porta. Jeremy respirou profundamente. —Tem razão. Isto é minha culpa. Levei-me de uma maneira imperdoável com os dois — jogou um breve olhar a Lucy e logo voltou a olhar ao Henry. —Sinto muito. Desfaria-o tudo se pudesse.

Suas palavras golpearam Lucy como um murro no estômago.

Henry se voltou para olhar diretamente aos olhos de Jeremy.

—E pensar— disse, — que por um momento ali, tive vontades de te chamar irmão.

Fazendo uma careta, Jeremy se inclinou sobre a escrivaninha de novo. Lucy o olhou fixamente, suas sapatilhas fixas sobre o tapete, sua voz apagada pela comoção e a ira e a dor. E de algum jeito, este silêncio amargo entre os três se sentia pior que uma discussão, mais punitivo que os golpes.

Por último, com voz débil, Jeremy terminou.

—Sinto muito, Lucy.

Movendo a cabeça lentamente, Lucy retrocedeu.

—Como disse, Jeremy, é muito tarde.

Ela passou junto à mão estendida de seu irmão e fugiu a seu quarto. Mas as palavras de Jeremy a seguiram pelo corredor, ecoando com cada estalo de suas sapatilhas de salto sobre o piso. Desfaria-o tudo se pudesse.

Lucy cambaleou detendo-se, paralisada contra a parede de painéis.

Compartilharam uma noite de paixão desenfreada. Descobrira um prazer inimaginável em seus braços. E depois do prazer, uma paz tranquila, feliz. Ele a fez sentir-se desejada e amada e segura. Formosa, pela primeira vez em sua vida. Tinha acariciado cada centímetro de seu corpo, e havia tocado seu coração.

E o desfaria tudo se pudesse.

Correu escada acima até seu quarto, fechando a porta atrás dela. Apertou as mãos estendidas sobre seu ventre, desesperada por sufocar os soluços que surgiam de sua garganta. Não ia chorar. Ele nunca disse que a amava, recordou-se. Só dissera que a desejava. E agora a tinha. A ela, Lucy, uma marimacho incorrigível, sem título nem conexões ou um dote que valesse a pena. Nem sequer uma pintura de uma bandeja de chá. Ele a desejara, e ele a teve, e agora precisava casar-se com ela. Não por si mesmo, a não ser em caso de que houvesse uma criança.

Era muito tarde.

Ai, que tola foi! Provocando-o todo este tempo com beijos e réplicas, descascando esse verniz frio, pensando que ela percebia algo oculto em seu interior. Algo irresistível, intrigante. Uma paixão feroz e ardente que só ela podia tirar a superfície. Pior ainda, imaginou que ele percebia um lado secreto dela. Não a menina impertinente, a não ser a mulher com quem

desejava compartilhar sua vida. Uma dama, adequada para levar sedas e joias.

E, com toda a evidência em contra, alguma qualidade oculta que a fazia digna do título de condessa. Mas não foi assim, porque ele não a amava. Ela o amava, e ele não a amava. Desfaria-o tudo se pudesse.

Ela não o faria.

Lucy respirou fundo e deliberadamente. Apesar do profundo desespero que se estendia por todo seu corpo, sabia que o faria tudo de novo. converteu-se em uma descarada sedutora, tal como ela o planejou desde o começo. Conseguiu um marido. Ele era seu agora, e que a condenassem se ia deixá-lo ir.

E assim, uma meia hora mais tarde, parou ante o vigário com um vestido emprestado e os pendentes de sua mãe, pronunciando as frases "aceito", e "até que a morte nos separe", com um ânimo mais fraco de espírito do que normalmente ordenava à carruagem. Jeremy, seu rosto gasto e pálido, mal a olhou. Henry, de pé atrás dele, negou-se a olhá-la aos olhos. O vigário, presumivelmente aflito por seu filho, com sua cara cheia de espinhas, manteve uma atitude piedosa recitando entre dentes todo o rito.

Quando Jeremy tomou a mão e deslizou uma grossa aliança de ouro em seu dedo, Lucy sentiu que todo o sangue lhe subia à cabeça. Respira, ordenou-se. Nunca foi do tipo que se deprimia, e este não era o momento para começar.

Inalou profundamente, inspirando. Eu o amo.

Exalou lentamente, seu coração se desinflou. Ele não me ama.

Dentro e fora, respiração com respiração, as verdades entraram em um ciclo através dela pelo resto da cerimônia. Inalar, exalar. Eu o amo, ele não me ama.

Logo o vigário benzeu as mãos juntas, invocando o poder de todo o santo, e os declarou marido e mulher. A mão do Jeremy apertou a dela muito ligeiramente. Lucy levantou a vista e se encontrou com seus olhos azuis por um breve instante, e então sua ladainha se interrompeu com uma palavra diminuta.

Eu o amo.

Ele não me ama.

Ainda.

ꕥꕥꕥ

Jeremy mal podia olhá-la. Mesmo pálida e tremente e, presumivelmente, furiosa como o inferno, Lucy ainda lhe tirava o fôlego. E respirar era bastante difícil nesse momento, com o estômago ainda feito um nó pela impressão do punho de Henry.

Como havia se tornado isto tão horrivelmente incorreto? Durante os últimos dois dias, Jeremy esteve dizendo que faria feliz a Lucy, e a protegeria de Henry e de Toby e de outros idiotas insensíveis. Mas agora se dava conta de que isso era uma mentira. A verdade era que esteve louco de luxúria e apressado pela ira, e não esteve pensando em sua felicidade absolutamente.

Insistira em seu compromisso, insistira nesta cerimônia acelerada, nunca detendo-se

considerar os desejos de Lucy. Ela viera a noite anterior apreensiva e duvidosa, procurando consolo no prazer físico. Soubera-o. Não passou anos fazendo o mesmo? Teria que ter refreado sua luxúria e tê-la despedido. Mas não o fez, e agora Lucy pagaria o preço. Uma nova pontada de dor torceu suas vísceras. Idiota insensível. Quando o vigário fez todo seu ritual e a coisa terminou, Jeremy se inclinou para beijar a sua noiva. Mas à medida que se aproximava, o lábio inferior de Lucy tremia. E no último momento, desviou-se para roçar com seus lábios só sua face. Desejava tão desesperadamente tomá-la em seus braços, lhe beijar o cenho franzido desde seus lábios, e de algum jeito fazer as coisas bem.

Mas depois que os documentos foram assinados e oferecidas concisas felicitações, foi ao Henry a quem ela procurou. Henry, quem a consolou. Irmão e irmã se separaram do resto e se envolveram em uma silenciosa conferência por alguns minutos, ao final da qual, Henry a atraiu em um abraço sombrio.

Jeremy se aproximou deles.

—Lucy— dizia Henry, seus olhos verdes, úmidos de emoção. — Se alguma vez se sentir infeliz, não tem mais que dizer uma palavra. Sempre será bem-vinda no Waltham Manor. Escreva-me, e eu irei por ti imediatamente — lançou um olhar ao Jeremy. —Sua casa sempre estará aqui.

—Sua casa é agora Corbinsdale. E será melhor que nos ponhamos a caminho — ignorando o duro olhar de Henry, Jeremy se dirigiu a sua esposa. Sua esposa. —Pode estar pronta para partir em uma hora? — Ela assentiu com a cabeça. — Então vou ver as carruagens.

Duas horas e meia mais tarde, Lucy finalmente saiu da mansão. Jeremy notou decepcionado que trocou o vestido de seda cor marfim por um vestido de cor verde salvia e um casaco café.

Mais adequado para viajar, supôs. Mas muito mais interessante que o tipo de tecido que lhe cobria os braços, onde dois pacotes se retorciam embaixo deles. Tinha um cachorrinho inquieto metido firmemente em cada cotovelo.

Atrás, seguia-a uma procissão interminável de lacaios. Cada um vinha com um baú ou uma torre de caixas de chapéus, salvo um tipo desventurado, que agarrava um gato grunhindo. Um moço de quadras apareceu de repente dos estábulos, levando ao Thistle pelas rédeas. E justo quando Jeremy começava a pensar que sua esposa tencionava trazer toda bendita criatura do Waltham Manor para a viagem, apareceu a mais curiosa peça de bagagem ainda.

—Vais trazer sua tia Matilda? - a idosa saiu cambaleando da mansão. Lucy entregou um dos cachorrinhos inquietos nas mãos de Jeremy, liberando um braço para envolvê-lo ao redor de sua tia.

—É obvio que sim. Não posso deixá-la aqui, verdade? Conhece a incapacidade do Henry para cuidá-la adequadamente.

—Sim, bom... — não sabia como protestar. Poderia lhe assinalar que não tinham discutido este assunto. Mas então, não dera a Lucy nenhuma oportunidade de discutir nada. clareou a garganta. —Sua tia é muito bem-vinda, é obvio. Surpreendeu-me somente — olhou ao cachorrinho, que mordia e fazia um buraco em sua luva nova.

— E os cães?

Lucy sacudiu a cabeça.

—São todo o dote que tenho, temo-me. Entendo que serão uns excelentes cães de caça. São das melhores linhadas de Henry.

Entregou o cão a um moço de libré.

—Com os baús — ordenou.

—OH, não! — exclamou ela, agarrando seu pacote canino contra seu peito. — Devem viajar conosco, é obvio! Em outro lugar estarão terrivelmente assustados.

—Lucy, a calesa não tem nem seis meses. A tapeçaria está ainda como nova.

Ela ergueu o queixo.

—E...?

Lançou um profundo suspiro.

—E... suponho que é o suficientemente grande para acomodar uns poucos cachorrinhos. E um gato. E sua tia — fez uma pausa. — Mas não seu cavalo. A esse respeito, não pode me fazer mudar de opinião. Temo-me que Thistle terá que caminhar.

Ante isso, seus lábios se curvaram uma fração. O coração de Jeremy inchou em seu peito. Faria tudo para fazer sorrir a Lucy de novo.

Mas não pôde. Quando a carruagem rodava pelo caminho, levando-os longe do Waltham Manor, viu que toda a alegria desaparecia de seu rosto. Ela estirou o pescoço para jogar uma olhada pela última vez à labiríntica fachada Tudor, logo se voltou para ele.

—É uma longa viajem até o seu imóvel?

—Se os caminhos estiverem secos, chegaremos a tempo para o jantar de amanhã.

Ela piscou.

—Amanhã?

Jeremy jurou em silêncio. Provavelmente nunca esteve fora de um raio de trinta quilômetros do Waltham Manor, e aqui estava ele, levando-a a um lugar que ela nunca vira.

Teria que tê-la levado a cidade. Teria estado a só meio-dia de viagem desde sua casa. Mas esteve muito tempo ausente do Corbinsdale. Se ele a levasse a Londres, teria que deixá-la ali, enquanto assistia ao imóvel. E ele não queria deixá-la.

Ele não queria separar-se dela absolutamente. Desejou ter comprado uma carruagem menor, assim ela não estaria tão condenadamente longe, sentada em frente a ele sobre a negra tapeçaria acolchoada. Desprezava a frágil e pequena tia Matilda por ocupar o que deveria ser seu lugar, junto a ela. Odiava a besta peluda aconchegada em seu regaço, desfrutando das suaves carícias de seus dedos. E mesmo se estivesse sentado a seu lado, sentiria o mesmo do tecido de sua roupa por estar entre sua pele e a dele.

Um centímetro de espaço entre eles seria um centímetro de mais. O único pensamento que preservou sua prudência durante toda a viagem interminável foi tê-la em seus braços essa noite, sem nada, nem um centímetro de espaço nem um ponto de roupa entre eles. Ele planejava, com terrivelmente vívidos detalhes, como a beijaria e acariciaria até que suas faces se tingiriam de rosa de novo e essa faísca descarada retornasse a seus olhos. Talvez este não era o matrimônio que ela desejasse. Talvez ele não podia lhe dar tudo o que merecesse. Mas Jeremy prometeu prodigalizá-la com tudo o que ele podia oferecer: comodidades materiais e prazer físico. E maldita seja se não

esteve perto de matá-lo quando chegaram à estalagem essa noite, sua esposa declarasse sua intenção de passar a noite, sua noite de bodas, dormindo junto a sua tia.

—Sinto-o— sussurrou ela na porta de seu quarto. — Não me dava conta que nos deteríamos para passar a noite. Já sabe como anda. Preciso ficar com ela.

—Está segura? Posso colocar dois lacaios no corredor. Quatro, se o desejar. Uma das moças da estalagem pode ficar com ela — Jeremy se deu conta de que soava um pouco desesperado. Não lhe importava.

Lucy mordeu o lábio, evitando seus olhos.

—Estamos em um lugar estranho. Pode despertar e confundir-se. Não posso deixá-la sozinha.

Não pode me deixar sozinho, quis discutir. Nunca em sua vida Jeremy esperou ter inveja de uma idosa inválida, com um turbante. Mas maldita seja, assim era. Estava obcecado e ciumento.

—É obvio — se obrigou a dizer entre dentes, filtrando uma infantil petulância em sua voz.

É obvio.

Não queria estar perto dele. Não podia aproximá-lo suficiente a ela, e ela desejava nada mais que uma separação. Não era como se ele pudesse culpá-la. Tinha-a apressado a este matrimônio e afastado de sua família e de seu lar. Necessitava tempo, disse-se Jeremy. Necessitava espaço.

ꕥꕥꕥ

Lucy tinha espaço mais que suficiente. Muito espaço, pensou à manhã seguinte, quando a carruagem se sacudia no caminho. Este estava salpicado de buracos e pedras, e ela ricocheteava contra os lados da calesa como uma bola de bilhar. A tia Matilda se tombou no assento em frente a ela, dormindo durante a dura experiência como só os muito jovens ou os impossivelmente idosos são capazes de fazer.

Se Jeremy não tivesse insistido em viajar com a escolta de librea, poderia ter estado a seu lado, sustentando-a com força contra seu corpo sólido. Não é que ela o desejasse.

Lucy mal compreendia seu próprio comportamento das últimas vinte e quatro horas. Desde a discussão com o Henry, esteve funcionando em um estado quase de pânico.

Apenas o fez durante a cerimônia. Depois, ela se agarrara desesperadamente a seu irmão, abraçando-o com uma adoração de menina que pensava que tinha superado faz muito tempo. Sua repentina ternura a surpreendeu, ao igual a sua oferta de vir por ela quando o desejasse. Lucy não sabia se benzê-lo por sua bondade ou amaldiçoá-lo por sua evidente crença que seu futuro não tinha muito mais que miséria. Quando chegou o momento de ir de Waltham Manor, entrou em pânico, tentando levar com ela tanto dele como fosse possível. Roupa que nunca usou, livros que nunca leu, e todas estas criaturas, peludas e com turbante.

Logo se recusou à companhia de seu marido na noite de bodas. Pensou em sua expressão a noite anterior quando se separaram, esse olhar resolvido que fazia demanda, ainda quando suas palavras a deixavam em liberdade. Vira o desejo em seus olhos, ouviu o matiz profundo do desejo

em sua voz. A lembrança a fazia estremecer mesmo agora. Estremecer, e franzir o cenho. Ao que parece, estava à altura das exigentes regras de Jeremy cada vez que se aproximavam de uma cama ou a uma escrivaninha ou a um armário, ou a uma árvore. por que queria modificar sua conduta em todos os outros aspectos? Queria à verdadeira Lucy no dormitório, aparentemente, mas em todas as demais parte, ele queria que ela mudasse.

Deveria tê-lo escutado desde o começo. Um homem não quer rebaixar-se para amar, havia dito. Quer chegar mais alto, uma postura mais erguida. Ele deseja algo mais que uma mulher: um anjo, um sonho. Lucy se afundou nas almofadas da calesa com uma risada irônica. Se ele pensava que ela alegremente assumiria o papel de uma condessa recatada, teria que pensá-lo duas vezes. Nunca ia funcionar. Aprendeu muito por perseguir o Toby, ao menos. Se Jeremy queria uma dama elegante, deveria ter-se casado com uma. Agora, era muito tarde.

Acariciou a gatinha gordinha estendida em seu colo. Se pudesse deixar de amá-lo. Recuperar seu coração, por pura força de vontade. Mas, ao que parece, sua vontade não tinha voz no assunto. O amor pulsava em seu sangue, enchia cada uma de suas respirações. Inevitável e irreversível. Algo mudou dentro dela, e nunca voltaria a ser a mesma.

Nada voltaria a ser o mesmo. Nem sua vida, nem sua casa, nem sua relação com o Henry. E esse círculo de amizade que se formou cada outono, rodeando ao Lucy de segurança e de afeto, quebrando-se para sempre.

O que ficou?

Nada, salvo o menor, mais irracional vislumbre de possibilidade. Fechou os olhos, recordando esse momento durante a cerimônia das bodas quando a mão de Jeremy se fechou cálida e forte sobre a dela, e ela sentiu um bater de asas estranho dentro de seu peito. Um pequeno bater de asas de otimismo, elevando-se através do desespero.

Pensou que poderia ser uma esperança. Lucy abriu os olhos e suspirou. Nunca teve talento para esperar. Mas esta parecia ser a ocasião de aprender.

ஜ்ஜ்ஜ்

Os caminhos estavam secos, e eles fizeram bom tempo o segundo dia de sua viagem. Entretanto, com os dias cortando-se a finais de outono, no momento em que chegaram à Abadia de Corbinsdale, era uma noite fechada.

Os criados da casa reunidos os saudaram com aplausos corteses. A governanta, a senhora Greene, deu um passo adiante.

—Milord — disse ela, fazendo uma reverência. — Milady. Bem-vindos a Corbinsdale — Jeremy observou que a governanta, com seu aspecto bonachão, olhava a Lucy com curiosidade. Ele clareou a garganta. Seu olhar voltou para ele com um pouco de culpabilidade. — Os dormitórios estão todos preparados, milord.

—A tia de milady veio para ficar conosco—Jeremy indicou à tia Matilde. —Pode instalá-la no dormitório Azul. Requererá de duas babás.

Os olhos da senhora Greene se arregalaram, mas ela se compôs rapidamente.

—Muito bem, milord. O jantar está pronto para ser servido quando o desejar.

—Em uma hora, então — despediu-se da governanta com uma inclinação de cabeça.

Jeremy guiou Lucy e a sua tia pelas escadas. À medida que se aproximavam do corrimão da escada, abaixo uma vintena de lacaios entraram em ação, correndo para levar os baús e pertences pela escada de serviço. Quando chegaram ao último dos degraus e se voltaram para o corredor, uma donzela os esperava na entrada do dormitório Azul. Os baús da tia Matilda já estavam alinhados na porta.

Um lacaio tirou o último guarda-pó de um sofá quando entraram no quarto.

—Meu deus — disse Lucy. — Que eficiente.

Com as mãos juntas e o turbante nivelado, a tia Matilda inspecionou seu novo ambiente. As janelas estavam cobertas com cortinas de veludo escuro azul, e os móveis estavam estofados em tons listados de azul e branco.

Telas pintadas com cenas pastorais flanqueavam a grande lareira.

—Encantador.

Jeremy ofereceu seu braço a Lucy e a conduziu pelo corredor.

—Estes são nossos dormitórios — disse, guiando-a ao interior da sala de estar. Um fogo crepitava na lareira, arrojando um resplendor ambarino silenciado pelos móveis de mogno francês e tapeçarias medievais. —Esta sala é compartilhada. Meu quarto está à direita, e seu dormitório está por ali — indicou a porta a sua esquerda. Lucy assentiu com a cabeça, os olhos muito abertos. —Contratei uma donzela para ti. A melhor disponível em Londres.

—Já vejo — disse em voz baixa. Jeremy mal reconheceu a expressão no rosto de sua esposa. Se ele não soubesse que era impossível, diria que Lucy parecia afligida.

Ele a conduziu para o seu quarto.

—Por que não toma um tempo para te refrescar e te trocar para o jantar? Deve ter fome.

Ela sorriu, parecendo um pouco ela mesma outra vez.

—Fome não é a palavra. Estou esfomeada.

Ele se pôs a rir.

—Bom, então... se apresse.

Quarenta minutos depois, Jeremy saiu à sala de estar, banhado e vestido com um traje de noite negro. ficou de pé na porta, olhando a sua mulher. Lucy estava sentada em uma poltrona estofada, olhando o fogo de forma ausente, com o queixo apoiado na mão. Usava um vestido de seda amarelo pálido, e seu cabelo tinha sido escovado e retorcido em um nó simples. Nesta atitude, sem dar-se conta que a observavam, via-se preciosa e vulnerável e absolutamente desolada.

Uma onda de angústia surgiu em seu peito. Esta era sua primeira noite em seu novo lar como marido e mulher, e o tapete em forma de medalhão entre eles bem poderia ter sido um oceano. Pela primeira vez em sua vida, Jeremy desejava possuir certa facilidade para o encanto. Não podia deixar de imaginar que umas quantas palavras bem redigidas, faladas em um tom suave e conciliador, arrumariam-no tudo.

Mas Jeremy não tinha ideia de quais poderiam ser essas palavras.

Suspirou. Toby as teria sabido.

Lucy o notou então e se levantou, um sorriso forçado esticando seu rosto. Com um gesto mudo, Jeremy lhe ofereceu o braço. alegrou-se de que ele pudesse lhe oferecer muito, em todo caso. A segurança do matrimônio, uma casa bem equipada, uma boa comida. Não tudo o que uma mulher poderia desejar, mas coisas necessárias para qualquer mulher.

Acompanhou às duas damas ao refeitório. Ao entrar, Lucy tragou audivelmente. A longa mesa retangular estava repleta de prata, porcelana, e cristal com cantos dourados. Uma meia dúzia de lacaios de libré alinhados a ambos os lados da sala. Jeremy conduziu a Lucy para o final da mesa. Um lacaio afastou a cadeira. Quando começou a sentar-se, o criado empurrou a cadeira para a mesa.

Lucy desabou no assento com um grito sobressaltado. Ruborizou-se com uma cor rosa brilhante. O lacaio se desvaneceu de novo. Jeremy decidiu ajudar à tia Matilda com sua cadeira ele mesmo, situando a à esquerda de Lucy. Logo percorreu todo o comprimento da mesa para tomar seu assento no extremo oposto. Ele fez um gesto a um criado, a servir a sopa.

—Que tipo de sopa é esta? — ela mergulhou a colher em seu prato com cautela. — Não sabia que uma sopa tivesse estas tonalidades de vermelho.

Jeremy a provou.

—Bisque de lagosta — confirmou.

Viu como Lucy tomava um gole cauteloso de sua colher. Tragou saliva lentamente, passando-a língua pelo lábio inferior. Então ela o olhou, verdadeira delícia brilhando em seus olhos pela primeira vez nesse dia.

—OH — suspirou ela com voz entrecortada. — OH, Jeremy.

Jeremy quase deixou cair a colher.

Tomou outro bocado.

—Mmmm — ronronou ela, fechando os olhos em êxtase. — Isto é divino.

O guardanapo no regaço do Jeremy se moveu.

Para o momento em que Lucy gemeu ao tomar sua segunda tigela de sopa, Jeremy estava em um estado de forte e dolorosa excitação. Estava seguro de que sua cara devia ser de uma cor vermelha lagosta.

Mas não terminou aí. Lucy expressou sua satisfação em cada prato sucessivo com um entusiasmo desenfreado. E houve sete pratos. Jeremy não estava seguro de se desejava estrangular a seu chef francês, ou dobrar seu salário. Mal conseguiu tragar sua própria comida, seu apetite pela comida eclipsada por um tipo absolutamente diferente de fome.

Então veio a sobremesa.

Jeremy nunca comia sobremesa. portanto, não tinha nada mais que fazer a não ser olhar a sua esposa comer sobremesa, alguma elaboração de cerejas e bolo e chocolate do livro de receitas do próprio Diabo.

—OH, Meu deus — exclamou ao tomar seu primeiro bocado. — OH, isto é o céu — ela lambeu um pouco de nata do canto de sua boca. — Jeremy, deve provar isto — se inclinou para frente, lhe dando uma visão completa de seus seios.

Fez um gesto ao criado pelo vinho.

Meu deus. Se não fosse pelos lacaios que alinhavam nas paredes e sua tia Matilda sentada a seu lado, Jeremy teria se lançado pela mesa, tirado sua mulher da cadeira, e a teria tomado ali mesmo, ao lado do prato de nata espessa. Bebeu sua taça rapidamente, esperando que o líquido no copo pudesse apagar o fogo de sua virilha.

Essa era uma ideia imbecil, repreendeu-se a si mesmo um momento depois. As pessoas não arrojavam licor a um incêndio. Quando Lucy gritou ante outro bocado de chocolate, doze lacaios e uma tia senil começaram a parecer obstáculos superáveis. Em seu interior, uma luxúria crua, animal, estava rugindo por sair de sua prisão, alimentando-se do vinho e de uns entrecortados gemidos de prazer, fazendo-se mais forte a cada minuto. Precisava vencer à Besta. Ela estava cansada e doída e fora de sua casa pela primeira vez em sua vida. Lhe negara ontem de noite, e ele não, disse-se com severidade, não lhe faria nenhuma exigência.

Henry estaria muito feliz de tê-la de volta a Waltham Manor no instante em que ela o pedisse. Se Jeremy a pressionasse agora, talvez só a afastaria para sempre. Não, Lucy era tudo menos recatada ou tímida, e já não era inocente, tampouco. Quando ela o desejasse, se é que ela o desejava, ela viria a ele. Assim como o fez antes.

Que força suprema de vontade juntou os restos de sua reserva de cavalheirismo para escoltar a sua esposa com tranquilidade, de volta a seus aposentos, Jeremy não podia dizê-lo. E ela não podia saber o esforço que lhe custou instruir a sua voz uma calma moderada e casualmente lhe dar as boa noite. Mas o deixou débil. Fraco em seus ossos, em sua mente, em seu coração.

—Deve estar cansada — tirou a mão de seu braço. — Descansa tanto como goste pela manhã. Ocuparei-me de que não lhe incomodem.

—Obrigada — respondeu ela, uma nota irônica em sua voz. — Suponho que dormirei mais fácil dessa forma. Sabendo que não serei incomodada.

E ali estava, sua despedida. Rápida e concisa e com grande nitidez. Ele roçou um rápido beijo em sua face. Um pequeno gosto, mais doce que qualquer beberagem que seu chef francês alguma vez pudesse preparar.

—Que durma bem, então — disse.

Ao menos um deles o faria.

CAPÍTULO 19

Nada arruinava uma perfeita e formosa manhã de outono como despertar sendo uma condessa. Lucy se sentou na enorme cama com dossel, e estirou os braços languidamente. Não investigara muito seu dormitório a noite anterior. O quarto esteve bem sombrio, igual ao seu mau humor.

Mesmo esta manhã, a luz lutava por atravessar o cristal da janela. Umas pesadas cortinas tons estanho absorviam todo o calor e a energia da luz do sol, permitindo só uma débil iluminação do dormitório. O quarto parecia envolto em uma névoa. levantou-se da cama, aproximou-se da janela e abriu as cortinas. A brilhante luz solar deslumbrou seus olhos, e uma vez que ela pôde

deixar de piscar, uma paisagem impressionante a cativou.

No Waltham Manor, os campos e sebes cobriam os Montes baixos, como uma colcha enrugada, cômoda e caseira. Este lugar era selvagem. Penhascos escarpados bloqueavam o horizonte, um estreito desfiladeiro cinzelava um caminho pelo bosque. Uns penhascos salpicavam o campo, comprimidos através do chão como dentes gigantes.

A paisagem gritava...não, exigia ser explorada. E quem era ela para negar-se? depois de colocar a toda pressa seu traje de montar, Lucy viu uma bolsa de veludo e um papel dobrado sobre a mesa. Agarrou a bolsa e o sacudiu com suavidade, provocando o ruído das moedas. A nota era de um senhor Andrews, o mordomo, e declarava que se tratava do dinheiro para gastos de Lucy para o próximo mês. Lucy desenredou a bolsa e esvaziou seu conteúdo sobre a mesa.

Maldição.

Eram três vezes a quantia que Henry lhe dava em um ano. Lucy ficou olhando o montão de notas e moedas, o ressentimento brotando em seu peito. Absurdo, sabia. À maioria das damas se encantaria em receber uma atribuição tão generosa. Mas para a Lucy, o dinheiro parecia como uma prova de que já fracassara. Que diabos ia fazer com tudo isto? Quantos chapéus e fitas podia comprar uma senhora? Ela se separou da mesa, de repente desesperada por sair ao ar livre.

—Bom dia, milady— a governanta na porta fez uma reverência. — Espero que tenha podido descansar — uma donzela entrou levando o café da manhã em uma bandeja de prata, que depositou em uma mesa próxima. A governanta continuou: —Sua Senhoria disse que você quereria revisar as contas da casa. Volto em uma hora com os livros.

OH, e agora Lucy realmente precisava escapar.

Ela assentiu em silêncio, mas uma vez que a matrona coberta de encaixes desapareceu, Lucy roubou uns quantos pães-doces com manteiga da bandeja do café da manhã e embarcou em uma épica aventura. Encontrar a maneira de sair da Abadia.

O orgulho, e a necessidade de sigilo, lhe impedia de perguntar as direções aos criados, seguro que Jeremy deve ter abandonado a casa, ou teria tropeçado com ele por sua terceira tentativa pelo corredor. Eventualmente, entretanto, as arrumou para sair da grande casa fazendo o caminho de volta e dali atravessando os jardins da cozinha e ao chegar a um caminho de terra, a tentação lhe piscou um olho. Os estábulos.

Thistle seguiria estando um tanto fatigada pela viagem, mas um passeio pausado era exatamente o que Lucy desejava. Sem dúvida, Jeremy não podia objetar, inclusive ela montaria com uma sela de amazona. Mas quando chegou aos estábulos e começou a procurar a cocheira de sua égua doce e de aspecto simples, Lucy não a encontrou. Thistle não se via por nenhum lado. Quando perguntou ao moço de estábulo a localização de seus arreios, dirigiu-a em troca a um cavalo castrado branco e brilhante, com suas ancas de mármore esculpidas e cintas trancadas em sua juba. *Cintas!*

—Lhe há prepara o p' usté, milady. Sua Senhoria disse que Pari' aqui ia está reserva o p' seu uso particulá.

—Fez-o? — Lucy apertou os dentes. Uma coisa era que Jeremy lhe deixasse dinheiro para seus gastos e os livros, mas substituir a sua amada Thistle com este equino dandi... Insuportável.

—Selo-o p' usté, milady?

—Não. Isso não vai ser necessário — jogando fumaça, Lucy chutou uma tabua solta da parte inferior da cocheira.

Algo no outro lado lhe devolveu o pontapé. Intrigada, Lucy caminhou lentamente para a seguinte cocheira. Ali estava um magnífico potro negro, estampado e soprando e relinchando com incansável energia. As aberturas do nariz do animal se dilataram quando Lucy estendeu a mão, e o acariciou no nariz antes de lhe dar a seus dedos uma dentada impaciente.

Friend, leu Lucy na pequena placa em cima da cocheira do potro. *Perfeito.* Sorriu para si mesma e se voltou para o moço de estábulo.

—Sairei com este, em seu lugar.

ꕥꕥꕥ

Jeremy desacelerou seus arreios quando chegou ao banco de cascalho. Aqui o rio serpenteava através de um estreito vale, tropeçando com pequenos rápidos sob um manto de folhas caídas. Na outra margem, penhascos erguidos se elevavam bordeando o rio. Salientes rochosas e árvores inclinadas, cobriam sua fisionomia. Tudo se via igual a como o recordava.

Mas de algum jeito, sentia-se diferente.

Experimentara a mesma curiosa sensação, observando os campos do oeste com Andrews pela manhã. Um campo de colheita de cevada se parecia muito à mesma colheita de trigo de anos anteriores. Um canal de irrigação novo aqui ou lá marcava o chão, mas não havia nada tão notavelmente alterado que pudesse explicar este sentimento que tinha, de observar Corbinsdale com novos olhos. Não era uma sensação de otimismo, precisamente. A paisagem não parecia mais suave ou complacente, agora que havia trazido para casa uma condessa. até agora, o matrimônio em si era um assunto bastante inóspito. Mas embora a mente de Jeremy estava ainda cheia de problemas, eram novos problemas. E portanto, o mundo, e estes bosques, em particular, pareciam, não melhores, exatamente, a não ser diferentes.

Não podia ficar pensando nas tragédias do passado quando ao que parece tinha uma crise em seu matrimônio que resolver no presente. Talvez agora, ele e Corbinsdale, estivessem preparados para avançar para o futuro.

Então um ruído repentino empurrou a atenção de Jeremy para os penhascos escarpados. E se encontrou de volta a um pesadelo de vinte anos.

—Lucy? — Jeremy não queria acreditar que era sua esposa a figura escalando a alta saliência do outro lado do arroio. Mas ele reconheceria esse traje de veludo avermelhado e esse matagal de cachos castanhos onde fosse. E realmente, admitiu com um gemido torturado, *quem mais poderia ser?* —Lucy! — gritou de novo, açulando a seu cavalo para entrar no arroio. Se ela o escutou, ignorou seu chamado, continuando a abrir passagem pela ladeira rochosa. Querido Deus. Se caísse dali, com essas rochas abaixo...

Ela desapareceu do outro lado de uma ponta saliente. O coração do Jeremy acelerava enquanto esporeava a seu cavalo para lhe dar caça. Rodeou a curva correspondente do rio...

E logo seu coração deixou de pulsar.

Ela estava subindo até a ermida.

Uma casa pequena, centenária, situada sobre uma plataforma rochosa, a ermida foi construída pelos monges da Abadia como um lugar para a oração e a meditação solitária. Formada a partir de pedras e construída para envolver ao terreno em pendente, a pequena moradia parecia uma parte natural do próprio escarpado. Uma estreita lareira se inclinava em sua maior parte em direção ao céu.

Duas janelas de cristal estavam escuras pela sujeira. Para qualquer outra pessoa, devia apresentar uma imagem inofensiva, inclusive romântica. Sem dúvida, ao Lucy teria parecido um convite irresistível para explorar.

Houve um tempo em que Jeremy pensou o mesmo. Mas já não mais. desmontou de seu cavalo, aterrissando na água gelada até os joelhos, e começou a escalar o escarpado.

—Lucy! — gritou para ela, fazendo concha com as mãos ao redor de sua boca. —Lucy, que diabos crê que está fazendo?

Ela o escutou desta vez e levantou a vista bruscamente. Jeremy amaldiçoou sua própria idiotice. Nunca deveria ter afastado sua atenção de seus pés. Ela pisou em uma pedra solta e perdeu o equilíbrio, balançando-se perigosamente por cima dele. O horror apertou seu peito. Agitando os braços, Lucy ficou presa em uma borda saliente de uma rocha.

—Fique aí! — ordenou Jeremy. *Meu deus,* deixa que escute, meio amaldiçoou, meio rogou, quando reatou sua própria ascensão. Por esta única vez, no que parecia destinado a ser uma vida abreviada, que Lucy tivesse o sentido de seguir uma simples ordem.

Por fim chegou a seu lado, ofegando para recuperar o fôlego e débil pelo medo. E sua esposa tinha a audácia de parecer fria e tranquila e injustamente formosa, repentinamente com o sorriso mais doce que vira em três dias.

—Olá, Jeremy. Não é um dia formoso? — ela jogou a cabeça para cima em direção à ermida. —Vamos explorar juntos, sim?

—Não.

Lucy piscou, obviamente surpreendida pela veemência de sua resposta. Jeremy conjurou. Tomou fôlego e voltou a tentá-lo.

—Está em mal estado— explicou sem convicção. — Pode ser perigoso.

—OH, estou segura de que está bem. Com toda essa formação de pedra? Parece que esteve aí durante anos. Duvido que pudéssemos derrubá-la se o tentássemos.

Jeremy convocou seu tom de voz mais severo e O Olhar para complementar.

—Disse, não — desta vez, ela franziu o cenho. Bem. Ao menos a mensagem lhe estava chegando. — Não há nada de interesse ali, prometo-lhe isso. Mas se tiver que vê-lo por ti mesma, terá que esperar até outro dia. Trarei o Andrews para que primeiro revise sua condição. Ninguém esteve ali em anos.

Vinte e um anos, para ser exatos. Não desde que ele e Thomas brincaram ali quando meninos. Não desde que a pequena casa foi o cenário para expedições de pesca e campanhas militares e a ocasional busca do rei Artur. Não desde a noite que dois meninos fugiram da abadia

para recuperar um tesouro esquecido na ermida, mas só o Jeremy retornou.

Um relincho agudo dirigiu a atenção de Jeremy à margem do arroio. Observou que o demônio de um potro negro ia a toda pressa através do bosque, arrastando as rédeas atrás dele. Sem dúvida, nunca o voltaria a ver.

Voltou-se para sua esposa.

—Você montou esse cavalo... até aqui?

—Bom, eu teria montado a Thistle — respondeu ela com veemência. — Mas parece que foi declarada não apta para uma condessa.

—Friend é notavelmente inadequado, e você sabe. É um milagre que não te tenha atirado — olhou a sua esposa. Seu traje de montar estava aberto no centro, e podia vislumbrar o suave globo de um seio, que transbordava de seu sutiã com cada furiosa respiração. O tipo exato de observação que devia evitar. Afastando seus olhos, pegou a Lucy pela mão, guiando-a para baixo pela ladeira.—Onde estão suas escoltas? —demandou.

—Refere-se a esses dois moços de estábulos que empregou para me seguir a três metros de mim e me voltar absolutamente louca? Subornei-os para que me deixassem sozinha — ela o olhou com ar satisfeito. —Utilizei o dinheiro para meus gastos.

—Bom, espero que lhes desse o suficiente para comprar o pão durante todo o inverno— replicou ele, ajudando a sua esposa para que, com cuidado, rodeasse uma rocha. — Porque o que você fez acaba de lhes custar seus empregos. Lucy, não vais montar a cavalo ou caminhar, ou conduzir, ou qualquer outra coisa, sem escolta. Não vais montar cavalos diferentes dos que aprovei. Ou não sairá absolutamente.

Ela emitiu uma exclamação indignada enquanto ele a baixava à borda do rio.

—Não pode simplesmente me manter encerrada nessa Abadia, como o vilão de algum melodrama!

—OH, não posso? — ele assobiou entre dentes, e seu cavalo chegou a seu lado salpicando o rio. — Vou deixar de brincar de vilão, Lucy, quando deixar de te fazer a tola — ela fez uma careta, o fogo em seus olhos apagado pela consternação. Uma pequena pontada de culpa o surpreendeu entre as costelas, mas ele não ia se deter agora. Não quando finalmente estava conseguindo lhe fazer entender.

Lucy precisava compreender que não estava brincando, que ele não a ia perseguir pelos escarpados todos os dias de seu matrimônio. Seu coração não poderia suportá-lo.

Agarrou as rédeas de seus arreios e as enrolou sobre a cela dianteira.

—Não pode fazer algo... algo feminino, por uma vez? Tem recursos ilimitados, todo um pessoal de criados. Planeja os menus do jantar. Redecora a casa. Borda uma almofada ou duas. Leve a carruagem até o povoado e compra algo que não necessite. Aprende a ser uma dama, pelo amor de Deus!

Silêncio.

Aqueles olhos verdes lhe apontaram como dois fuzis de fogo. Manchas nas gemas cor vermelhas ardiam em suas faces. Seus lábios se separaram, sem dúvida para entregar uma mordaz réplica e no instante antes dele se perder por completo e silenciasse esses lábios com os seus,

Jeremy rodeou com suas mãos a cintura de sua esposa e a jogou sobre seu cavalo.

Logo ele se acomodou na sela atrás dela, tomou as rédeas em uma mão e a sua esposa na outra, e cravou os calcanhares nos flancos de seu cavalo.

—Vou te levar a casa. Agora.

ꕥꕥꕥ

Lucy estava paralisada pela comoção.

Bom, não completamente paralisada. Gostaria de estar completamente paralisada, e então ela poderia ter posto toda sua concentração na ira, em vez de estar tão incomodamente distraída pela sensação do braço de Jeremy que fustigava perto de sua cintura ou seu seio pressionando quente e forte contra suas costas.

Não dera conta do muito que esteve desejando seu contato.

Lucy nem sequer sabia se estava mais zangada com ele do que com ela mesma. Ele não havia dito nada novo nem surpreendente, limitou-se a dizê-lo tudo em um tom um pouco mais forte do que o fez no escritório de Henry. Queria que ela mudasse para converter-se em uma dama diferente. Isso a enfurecia, inclusive a entristecia, mas era uma coisa que já sabia.

Não, definitivamente estava mais zangada com ela mesma. Porque não podia deixar de apoiar-se nele. Fechou os olhos e se derreteu em sua força, respirando seu aroma masculino e amaldiçoando a seu corpo por quão traidor era.

Cada galope equino avivava seu desejo, e quando a mudança repentina da marcha do cavalo a fez escorregar, atraiu-a rudemente para ele. Agora firmemente sujeita entre suas coxas, Lucy não podia confundir a borda dura de sua ereção pressionando contra seu traseiro. Bem. Evidentemente, essa parte dele a achava o suficientemente feminina. Ela se moveu contra ele e o ouviu conter o fôlego. O calor formou redemoinhos através de seu corpo. Uma palavra, um só toque, mesmo um olhar sugestivo que jogasse por sobre seu ombro, e Lucy sabia que poderia tomar as rédeas nesta luta, modificar seus destinos por completo. E era uma tentação poderosa só render-se, satisfazer o ardente, líquido desejo que corria por suas veias.

Mas seria uma vitória vazia. Ela aprendera muito, pelo menos. Porque debaixo de seu desejo jazia um depósito profundo, desconhecido de emoção, mas por debaixo do Jeremy, só lamento.

Talvez um desejo profundo e perdurável de que sua esposa começasse um bordado, ou ordenasse um novo papel de parede. Lucy sabia muito bem que isso seria inútil. E seguia crescendo a tentação. Ela ansiava sentir seu corpo estendido sobre o seu e imaginar, mesmo que só fosse por uns momentos, que a conexão era mais profunda que só a pele contra a pele. Este desejo começava a sentir-se perigosamente como uma necessidade.

Endireitou-se, separando-se dele. Ela fechou os olhos e procurou em seu interior até que encontrou a borda afiado de sua ira, e fechou seus punhos com força a seu redor. A afastara de sua casa, de sua família, de seu cômodo círculo. A única coisa que restava era sua independência, e que a condenassem se renunciasse a ela. Não se comprometera a abandonar todo orgulho no dia de suas bodas, e tampouco recordava nenhum voto em relação com a costura. Ele poderia ser

capaz de restringir seus movimentos, mas não podia mudá-la com apenas mantê-la encerrada.

Não, Lucy sorriu para si mesma. Ela podia causar suficiente caos dentro de quatro paredes de pedra. Quando se reuniram para jantar essa noite, Lucy observou o rosto de Jeremy. Ele olhou os pratos de comida da mesa. Carne de veado assado, confit de pato, verduras com molhos, guisado de cordeiro, trutas salteadas.

Exatamente os mesmos pratos que se serviram a noite anterior, até o prato pequeno de nata espessa.

—Lucy, a governanta não te consultou sobre o menu do jantar?

—Fez-o.

—E não teve alguma sugestão? Algum pedido de um prato diferente?

—Não. — disse Lucy, e se sentou. — Não podia imaginar uma refeição mais fina que a que tivemos ontem à noite. Por isso, quando a governanta me perguntou que pratos preferidos, só pedi os mesmos de novo.

E tencionava ordenar o mesmo no dia seguinte, e ao seguinte, e durante todos os dias em um futuro previsível. Isso lhe ensinaria por exigir que ela planejasse os menus. Amanhã, ela veria sobre os bordados.

—Todos os mesmos pratos? — um olhar estranho cruzou sua cara. Mais apreensão, pensou, que desgosto-Incluindo a sobremesa?

—OH, especialmente a sobremesa — o lacaio abriu com força um guardanapo e o colocou sobre seu regaço. Lucy sorriu. —- Começamos?

ꕥꕥꕥ

Ela queria matá-lo. Jeremy estava seguro disso.

Sua esposa tencionava estripá-lo diariamente ao flertar com possíveis danos corporais justo ante seus olhos. Então para a noite, quereria devorar seu autocontrole, um bocado delicioso de uma vez. E o faria com um sorriso.

Se ele sobrevivesse um mês deste matrimônio, seria um milagre.

Ela tomou um lento e sedutor gole de sopa, e Jeremy sentiu uma fome crescente em seu interior que era algo menos gustativo. Com cada seguinte prato, só crescia. Cada pequeno suspiro e gemido de prazer que caía dos lábios de Lucy se deslizava para baixo da mesa e caía em seu colo. Quando chegou a sobremesa, ante o término do qual, Lucy estendeu sua úmida língua rosada para lamber até o último pedaço de chocolate da colher, pensou que ia derramar se em suas calças.

Quando anunciou seu desejo de retirar-se cedo, ele se sentiu aliviado. Cada hora que passava em sua companhia estava começando a sentir como uma tortura. Ela era menos acessível e mais tentadora que antes que se casassem. antes de que se casassem, ele não sabia o que estava perdendo. Teve uma ideia justa, é obvio. Mas agora, realmente sabia - agora que os contornos de seu corpo estavam gravados em sua memória e o aroma de sua pele estava injetado em seu sangue, - cada minuto que passava em sua presença era um minuto que desejava passar dentro dela.

Podia esperar por ela, disse-se. Em realidade, não tinha outra opção. depois de seu escândalo desta manhã, havia meio que esperado encontrá-la escrevendo uma carta ao Henry pela tarde. Mas não, ela parecia decidida a ficar. até agora. Ele faria bem em adquirir um talento para a paciência, ao que parece, junto com um gosto pela sopa de lagosta. Mas a espera era uma tortura. Uma tortura pura, doce e angustiante.

E estavam casados só a três dias.

CAPÍTULO 20

A tortura estava só começando.

Depois de quase uma semana de costelas de boi frita e sopa de lagosta e a inexplicável proliferação de agulhas que se sobressaíam de cada cadeira e sofá, Jeremy despertou uma manhã com um golpe seco e forte. Seguido por um grito.

Saindo com dificuldade da cama, tomou seu roupão e o colocou com um movimento de ombros enquanto ele cruzava o quarto com passos rápidos. Abriu a porta da sala de estar e foi recebido por outro grito dilacerador.

Ele piscou. A brilhante luz do sol alagou o quarto, cegando-o. Foi uns instantes antes que seus olhos se ajustassem o suficiente para discernir o quadro que tinha diante. A fonte dos gritos era a criada, que estava retorcendo-as mãos no centro do quarto. Perto da janela, Lucy jazia no chão, enredada em metros de veludo cinza estanho, que serviram recentemente como cortinas.

—Que diabos está acontecendo aqui?

A criada levou as mãos à boca e soluçou.

Jeremy passou junto a ela e se dirigiu a sua esposa.

—Lucy, está ferida? É tola? Está louca? — ela afastou o cabelo da cara e o olhou. Seus olhos lhe afetaram da mesma maneira que a luz do sol o fez um minuto antes.

Era cegadoramente formosa.

A maldição de Jeremy morreu em sua garganta. Mal vira sua esposa em quase toda a semana. Ela se manteve resolutamente em seu quarto desde aquela primeira manhã, salvo sua atuação de todas as noites no jantar. E era a primeira vez desde suas bodas que a via com seu cabelo solto, caindo sobre seus ombros nessas rebeldes ondas castanhas. A primeira vez que a via avermelhar até as orelhas como só a paixão ou a ira podiam fazê-lo. E esse fogoso desafio em seus olhos: era uma faísca para a erva seca. O desejo chamuscou os pelos de seu peito e acendeu um caminho até sua virilha.

Recuperou o fôlego e lhe estendeu a mão.

—Em nome de Deus, o que está fazendo?

—Estou trocando as cortinas — disse, fazendo caso omisso da mão. Ela mesma começou a desenredar-se das franjas do pesado tecido. — Disse que devo redecorar.

—Sim, mas agora? Antes do café da manhã?

—Como se pode desfrutar do café da manhã nesta... tumba? — ela desembrulhou uma borla enrolada ao redor de seu pulso. — Aqui ainda é a Época do Obscurantismo.

—Não precisa tomar o café da manhã aqui— disse Jeremy— Há uma sala de cafés da manhã, se quiser sair de seu quarto e localizá-la.

Não lhe fez caso e puxou de um comprido e rígido laço cinza. Quando se negou a ceder, ele viu que o tecido estava preso debaixo de uma poltrona caída. Endireitou a cadeira e a sustentou em suas mãos.

—Estava em pé sobre uma cadeira? — atirou a cadeira a um lado, que aterrissou com estrépito. A criada gritou de novo. — Estava em pé em uma cadeira e tirando as cortinas com a mão?

Nenhuma resposta. Lucy tinha se desenredado do volumoso veludo, e agora ficou a arrumar seu roupão em torno de sua figura sentada. Levava esse mesmo roupão vermelho que o atormentava em seus sonhos. Ela ergueu o olhar brevemente e logo o afastou em um instante.

Ele ficou de pé sobre ela, baixando a voz a um grunhido.

—Se desejas descer as cortinas, pedirá a quão criados o façam. Não te subirá em uma maldita cadeira para cair e quebrar o pescoço.

—Não me tenho quebrado o pescoço. Não tenho quebrado nada.

—Então, por que segue no chão?

Ela fechou os olhos brevemente, e logo olhou para o teto.

—Posso ter torcido o tornozelo.

Jurando em voz baixa, Jeremy se agachou e subiu as capas do roupão até seus joelhos. Seu tornozelo esquerdo estava vermelho e ligeiramente inchado.

—Maldita seja, Lucy.

—Não é nada — disse. — Se só me ajudasse a me levantar, preciso ir...

Com outro juramento entre dentes, tomou em seus braços e começou a levá-la para seu dormitório.

—Não vai a nenhuma parte.

—Jeremy! O que está fazendo? Baixa me neste instante, você... — ela se retorceu em seu abraço, movendo-se em seu contrário. Ele só intensificou sua força agarrando contra a coxa dela. —Você... bruto estúpido!

A criada voltou para seu pranto, e Jeremy lhe lançou O Olhar.

—Que venha o médico— disse sem alterar-se.

Lucy golpeou seu ombro com o punho.

—Jeremy, não! Deixe-me. Estou perfeitamente bem, maldito seja.

Ele a ignorou e se dirigiu à criada.

—Agora — a moça desapareceu do quarto, levando com ela seus irritantes soluços. Ele levou a Lucy através da sala de espera e a seu dormitório, depositando-a na borda da cama.

—Isso foi totalmente desnecessário — ela atirou a manta sobre suas pernas. —Não necessito um médico — seus olhos explodiam de fúria, e seu peito se levantava com cada rápida e trabalhosa respiração.

Jeremy se apoiou em suas mãos quando se inclinou sobre seu corpo semi-reclinado, encaixotando-a entre seus braços. Podia cheirar o doce aroma de seu cabelo, como peras e mel.

Podia saborear o veneno de seus lábios vermelhos intensos e carnudos.

E ouvia suas palavras mordazes ecoando em seus ouvidos. Não necessito um médico. Não necessita um médico, disse ela. Não necessita dinheiro para seus gastos ou um novo guarda-roupa ou sopa de qualquer outra cor que não seja vermelha. E com toda segurança, ele sofria o aviso diariamente, não necessitava sua ajuda. Estava condenadamente cansando de escutar o que Lucy não necessitava dele.

—Direi-te o que precisa — disse as palavras entre dentes, sua própria respiração ofegante no peito. — Precisa ficar justo aqui, nesta cama. Precisa ver o doutor. Precisa deixar de realizar trabalhos físicos que os criados deveriam fazer. E o que precisa é, por uma vez, te manter sã e inteira por mais de dois dias.

—Mas...

—E — ele se aproximou mais, até que estiveram nariz com nariz. Até que ele pôde sentir o calor da ira em seu corpo. — Precisa aprender um pouco de decoro. Quando estivermos sozinhos, pode-me chamar pelos nomes vis que deseje. Mas em companhia ou em frente dos serventes, dirigirá-te para mim como "milord".

Ela abafou um grito de indignação. Jeremy se ergueu, deu meia volta, e retornou a seu próprio dormitório, fechando com força a porta atrás dele. Bem a tempo. Se ela abria a boca para protestar uma vez mais, este bruto atordoado precisaria beijá-la para emudecê-la.

ꕥꕥꕥ

Lucy fez uma careta quando umas mãos bruscas moveram seu tornozelo.

—Então é você o médico?

—É obvio que não — a jovem sentada na borda da cama ergueu o olhar com brutalidade. Uns olhos castanhos, bastante separados entre si, olharam-na em um zombador silêncio. — Meu pai é o médico. Ajudo-o a ver os casos de menor importância quando está ocupado tratando às pessoas que estão feridas realmente. Como é o caso desta manhã. Um homem perdeu a metade de sua mão no moinho — inalou, e as sardas dispersas de seu nariz se agruparam. — Suponho — disse ela, flexionando o pé de Lucy para trás e para frente, — que você pensa que deveria ter vindo a vê-la de todas formas, sendo a senhora da casa.

—Absolutamente — respondeu Lucy, surpreendida por sua evidente hostilidade.— Disse a meu marido que não precisava ver um médico. Ele não quis escutar à razão.

Com o dorso da mão, a jovem jogou para trás uma mecha de cabelo cor âmbar.

—Os homens raramente o fazem.

—Como se chama?

—Hetta Osborne.

—Eu sou Lucy Waltham... Trescott.

A senhorita Osborne contemplou a Lucy com as sobrancelhas arqueadas. Continuando, jogou uma olhada ao quarto. As cortinas que tiraram de suas janelas jaziam amontoadas no chão. O mobiliário empurrado desordenadamente perto da lareira.

—Estou redecorando — disse Lucy sem convicção.

—Já o vejo.

Não, não o fazia. Ela não podia ver. Ninguém podia entender o que havia possuído a Lucy para ir a toda velocidade, como uma louca, puxando as cortinas das janelas e as tapeçarias das paredes. Nem o entendia ela mesma. Só sabia que depois de uma semana de sua auto-imposta reclusão, sonhou com uma névoa. Uma névoa densa, sombria e asfixiante, que encheu seus pulmões e serpenteou até seus ouvidos e se apertou ao redor de seu pescoço, e quando despertou, enredada entre os lençóis da cama, tomou conta dela um anseio desesperado para luz. De luz brilhante e ar fresco.

A senhorita Osborne fez que seu tornozelo se movesse em círculos, primeiro em uma direção, logo em outra.

—Em realidade, sinto-me perfeitamente bem — disse Lucy.

A dor em seu tornozelo desaparecera pouco depois de sua queda. Seu encontro com o Jeremy? disso, ia requerer um pouco mais de tempo para recuperar-se. Primeiro, de vê-lo envolto em seu roupão, de ver a cunha de peito nu emoldurado pelo tecido azul escuro, de ver suas pernas nuas e esculpidas por debaixo da prega. Era óbvio que levava pouco por debaixo do roupão. Talvez nada. Dormia nu?

Perguntou-se Lucy. É obvio, o fez a noite em que dormiu a seu lado, mas... e sozinho? E nas noites por vir, como ia poder dormir perguntando-se?

Se a vista de suas pernas não fossem o suficientemente distração, então subira seu roupão e tocou seu tornozelo dessa maneira emocionante e possessiva. Ah, e essa mostra maravilhosa de força bruta ao lançar a um lado a cadeira, levantando-a como se ela não pesasse nada, abatendo-se sobre ela na cama. A luz brilhante e o ar fresco se esqueceram imediatamente. Era ele o que esteve desejando.

—Isso dói? — perguntou a senhorita Osborne de repente.

—Não. Por que o pergunta?

—Você gemeu.

Lucy sentiu que um rubor subia a suas faces.

—Eu?

Maldito homem, mesmo quando a repreendia, não podia concentrar-se em suas palavras. Esteve muito ocupada fantasiando. Desejara deslizar suas mãos dentro desse roupão aberto, as levar ao redor de seus ombros largos, e bruscamente, atraí-lo sobre ela. Até o final de sua implicância, quando ele tinha exposto essa tolice de "milord". Tão lhe irritante. E exasperantemente excitante.

Lucy fechou seus olhos com força e exalou sua frustração.

—Não há nada mau com você — a senhorita Osborne deixou cair o tornozelo sobre a cama. Jogou um olhar pelo canto do olho a Lucy enquanto recolhia suas luvas. — Não com o tornozelo, pelo menos.

Lucy se endireitou e olhou a jovem a seu lado. A senhorita Osborne usava um vestido estampado e jaqueta de cor curry. Umas poucas grampos sustentavam seu cabelo loiro escuro em

um nó simples, e não levava joias nem fitas. Não parecia ser muito mais velha que Lucy, mas projetava um ar invejável de capacidade. colocou-se as luvas com movimentos precisos e eficientes.

—Por que não fica para tomar o chá? —perguntou Lucy. — Você fez toda esta viagem.

—Não, obrigada — A senhorita Osborne estava recolhendo uma pequena mala negra. —Já estou atrasada, e é um comprido caminho de volta. Preciso visitar uma mulher grávida e enfaixar uma ferida que supurou. Há algumas pessoas no condado com verdadeiras lesões se der conta.

Lucy sorriu. Por fim, alguém no Corbinsdale que não a olhava com velado desdém. A senhorita Osborne a olhava com aberto desdém. E melhor, não lhe fez sequer uma reverência ou chamado "Lady Kendall" nem uma vez.

E acabava de oferecer a Lucy o remédio que mais necessitava: uma via de escape.

—Se você puder esperar que me vista — disse Lucy, — eu a levo.

ꕥꕥꕥ

Se a senhorita Osborne olhava a Lucy com desdém, contemplou o faetón laqueado e a dupla de pôneis negros perfeitamente alinhados, com completa ironia. Por não falar do casal de escoltas de libré que os seguia a uma distância prudencial. Não obstante, não pareceu ressentir a oferta de um passeio. E quando Lucy liberou a dupla rédea produzindo um grande estrondo ao percorrer o caminho, poderia-se dizer que o respeito da senhorita do Osborne por ela se multiplicou por dez. De "praticamente-nada" a "possivelmente-um pouco".

Sentia-se maravilhosa em estar por fim, ao ar livre, aspirando o ar fresco do outono. Lucy deteve o faeton ante a pequena casa de um arrendatário. Quatro crianças saíram correndo, seguidos de sua arredondada mãe, que se bamboleava ao andar. Lucy rebuscou atrás do assento do faetón uma das cestas que pedira que preparasse a cozinheira. Um sorriso lhe esquentou o rosto, gelada pelo vento.

Mesmo Jeremy não poderia pôr reparos a esta saída. Isto era o que Marianne fazia. Visitar os inquilinos com cestas de comida e doces para as crianças. Lucy já se sentia mais como uma condessa. Voltou-se para as crianças, antecipando os gritos de alegria que certamente seus presentes provocariam. Não estavam por nenhum lado. A senhorita Osborne desceu do faetón, e todos haviam entrado na casa sem ela. Bom.

Lucy desceu da carruagem, sua cesta trespassada no braço, e se dirigiu à porta da casinha. deslizou-se para dentro da sala, sorrindo afetuosamente. Do seus assentos em frente à pequena mesa da casa, a senhorita Osborne e a mulher grávida a olharam com receio.

—Não fomos apropriadamente apresentadas — disse Lucy, disparando à senhorita Osborne um olhar próprio, — mas eu sou Lady Kendall.

A mulher grávida ficou boquiaberta.

—E lhes trouxe uma cesta —acrescentou alegremente. Deu-se a volta, estendendo a cesta as crianças. — Há doces dentro — tentou, balançando a cesta diante dela.

As crianças se encolheram, amontoados em um canto, com expressões de abjeto temor. O

menor, um menino com o cabelo loiro, quase branco, que não podia ter mais de dois anos, agarrou-se à perna de sua irmã e começou a chorar.

—Está bem — disse Lucy, retrocedendo lentamente. — Não há necessidade de zangar-se. vou deixar o sobre a mesa, vê? — depositou a cesta sobre a mesa.

—Obrigada, milady—foi a resposta pouco audível da mulher grávida, e seus olhos permaneceram baixos.

—Não há de que — Lucy juntou as mãos diante dela. — Senhorita Osborne, suponho que a esperarei na carruagem.

O olhar da jovem não se moveu de sua paciente.

—Sim, provavelmente seria o melhor.

Quinze minutos mais tarde, a senhorita Osborne voltou para o faetón com sua pequena valise. Bom, pensou Lucy. Isso não saíra totalmente como o planejara. Entretanto, negou-se a mostrar sua decepção em frente à senhorita Osborne. É obvio, as crianças se aterrorizaram com uma dama elegante, que era uma estranha para eles. Tendo em conta o fato de que a última Lady Kendall morrera fazia vários anos e sua saúde esteve deteriorada inclusive muito tempo antes disso, as crianças não podiam saber como se comportava uma apropriada condessa. Em sua próxima visita, todos estariam puxando suas saias. dirigiram-se à casa seguinte. Esta vez, Lucy não permitiu que a senhorita Osborne a deixasse atrás. Recolheu o cesto e seguiu a jovem até a pequena moradia, com teto de palha. Chamou na porta, e foram ingressadas em uma sala pequena e úmida. A luz que lutava por atravessar a única janela deixava ver os dois ocupantes da sala . Um menino de não mais de doze ou treze anos sustentava a porta aberta com uma mão enfaixada. Na estreita cama com colchão de palha estava sentada uma menina em silêncio, as pernas cruzadas sob uma puída saia de lã marrom.

—Albert, Mary. Esta é Lady Kendall.

A porta se fechou com estrépito atrás deles. Lucy girou sobre seus calcanhares para olhar ao menino.

—O que? — perguntou ele, registrando a desaprovação da senhorita Osborne. — Sem dúvida, sua alteza real aqui não espera que lhe faça uma reverência.

—Como está sua mão? — perguntou a senhorita Osborne, trocando de tema.

O moço encolheu os ombros, sem deixar de olhar a Lucy.

—Melhor, suponho. Ainda me dói como o diabo, mas não parece que esteja infectada.

A senhorita Osborne pôs sua maleta na mesa pequena e a abriu.

—Vamos jogar lhe uma olhada, então. Veem e sente-se— fez gestos com uma inclinação da cabeça. Albert obedeceu, olhando a Lucy com toda a suspeita e o desprezo que um menino de doze anos podia reunir.

Lucy decidiu centrar seus esforços caridosos na Mary. Cruzou a sala, em questão de só dois passos, era uma pequena moradia, e se sentou na cama junto a ela. O cabelo castanho claro da menina pendurava ao redor de sua cara em uma série de cachos revoltos e enredados. Uns grandes olhos marrons dentro de um rosto pálido e magro, ficaram olhando a Lucy.

Lucy sorriu. Mary lhe correspondeu seu sorriso com o seu desdentado.

—Quantos anos tem, Mary?

A menina seguiu sorrindo.

—Ela não fala — disse Albert da mesa. Ele fez uma careta quando a senhorita Osborne manipulou sua ferida. —Mas ela me entende. Não, Mary?

Mary assentiu com a cabeça. Levantou uma mão aberta, seus dedos ossudos estendidos em um grande leque.

—Tem cinco anos?

A menina assentiu, e seu sorriso se fez ainda mais amplo.

Lucy destampou a cesta de seu regaço.

—Que sorte! Tenho um biscoito especial aqui assado só para uma menina de cinco anos — lhe estendeu uma rosquinha amanteigada. — Você gosta dos biscoitos, Mary?

A menina arrebatou o doce da mão de Lucy e o levou a boca.

—Não coma isso, Mary — a voz do Albert era tensa pela dor. — É um biscoito Kendall. Provavelmente é veneno.

—Veneno! De onde tirou essa ideia? É obvio que não é veneno — não podia entender como se originaram essas ideias ridículas, mas começavam a irritar seus nervos. Uma coisa era que Lucy tivesse pensamentos denegridos a respeito de seu próprio marido, e outra muito diferente era ouvir que o difamavam uns desconhecidos.

Lucy se voltou para a menina.

—Vamos, Mary. Come-o — a menina aferrou o biscoito de sua mão, insegura. — Ou — disse Lucy com cuidado, — pode esperar para perguntar a sua mamãe e a seu papai, se te faz sentir melhor.

—Eles não têm pais — a senhorita Osborne limpou a ferida do Albert com um trapo empapado com um líquido fedorento.

Albert apertou os dentes.

—Meu pai não está morto.

—Talvez não. Mas ele não está aqui para resolver o problema, não? — a senhorita Osborne envolveu uma tira de tecido limpo ao redor da palma do Albert. — Pode comer o biscoito, Mary — silenciou a objeção do Albert com um olhar. — Não está envenenado.

Mary devorou os biscoitos em um instante, logo, estendeu as duas mãos por mais. Para o momento em que a senhorita Osborne terminou de enfaixar a mão do Albert, Mary tinha devorado três biscoitos, um pedaço de queijo de massa dura, e a maior parte de uma coxa de frango frio. Lucy desejou ter trazido uma cesta maior. A pequena estava claramente desnutrida. Olhou ao Albert. Parecia bastante esquálido, também.

Quando se levantou para partir, Lucy rebuscou em sua bolsinha por um xelim e o estendeu ao Albert.

—Aqui — disse. — Compra uns biscoitos. Mary já os comeu todos.

Albert soltou um bufido.

—Não, obrigado, Alteza —se aproximou da porta e a manteve aberta, estirando-se a si mesmo sobre o que se aproximava de uma altura varonil. — Eu não tomo a caridade Kendall.

Lucy ergueu as sobrancelhas.

—OH, você não recebe a caridade Kendall? —- aproximou-se do moço, olhando-o fixamente à cara. O férreo desafio em seus olhos nunca vacilou. Lucy registrou um sorriso tironeando das comissuras de seus lábios. Há oito anos, ela bem poderia ter visto uma expressão idêntica em seu espelho. — Bem, então— perguntou cautelosamente, — pega uma aposta Kendall?

Ela tirou uma maçã da cesta sobre a mesa e saiu à rua. Fez gestos a Mary, e a menina brincou de correr feliz atrás dela.

—Mary— sussurrou, colocando a maçã na palma da pequena, — seria tão amável de correr e colocar isto perto dali? — assinalou com a cabeça para a margem de pedra que bordeava um campo de aveia próximo. —Rápido, e há um xelim para ti.

A menina o fez ante essa oferta, e Lucy a recompensou como prometeu.

—Um xelim bem ganho — disse em voz alta, lançando ao irmão mais velho um olhar. Ela se endireitou e o enfrentou, estendendo a mão. — Agora, sobre a aposta. Albert, posso pegar emprestada sua funda? —Ela fez um gesto indicando a correia de couro que se sobressaía do bolso do garoto.

Ele olhou o distante objetivo, então a olhou com ar dúbio.

—Você não pode acertar a isso.

—Se perder, devo-te um xelim. E se acerto ao alvo?

Albert soltou um bufido.

—Se acertar ao alvo — repetiu ela com frieza, — tem que aceitar uma meia coroa — pegou o pedaço de couro da mão do garoto e se inclinou para selecionar uma pedra adequada do caminho.

— É uma aposta, então? —Perguntou ela, colocando a pedra na funda.

Ele assentiu com a cabeça. Lucy olhou brevemente à senhorita Osborne, que parecia estar observando o intercâmbio com grande diversão. Lucy sentiu uma breve pontada de remorso. Fazer apostas com meninos obstinados provavelmente não se adequava à Condessa de Kendall. Mas ao demônio contudo, a rotina de "dama elegante" não parecia estar enganando a ninguém. Certamente não compraria mais pão para Mary.

O olhar da senhorita Osborne encontrou o seu. Lucy encolheu os ombros e sorriu. Apontou à maçã, colocou a funda em movimento com um giro de seu pulso, e a soltou.

A maçã explodiu em uma nuvem de casca branca. Ao Albert caiu o queixo. Lucy escavou por uma meia coroa em sua bolsa. A estendeu e junto com a funda ao menino boquiaberto.

—Se se tratar de orgulho, Albert, a próxima vez toma a caridade. Custará-te menos.

Albert piscou. Olhou a moeda e a funda, logo a cerca, logo depois de novo a Lucy. Lançando um fugaz olhar divertido em direção a Lucy, a senhorita Osborne estendeu a mão e beliscou a orelha do menino.

—Albert, acredito que as palavras que está procurando são: "Sim, milady".

—Tem um problema.

Jeremy levantou a vista de sua carta, surpreso. Por que deveria surpreender-se, não sabia. depois de sua discussão da manhã, passou o dia esperando, infernos, inclusive antecipando, a descida da iminente ira de Lucy. Ao menos, observou em seu passo decidido, que o tornozelo parecia haver-se sanado.

—Tenho um problema? — repetiu.

—Um problema grave. Seus inquilinos o odeiam.

Ele se sentou em sua cadeira. *Ela queria falar de seus inquilinos?*

—Sim, sei.

—Não, quero dizer que realmente o odeiam! Quando diz o nome de Kendall, a gente de idade cospe o chão. As mães ameaçam a seus filhos com seu nome. "Faz o que digo, ou farei que Lorde Kendall venha, e te leve". A gente te despreza.

—E vê isto como um problema.

—É obvio! Você não?

Ele suspirou, depositando sua pena sobre a escrivaninha.

—Um problema é algo que posso tentar solucionar. Isto? isto é mais uma realidade. Se te faz sentir melhor, é a meu pai, a quem realmente odeiam. Por mim sentem uma intensa antipatia. Até agora.

—Fui visitar hoje aos inquilinos, e as crianças ao ver-me se encolheram de medo!

—Foste visitar os inquilinos? Com quem?

—Com a senhorita Osborne, a filha do médico. E um par de escoltas — seus olhos verdes brilharam. — Milord.

Jeremy esfregou as têmporas. Sabia que isso voltaria a persegui-lo.

—Escuta, Lucy, a respeito desta manhã...

O interrompeu com um movimento impaciente da mão.

—Conheci duas crianças hoje que, o mais provável, é que sejam órfãos. Sua mãe o mais seguro é que esteja morta, e a seu pai o enviaram a Austrália. Pode adivinhar seu crime?

Sim, pensou. Tinha uma razoável certeza.

—Caçar com uma armadilha uma miserável perdiz para alimentar a sua esposa doente e seus filhos. Um pássaro, merece a sentença de deportação — a indignação ardia ao vermelho em suas faces. mordeu a ponta do dedo de uma luva e a tirou.

Ele levantou de sua cadeira e rodeou a escrivaninha para ficar a seu lado.

—Lucy, meu pai era um senhor muito duro. Era especialmente implacável com os caçadores furtivos. É lamentável, mas não há nada que pode trocá-lo agora.

—Mas seu pai está morto — disse ela, tirando a outra luva. —Você é o Lorde agora. Certamente nunca iria fazer órfãos a uns pobres meninos, só pelo fato de uma perdiz — desatou sua touca e a jogou sobre uma cadeira próxima. —Entretanto, os inquilinos ainda lhe têm medo, desprezam-lhe. Por que não entendem que não é nada como seu pai? Que é amável e generoso, em nada um homem odioso?

Jeremy se apoiou na escrivaninha, com a cabeça dando voltas. Sentia-se bêbado, enjoado.

Talvez era o fato de que sua esposa seguia derramando objetos de vestir como uma bailarina da ópera. Ficou olhando, completamente absorto, como ela desatava seu casaco com dedos ágeis e a atirava sobre a pilha de montanha de objetos. Era muito esperar que ela pudesse continuar com suas botas, suas meias, seu vestido e sua regata. Mas um homem podia sonhar.

Por outro lado, talvez foram suas palavras as que tinham posto a girar a sala. Amável, tinha-o chamado? Generoso? Durante o curso de um dia, passou de "estúpido bruto" a "absolutamente odioso"? Se esta tendência continuasse, até amanhã ela estaria cuspindo poesia. E de algum jeito, as mais estranhas e vertiginosas de todos as descrições foram essas palavras pronunciadas tão casualmente, "nada como seu pai". Como se ela pudesse saber.

—A você incomoda muito, o que os inquilinos pensam de mim?

—É obvio que sim! — ela se curvou contra a escrivaninha a seu lado. — Porque se lhe odiarem, odeiam-me!

Ele riu entre dentes. *Ah, sim.* Deveria ter sabido que havia uma razão razoável por trás desta verdadeira efusão de afeto.

—Sinto muito, Lucy, mas a opinião sobre mim não é provável que melhore logo — se levantou e se aproximou da janela, olhando a acidentada paisagem. — Precisa entender, isto não é Waltham Manor. Ali, um homem pode arrojar um punhado de sementes no chão e obter uma abundante colheita cinco meses depois. Esta é terra dura. Chão rochoso, um regado irregular. A colheita de trigo fracassou este ano. O ano passado, a cevada. Estou tentando fazer agora o que meu pai deveria ter feito faz anos, melhorar a terra, rodar os cultivos. Regar as zonas secas, controlar a fuga da umidade. Mas para fazer as reformas, tivemos que obrigar aos inquilinos a cooperar. Eles resistem à mudança. Isto significa mais trabalho para eles, um maior risco. Assim que lhes há dito que devem cultivar a terra da forma que o administrador recomenda, ou anularei seu contrato de arrendamento. — voltou-se para a Lucy. —Pode imaginar que isso me faz bastante impopular. Ao final, vão colher os benefícios, mas por agora... por agora, odeiam-me.

Lucy suspirou, cruzando os braços sobre o peito.

—Eles nos odeiam.

Seu cenho se franziu, com frustração, e os lábios se curvaram em uma careta mal-humorada. Jeremy pensou em remediar ambas as condições cruzando a sala e tomando sua boca em um comprido e profundo beijo.

Em troca, apoiou-se contra o cristal. Porque ela se foi outra vez, voltando a sala um torvelinho com uma única palavra.

Nós.

CAPÍTULO 21

—Então esta é nossa sala de cafés da manhã.

Jeremy levantou a vista de seu periódico, arqueando as sobrancelhas. Surpreendeu-se, obviamente, ao vê-la, mas Lucy parecia também gratamente surpreendida.

—Nossa sala de cafés da manhã — disse com uma expressão perplexa. — Sim. Me alegro de

que finalmente te decidisse a procurá-la. Talvez mais tarde queria percorrer o resto da casa?

Ela sorriu.

—Acredito que sim —depois de tudo, não era como se ela pudesse ficar para sempre em seu quarto. A saída de ontem não esteve muito de acordo com suas expectativas, mas a primeira prova da

Lucy e das responsabilidades de uma condessa não foi de tudo amargo. De fato, sentia fome de mais. Pegou um bolo do bufet e passeou pela sala lentamente, fazendo uma pausa para estudar um retrato pendurado sobre o suporte da lareira. Parecia ter uma vaga semelhança de seu marido. Sua figura em geral parecia correta: largos ombros, postura erguida. Aqueles olhos azuis de enfartar se capturaram bastante bem. Mas o cabelo do Jeremy era negro como o azeviche, não essa cor castanha avermelhada.

E sua mandíbula? o artista fez sua mandíbula muito mal. Muito arredondada.

—Esta é uma imagem terrível de ti.

Sua taça de café se chocou contra seu pires.

—Isso é porque não sou eu.

—Bom, quem é então? Não pode ser seu pai, a roupa é muito moderna.

—Meu irmão.

Voltou-se para olhar a seu marido que estava sentado à mesa, calmamente salteando um ovo. Como se simplesmente lhe tivesse pedido que lhe passe a manteiga.

—Tem um irmão?

—Tinha. Tinha um irmão. Ele morreu quando eu era um menino.

Lucy olhou ao jovem do retrato.

—Que idade tinha?

—Quando ele morreu? Eu tinha oito anos, e ele tinha onze — a mão de Jeremy fez uma pausa, suspendendo uma pequena colher no ar. — Quase doze.

—Mas este é um retrato de um homem jovem, não de um menino de onze anos.

—Sim, bom. Pode culpar à imaginação de minha mãe por isso. Ela nunca deixou o luto pelo Thomas — substituiu a colher no saleiro e tomou seu garfo. — Esse era seu nome. Thomas — pegou um pedaço de ovo.

Mastigou-o devagar. Lucy apertou os dentes em sinal de frustração. Finalmente, ele tragou e elevou o olhar para ela. Lucy inclinou a cabeça e elevou as sobrancelhas.

—Por favor, continua.

—Ela, minha mãe, encarregava um novo retrato dele cada ano. Até que morreu, é obvio. Assim podia observá-lo como poderia ter sido se tivesse vivido.

Isso, decidiu o estômago de Lucy, era uma ideia perfeitamente nauseante. Entretanto, não parecia afetar o apetite de seu marido no mais mínimo. Agarrou outro pedaço de pão torrado. Lucy tragou todo o nó em sua garganta.

—E quando morreu sua mãe?

—Faz quatro anos.

Calculou com os dedos.

—Então se tiver vinte e nove anos, como Henry... Perto de vinte e um leva morto seu irmão, menos quatro... Isso significa que há dezessete retratos do Thomas nesta casa?

Jeremy raspou a manteiga em sua torrada.

—Sem incluir os que pintou antes de sua morte. O total real é provavelmente mais de vinte.

Por Deus, pensou Lucy. Havia menos retratos provavelmente do Príncipe Regente no St. James. Pelo resto, a catedral do St. Paul provavelmente tinha menos pinturas de Cristo.

—Como morreu ele? Por uma febre?

—Não, estava... Foi um acidente — Jeremy deixou sua faca com um ruído surdo. Seu cenho franzido. — É uma longa história.

—Bom, e parecerá mais longa ainda se me obrigar a lhe extrair isso gota a gota. Seria muito mais fácil para nós, se só a soltasse — foi até a mesa e ficou sobre seu ombro. Ele ficou olhando o brinde em sua mão, impassível. — Averiguarei-o com o tempo, sabe. Não me faça ir perguntar aos criados.

—De verdade quer ouvi-la? — sua voz sombria. Deixou cair a torrada no prato e flexionou a mão.

Lucy pôs os olhos em branco.

—Não. Por favor, não me diga isso. Estou desfrutando do suspense gótico — ela suspirou e pôs uma mão no cotovelo dele. — Sim, Jeremy. Realmente desejo escutá-la.

—Muito bem, então — ele se levantou da mesa, agarrou-a pela mão, e simplesmente a puxou da sala.

Ele se dirigiu a propósito pelo comprido corredor. Seus passos eram tão compridos que se via obrigada a realizar três passos por um dele. Levou-a pelo corredor, através do vestíbulo de entrada, o corredor interminável de comprimento, e, finalmente, por uma estreita galeria de mármore e azulejos, onde uma fila de grandes retratos, com o Marcos dourados pareciam desvanecer-se à distância simplesmente, em vez de terminar. Quando Jeremy se deteve no ponto central da galeria, Lucy quase se chocou com suas costas.

—Esse — disse, girando-a completamente, — "era meu pai" — soltou sua mão e deu um passo para uma grande pintura quadrada.

Lucy seguiu seu olhar. O retrato devia ter sido pintado quando seu pai tinha quase a idade do Jeremy, ou talvez um pouco mais. As mesmas feições de granito marcavam seu rosto, bordeado por leves rugas que se aprofundariam com a idade. O garbo do homem, a postura presunçosa contrastava com sua expressão séria. Usava um traje negro adornado com galões dourados e botões e sustentava um tricórnio sob o braço. Sua outra mão descansava estendida sobre a cabeça de um tigre.

Um verdadeiro tigre. Uma besta resmungona, selvagem, cor laranja com listas. Lucy não sabia quase nada de pintura, mas reconhecia uma arte impressionante quando o via. Quando ela o sentia em seu sangue. A pintura era fascinante. Podia ver a pele raiada do tigre arrepiando-se, sentir o poder primitivo esticando seus músculos. Parar-se ante esta pintura era sentir perigo e risco e medo irracional. E sentir uma onda de ressentida gratidão por este homem arrogante, cuja pose dominante e olhar de gelados olhos azuis, pareciam as únicas coisas que lhe impediam de ser

devorada por inteiro.

Ela se aproximou de seu marido.

—O tigre que vê aí reside agora na grande sala, montado em cima da lareira. Meu pai lhe disparou na Índia e o trouxe de volta, a ele e à cabeça de um elefante macho. Era um ávido caçador, meu pai. Tinha os bosques ao redor da abadia abastecidos com toda a variedade de caça. Não só perdizes e faisões, a não ser javalis e veados— olhou por cima do ombro para a janela. — Este é um dos últimos bosques da Inglaterra onde ainda se pode caçar veado.

Voltou-se para o retrato.

—A caça era tudo para ele. portanto, a caça significaria tudo para seus filhos. Pôs um rifle em minha mão antes que eu pudesse sustentar apropriadamente uma colher. Levava-nos a meu irmão e a mim durante o dia inteiro em excursões de tiro para nos afinar a pontaria.

—A pontaria? — Seus ombros se levantaram pela risada. — Deve ter sido uma grande decepção, então.

—Fui. De muitas formas.

A mudança em sua expressão foi sutil, mas inconfundível. Uma dobra ligeira apareceu em sua fronte e sua mandíbula se esticou por um grau infinitesimal. Lucy quis golpear sua cabeça contra a parede. *Ela era uma idiota.* Uma tola insensível, desconsiderada, cérebro de geleia. propôs-se não dizer uma palavra mais.

—Sinto-o — bom, além desses dois.

—Não se preocupe — seu rosto se endureceu ainda mais. — Era um prazer decepcionar a meu pai. Não sentia grande carinho por ele, nem pela caça. Mas Thomas amava ambos, e eu idolatrava ao Thomas. Os dois nos escapulíamos da casa a todas as horas para ir caminhar pelo bosque.

Deu-se a volta e se dirigiu para a borda de umas altas janelas, seus passos lentos ressonando no mármore gentil. Lucy o seguiu, olhando para o redondo jardim, cercado com arbustos e os densos bosques mais à frente. As árvores subiam os escarpados distantes como espectadores em uma palestra, com tela outonais de cor âmbar e vermelho.

—Não erámos os únicos a caminhar pelo bosque. Os bosques bem providos resultam irresistíveis para os caçadores furtivos. Alguns chegavam em grupos organizados, caçando os animais para comercializá-los em Londres ou York. E logo estavam os inquilinos, que simplesmente desejavam um pouco de carne para suas mesas. Meu pai se ressentia de ambos os grupos por igual. Qualquer caçador furtivo detido em chão Kendall recebia a pena máxima permitida pela lei: o cárcere, trabalhos forçados, inclusive a deportação. Ordenou a seu guarda-florestal colocar armadilhas e escopetas de armadilhas.

A Lucy fez um nó no estômago. Henry lhe havia descrito os cruéis métodos empregados por alguns proprietários de terras para impedir a caça furtiva. Armadilhas, assim como armadilhas menores destinadas à caça e captura, constavam de umas mandíbulas de metal com puas desenhadas para romper a perna de um homem. Um encontro com uma armadilha poderia deixar a um homem mutilado, se tivesse sorte.

Se tivesse má sorte, a ferida se agravaria e morreria. É obvio, a morte era todo o objetivo de

uma escopeta de armadilha: um rifle carregado instalado na corda de uma armadilha. Um caçador furtivo, ou qualquer um, que tropeçasse com o cabo, faria que a arma lhe disparasse imediatamente. Lucy teve a doentia sensação de que sabia onde se dirigia esta história. Ela também podia lhe economizar a dificuldade de dizê-lo.

—Então, qual foi, com o Thomas?

—Uma escopeta de armadilha.

—E você estava com ele?

Olhou pela janela, sem pestanejar.

—Sim.

Rapidamente renovou seu voto de silêncio. Qualquer palavra que pudesse pronunciar seria muito impróprio de uma dama. Tentou imaginar-se tendo oito anos e vendo seu irmão derrubado como um animal. Logo se sacudiu, amaldiçoando sua imaginação.

Foi como se ele tivesse ouvido seus pensamentos.

—Não o vi acontecer — lhe lançou um olhar pelo canto do olho. Sua voz se fez suave. — Estava escuro, e eu tinha caído atrás dele. Só ouvi o disparo.

As palavras tinham o timbre de uma mentira piedosa. Lucy suspeitou que o disse só para acalmar seus sentimentos. Bendito ele, funcionou. Um pouco. Mas a mesma ideia seguia lhe produzindo nós no estômago.

—E depois?

Voltou-se para ela com a expressão em branco.

—E depois, ele morreu.

Ela negou com a cabeça.

—Não, quero dizer depois disso. Disse que era uma longa história. Há vinte retratos do Thomas nesta casa. Sua morte não pode ser o final da história, é só o princípio.

Ele se voltou para a janela e exalou o ar lentamente. Seus largos ombros se encolheram sob sua jaqueta. Rapidamente estava aprendendo a reconhecer esse movimento. Um encolhimento de ombros, para o Jeremy, não era uma preguiçosa ascensão e baixada de ombros. Era uma ação poderosa, uma explosão de força bruta, mal registrada. E quando elevava seus ombros, ela quase podia ouvir o rangido da armadura oxidada perto deles. O escudo forte e recoberto de metal que construiu um menino para proteger da dor. Lucy conhecia essa armadura. Ela mesma carregava justo um pouco de uma.

Também sabia que a armadura tinha frestas.

—É uma longa história — repetiu desapaixonadamente. — E sim, Jeremy. Realmente desejo ouvi-la.

Ele a atravessou com um olhar gelado. Lucy se negou a piscar. Se pensava que podia afugentá-la com esse Olhar dele, estava muito equivocado.

—E então...?

Ele olhou pela janela.

—E então tudo mudou. Meu pai sempre foi severo. Qualquer que fosse o coração que tivesse, morreu com o Thomas. depois da morte de meu irmão, só se duplicaram a armadilhas e

autorizou a seus guardas para disparar a quão intrusos vissem — meneou a cabeça. — Eu lhe guardava rancor pela morte do Thomas. Ele estava ressentido comigo por ser o único que sobreviveu. Mas já não pôde me ignorar, uma vez que era o herdeiro. Redobrou seus esforços para me moldar a sua imagem, e resisti a cada tentativa. Minha mãe se voltou para os retratos e assinalou com a cabeça para uma pintura de uma dama delicada que levava as mangas debruadas de encaixes e cachos empoeirados, que estavam de moda uma trintena de anos antes. Ela sempre foi frágil. A morte do Thomas a destruiu. Ficou em seus aposentos e ficou de luto permanente. Não podia suportar me olhar, porque eu só lhe recordava ao filho que perdeu. Meu pai só me falava para me criticar. Minha mãe não podia me falar sem começar a chorar. E eu... — esse encolhimento de ombros de novo. — Fui enviado ao internato — esticou sua mandíbula e lhe jogou um olhar de soslaio. — Não é uma história tão longa, depois de tudo. Mas aí a tem. Não há necessidade de ir perguntar aos criados.

Jeremy se voltou e sustentou seu olhar, claramente esperando sua reação.

Sua reação. Várias reações batalhavam dentro dela por impor-se, e todas elas envolviam uma explosão de energia física. A primeira foi um impulso irracional de girar sobre seus calcanhares e fugir. Fugir e esconder-se. Seu segundo pensamento, igualmente infantil, foi pegar o vaso de porcelana de uma mesa próxima e lançá-lo contra a parede. A terceira reação que surgiu em sua mente foi correr para seu marido, escala-lo como a uma árvore, e beijá-lo até que se esquecesse de seu próprio nome, e muito menos o fato de que pertencia a este sortido espantoso de relações.

Mas nenhuma destas parecia ser a reação apropriada de uma condessa. Por outra parte, sabia que nenhuma delas era a reação que Jeremy necessitava. Seus olhos eram claros e firmes. Desafiando-a a fugir ou a largar-se furiosa. Proibindo-lhe o compadecê-lo. E se suas situações fossem à inversa, Lucy sabia que a lástima era a última reação que ela desejaria.

Então ela lutou contra os três impulsos e uma boa dúzia mais em um século. E logo, porque o ar quieto a seu redor e o silêncio entre eles ameaçava asfixiá-la, passou toda a equanimidade duramente ganha para pronunciar uma só e redonda sílaba.

—OH.

A boca de Jeremy se suavizou um pouco. Ela tinha a terrível suspeita de que poderia estar preparando seus lábios para dar outro detalhe sombrio. O desespero soltou sua língua.

—Isso é tudo, então?

Ele piscou.

Lucy forçou um sorriso em sua voz.

—Nenhum louco delirante encerrado na torre?

Ele negou com a cabeça.

—Nenhuma criança bastarda cortando cebolas na despensa?

O canto de sua boca se arqueou.

—Não.

—Bom, então. E aqui estava eu, esperando algo verdadeiramente terrível.

Seu rosto relaxou. O alívio a invadiu. Não podiam estar parados a mais de trinta centímetros

um do outro. Eram trinta centímetros de mais, mas ela resolveu reduzir o espaço a dois. Ligeiramente rodeou seu braço com o seu, girando-o para enfrentar de novo o retrato de seu pai.

—Quando era menina— disse, — estava acostumada a me deitar no chão e olhar o retrato de meu pai. Ficava olhando-o durante horas, escutando.

—Escutando?

Ela assentiu com a cabeça.

—Ele me contava longas e fantásticas histórias. A respeito de sua infância, ou a minha. Às vezes, sobre a Tortola.

—Mas... — o olhar de Jeremy se nublou pela confusão. — Seu pai não morreu antes que nascesse?

—OH, sim — quando ele simplesmente a seguiu olhando, Lucy decidiu dar gosto a sua falta de imaginação. — Encontrei— disse em voz baixa, — e talvez você também possa... —indicou com a cabeça à fila de retratos, —que estas coisas têm uma forma de me falar, queira-o ou não. E é muito mais reconfortante imaginar que têm coisas agradáveis que dizer. Por exemplo — continuou, puxando ele para o retrato de um cavalheiro espantosamente feio vestido com os ornamentos da Marinha, — seu pai me está dizendo que para ele foi um grande alívio ver no dia em que nasceu, que não tinha as orelhas de seu tio avô Frederick. Essas orelhas como asas de morcego. Aterrorizavam-no absolutamente quando era um menino.

Voltou-se para o retrato de sua mãe.

—E sua mãe diz que estava simplesmente contente de que não saísse tudo enrugado e laranja, porque ela não comeu nada mais que gelatina de marmelo durante toda sua gravidez.

Jeremy sacudiu a cabeça.

—Lucy, quando me perguntou antes se havia um louco encerrado na torre, não me dava conta que tencionava solicitar o posto.

Ignorou-lhe e fez um doce sorriso no rosto. Puxando suavemente do braço de Jeremy, conduziu-o pela fila a outro retrato do Thomas.

—Agora este homem jovem e bonito se queixa de que é terrivelmente difícil aparecer em vinte retratos de uma vez. Está-nos pedindo que reduzamos o número a três ou quatro.

—Pode fazer o que quiser, Lucy. É a senhora deste imóvel. É sua casa agora.

—Minha? —ela apertou o agarre por seu braço. — OH, vá. Tive a impressão mais reconfortante de que era nossa.

Ele a olhou, a comissura de seus lábios se curvaram ligeiramente. Foi a mais mínima sugestão de um sorriso, e o mais maravilhoso que vira na última semana.

—Assim é.

Pôs sua mão sobre a dela que descansava sobre seu braço.

—Acredito que já tive bastante de nossa casa para uma manhã. Gostaria de ir montar? Imagino que Thistle desfrutaria do exercício.

—Posso montar ao Thistle? — ela levantou uma sobrancelha. —Mas preciso ter um complemento de lacaios me seguindo?

—Não— seu sorriso se ampliou. — Não tem necessidade de um acompanhante, se estiver

comigo.

—OH — *Deus do céu,* nesse momento se via vertiginosamente bonito. Mas de algum jeito, Lucy conseguiu agarrar uns fios de pensamento e as trançar em algo compreensível. — Bom, isso tem mais sentido agora.

—O que tem sentido?

—Por que não me queria nas trilhas de caça— ela se apoiou em seu braço quando giraram para deixar a galeria. —Tudo isso de falar de mim, de ser só uma garota, de estar em perigo, realmente o dizia a sério!

—O que? Acreditava que só estava sendo severo?

—Sim, é obvio — respondeu ela, com um encolhimento de ombros. — Durante o primeiro ano que te conheci, talvez por dois, pensei que lhe tinham posto nesta terra só para me incomodar.

Suas sobrancelhas se ergueram.

—E depois de dois anos?

—Ah, então me dei conta da verdade —disse enquanto saíam da galeria. —Puseram-me nesta terra para incomodar a ti.

ஜ۞ஜ

Se o café da manhã foi uma grata surpresa, o jantar dessa noite foi um desastre.

Lucy olhava em silencio do seu extremo da mesa enquanto seu marido empurrava os mantimentos ao redor do prato. Agradecida de ter terminado o prato de sopa, tomou um comprido gole de vinho, enxaguando a boca do filme persistente de sal e gordura. Como Jeremy podia suportar o caldo de rabo de boi, não podia adivinhá-lo.

—Por fim te cansou da sopa de lagosta, verdade? — perguntou, cortando um pedaço de carne de carneiro.

—Em realidade não — Lucy cravou um pedaço de cenoura com o garfo, mas saiu disparado de seu prato e voou pela sala. Ela levantou a vista, mortificada. A atenção do Jeremy seguia enfocada em seu cordeiro. Entretanto, não se atrevia a olhar à esquerda, pois se sentia razoavelmente segura de que o míssil tinha conectado com um lacaio. Felizmente tia Matilda estava jantando em seu quarto esta noite, a não ser ela poderia ter sido o desventurado alvo. —É só que... Bom, pensei que deveria pedir os pratos que você gosta para variar.

Depois de sua conversa na galeria dessa manhã, Lucy se sentia como uma menina míope a quem acabavam de lhe colocar óculos. Em preparação para seu rodeio, Jeremy verificara a segurança das correias da sela duas vezes, ordenou à donzela ir em busca de luvas mais quentes para a Lucy, e lhe dirigiu as olhadas mais severas que podia contar. E todas estas pequenas ações, que ontem lhe teriam parecido simplesmente autoritárias, Lucy agora entendia que eram... ainda autoritárias, mas basicamente protetoras.

Ele já presenciara muita dor. Não queria vê-la ferida também.

Era de sentir saudades que ela não o tivesse visto? Lucy não estava absolutamente

acostumada a ser protegida. Com dois pais mortos e um tutor como Henry, aprendera a valer-se por si mesmo. A preocupação de Jeremy era totalmente desnecessária. Mas também era comovedora, e ela queria, de algum jeito, reconhecê-la. Agradecer-lhe essa preocupação.

Tentá-lo.

—Já vejo— Jeremy colocou um pedaço de cordeiro na boca e mastigou. E mastigou. Tomando um gole de vinho, perguntou: —E quem te informou de meu gosto pelo cordeiro cozido?

—Uma das babás de tia Matilda. A senhora... —Lucy bateu o ar com a mão, para conjurar o nome do éter.

—A senhora Wrede?

—Sim. A senhora Wrede. Pedi-lhe que desse à cozinheira o menu, já que ela disse que te conhecia de sempre.

Jeremy tomou um novo gole de vinho.

—De fato, sim.. Ela era minha babá. Mantinha-me com uma dieta constante de caldo, cordeiro cozido, batatas, aveias...

Lucy gemeu. *Que idiota era.* A senhora Wrede dera o menu favorito do Jeremy, certo, mas de quando tinha cinco anos de idade. Ela também poderia lhe ter servido leite em vez de clarete.

Mantendo os cotovelos sobre a mesa, enterrou o rosto entre as mãos.

—Sinto-o tanto.

—Não se preocupe — secou os lábios com um guardanapo de linho. — Para falar a verdade, não tenho muita fome de todos os modos —fez um gesto para o resto dos pratos. — vamos passar à sobremesa, sim? Deixe-me adivinhar — sorriu — Pudim de leite?

Ela apoiou o queixo na mão.

—Eu não ordenei sobremesa — disse lastimosamente.

—Não há sobremesa? — pareceu afetado. — E por que não?

—Você não gosta de sobremesa.

—Ao contrário — disse com uma voz sombria que lhe fez vibrar os ouvidos. — É meu prato favorito da comida. Esperei com ânsias a sobremesa.

—Mas... — Lucy se deteve, sem saber o que responder. O que estava dizendo ele? Que embora, em oito anos, alguma vez vira um pedaço de biscoito ao xerez ou alguma boba groselha passar por seus lábios, de repente desejava pudim de leite? Como era que ela... como era que alguma condessa adivinharia isso?

Ela cruzou as mãos sobre o regaço.

—Sinto muito. Não há nenhuma sobremesa.

Ele pôs o guardanapo a um lado.

—Muito bem, então — disse, ficando de pé. — Já é tarde. Deve querer te retirar.

Ela olhou suas mãos, passando o polegar pela borda da palma de sua mão calosa.

—Disse que iria ver a tia Matilda. Acredito que está um pouco nostálgica.

—Seriamente? — sua voz era tranquila. — Já vejo. Então pedirei que enviem um pouco de chocolate para as duas.

Ficaram em um silêncio incômodo durante uns instantes. Lucy não podia suportar olhá-lo.

Parecia tão terrivelmente injusto, que seu estado de ânimo, sua existência, a felicidade de sua vida estivessem agora todos ligados indivisivelmente com os dele. E ela, de todas as mucosas intratáveis da Inglaterra, agora ansiava sua aprovação e desejava desesperadamente agradá-lo, mas parecia condenada ao fracasso e mesmo esta pequena tentativa. Dava-lhe joias e dinheiro para seus gastos e inclusive sabia enviar o chocolate, e o que lhe oferecia ela? Cordeiro cozido, quando ele queria pudim de leite.

Só havia um método para agradar ao Jeremy, no que demonstrara a mais mínima competência, o ato que ela desejava repetir, jazendo acordada na cama recordando, sonhando com isso todas as noites. Esperou tanto que sua conversa de hoje, a história e pensamentos íntimos que ele compartilhou, poderiam dar lugar a intimidades de uma natureza diferente.

Mas não.

Era este lugar, decidiu Lucy enquanto jazia sozinha na cama essa noite. Esta Abadia parecia uma tumba fria e silenciosa, cheia de fantasmas, da família do Jeremy e de seus próprios demônios. antes de chegar ao Corbinsdale, nunca apreciara como a alegria impregnava Waltham Manor, a forma em que cada habitação fazia eco de lembranças agradáveis, e o estrondo alegre dos cães e dos meninos e dos criados a quem lhes permitia cantarolar. Nesta casa, não havia ruído, nem calor, nem alegria. Era um antídoto para o ardor se acaso existia um.

E fora dos limites da Abadia, a miséria só aumentava. Cada homem, mulher e criança em um raio de quinze quilômetros desprezava a alguém com o nome de Kendall. Isso escassamente podia fazer que homem tenha desejos de procriar. Talvez por isso era que Henry seguia embaraçando a Marianne, conjeturou Lucy. Boa ou má colheita, seus inquilinos o adoravam por suas maneiras cordiais e sua generosidade.

Pensou no insolente Albert, e a satisfação de dar volta as suas expectativas. E Jeremy? a dor de perder a seu irmão agravado pela perda do afeto de seus pais. Todo Corbinsdale era um imóvel de órfãos. Lucy reconheceu essa familiar combinação de desafio exterior e desejo silencioso por afeto em todos eles: nos inquilinos, no pessoal, em seu próprio marido. Talvez não podia trocar as cortinas ou planejar os menus como uma dama, mas ela sabia algo sobre relacionar-se com órfãos ásperos. Ela mesma era uma, depois de tudo.

Talvez, pensou Lucy, ela tinha algum potencial enterrado e oculto para converter-se em uma verdadeira dama. Talvez Jeremy não o via, mas isso não significava que não o pudesse descobrir por si mesmo. Ela poderia não ser a classe de condessa que ele desejava. Certamente, não era o tipo de condessa que Corbinsdale esperava. Mas talvez, só talvez, era exatamente o tipo de condessa que necessitavam.

E então lhe ocorreu. Passeava o olhar pelo dossel bordado sobre sua cama, e como deixada cair por um anjo que passava ou revelada em um sonho, ali estava: a Ideia. A forma de resolver ambos os problemas ao mesmo tempo, dar vida a esta casa e fazer que os inquilinos adorassem a seu marido. A brilhante Ideia que a introduziria na boa opinião do Jeremy, em sua cama, e em seu coração. Uma ideia perfeita que não poderia sair mau.

CAPÍTULO 22

E não teria saído mau, se Jeremy não tivesse se atrasado para o jantar.

Lucy se sentou na grande sala da Abadia, dando golpezinhos com os dedos no prato vazio que devia ser o de seu marido. Seu estado de ânimo alternava entre a ansiedade por sua segurança e a fúria com ele por retornar a casa tão tarde. Não perdera o jantar nenhuma noite desde que se casaram. Agora, esta noite, de entre todas as noites, ele estava atrasado.

A noite que esteve planejando com tanto esmero durante dias.

Foi muito fácil. Ela simplesmente mencionou ao Jeremy uma manhã, durante o café da manhã, que gostaria de convidar a algumas pessoas para o jantar. Talvez a próxima sexta-feira? Ele esteve tão gratamente surpreso, que chamou a governanta imediatamente e lhe disse que obedecesse cada ordem de Lucy. É obvio, este provavelmente não era o jantar que ele imaginou.

Onde poderia estar? Tentou pensar, mas entre os músicos e o pequeno exército de criados e o ruído dos talheres, formar um pensamento coerente era difícil. Lucy sorriu. O rugido ensurdecedor desta noite ressonaria por toda a Abadia durante dias. Talvez semanas. Adeus ao silêncio frio e sinistro.

Um osso de frango sulcou o ar, provocando que ela o esquivasse tornando-se à esquerda. Seus convidados pareciam estar divertindo-se. Renunciara a esperar a chegada do Jeremy fazia meia hora e ordenou que se servisse o jantar. A gente não seguia fazendo esperar a mais de uma centena de convidados até o ponto de que passem fome. Só lhes podia permitir sentar-se pelos arredores para beber cerveja durante um tempo, antes que uma demora passível se convertesse em uma simples grosseria. Esta podia ser a primeira vez que Lucy fosse a anfitriã de uma festa, mas conhecia o protocolo.

Mordiscou um pouco de carne assada de seu próprio prato. Pedira pratos simples para a refeição, e sobre tudo abundância de comida. As longas mesas que recobriam o centro da sala estavam repletas de pratos de carne assada, batatas cozidas, bolos de caças, pudins e embutidos e pão com manteiga recém batida. Os homens, mulheres e crianças que cercavam as longas mesas pareciam não ter queixa.

A comida foi desaparecendo a um ritmo prodigioso, e as moças de serviço que levavam as jarras de cerveja mantinham uma constante procissão da cozinha à sala.

Hetta Osborne abriu passagem através do júbilo. O sorriso de Lucy se alargou.

—Estou tão contente de que tenha vindo! — gritou por cima da cacofonia.

—Meu pai — gritou Hetta também, inclinando a cabeça para um homem de cabelo prateado, com óculos e um fraque negro. Ele fez uma reverência, e Lucy fez uma reverência em troca, levantando as saias de seu vestido novo. A costureira o terminara ontem mesmo, de seda, em um tom de papoula vermelho que sua donzela chamava coquelicot, com um trançado dourado na cintura e um decote quadrado e baixo, que realçava a curva de seu busto.

—Albert e Mary? — modulou Lucy.

Hetta negou com a cabeça.

—Não quiseram vir. Albert tinha uma mensagem para você, se lhe importa escutá-lo. Ele disse: "lhe diga a sua Alteza que pode tomar seu..." — sua voz se perdeu no fragor.

—Não posso ouvi-la!

—Menos mau — Hetta cruzou ao lado de Lucy e lhe gritou ao ouvido: — Deve estar contente de que vamos. Duvido que esta noite termine sem ao menos algumas feridas!

Lucy se pôs a rir. Assim que os homens estavam um pouco bêbados. E algumas das mulheres também. Inquilinos famintos eram inquilinos infelizes. As pessoas bem alimentadas e com suas taças, tendiam a olhar mais favoravelmente a seus anfitriões. Tudo era parte do plano.

Como era o que os serventes começassem a correr as mesas do centro da sala.

—E agora o que? — perguntou Hetta.

—Jogos, baile.

—Jogos?

—Concursos de força e habilidade. Jogar uns pulsos... levantamentos...

Os criados começaram a empilhar fardos de palha no outro extremo da sala, sob o olhar sempre vigilante dos troféus montados do defunto conde. Dois lacaios entraram levando alvos, e um terceiro os seguia com arcos e flechas.

—Tiro ao arco? — gritou Hetta. — dentro da casa?

—Bom, não podemos os ter disparando fuzis, verdade? — Hetta a olhou fixamente. — O ano que vem — explicou Lucy apaziguando a sua nova amiga, —teremos a festa da colheita no momento oportuno do ano. Ao ar livre, com toldos e postos e aros para as crianças.

Os convidados se transladaram aos lados da sala, transbordantes de emoção. Lucy, uma vez mais, procurou o Jeremy entre a multidão, em vão. A contra gosto, moveu-se majestosamente para o centro da sala. Este se supunha que era o momento dele, maldito seja.

A multidão guardou silêncio. Cem pares de olhos se fixaram nela. Lucy clareou a garganta, de repente sentindo-se um pouco ansiosa. Ela mesma deve ter tomado algo dessa cerveja.

—Obrigado por vir — começou. — É para mim uma honra lhes dar a bem-vinda como convidados a Abadia Corbinsdale. Espero que tenham desfrutado de sua refeição - aplausos e gritos entusiastas ricochetearam no teto abobadado da sala. Lucy sorriu. — Peço desculpas pelo atraso da chegada de Sua Senhoria, mas estou segura de que estará logo conosco. Enquanto isso, preparamos uns quantos concursos para entretê-los antes que comece o baile. Começaremos com o arco e flecha, e o campeão será muito bem recompensado — tirou uma pequena bolsa e a sacudiu, fazendo soar as moedas em seu interior. A multidão gritou. — Quem dará um passo adiante para pôr a prova sua habilidade? — perguntou ela.

—Eu o farei — um homem alto, corpulento, de barba avermelhada e cheia deu um passo adiante, e a multidão explodiu. Levantou os braços, estimulando os gritos a um tom ainda mais forte. Uma boa parte dos convidados começou a fazer coro seu nome. Lucy não o pôde entender por completo, mas soava como "Hanson".

Um jovem enxuto foi empurrado para o centro da sala por seus risonhos amigos. Um terceiro abriu passagem entre a multidão, um homem moreno, robusto, com enormes manoplas nas mãos e um semblante grave.

—Excelente — gritou Lucy, elevando as mãos para pedir silêncio. Fez um gesto à criada, para que distribua os arcos e as flechas aos três homens. — Sua marca estará aqui — disse ela

movendo-se para o final da sala, perto da entrada, em frente aos alvos de palha. — Cada um terá três flechas, e a melhor precisão geral ganhará a bolsa.

Os homens tomaram seus lugares e começaram a ajustar as flechas em seus arcos.

—Mas milady — gritou o homem chamado Hanson. — Não sei se a bolsa é suficiente recompensa. Não crê você — olhou à multidão pedindo apoio, — que deveria adoçar o prêmio? — a concorrência explodiu em aplausos.

Lucy franziu o cenho, desconcertada.

—O que sugere?

—O ganhador obtém um prêmio, milady — a olhou fixamente com um sorriso lascivo. — Um beijo.

A multidão gritou de alegria e voltou a fazer coro seu nome. O rufião ruivo levantou seu punho no ar, incitando-os.

Lucy mediu os competidores. Nenhum deles parecia especialmente adorável, mas não sabia como negar-se sem parecer descortês. Um beijinho na face não podia fazer nenhum dano, supunha. Olhou os olhos do Hanson. deu-se conta que era um desafio que ele tinha previsto. Um desafio. E Lucy nunca retrocedia ante um desafio. Elevou o queixo.

—Muito bem.

Os convidados rugiram sua aprovação tão forte, que lhe preocupou que o teto da Abadia pudesse paralisar.

—A meu sinal, então — disse, cavando as mãos ao redor de sua boca. A multidão se silenciou enquanto os homens retraíam seus arcos — Fogo!

Duas flechas atravessaram seus alvos, ambas aterrissando muito afastadas do centro. O terceiro alvo seguia sem marcas. Lucy voltou o olhar ao homem moreno, fornido e viu que não tinha disparado ainda. Em troca, tornou-se para trás, lançando a flecha para cima e para a direita.

O cabo se disparou para o teto. Os convidados ficaram sem fôlego e se apressaram a ficar a coberto, dando-se cotoveladas uns aos outros ao abrir-se caminho. Continuando, a flecha alcançou o cenit de seu arco e começou sua descida. Em algum lugar entre a multidão, uma mulher gritou. Golpe.

O míssil colidiu com a cabeça montada de um cervo, perfurando-o diretamente através de um olho de vidro. A multidão explodiu em ovações mais fortes ainda. Vários homens se adiantaram para aplaudir ao arqueiro vagabundo nas costas. Hanson, para não ser menos, pôs uma nova flecha em seu arco e disparou. O eixo se enterrou na pele de couro do troféu de elefante. Os inquilinos se voltaram loucos, golpeando o chão com os pés e uivando de alegria.

Agora todos os homens estavam reacomodando seus arcos, e Lucy começou a sentir-se mais que um pouco alarmada. Não porque lhe importasse um cominho a valiosa coleção do defunto conde, mas sim se isto continuava por mais tempo, major era a probabilidade de que alguém resultasse ferido.

—Cavalheiros — exclamou ela — Alto!

Mas então o homem moreno e fornido enviou outra flecha atravessando a boca de um javali, e o grito de Lucy se afogou pela onda de aplausos estrondosos. dirigiu-se ao outro lado do

corredor colocando-se em frente do Hanson. Se ele podia incitar às massas a este ardor, raciocinou ela, podia as apaziguar.

Ela teve razão. Ele baixou seu arco e com um gesto de seu braço, silenciou à multidão.

—Tem que deter isto — disse ela com firmeza. — Alguém pode sair machucado.

Ele sorriu, olhando a de pés a cabeça com um olhar lascivo, que lhe pôs a pele de galinha.

—Bom, milady. Isso significa que está pronta para seu beijo?

Os inquilinos explodiram em um rugido mais estrondoso ainda. Hurras e assobios ressonaram até nas vigas. As faces de Lucy ardiam de fúria. Hanson deu um passo para ela, e o ruído se fez mais forte ainda. Não lhe daria a satisfação de retroceder. Era só um valentão, e sabia como dirigir aos valentões. Os valentões, por regra general, alimentavam-se do medo. Só não acovardar-se e rapidamente se aborreciam.

Ela não se acovardou. À medida que Hanson se aproximava dela, entretanto, viu-se obrigada a estirar o pescoço para manter o contato visual. Admitiu com certo temor que havia outro rasgo que os valentões estavam acostumados a compartilhar.

Eram grandes. Ele franziu sua repugnante boca barbuda e fez um estalo asqueroso. Ela fez uma careta. Se isso era o que acontecia beijar-se com ele, sentia lástima pela senhora Hanson. A multidão, entretanto, não compartilhava sua repugnância. Gritou e gritou mais forte que nunca, até que as paredes da Abadia pareceram sacudir-se com o esforço de conter sua agitação.

Não te acovarde, disse-se Lucy. Acovarde. Um forte estalido rasgou o ar.

Hanson se sobressaltou.

Os inquilinos ficaram em um silêncio absoluto. Uma centena de cabeças giraram para ficar de frente à entrada da sala. Jeremy estava parado na porta arqueada, um rifle em seu ombro.

Uma centena de cabeças giraram em outra direção, seguindo o ângulo de seu disparo. Uma nuvem de fumaça se elevava do tigre grunhindo, montado em cima da grande lareira. O aroma acre de pele chamuscada enchia o ar. Enquanto a fumaça se dissipava, Lucy viu que um buraco negro e redondo aparecia no centro exato da cabeça do tigre, como um terceiro olho.

Jeremy baixou a arma e se dirigiu ao centro da habitação. Cada pegada ricocheteava no chão de pedra. deteve-se, parado cara a cara com o Hanson.

—Afaste-se de minha esposa — disse em voz baixa, pronunciando cada palavra como uma clara ameaça assassina. Logo voltou seu gelado olhar azul para a multidão. — E saiam de minha casa.

Ninguém se moveu. Ninguém respirou.

—Agora.

A multidão esvaziou a sala mais rápido que a água que se verte através de um peneira. No espaço de um minuto, Jeremy e Lucy estavam completamente solos no centro da sala.

Lucy inspecionou a seu marido de pés a cabeça. Suas botas normalmente polidas estavam enlodadas até a metade da panturrilha. Seu olhar vagou até as largas colunas musculosas de suas coxas. Sua camisa, deu-se conta, estava enrugada e molhada. O penetrante aroma de lã molhada sugeria que seu casaco azul escuro também estava úmido. Não levava gravata, o pelo escuro se frisava no espaço de sua camisa aberta. Uma barba incipiente sombreava sua garganta e sua

mandíbula.

Seu olhar frio a esperava quando finalmente encontrou seus olhos.

Ela não se intimidou.

—Que diabos crê que está fazendo? — demandou ela.

—Eu — disse ele com esforço, — estou acautelando um motim. Pergunta-a mais adequada seria, que diabos você crê que está fazendo?

—Estou convencendo aos inquilinos de que nos estimem, imbecil. E agora você vai e arruína tudo! — Uma dura gargalhada arrancou de seu peito. Ele se voltou e se afastou, lançando seu fuzil ao chão.

Lucy fechou os punhos, exasperada. Levantou a vista para o tigre ainda fumegante.

—Como fez esse tiro?

—O que?

—É um atirador terrível. Não pode lhe disparar a um faisão a seis passos. Como fez esse tiro? — ela assinalou com a cabeça para cima, à besta a raias de três olhos.

Ele passou junto a ela em silêncio e saiu da habitação.

Ofegando de indignação, ela correu atrás dele.

—Não te afaste de mim — disse, perseguindo-o pelas escadas. Alcançou-o no corredor. — Como tão encantadoramente assinalou a todos nossos hóspedes, sou sua esposa — o seguiu a sua sala de estar. Ele se voltou para suas habitações, mas ela se apressou a rodeá-lo e bloqueou a porta.

—Lucy — advertiu, sua voz um grunhido sombrio, — não me pressione neste momento.

—Ou o que? Olhará-me enfurecido? OH, Por Deus. Posso me deprimir.

Ele jogava fumaça em silêncio. *Homem irritante.* Alto, escuro, melancólico homem, exasperantemente atrativo. Tinha o cabelo pego à cabeça em negras mechas úmidas. A camisa se aferrava aos duros músculos de seu peito. Mas o calor de seu corpo irradiava através da capa de fria umidade, banhando-a em um embriagador vapor com aroma de couro. Ela se derreteu contra a porta, recordando de repente toda a razão atrás do desastre de esta noite.

Amava ao bruto estúpido.

Lucy respirou profundo e se tranquilizou.

—Jeremy, não se supunha que acontecesse desta maneira. Supunha-se que voltaria a tempo para o jantar— lhe acariciou a lapela de sua jaqueta molhada. — Onde estiveste, de todos os modos? Estava muito preocupada.

ꕥꕥꕥ

Ela estava muito preocupada.

Jeremy sacudiu a cabeça com incredulidade. Lucy não podia saber o significado dessa frase. Foi algo muito bom não ter assistido ao jantar, ou certamente a teria perdido a estas alturas.

Tinha viajado a casa através do frio e a umidade, mas, como sempre, pensar nela o tinha mantido quente. depois de uma semana de dias cada vez mais agradáveis como marido e mulher,

a paciência do Jeremy estava ao limite. Esta, prometeu-se, seria sua primeira noite igualmente agradável. Então chegou a casa, a uma cena que lhe gelou o sangue: arrendatários ao bordo de um motim, homens disparando em sua sala, um bruto sujo e descomunal a ponto de assaltar a sua esposa? e ela estava muito preocupada.

Agora estava parada aqui, com um vestido vermelho endiabrado e olhando-o com seus olhos verdes e cândidos, acariciando-o como um gato. Como se nunca tivesse estado em perigo com essa turfa. Como se nunca estivesse em perigo com ele. Com todos os ossos e músculos e tendões de seu corpo, queria agarrá-la. Para tê-la perto ou para sacudi-la até deixá-la sem sentido, não sabia. Entretanto, tremia com o puro esforço de conter-se. esteve-se contendo muito, por muito tempo, e se sentia perigosamente perto de explodir.

Seus dedos magros se enroscaram ao redor de sua lapela.

—É pelo gasto que está zangado? Não tem que preocupar-se. Usei o dinheiro para meus gastos.

O gasto? Agora ela pensava que estava preocupado pelo gasto. Estava tão completamente equivocada sobre tantas coisas, que não sabia como começar a deixar-lhe claras.

—Lucy, me escute — ela apertou o agarre por sua lapela. — Uma ponte estava inabilitada, e me vi apanhado na chuva. Importa-me um nada o gasto. E só porque não aponto a um faisão, não quer dizer que não possa disparar— sua suave frente se enrugou pela confusão, e ela abriu a boca para falar. Lhe colocou um dedo sob o queixo, interrompendo-a. — E agora que respondi todas suas perguntas sem sentido, vais responder a algumas das minhas. Que diabos estava pensando? Isso de que só fazendo que os inquilinos se sintam bem e terminem bêbados acabaria resolvendo tudo magicamente?

Ela piscou.

—Bom... sim. por que não deveria? supunha-se que você seria um anfitrião amável e generoso, e logo veriam que não é nada como seu pai. E logo lhes agradaríamos e você... — sua voz se foi apagando enquanto seu olhar se desviava ao chão.

—Pois te equivocou, por várias razões. Sou muito parecido a meu pai, em muitos aspectos. Em todos os sentidos que lhes interessa. Esta tarde confirmou isso à perfeição. E essa gente não veio aqui esta noite porque lhes agrademos. Vieram a nos despojar. Comerão nossa comida e beberão nossa cerveja, não porque desfrutem de sua amável companhia, mas sim porque sentem que lhes deve. Porque é alimento Kendall e bebida Kendall. Dispararam aos troféus porque pertencia a meu pai. E os homens queriam... — as palavras vis se obstruíram em sua garganta, — te beijar e não o duvide, simplesmente porque você me pertence.

Ela se pôs-se a rir. Um som áspero e amargo.

Ele tomou seu queixo com uma mão, seus dedos pressionando suas faces.

—Não é um assunto de risada.

—Não? — seus olhos verdes brilharam. —Se eles soubessem. Poderiam me beijar milhares de vezes e não te tirar nada. Como podem te tirar algo que já atiraste?

Ele apartou a mão de sua cara. *Que diabos queria dizer com isso?* A confusão se formava redemoinhos em sua mente, e seu companheiro, a irritação, corria em seu sangue.

—Boa noite, milord — ela passou junto a ele, em direção a suas habitações. Agarrou-a por cotovelo, girando-a para que o enfrentasse.

—Não tão rápido, milady — disse, fechando a distância entre eles. esforçou-se por manter sua voz tranquila, mas a crua dor perfurou o fio de suas palavras. Sua gasta paciência estava quase cheia de buracos. Tinha esperado por ela, tão pacientemente, e não a um custo pequeno de sua prudência. Poderia seguir esperando, se soubesse que algum dia se voltaria para ele. Mas se tinha a intenção de rechaçá-lo, queria ouvi-lo agora.-— Acredito que me deve algo. Prometeu um beijo ao melhor tiro, não?

Ela tragou e o olhou. Muito ligeiramente, inclinou-se para o corpo dele. O fluxo de seus peitos firmes roçando seu torso.

—Sim. Um beijo.

—Um beijo.

Ele agarrou sua cara entre suas mãos, inclinando-a para trás, e levou sua boca à sua. Com dureza. Ela se revolveu contra ele, mas Jeremy a abraçou, enredando seus dedos nesses apertados cachos em espiral. Ela tinha os lábios bem fechados, e passou a língua sobre eles em uma súplica se desesperada. te abra para mim, desejou ele. Tome.

Então, de repente, suas mãos se dispararam sob seu casaco e se deslizaram por suas costas, atraindo-o contra seu corpo suave e flexível. Seus lábios se abriram para soltar um gemido entrecortado. Foi todo o convite que necessitou. Colocou a língua em sua boca e bebeu esse gemido. Bebeu, saboreou sua essência, dourada e fria, doce e selvagem, como as peras amadurecidas e mel. Sua boca se moveu sobre a dela uma e outra vez, e acolheu com agrado a língua com a sua.

Ela se aproximou. Retorcendo seu casaco, aplanando os seios contra seu peito, inclinando o quadril contra a sua. Ele baixou uma mão entre seus corpos para amassar o peito. Ela suspirou contra sua boca. Suas mãos se moviam sobre seus ombros, apartando seu casaco úmido de seu corpo e atirando-o para baixo. Sem romper o beijo, ele deixou cair as mãos aos flancos, e ela atirou o casaco por seus braços.

Um beijo. Um beijo que nunca terminaria. Não, se ele pudesse evitá-lo. Tomou o rosto entre as mãos e a sujeitou com firmeza contra sua boca, enquanto se deixavam cair juntos. De joelhos, logo até o tapete. Então, ela estava debaixo dele. Tão complacente e doce que o corpo lhe doía de desejo. Esses dedos finos trabalharam sob a camisa, deixando atalhos de fogo sobre a pele gelada de suas costas. E as palavras se derrubaram em sua mente, tantas palavras que desejava dizer. Formosa e encantadora e querida e coração e por favor. *E nós, nos e nosso. E me ajude e me abrace e tome e não deixe que vá e nunca e nunca e nunca, jamais me abandone.*

Mas ele não as podia dizer. Não podia arriscar-se a romper este beijo. Este beijo que o era tudo. Subiu suas saias em um sussurro de seda e de cambraia, procurando provas através das capas de anáguas e encontrando a fresta de sua calcinha. Estava quente e úmida e se esticou ao redor de seus dedos, e as palavras trocaram a depressa e desejo e necessidade e OH, Deus e agora. Abriu suas calças e se deslizou em seu interior, e ela gemeu contra sua boca. Retirou-se e empurrou de novo. Lucy mordeu o lábio. Permaneceu dentro dela, martelando lentamente em

seu contrário.

Então jogou os braços ao pescoço e abriu a boca para sua língua. E envolveu suas pernas ao redor de seus quadris e se abriu a ele.

Jeremy se perdeu em sua boca e em seus braços e em suas pernas e em sua estreita e úmida flor. Uma e outra e outra vez. Sentiu-a arquear-se e esticar-se e convulsionar-se em torno dele, e quando ela gritou contra sua boca, tomou tudo. Saboreou seu prazer. Sentiu-o como uma onda alagando-o enviando-o a borda com um sim e sim e felicidade e paraíso e obrigado e sempre e minha.

Ele a beijou suavemente agora, saboreando a doçura de sua língua. A curva suave e carnuda de seu lábio inferior. As comissuras de sua boca, que curiosamente tinham sabor de sal.

A sal e a amargura. Como lágrimas.

Jeremy rompeu o beijo e se apoiou sobre os cotovelos. Ela estava tremendo contra ele e cobrindo o rosto, mas não podia ocultar a verdade.

Lucy estava chorando.

CAPÍTULO 23

Lucy não podia conter as lágrimas.

Tentou-o. Lutou contra elas com cada grama de sua vontade, mas não podia as deter. Era muito. Muitas emoções lutavam dentro dela: alívio, frustração, desejo, ira, alegria, agitando-se na sombria confusão de sua mente. E então, em um momento brilhante, foram todas arrasadas em uma onda de prazer delicioso. Seguido por essa avalanche, esse mesmo dilúvio estranho e poderoso que experimentou a primeira vez que fizeram o amor. Uma maré rugente de emoção que surgia de seu coração e se estendia por seu corpo, e esta vez, transbordou-se.

OH, e eram terríveis, as lágrimas. Tão úmidas e desordenadas. Tão indefesas e débeis. Nada de delicadas nem próprias de uma dama, eram essas lágrimas. Nada de gotas de emoção correndo com lentidão e marcadas por uma aspiração delicada. Os olhos de Lucy derramavam cântaros de água, e lhe escorria o nariz. Seus ombros se sacudiam, e respirava agitadamente. levou-se as mãos à cara, sem nenhum resultado.

Era o preço de oito anos de lágrimas dentro dela, e foi o suficientemente forte para as armazenar uma choramingação cada vez. Mas as conter todas elas de uma vez, impossível.

—Lucy — a voz do Jeremy soava apagada, muito longe. — Meu deus, Lucy. O que acontece?

Mesmo que ela soubesse o que lhe dizer, não poderia ter conseguido falar. Ela mal podia respirar. Os soluços estremeciam com força seu corpo e derramava lágrimas ardentes entre os dedos, as canalizando a seus ouvidos. Ele se retirou dela com suavidade e rodou, e então chorou com mais intensidade, privada de seu calor e sua força. Sentindo-se vazia e oca e fria.

Se aconchegou longe dele sobre seu flanco, abraçando os joelhos contra o peito.

—Não chore, Lucy. Não o posso suportar — sua voz angustiada lhe rompeu o coração. Esses dedos fortes alisaram seu cabelo, mas ela se encolheu ante seu contato. E se odiou por afastá-lo, mas não pôde evitá-lo. Ela estava muito exposta, muito em carne viva, e mesmo a mais tenra

carícia raspava sua pele. — Sinto muito — disse. — Farei tudo. Não chore.

Faria tudo, disse ele. Mas já fez muito. A fez amá-lo tão completamente que o amor não podia conter-se. Ele fragilizou até a última de suas defesas, e agora não ficava nada para mantê-lo afastado. Não ficava nada para conter as lágrimas. E essas lágrimas, eram tudo o que Lucy se esforçou tanto e durante tanto tempo por evitar. Vulnerabilidade. Indefesa. Não podia deixar de chorar, como não podia evitar amá-lo e o que ele faria, com as lágrimas ou com o amor, estava completamente fora de seu controle. Estava no chão, como um novelo, soluçando entre suas mãos. Vulnerável e débil e completamente a sua mercê.

E logo se confirmou o que soube sempre. Nada bom vinha com as lágrimas. Em silêncio, sem dizer uma palavra, ele ficou em pé e a deixou.

Deixou-a sozinha.

ஜ۞ஜ

Jeremy teve que ir-se. Era uma questão de instinto de conservação.

Ele irrompeu em seu hall e entrou no santuário de seu dormitório, logo que arrumando-lhe para açoitar a porta ao fechá-la antes de derrubar-se contra ela.

Um homem mais forte teria ficado, a teria tomado entre seus braços e abraçado com força e beijado suas lágrimas. Mas ele não era um homem forte nesse momento, em seu coração. Quando Lucy se separou dele e chorou, vinte e um anos de fortaleza se descascaram, deixando só a um menino vulnerável. Um menino de oito anos que presenciou a morte repentina e violenta de seu irmão. Um menino confuso e aflito que necessitava o consolo de uma mãe, mas só encontrou lágrimas. Lágrimas que derramavam sal e vergonha sobre as feridas abertas e em carne viva.

E doía. *Deus, sim que doía.*

Jeremy deu um murro contra a porta, uma vez. Duas vezes. Mas a dor cindindo através de seus nódulos ensanguentados não fez nada por amortecer a agonia que lhe retorcia o peito.

Quantos anos levara, antes que pudesse entrar em uma sala sem ver sua mãe chorando? Quantas vezes lhe voltou as costas entre lágrimas, suplicando a sua babá ou a seu tutor que o levasse? Que o afastassem de sua vista, porque não podia olhá-lo sem ver o Thomas.

Thomas era o filho afortunado.

Thomas nunca sentiria esta agonia visceral e corrosiva, sabendo que sua mesma existência causava angústia e dor. Sabendo que quando ela o olhava, via só alguém que não era. Alguém ao que nunca poderia substituir. O que ia fazer um menino quando uma simples palavra ou uma risada deixada cair no ar de uma forma muito inocente, podia provocar um dilúvio de amargas lágrimas? Falar em voz baixa, andar nas pontas dos pés, ficar fora da vista de sua mãe. Ele nunca ria ou corria ou jogava muito forte, por temor a perturbar sua paz frágil. escapava da casa e ia se montar, duro e rápido pelo campo aberto. ia à escola e se rodeava de amigos, consolando-se com sua jovialidade, inclusive quando não a compartilhava. Ocupava sua mente com livros e escritórios, para manter a raia os pensamentos desagradáveis.

O menino se tornou um homem. E entre Cambridge e Londres e os convites de seus amigos,

raramente ia a casa. Encontrou satisfação nos braços de mulheres que estavam muito dispostas a despojasse de suas roupas, mas nunca derramavam uma lágrima. Mulheres que compartilharam seus corpos, mas retiveram seus corações. Mulheres às que nunca poderia amar.

Mulheres às que nunca poderia machucar.

Mas quando Lucy se separou dele e chorou, ressuscitou a esse menino. Ela trouxe de volta toda a dor. E a esse menino doído e ferido de oito anos, que não sabia como proteger ou consolar. Só sabia como sobreviver. Andar nas pontas dos pés.

Falar em voz baixa. Ficar fora da vista.

Ir-se.

ꕥꕥꕥ

Nas semanas seguintes, eram como dois espíritos rondando pela mesma casa. Enquanto Lucy voltava para sua rotina diária, Jeremy desaparecia. Em seu escritório, às vezes. Mais frequentemente a lugares fora da Abadia. Sempre voltava para o jantar, sempre a tempo. Ele conversava quão mínimo a cortesia requeria, falando em tons frios e comedidos.

Não havia mais beijos.

Apesar de que ela e seu marido mal se falavam, Lucy encontrou um certo consolo em uma forma completamente nova de comunicação. Cartas.

Recebia cartas semanais de Marianne. Missivas com conversas, intermináveis, cheias de todos os detalhes da vida caseira no Waltham Manor. As últimas aventuras dos filhos ou dos criados ou dos cães. Mesmo no silêncio opressivo da Abadia, Lucy podia ouvir a risada e a música nas cartas. Leu-as tantas vezes que o papel se desgastou nas dobras.

Sophia lhe enviou relatórios entusiastas, efusivos, de seu compromisso e planos de bodas, escritos com uma letra perfeitamente curvada. Em uma primeira leitura, Lucy olhou as linhas com um amplo sorriso. Em uma segunda, indevidamente, seu sorriso se desvaneceu. Os relatos da Sophia a respeito de seu noivado e de seu prometido eram incansavelmente alegres. Muito alegres. Lucy tinha a persistente sensação de que algo devia estar mau. depois de tudo, a experiência demonstrou que Sophia tinha uma vívida imaginação quando se tratava de escrever cartas. Não havia mais que perguntar ao Gervais.

A identidade do autor da maioria das cartas e o mais fiel, foi uma grande surpresa. Henry lhe escrevia umas duas ou três vezes por semana. Tinha pouco que dizer nestas missivas, algumas observações ao azar sobre o tempo, ou dos últimos acontecimentos com a colheita de trigo de inverno. Talvez algumas palavras a respeito dos cães. Mas a mensagem debaixo dessas poucas frases rabiscadas apressadamente estava claro. Lucy respondia a cada carta com sua própria variedade de ligeiras observações, sempre a mesma resposta escrita entre linhas.

Sim, Henry. Também te sinto falta.

Estava aprendendo a medir sua felicidade por pequenas fontes de consolo. Qualquer dia que chegava uma carta era um bom dia, em termos relativos. O dia em particular quando chegaram duas cartas, ambas as cheias de emocionantes notícias, destacou-se como uma ocasião símbolo.

—Recebemos nosso convite para as bodas do Toby e Sophia — disse ao Jeremy durante o jantar essa noite. — É em dezembro.

—Tão logo? — ele não pareceu compartilhar seu entusiasmo. — Quer assistir?

—Pois sim. É obvio.

Tomou um lento gole de vinho.

—Muito bem, então.

Lucy colocou um pouco de batata em seu prato.

—Estava pensando... possivelmente poderíamos nos deter no Waltham Manor para uma visita, depois das bodas.

Silêncio.

Ela fortificou sua resolução com um gole de clarete.

—É só que também recebi uma carta de Marianne hoje. Está esperando de novo. Sempre estive ali para ajudar durante seus outros partos, e estou um pouco inquieta por ela. Os primeiros meses são sempre os mais difíceis. E passaremos pela zona.

Jeremy sacudiu ligeiramente a cabeça.

—Seu irmão e eu não nos separamos em bons termos. Acredito que uma visita seria pouco aconselhável — clareou a garganta e agarrou o garfo de novo. —Além disso, não posso estar ausente por muito tempo. Os assuntos da propriedade, date conta.

Lucy deixou o garfo com estrépito sobre a mesa.

—Assuntos da propriedade. Sim, é obvio — podia saborear o ácido em sua voz, e ela soube que ele teve que ouvi-lo. — Bom, era só uma ideia.

Jeremy se sentou em sua cadeira e a olhou. O frio distanciamento em seu olhar congelou o coração de Lucy.

—Talvez — disse com calma, — prefira fazer uma visita você sozinha. Posso-te deixar no Waltham Manor depois das bodas. As carruagens estarão disponíveis para te recolher quando quiser.

Deixá-la? Recolhê-la? O que era ela para ele? Só um incômodo pacote que tem que ser levado de um lugar a outro?

Olhou a seu marido. Ali estava sentado, Sua Senhoria, absolutamente monolítico em seu extremo da mesa. Sempre calmo e composto. Sugerindo sua separação indefinida durante o prato de pescado, com o mesmo tom de voz que utilizaria para falar do tempo. Lucy queria recolher o prato ante ela, lançá-lo contra a parede, e vê-lo romper-se em tantos pedaços como seu coração.

Em troca, curvou os dedos ao redor do caule de sua taça de vinho e mordeu o lábio até que provou o sabor acobreado de seu sangue.

—Se isso for o que prefere— finalmente conseguiu dizer. —Escreverei ao Henry amanhã— olhou esses olhos azul gelo, procurando em seu olhar qualquer vislumbre de dor ou frustração. Mesmo um brilho de chateio seria bem-vindo. — Talvez — tragou lentamente, — talvez deveria ficar até que nasça o bebê.

Nada.

—Se o deseja—respondeu ele, voltando o olhar para o prato. Lucy o observou com

incredulidade enquanto ele casualmente levava um bocado de salmão à boca. — Vou a Londres amanhã.

—A Londres? Amanhã?

—Tenho alguns negócios ali com meu advogado, referentes a outra das propriedades da família. Irei a cavalo em vez de levar a carruagem, assim não demorarei muito. Voltarei na quinta-feira.

—Já vejo — ele se ia a Londres, amanhã, ia pela maior parte da semana, e lhe arrojara esse pedaço de informação como arroja uma casca a um cão. Lucy supunha que devia sentir-se afortunada que se tomou o incômodo de lhe informar sequer. Seus olhos arderam. Os pratos nadavam ante ela em um miasma de lágrimas não derramadas. Piscou furiosamente. Não ia chorar. Depositou o guardanapo sobre a mesa.

—Imagino que quererá te retirar, então. Precisará sair cedo.

Ele esvaziou sua taça de vinho lentamente antes de responder:

—De fato.

Lucy o deixou ir.

ꕥꕥꕥ

À manhã seguinte, ela despertou com a alvorada. Mesmo assim, ficou na cama até tarde e permaneceu em seus aposentos até que esteve segura de que ele se foi. Não tinha sentido despedi-lo. Depois do jantar de ontem, qualquer despedida que pudessem trocar se sentiria redundante.

A Abadia não parecia mais tranquila em sua ausência. Dificilmente poderia ser mais silenciosa que antes. Mas por uma vez, não era o silêncio exterior o que a oprimia. Era a calma em seu interior o que doía. Um vazio estranho, calado, que ela poderia haver descrito como oco, salvo que nada fazia eco ali. Cada pulsado de seu coração, cada palavra, cada respiração se apagava imediatamente, asfixiado pelo peso desta carga de silêncio em seu peito.

E ela não podia escapar desse silêncio. Não podia sair arrastando-se de debaixo dele ou de liberar-se de seu feitiço, porque o levava dentro de si. Para fora em compridos, e solitários passeios. Através de sonhos sombrios e brumosos. Por ao redor dos vastos limites de pedra da Abadia, a que lhe deu de rondar durante o dia, vagando pelas antecâmaras antigas sem rumo fixo.

Uma tarde, enquanto perambulava pela sala de música, encontrou-se com a tia Matilda.

—Tia Matilda! — Lucy envolveu um braço ao redor dos ombros cobertos de índigo de sua tia. — Onde está sua babá? — os aromas familiares de especiarias e chocolate e tabaco, abriram um contrabando de boas lembranças. Sentiu uma aguda pontada de nostalgia pelo Waltham Manor. — Não importa — disse, abraçando à anciã. — Me alegro de verte.

A tia Matilda se aproximou do piano e abriu o instrumento. A governanta insistira em tê-lo afinado desde a primeira semana de Lucy na Abadia, sem importar quanto Lucy insistira em que não tocava. A tia Matilda se sentou, posou seus dedos sobre as teclas de marfim, e se lançou a um

reel[2] animado. Seu turbante azul se balançava ao compasso da música, e umas risadinhas débeis surgiram precipitadamente da garganta de Lucy.

Música. Risadas. Pela primeira vez em semanas.

Os últimos acordes do reel se estenderam no silêncio, e as mãos da tia Matilda caíram sobre seu regaço. Lucy foi sentar se a seu lado no banquinho.

—Obrigado, tia Matilda. Isso foi formoso — a idosa lhe sorriu com a mesma expressão benigna que levara todos os dias desde que Lucy podia recordar. Se só pudesse lhe pedir emprestado esse otimismo inquebrável. Agarrou a mão engilhada de sua tia entre as suas. — O que será de mim, tia Matilda? Mudei de algum jeito. E não posso voltar para casa, simplesmente não posso. Sinto falta de Manor desesperadamente, mas sentiria mais dele — gentilmente colocou sua cabeça sobre o ombro de sua tia. — O sinto falta agora.

Uma cabeça com turbante se apoiou pesadamente contra a dela, e Lucy apertou os dedos de sua tia. A mão ossuda jazia inerte e fria no agarre pela Lucy.

—Tia Matilda? — Lucy se endireitou, e o frágil corpo de sua tia se desabou contra o seu. Lucy levantou a cabeça da idosa, pressionando uma mão contra a face úmida e fria. — Tia Matilda?

CAPÍTULO 24

—Ela vai estar bem, não é certo? — Lucy passeou pelo tapete persa do quarto da tia Matilda, dando voltas sem cessar pelo desenho azul e dourado. — Ela tem que estar bem.

Hetta apertou cada mão da tia Matilda, uma de cada vez.

—Lucy, sua tia tem oitenta anos — replicou ela da cabeceira. — Ela não vai viver para sempre, sabe?

—Sei, mas...

—Shhh — Hetta colocou sua orelha no peito da tia Matilda. Lucy deixou de passear e conteve a respiração até que Hetta se endireitou. — Deve enfrentar os fatos, Lucy. Sua tia não pode esperar viver muito mais tempo.

Lucy fechou os olhos e gemeu em voz baixa.

—Mas — continuou Hetta — ela não vai morrer hoje. Até onde posso dizer, pelo menos — ajudou à idosa a sentar-se e preencheu de travesseiros atrás dela. — De fato, não parece ter sofrido nenhum efeito duradouro de seu pequeno ataque — começou a voltar a embalar a valise negra. —Só assegure-se de que descanse. De um pouco de caldo de carne, mantimentos sólidos, se for comer. Estará dando voltas outra vez em pouco tempo.

—Está bem — sorveu Lucy e secou o nariz com a palma de sua mão. — Obrigado por vir. Acompanho-a à saída?

—Isso não será necessário — disse Hetta energicamente, ficando de pé e suavizando as rugas da saia de cor leonado. — Conheço o caminho. Apostaria que conheço esta casa melhor que você.

[2] ***Reel:*** *É um tipo de dança popular. Há reels escocês, irlandês, inglês. Tem um ritmo vivo e se está acostumado a interpretar a velocidade rápida.*

—Como é isso?

—Virtualmente cresci aqui — Hetta cobriu os ombros com seu casaco e a atou à frente. — Meu pai era o médico pessoal da difunta Lady Kendall. Não sabia?

Lucy negou com a cabeça.

—Essa foi a única razão pela qual nossa família se mudou de Londres — explicou Hetta. — Para tratar a "condição nervosa" de Lady Kendall.

—"A condição nervosa"? — Lucy entregou a Hetta sua touca.

—Bom, assim era como que meu pai a chamava. Sempre foi bastante generoso. "Dor incurável", haveria dito a própria Lady — Hetta atou as cintas de sua touca sob o queixo. — Pessoalmente, inclino-me a pensar nisso como "gemidos insofríveis", mas depois de tudo, nunca fui do tipo simpático — agarrou suas luvas da mesinha de noite. — Cada vez que a senhora tinha um de seus ataques, chamavam a meu pai. Duas, três vezes à semana. Às vezes ao dia. Não me importava, ele me trazia consigo e eu explorava a Abadia enquanto a sangrava ou lhe dava sua dose de sedativos — ela baixou a voz. —Já encontrou a tapeçaria atrevida? Esse com todas as representações dos pecadores no inferno, estando... pecando?

Lucy negou com a cabeça. Ela não estava interessada em tapeçarias, não no momento, de todos os modos.

—Lady Kendall tinha ataques? Que tipo de ataques?

—OH, todo tipo de ataques. O mais dramático, melhor. Uma palavra, um olhar, uma mudança repentina no clima, a menor provocação lhe provocava um ataque de histeria. E logo continuava e continuava, uma e outra vez, chorando durante horas até que meu pai podia acalmá-la. Não sei como teve a paciência de tratá-la durante oito anos. E esteve assim por muito tempo, antes inclusive de que chegássemos aqui — iniciou o caminho e começou a colocá as luvas.

Um calafrio se arrastou pelas costas de Lucy. Pensou em seu próprio impotente ataque de lágrimas, e a reação de pânico de Jeremy. Era tão surpreendente que se fosse a Londres? Devia ter pensado que estava convertendo-se em outra mulher histérica. Talvez estivesse se convertendo em outra mulher histérica.

—Meu pai dizia que alguém devia sentir lástima por ela — continuou Hetta. — Tinha uma constituição frágil, dizia. casou-se com um homem muito duro, e logo perdeu um filho — olhou a Lucy com um sorriso irônico. —Mas como disse, a simpatia não é meu forte. Assim se tiver em mente desenvolver sua própria condição nervosa, melhor que envie por meu pai. O melhor que obteria de minha parte é uma forte bofetada na face e um gole de brandy.

—Acredito que necessito ambos. — Lucy se sentou no lado da cama da tia Matilda. — Não sei o que será de mim, de verdade.

Hetta a olhou agudamente.

—OH, não. Não me peça conselhos, Lucy. Sou genial com cataplasmas, mas não estou acostumada a dar conselhos.

—Me acredite, não estou acostumada a necessitá-los — respondeu Lucy. Levantou a vista para o teto pintado caprichosamente, onde querubins de dourados cabelos a observavam desde ondulantes nuvens brancas. —O que estou fazendo aqui? Não pertenço aqui.

Com um ar de resignação, Hetta se sentou a seu lado.

—Seu marido parece pensar que sim. Se quer saber o que está fazendo aqui, sugiro-lhe que pergunte a ele. A menos que viesse com sacos de dinheiro — olhou a Lucy dúbia, —deve ter tido alguma razão para casar-se com você.

—Não vim com dinheiro — Lucy recolheu o encaixe de sua manga. —Teve que casar-se comigo. Obriguei-o a isso.

Hetta se pôs a rir.

—Não, a sério — disse Lucy. — Fui totalmente desavergonhada.

Hetta sorriu mais forte.

Lucy começou a sentir-se um pouco indignada.

—Estou-lhe dizendo a verdade! Lancei-me sobre ele como... como uma leiteira libidinosa!

Por fim, Hetta conteve o fôlego e secou os olhos com uma mão enluvada.

—Lucy, por favor. Em primeiro lugar, seu marido é um conde, ridiculamente endinheirado, e, se não lhe importar que o note, não desagradável à vista. Ele não teria permanecido solteiro tanto tempo sem aprender a desviar avanços não desejados. Mesmo de leiteiras libidinosas. Em segundo lugar — continuou Hetta, cortando a objeção de Lucy, — Lorde Kendall não me parece que seja um cavalheiro que possa ser obrigado a nada. Mas bem ao contrário. Certamente notou que não tem mais que mostrar esse seu "olhar" para pôr a sua gente a correr. Lhe considera mais que um pouco intimidante.

—Bom, eu não sou das que possa ser obrigada, tampouco — disse Lucy. — E não me pode intimidar com esse "olhar". Creia-me, tentou-o durante anos, mas simplesmente o conheço muito bem para pensar que haja algo por trás. E se acreditar que é agradável à vista quando está carrancudo... —suspirou — teria que vê-lo quando sorri.

Hetta a olhou por um momento, arqueando as sobrancelhas. Então ficou em pé e recolheu sua mala.

—Bom, isso é um alívio — disse, já se dirigindo para a porta. — Não necessita meu conselho, depois de tudo.

ꕥꕥꕥ

—Me alegro de que esteja aqui — disse Toby, sorvendo seu Madeira. — Pode me dar um pequeno conselho?

—Conselhos? — Jeremy soltou um bufido. - por que quer meu conselho?

—Bom, é um homem casado, não? Não quer me dar um discurso sobre os deveres do matrimônio?

Jeremy suspirou. Deveria havê-lo pensado melhor antes de vir ao clube. É obvio, Toby estaria na cidade fazendo os acertos das bodas. Jeremy tinha um uísque muito bom em sua casa da cidade. Por que simplesmente não ficou lá?

—Toby, se ainda não sabe como levar a cabo seus deveres conjugais, necessita mais que meu conselho. Posso-te recomendar uns quantos tutores muito capazes, se for necessário.

—Sabe que não quero dizer isso — Toby pôs-se a rir. — Quero dizer, não tem um pouco de sabedoria profunda para transmitir sobre o cuidado e sustento de uma esposa? Todos os outros o têm feito. Felix não deixava de falar do tema. Chegou a ser absolutamente insuportável.

Talvez Jeremy deveria falar com o Felix.

—Sinto te decepcionar, mas manterei meu sofrível silêncio.

—Como queira — Toby apurou seu Madeira. — Surpreende-me inclusive verte aqui. Uma lua de mel um pouco breve, não?

—Tinha uns assuntos que resolver. — queixou Jeremy em seu uísque. Não estava interessado em falar de seus assuntos, de propriedades ou pessoais, com o Toby. — Volto para casa amanhã — adicionou, não fosse que Toby estendesse alguns convites não desejados.

Toby lhe piscou o olho.

—Ansioso por voltar, imagino.

Jeremy não soube o que dizer. A verdade era que não tinha nenhum assunto pendente em Londres. Deveria estar em casa, como Toby insinuava, de lua de mel com sua nova esposa. Mas a vida com Lucy o estava matando, um jantar por dia. Conseguira exatamente o que exigira: uma esposa tranquila e correta, e ele não podia ser mais miserável. Ela mal parecia comer, e certamente sem nenhum prazer.

Ela se vestia com vestidos novos e usava luvas de encaixe, seu cabelo estava sempre perfeitamente penteado. Jeremy não podia recordar a última vez que vira cair o cabelo até a cintura com esse clamor de ondas castanhas. Tampouco podia recordar uma palavra zangada por parte dela desde... Então.

Jeremy tomou um gole de uísque e se tragou o sabor amargo das lágrimas.

E então chegou a eventualidade que esteve temendo desde o dia de suas bodas. Ela queria deixá-lo. Então ele a deixou primeiro. Londres oferecia um sem-fim de diversões para manter sua mente separada de Lucy. Mas seus pensamentos estavam com ela mais que nunca. Ou mas bem, ela estava com ele, em seus pensamentos.

A todas partes onde ia Jeremy, via lugares de interesse que gostaria de poder lhe mostrar, experiências que estava seguro que ela desfrutaria. Os bailes, a ópera, o teatro, Vauxhall. Ah, e por que deter-se com as diversões tradicionais para as damas? Conhecendo Lucy, não estaria satisfeita até que tivesse assistido a uns quantos combates de boxe, também.

—Não deveria estar com sua prometida? — perguntou Jeremy, desejando trocar de tema. — Já sabe, levá-la ao teatro ou jantando com sua família?

—OH, Sophia mal tem tempo para mim nestes dias. Mal a vejo, a menos que ela me arraste à loja por encaixes ou para selecionar umas flores para seu ramo de bodas. Estou-te dizendo, Jem, fez as coisas bem. Licença, vigário, marido e mulher. Tudo aconteceu tão rápido, que mal podia acreditá-lo. Não é que me surpreendesse, a verdade.

Jeremy o olhou de esguelha.

—Não te surpreendeu?

—É obvio que não. Sabia que não foi "nada" o que aconteceu entre a Lucy e você no pomar, sem importar o que disse. Logo houve insinuações da Sophia. E essa carta selou as coisas

agradavelmente. Mas sabia mesmo antes da carta. Se não, não me teria declarado a Sophia na forma em que o fiz.

Jeremy se moveu em sua cadeira.

—O que quer dizer?

—Vamos, Jem. Acredita sinceramente que o faria em frente a Lucy se ainda pensasse que estava apaixonada por mim? Que classe de caipira crê que sou?

Jeremy não estava seguro do que acreditar neste momento. Apurou seu uísque, com a esperança de encontrar as respostas no fundo de sua taça.

—Não, sabia — continuou Toby. — seduzi a muitas damas, Jem. Milhares, suponho. Não é o tipo de lucro que dá sentido à vida de um homem, mas é um talento que tenho. Sei exatamente o momento em que as enganchei. Esse bonito rubor estendendo-se em suas faces, e me olham através de suas pestanas, os lábios franzidos É uma emoção, de cada vez. Mas assim como sei o instante em que caem, posso dizer, com a certeza mais dolorosa, o momento preciso em que se levantam.

Fez um gesto ao garçom para outra taça.

—Depois que você teve sua pequena animação com o Henry esse dia no bosque, acompanhei a Lucy à casa. Em algum lugar entre o bosque e Waltham Manor, passou o amor por mim. E não me importa te dizer, não tomei bem. Por oito anos, esteve louca por mim, de repente terminou — lançou ao Jeremy um olhar culpado. —Estava um pouco ciumento, imagino.

Jeremy o olhou fixamente.

—Mas tudo terminou bem no final— terminou Toby, aceitando um novo copo de vinho do garçom. —Lucy e você, Sophia e eu. Deveriam vir a Kent para uma visita a próxima Páscoa. Para que vejam as campainhas e tudo.

Jeremy se inclinou para diante em sua cadeira.

—Toby, mesmo você deve ter dado conta que Lucy não estava precisamente emocionada de casar-se comigo. Eu... Henry... né, as circunstâncias a obrigaram a isso. Ela não teve escolha.

—Não teve escolha? —riu Toby. — Eu estive aí nas bodas, Jem. Não recordo ter visto Lucy atada ou amordaçada ou arrastada para o altar. E essa é a única maneira em que alguém poderia convencer a essa garota de pronunciar uns votos contra sua vontade — riu entre dentes em seu copo. — Lucy "obrigada" a casar-se. Uma boa brincadeira, essa.

Jeremy só bebeu um copo de uísque, mas sua cabeça lhe dava voltas. Não podia compreender o que Toby estava dizendo. Estava um pouco temeroso de tentá-lo. Inclusive se, e mentalmente fez insistência em si, Lucy tivesse superado o do Toby e de algum jeito se voltou para ele, isso significava uma só coisa. Que Jeremy quebrou as coisas ainda mais do que pensou previamente.

—Ouça, Toby — disse, passando uma mão pelo cabelo. — O que pensa fazer quando o encanto da Sophia desapareça? E se a ela lhe diga o que sente por ti?

A expressão do Toby se voltou solene.

—Eu não gosto de pensar nisso, Jem — encolheu os ombros, e uma sombra desse sorriso calmo voltou a deslizar por seu rosto. — Imagino que para isso estão as joias.

Era uma maldita tolice levar joias a cavalo de noite. Além dos riscos evidentes de montar na escuridão, os riscos de ser desmontado, aleijar ao cavalo, ou perder-se no caminho por completo, os salteadores de caminhos eram sempre uma ameaça. Sem dúvida, o que menos esperariam os ladrões é que um cavaleiro solitário levasse uma pequena fortuna em joias, mas os homens desesperados não duvidariam em matá-lo só por seu cavalo. Mas claro, Jeremy era ele mesmo um homem bastante desesperado. E qualquer um que tentasse tocar o colar enrolado perfeitamente no bolso de seu peito, encontraria-se primeiro com o frio aço de uma pistola.

A cautela lhe dizia que se detivesse em uma estalagem, completando sua viagem pela manhã. Mas a cautela podia ir ao diabo. Não importava que já estivesse escuro, ou fosse tarde e perigoso. Era quinta-feira, e tinha uma promessa a cumprir.

Tinha várias promessas que cumprir, de fato, e tencionava começar às honrar.

Havia dito ao Henry que daria a Lucy as oportunidades que nunca teve. Lhe prometera a Lucy que faria todo o possível por vê-la feliz. E jurou ante Deus que ia honrar e apreciar a sua esposa todos os dias de sua vida. Entretanto, ele fugira a Londres, fugindo dessas promessas, como um menino de oito anos.

Sim, ela se afastara dele e chorara, e doera. Isso esteve malditamente perto de matá-lo. Mas as lágrimas não dissolviam o dever. Talvez nunca poderia lhe dar o que realmente merecia, mas esse fato não o eximia de tentá-lo. Faria o que deveria ter feito desde o começo. Ele traria Lucy a Londres. Estaria a meio dia de viagem do Waltham Manor. Poderia visitar seu irmão e a Marianne tão frequentemente como quisesse. Apresentaria-a na corte e na sociedade. Assistiriam a tantos bailes e óperas e exposições como ela desejasse. Inclusive ela poderia encontrar um uso razoável para o dinheiro para seus gastos.

E Jeremy finalmente poderia ocupar seu assento na Câmara dos Lordes. Suas obrigações para com sua esposa não eram os únicos deveres que esteve evitando. Talvez inclusive poderia fazer algo bom ali, trabalhar para declarar ilegal o uso de armadilhas. Isso seria um tributo ao Thomas mais apropriado que qualquer retrato fabricado. Tentou não pensar muito nas palavras do Toby da noite anterior. Era muito esperar que Lucy pudesse amá-lo. Disse-se que não importava se o fazia ou não, seu dever seguia sendo o mesmo.

Apesar de tudo isto, Jeremy se sentia vertiginosamente otimista. O qual, para ele, era uma sensação completamente estranha. Mas não desagradável. No mais mínimo.

Era um dia completo a cavalo entre Londres e Abadia do Corbinsdale, se saía ao amanhecer e se trocava os cavalos a meio caminho. Entretanto, se a gente esperava que abrisse a joalheria, logo passava a maior parte de uma hora descartando bandejas de adornos de mau gosto antes que o oficioso empregado tirasse a melhor mercadoria, continuando, perdia outro quarto de hora, enquanto que envolviam o comprado, a viagem de volta se prolongava até a noite, e a escuridão fazia o avanço mais lento ainda.

Mas era quinta-feira, e havia dito ao Lucy que estaria em casa na quinta-feira. E de algum

jeito, cumprir essa promessa pronunciada casualmente se voltou tão importante para ele como honrar seus votos matrimoniais. Poderia não haver diferença para ela se retornava esta noite ou nunca, mas a havia para o Jeremy. Como o colar que lhe pesava no bolso do peito era menos um presente para ela que um símbolo para ele. Ela era sua jóia. Estranha, preciosa, formosa, e possuidora de um fogo interior que era um crime contra a natureza sufocá-lo ou escondê-lo. Não esperaria nada dela, nem lhe exigiria nada.

Essa base, a luxúria brutal não escaparia de seu controle outra vez. Mas a protegeria, e a cuidaria, e a colocaria no cenário que lhe permitisse brilhar o mais intensamente possível. Esperava que esse cenário fosse Londres, tencionava usar qualquer poder de persuasão que pudesse, para defender seu argumento. Se Lucy ainda desejava voltar para o Waltham Manor, ele ia comprar um terreno fronteiriço e lhe construiria sua própria casa solaria, com um estábulo cheio de éguas dóceis e o melhor chef francês que seu dinheiro inglês pudesse contratar. Era quase meia-noite quando Jeremy finalmente chegou aos estábulos de Corbinsdale. Lucy certamente estaria deitada, pensou, entregando as rédeas a um moço sonolento e caminhando até a casa.

Subindo dois degraus de uma vez, considerou se devia despertá-la. Certamente que não em seu estado atual, pensou com tristeza. Um dia duro de montar a cavalo por caminhos poeirentos fazia pouco por recomendar a um homem quando seu objetivo era a persuasão. Tomaria um banho, e logo despertaria. Não via sua esposa por cinco dias, e ele não acreditava que pudesse esperar até a manhã para vê-la de novo.

Não teve que esperar nem um minuto.

Jeremy entrou na sala de estar para encontrar a sua esposa aconchegada no sofá adamascado cor marfim, dormindo. Cruzou a sala em silencio para deter-se ante ela. Não despertou. deixou-se cair sobre o tapete junto a sua esposa, suas pernas subitamente débeis. Não podia culpar ao esgotamento físico, ou à fadiga mental. Lucy estava tão condenadamente formosa, que o pôs de joelhos.

Jazia sobre um flanco, uma mão apoiada entre a tapeçaria do sofá cor creme e a pele dourada de sua face. Grossas pestanas escuras revoavam atrativamente enquanto sonhava. Tinha o cabelo solto, ondeando sobre o ombro e brilhando quase com uma tonalidade vermelha à luz do fogo. E o que tinha posto? meu Deus. Menos mal que Lucy estava dormindo, porque nada nem tenro, nem honorável, nem suavemente persuasivo nele, acendeu-se imediatamente.

Um fino tirante de encaixe negro se ondulava sobre a curva tentadora de seu ombro exposto, e os olhos do Jeremy o seguiram para baixo, e para baixo, para onde o encaixe negro se inundava emoldurando o vale entre seus seios. A seda vermelha roçava a superfície lisa de seu ventre e o fluxo arredondado de seu quadril, continuando, separava-se em outro V de encaixe. A estreita abertura começava no topo de sua coxa, e logo se ampliava, indo-se pelo flanco de sua perna. A seda se perdia por completo justo por debaixo do joelho, deixando ao descoberto a curva doce de sua panturrilha, à medida que desaparecia gradualmente em seu tornozelo.

Seu tornozelo flexionado.

Um suspiro sonolento fez que seu olhar subisse a seu rosto. A esses olhos esmeraldas com as

pálpebras pesadas e seus entreabertos lábios vermelhos escuros, suavemente curvados.

—Jeremy?

ஜ۞ஜ

Lucy piscou de novo. Talvez estivesse sonhando. Frequentemente sonhava com ele desta forma, chegando até ela, gelado dos estábulos, amarrotado e sem barbear, o vento frio aderido a seu cabelo e a sua roupa. E às vezes, em seus sonhos, murmurava seu nome neste mesmo sussurro reverente e estendia uma mão assim para tocar suavemente sua face.

—Veem comigo a Londres.

Mas nunca em seus sonhos lhe dissera isso.

Ela se levantou sobre um cotovelo, esfregou os olhos com a outra mão.

—O que?

—Veem comigo a Londres — repetiu, alisando uma mecha de cabelo de sua fronte.

Lucy se sacudiu, tentando dissipar a névoa de sonho em seu cérebro.

—Agora? — Ele sorriu. Pela primeira vez em semanas, ele sorriu. Seu coração deu um tombo em seu peito.

—Não, agora não. Mas logo. Tenho minha casa na cidade, nossa casa da cidade, preparada. Seu quarto está sendo redecorado. Terá uma carruagem para seu uso particular, e o faetón, é obvio. Qualquer outra coisa que deseje.

—Mas...

Lhe pôs um dedo sobre os lábios.

—Não responda ainda. Estou me adiantando mesmo — colocou a mão no bolso do peito e tirou uma bolsa de veludo. Afrouxando a corda atada na parte superior, disse: —Sei que fui negligente em minha responsabilidade para contigo como seu marido. Quero que saiba que isso vai mudar.

Ele abriu a bolsa e esvaziou seu conteúdo em sua palma. Um aprimoramento de ouro e pedras vermelhas enrolada em sua mão como uma exótica serpente. Lucy soltou uma exclamação e levou uma mão à boca.

—Para que combine com seu anel — disse, puxando a mão de sua boca e cobrindo sua palma com o colar. — Veem comigo a Londres. Não te exigirei nada, juro-lhe isso. Só me deixe cuidar de ti. Tudo o que deseje, tudo o que necessite, será teu.

Lucy afastou os olhos da jóia em sua mão e olhou a seu marido. *Maldito ele.* Seu pequeno discurso apaixonado destroçando todas as palavras que praticara com tanta fidelidade e esperado até tarde para dizer. Que ela não queria voltar para o Waltham Manor. Que os últimos cinco dias foram pura agonia, e que nunca desejou separar-se dele.

Que ela iria com ele para a Cornualia, se o pedisse. Ou a Austrália, ou à lua.

Mas ele queria que fosse a Londres. Queria comprar joias e carruagens e cuidar dela. Não lhe exigiria nada, disse. Mesmo se ela queria que o fizesse?

Lucy o amava muito para deixá-lo ir, mesmo que não fosse correspondida. Se ele a desejara

o suficiente para casar-se com ela, então ser desejada teria que ser suficiente.

Então ela praticara seu discurso sedutor e colocou este provocador negligé vermelho da Sophia. depois de tudo, algo similar funcionara antes. E agora ele estava de joelhos, com joias e promessas, e esse formoso, sincero olhar azul dele. Jurando não desejá-lo absolutamente. Recuando de novo dentro dessa concha de indiferença. Oferecendo-lhe toda uma vida de opulenta miséria. Não sabia como responder.

Seus dedos se fecharam sobre o colar. As pedras polidas se sentiam como líquido sob seus dedos.

—É precioso, Jeremy. Mas não necessito isto. E não necessito carruagens, nenhum quarto redecorado, tampouco — seu cenho franzido, e esticou a mandíbula. Lucy se sentou.

Isto estava saindo tudo mal.

Puxando de sua lapela com a mão livre, ela deslizou o colar dentro e o deixou cair no bolso. Então levou as duas mãos até seus ombros.

—Jeremy, não o vê? — ela tragou com força, enfrentando seu agora preocupado olhar. — Eu não necessito que me cuide. Tudo o que preciso é...

Um suave golpe na porta a interrompeu. A porta se abriu uns centímetros, e a cabeça de uma donzela, pálida como um fantasma, apareceu pela abertura.

—P-perdão, milord. Milady — balançou um pouco a cabeça, um movimento que Lucy tomou por uma reverência. — Simplesmente pensei... quer dizer, acreditávamos que você deveria saber... que alguém deveria lhe informar...

—Pelo amor de Deus, o que acontece? — Jeremy ficou de pé.

A donzela estremeceu.

—A tia de sua Senhoria desapareceu — chiou ela. Então sua cabeça desapareceu e a porta se fechou de repente.

Lucy se pôs de pé.

—OH, não — gemeu ela, recolhendo a bata de seda vermelha que cobria o respaldo do sofá. A acomodou com um encolhimento de ombros e a rodeou na cintura antes de agachar-se para procurar suas sapatilhas. —Temos que encontrá-la. Não conhece este lugar, e a Abadia é tão grande. Poderia estar em qualquer lugar. E faz tanto frio, e ela é tão frágil. Se perder... — ajustou-se as sapatilhas nos pés e se endireitou, só para encontrar a si mesmo cara a cara, ou mas bem, cara a garganta, com o Jeremy.

—Não se preocupe — suas mãos foram a seus ombros. — Encontraremo-la — disse com simplicidade.

Ela assentiu com a cabeça, olhando estupidamente o colarinho aberto de sua camisa.

—Os criados sem dúvida começaram a procurar pela casa — disse ele. — Fique aqui e ajuda-os. É pouco provável que ela tenha saído fora, mas irei com alguns lacaios aos jardins, para estar seguro —inclinou o rosto para o dele. — Encontraremo-la. E então continuaremos com esta conversa.

—Muito bem, então.

Logo ele partiu. Lucy lhe ouviu trovejar pelas escadas, gritando ordens aos criados a sua

passagem. Ela cruzou o corredor e entrou no quarto da tia Matilda. Parecia melhor verificar primeiro que efetivamente se encontrava desaparecida, e não simplesmente aconchegada atrás das tapeçarias. Isso ocorreu uma vez no Waltham Manor, toda a casa se voltou do reverso antes que sua babá finalmente encontrasse à tia Matilda escondida no assento da janela.

Lucy percorreu o dormitório, olhando nos armários e agachando-se sob a cama. Finalmente, aproximou-se das janelas e abriu as cortinas.

Nada.

Ou algo.

Um brilho branco no exterior lhe chamou a atenção. Procurou na escuridão. Aí estava de novo. A luz da lua iluminava algo pálido e tênue, como um fantasma. Ou a camisola de uma idosa solteirona.

Pressionou o rosto contra o cristal, tentando distinguir a paisagem debaixo. Esta janela dava à parte dianteira da Abadia; os jardins estavam atrás da casa. A tia Matilda estava descendo por suave pendente de grama que bordeava o bosque, e o bosque ocultava o vale estreito e sinuoso do arroio.

Lucy desceu rapidamente as escadas e saiu pela enorme porta aberta. Não havia nenhum lacaio perto. Jeremy devia havê-los levado a todos à parte traseira, aos jardins. Tirou uma lanterna de carruagem de seu gancho junto à porta e começou a correr pela grama. Não havia tempo para ir em busca dos homens. Para o momento em que os encontrasse e lhes indicasse a direção correta, a tia Matilda poderia estar perambulando perdida no bosque, ou pior ainda, afundando-se no arroio gelado.

Lucy alcançou a ver um pouco de tecido ondeando outra vez, justo no limite do bosque. Cavou uma mão em sua boca para gritar, mas decidiu conter o fôlego. Como Sophia uma vez tão amavelmente lhe lembrou, não fazia muito sentido gritar a uma mulher surda. Em troca, duplicou o ritmo de seu passo através da grama, suas sapatilhas de seda rangendo sobre a erva cristalizada. Correu pelo bosque de árvores onde vira aproximando-se da tia Matilda e se internou no bosque.

Girou a lanterna, procurando entre as árvores. Nada. Baixou o olhar. Havia rastros, ou algo parecido. Pequenas depressões no barro congelado do tamanho de um pé feminino. Seguiu a pista, sustentando a lanterna em alto com uma mão e sujeitando a gola do roupão com a outra.

Céus, mas a tia Matilda se movia com rapidez. Parecia impossível que Lucy não a tivesse alcançado a estas alturas. Já podia ouvir o murmúrio do arroio.

Os rastros terminavam em uma saliência rochosa. aproximou-se com cautela, uma borbulha de temor crescente na garganta. O murmurejar do arroio se converteu logo em um rugido ameaçador. aferrou-se a um ramo com uma mão, e com a outra estirou a lanterna sobre a borda, olhando para baixo, para a ravina. Rogando por não ver em algum lugar abaixo, um pedaço de camisola de musselina.

Seu ombro explodiu de dor. Lucy caiu para frente com um grito. A lanterna voou de sua mão e se desabou, caindo ao rio com um chapinhar.

Tudo se voltou negro.

CAPÍTULO 25

Jeremy não encontrou à tia Matilda.

A tia Matilda o encontrou.

Tendo saído a procurá-la com os lacaios ao jardim, Jeremy rodeou a parte dianteira da casa. A tia Matilda o saudou no vestíbulo de entrada, descalça e vestida com uma camisola quase tão transparente como sua pele. Ela avançou arrastando os pés pelo chão de mármore e cantarolando uma alegre melodia. Quando levantou a vista e viu o Jeremy, deteve-se o tempo justo para pronunciar uma só palavra.

—Encantador.

—Lucy —gritou, conduzindo à anciã pela escada. — Lucy! Encontrei-a! — olhou na sala de estar, ao passar por seu quarto. —Lucy?

Nenhuma resposta.

Jeremy ignorou um murmúrio de ansiedade. Jogando um afiado olhar a uma criada pelo corredor, dirigiu à tia Matilda ao quarto Azul. A criada correu atrás deles, rapidamente assumindo o cuidado da idosa.

—Onde está a senhora? — perguntou à criada com brutalidade.

—Eu... não sei, milord. Acredito que a vi na planta baixa.

—Na planta baixa? — isso não fazia sentido. Se Lucy desceu, por que não encontrou a sua tia? Jeremy se voltou para sair do quarto, mas algo o deteve. As malditas cortinas estavam corridas para os lados. Não era de sentir saudades que a anciã saísse a vagar.

A corrente de ar devia ser congelante. Aproximou-se da janela e chegou com as duas mãos para juntar as cortinas azuis.

Então a viu.

Uma pequena luz, cintilando na borda do bosque. Oscilando e ziguezagueando através da escuridão. Como uma luz de fadas. Mas Jeremy não acreditava nas fadas. O que ele acreditava, com uma certeza doentia, era que quando se tratava de perambular para o perigo, sua esposa claramente se parecia com sua tia. Saiu disparado do quarto e desceu as escadas à carreira, pela segunda vez essa noite. Este já tinha parecido o dia mais comprido de sua vida, mas agora sentia a cada segundo uma eternidade. Mal se armou de paciência para desviar-se para o escritório e apoderar-se de sua arma antes de carregá-la e sair à escuridão.

Maldita menina tola. Viu a luz vacilante retroceder no bosque, e redobrou o passo. Agora corria, o pesado colar em seu bolso golpeando no peito a cada passo. Como se supunha que ia cuidar e proteger a sua esposa quando ela seguia lançando-se a si mesma ao perigo em cada oportunidade? E não lhe necessitava, havia dito. Não lhe necessitava para cuidar dela. Bom, pensou com amargura, enquanto começava a ziguezaguear através das árvores, alguém precisava fazê-lo. Ela certamente não podia cuidar de si mesmo. Quando alcançasse a luz vacilante que seguia burlando-se dele à distância, teria uma ou duas coisas que dizer sobre o cuidado. E sua esposa o escutaria malditamente bem.

Jeremy se deteve. Havia perdido o rastro da luz. Esquadrinhou o bosque na direção que a

vira pela última vez. A noite estava nublada, mas as nuvens era o suficientemente finas como para que a luz da lua se filtrasse através delas como um débil resplendor prateado. Ele piscou, seus olhos lentamente ajustando-se à escura penumbra. Ficou olhando o chão até que pôde enfocar suas botas, umas cunhas negras contra o barro com folhas pulverizadas. Sua respiração se agitava em seu peito. Talvez se descansasse um momento, pudesse reunir ar suficiente para gritar. Mas não era só o esforço o que fazia que lhe faltasse o ar. O pânico se apoderou de seus pulmões como uma prensa. Não esteve nesta parte do bosque de noite, em anos.

Vinte e um anos.

Havia já perdido tanto nestes malditos bosques. E agora perdia de vista essa maldita luz. O vento frio que açoitava as árvores, sentia-se como a própria morte, e não podia respirar, não podia gritar. A única coisa que podia fazer era ficar parado.

O murmúrio tênue do arroio chegou até seus ouvidos, e se voltou instintivamente para o som. Cambaleou-se para diante uns quantos passos e se deteve outra vez para procurar a luz. Para escutar. Um grito rasgou o ar.

ꕥꕥꕥ

O ombro de Lucy doía como o inferno.

Mas não podia deixar de perguntar-se o que a golpeara, ou de onde diabos tinha vindo, porque neste momento, ela estava um pouco preocupada tentando não cair de cabeça em uma ravina. Seu outro braço, que não estava ferido, agarrou-se em volta de uma árvore, e se aferrou ali até que suas sapatilhas encontraram um modo de fazer alavanca sobre a saliência rochosa. Inclusive uma vez que pôde estabilizar-se e ficar de pé, ela se aferrou a esse ramo de árvore para tomar várias respirações profundas. Logo, lentamente, com cautela, soltou o ramo e se voltou.

O que viu a surpreendeu tanto que cambaleou de novo.

—Albert?

O menino deu um passo adiante, a tênue luz de lua delineando um rosto desconcertado.

—Sua alteza?

—O que está fazendo aqui? — os dois falaram em uníssono.

Nenhum se apressou a responder.

Lucy aproveitou o silêncio mútuo para avaliar a seu atacante. A funda que pendurava de sua mão lhe disse a fonte de sua dor. *Que parva foi.* Pensando na rapidez com a que tia Matilda se moveu? é obvio, ela nunca poderia caminhar tão rápido. Esses rastros não eram do tamanho de uma idosa, eram do tamanho de um menino. E não foi a camisola de sua tia o que Lucy vislumbrou ondeando à distância, mas sim foi a camisa simples, em farrapos e muito grande do Albert.

Nadava nela, nessa camisa. Devia ter pertencido a seu pai.

Seu pai, que o deportaram por... E Lucy se deu conta que ele não precisava lhe dizer o que estava fazendo aqui. Ela já sabia.

—É um caçador furtivo! — acusou.

O menino manteve seu silêncio áspero.

Lucy deu um passo para ele.

—Assim não tomará a caridade Kendall, mas roubará a seu senhor quando agradar?

—Ele não é meu senhor — Albert voltou a cabeça e cuspiu. — De todos os modos, é sua culpa que meu pai esteja na Austrália. Do que outra forma se supõe que Mary e eu vamos comer?

—Isso não é culpa de Lorde Kendall, é de seu pai. E você está em idade de trabalhar, não?

Albert se aproximou audazmente para frente. Agachou-se junto a ela e recolheu uma pedra pequena.

—Sim, quando há trabalho. A data de semeia. Colheita. Mas não há nenhum agricultor que me necessite agora.

Viu-lhe meter no bolso a pequena pedra. A pedra que lhe golpeou o ombro, concluiu. Enquanto estava de pé, Albert olhou sua figura vestida de seda com uma expressão que se tornou sem lugar a dúvidas, a de um adolescente.

—Que diabos se pôs? — perguntou.

Lucy decidiu ignorar a pergunta. Também decidiu envolver seus braços ao redor de seu peito e trocar de tema.

—De verdade caça muito dessa maneira? — assinalou com a cabeça à funda e à pedra que colocou no bolso.

Albert negou com a cabeça.

—Não sou muito bom com ela.

—Golpeou-me bastante bem— o pulsar no ombro dava fé da veracidade dessa declaração.

—Bom, sim — o garoto fez uma pausa, entrecerrando os olhos para ela. — Mas eu estava dirigindo-o para sua cabeça.

—OH — Lucy se sentiu um pouco enjoada. Cruzou as pernas sob o corpo e se sentou no chão. — O que faz então, roubar as armadilhas?

Albert não respondeu. Viu-lhe flexionar uma mão a seu lado, como sacudindo uma incômodo ou uma dor.

—Assim é como te feriu a mão — disse. — Antes.

Ele caminhou uns passos e se apoiou contra uma árvore.

—Deveria ser mais cuidadoso, sabe — repreendeu-o. — Uma ferida como essa pode infectar-se com facilidade. Meu pai morreu de uma ferida como essa.

Ele encolheu os ombros.

—A gente morre por todo tipo de razões estúpidas.

—É verdade. Mas isso não é uma desculpa para ir e atuar como um estúpido.

O menino soltou um bufido.

Era uma sorte que ele tivesse uma má pontaria, decidiu Lucy, porque seu cérebro acabava de produzir uma ideia muito brilhante.

—Veem trabalhar na Abadia.

—O que?

—Veem trabalhar na Abadia — repetiu.

—Ao diabo que o farei.

Ela franziu o cenho.

—Por que não? Perguntarei a meu marido, estou segura de que haverá um trabalho que possa encontrar para ti. Terá ganhos fixos e não terá que ir vagando pelo bosque durante a noite.

—Não! — a voz do Albert se voltou repentinamente profunda. endireitou-se e se dirigiu até onde estava sentada no chão. — Não lhe diga nada de mim. Ele me encontrará trabalho, certo. No asilo.

—Não seja ridículo — o terreno embaixo dela estava gelado, e Lucy abraçou suas pernas contra seu peito. — Ele não é assim, juro-lhe isso. Ele é muito pormenorizado.

Albert se burlou.

—Escutei o pormenorizado que foi nessa festa.

—Isso foi... diferente. Só me permita falar com ele. Deixa que te ajude.

—Obrigado, sua Alteza, mas não necessito de sua ajuda.

Suas mãos se crisparam de frustração. O que seria necessário para fazer entender a este moço? Ela não só estava tentando ser superior. preocupava-se com ele, o teimoso ingrato.

—Direi-te o que precisa — disse, com voz entrecortada. —Precisa pôr o bem-estar de sua irmã por cima de seu próprio orgulho. Precisa deixar de correr pelos bosques a noite, onde quem sabe que perigo poderia te acontecer. E precisa aprender um pouco de decoro. Em particular, pode-me amaldiçoar como quer, mas em minha cara, dirigirá-te para mim como milady!

Houve um silêncio chocado. E a maioria da comoção era do lado de Lucy. Albert poderia estar se perguntando de onde provinha esse discurso bombástico, mas ela sabia sua origem precisa. Ela estava ecoando do Jeremy, de entre todas as pessoas. Era assim como ele se sentia, também? Preocupado por sua segurança, desesperado por ajudar, mas frustrado sem medida quando ela se negava a permitir-lhe.

E quantas vezes o tinha rechaçado?

O coração de Lucy se apertou. Ele realmente se preocupava com ela. Sempre o fez. E todo este tempo, ela foi a teimosa ingrata.

Albert ainda se abatia sobre ela, suas mãos apertadas em punhos aos flancos, parecendo inseguro quanto ao que seguia depois. Ela tentou que seu tom de voz fosse suave e tranquilizador.

Maternal.

—Albert, escuta...

Mas o que escutaram depois foi algo, menos suave ou tranquilizador.

—Lucy, não te mova — a voz de Jeremy trovejou de algum lugar invisível.

Seguido pelo inconfundível clique de uma arma sendo engatilhada.

—Abaixo! — exclamou Lucy, equilibrando-se para diante.

Um disparo explodiu na escuridão.

CAPÍTULO 26

Lucy se impulsionou contra os joelhos do Albert. Ele caiu ao chão, e nesse mesmo instante um disparo assobiou sobre suas cabeças.

Ela soltou suas pernas.

—Corre! — sussurrou. — Corre até sua casa, e não pare por nada!

Albert ficou de pé e saiu correndo entre as árvores. Uns segundos mais tarde, Jeremy apareceu rugindo atrás de uma ofegante perseguição.

—Alto! — Lucy lutou por ficar de pé e agarrou a seu marido pelo braço. — Foi-se. Nunca o apanhará.

Jeremy liberou seu braço e brandiu sua arma sobre o ombro.

—OH, claro que o apanharei — se moveu na direção em que Albert fugiu, e ela o puxou pelo braço outra vez.

—Espera! Não pode me deixar aqui só — ela podia jogar à dama indefesa, se fosse necessário. Ela se abraçou e se estremeceu, só em parte, para causar efeito.

Jeremy se deteve, o olhar perdido no bosque com frustração. Logo, a contra gosto, voltou-se para ela.

—Não, não te deixarei — a olhou ferozmente. — Maldita seja, Lucy. Que diabos estava pensando?

—Vi-o de longe. Pensava que era a tia Matilda, assim... — ofegou. — A tia Matilda!

—Está bem — disse Jeremy com impaciência. — Encontrei-a no vestíbulo de entrada. Pode ser velha e senil, mas ela ao menos sabe que não deve ir vagando pelo bosque a meia noite, vestida com... —seus olhos percorreram suas curvas cobertas de seda com um olhar possessivo onde se mesclava a ira e o desejo. — Precisa deixar de te comportar de uma maneira tão imbecil. Não posso estar sempre por perto para te salvar.

Lucy sentiu o orgulho, o calor e a rebeldia, surgindo dentro dela. Ele se preocupa comigo, recordou-se. Só precisava acalmá-lo, lhe fazer saber que estava bem.

—Jeremy, sinto-o se te assustei. Mas não necessitava que me salvassem — se envolveu com força o roupão ao redor de seus seios. Diabos, fazia frio. — Não era como se via. Tinha a situação controlada.

—Controlada — Jeremy deixou que a arma se deslizasse de seu ombro e a atirou ao chão. Avançou para ela com uma expressão estranha, seus olhos negros como a meia-noite. Sua respiração se voltou irregular e trabalhosa, rompendo suas palavras. — Tinha a situação controlada. Só no bosque. Em meio da noite. Com um violento criminoso.

Ela tragou.

—Ele não era um criminoso. Não um violento, pelo menos.

Era como se ele não a ouvisse. Aproximava-se lentamente, deliberadamente, passo a passo, até que seu peito roçou o seu. Ela pôde degustar o desejo em seu fôlego. O azul de seus olhos era tragado pelo negro, e uma intensidade selvagem irradiava dele. Um furor que antes só tinha vislumbrado, e que ele manteve profundamente enterrado. Agora fervia na superfície, exsudava dele em ondas potentes, estendendo-se sobre o corpo dela, despertando-o. Ansiando-o. Sua pele cobrou vida com a consciência deliciosa, seus pelos, arrepiados.

Lucy não sabia como acalmá-lo.

Ela não queria fazê-lo.

—Vestida com uns pedaços de seda e encaixe — ele colocou um dedo sob o colarinho do roupão e a retirou, expondo um ombro a noite. Ela sentiu a seus dedos roçar o comprido de sua clavícula, pressionar contra o vão de sua garganta, e logo percorrer a coluna de seu pescoço até o queixo, elevando seu rosto para ele. —Mas você não necessitava que lhe salvassem. Tinha a situação... controlada.

—Sim — suspirou ela. Ele avançou uma vez mais, empurrando seu peito contra o dela, até que suas costas se chocaram com o tronco de uma árvore.

Ele a agarrou pelo pulso e puxou da mão com que sujeitava seu roupão.

—Controlada — repetiu, entrelaçando seus dedos com os seus. Ele apertou até que os ossos de seu pulso lhe doeram. Em um rápido movimento, subiu-lhe o braço por cima de sua cabeça e o imobilizou contra a árvore com o seu. Seu roupão se abriu até a cintura. Ela ofegou ante a corrente de ar frio da noite que assaltou sua garganta e tornou seus mamilos duas pontas rígidas contra sua camisola.

Com a mão livre, ele tocou um seio através da trêmula seda. Esfregou seu polegar sobre o mamilo. Ela ofegou de novo, desta vez de prazer.

—Não necessitava que lhe salvassem — disse, deslizando o polegar sobre a seda em pequenos círculos enlouquecedores. Ondas de sensações a alagaram, o calor ondulando sob a pele de galinha que lhe cobria o pescoço, o ventre, as coxas. Lucy mordeu os lábios e fechou os olhos. — Me olhe— grunhiu ele. — me olhe, maldita seja— beliscou seu mamilo. Seus olhos se abriram de repente. —Não necessita meu dinheiro— puxou do tirante de sua camisola até que o frágil encaixe cedeu. A seda deslizou, deixando ao descoberto um seio. — Não necessita meus presentes —cobriu seu seio com sua mão cálida e forte, incitando a ponta tensa do mamilo, rodando-o sob seu polegar até que um pequeno grito escapou de sua garganta. Ele apertou seu corpo contra o seu, cravando-a à árvore com seu peso. O calor de sua excitação pulsava contra seu ventre. — Não necessita meu amparo —disse com os dentes apertados. Sua mão se disparou a sua coxa, recolhendo o tecido, subindo a borda de sua camisola com puxões impacientes. Seus olhos se cravaram nela. — Maldita seja, Lucy, me vais necessitar. Farei que me necessite— baixou sua cabeça a seu seio, atraindo seu mamilo a sua boca.

Uma maré de prazer a percorreu, um arco elétrico de luz branca através da escuridão. Sua língua revoava sobre a ponta sensível, fazendo-a retorcer-se de uma doce, e torturante dor. Uma de suas mãos permanecia imobilizada em cima dela, mas com a outra o alcançou, cravando os dedos em seu pescoço.

Jeremy fechou sua mão ao redor de seu quadril, logo a deslizou por debaixo da seda de sua camisola, subindo-a até a cintura. Sua mão se curvou em torno de sua coxa e a levantou, envolvendo a perna ao redor de seu quadril. Um frio de gelo se precipitou sob a seda, sobre suas coxas e entre suas pernas. Logo ele retirou um pouco os quadris, passou a mão pelo topo de sua coxa e afundou seus dedos na fenda entre elas.

Não houve mais frio, só fogo. Um calor líquido corria por suas veias, agitando-se em seu ventre e no lugar entre suas pernas. Deslizou um dedo em seu interior. Logo, dois. Seu toque era rude e tosco, mas ela estava escorregadia e pronta, e não era suficiente. Nem de perto suficiente.

Seu polegar encontrou seu botão de carne mais sensível, e sua boca se abriu em um grito surpreso. Ele aferrou sua boca à sua, enchendo-a com sua língua. Sentiu a seus dedos estimulando-a e a seu polegar acariciando-a até que quase se desfez.

E de repente, já não estava. Sua mão já não estava. Seus lábios já não estavam. Ele se inclinou sobre ela, pressionando seu peito ao dele, todo seu peso pressionando seus seios doloridos, e ela se retorceu contra ele, desesperada por mais. Escutou-o ofegar ao ouvido, sentiu-o abrir com estupidez os botões de suas calças. Então ela o sentiu, quente e pesado e empurrando com impaciência contra sua coxa. arqueou-se para ele por instinto, mas ele a agarrou pelo quadril, empurrando-a para baixo. Sua outra mão apertada sobre a dela, ainda com seu braço por sobre sua cabeça.

—Me diga que me necessita — seus olhos a encontraram, sombrios e insondáveis como o céu de meia-noite.

—Eu— sua voz falhou. Ela não podia pensar em como falar, não podia recordar como fazer que sua boca formasse as palavras. Falar não fazia sentido. O único objetivo de seus lábios era beijar, sua língua existia para lamber e chupar. Ela enterrou seu rosto em seu pescoço e passou a língua pela garganta. Ele inalou com um agudo chiado e pressionou seu polegar mais profundamente na carne de seu quadril.

—Me diga que me necessita — insistiu. Ele a provocava com sua haste, roçando-se em seu contrário, e quando ele se afastou, um abafado soluço se arrancou de sua garganta.

—Jeremy — exclamou. — Por favor.

—Diga-me isso.

—Necessito-te — Deus, como o necessitava. Ela não era mais que uma massa tremente de desejo e de desejo e de necessidade. — Você nece...

Ele esmagou sua boca sobre a dela, cortando suas palavras, lhe cortando o ar. Soltou-lhe o braço e a agarrou pelos quadris c om ambas as mãos, levantando-a. Em um movimento rápido, desesperado, enfiou-se dentro dela, enchendo-a. Enchendo esse angustiado vazio de necessidade. Cravou-lhe as unhas no pescoço e se aferrou firmemente. Ele se retirou um centímetro, inclinou-lhe os quadris, e investiu em seu interior uma vez mais, enterrando-se até a base.

Sim. Sim. Sim.

Aqui era onde pertenciam. Juntos, na escuridão. Em salas iluminadas pelo fogo e jardins sombreados e grandes armários negros como o ébano. Lutando contra eles mesmos, lutando entre si. Lutando para estar mais perto. Lutando para converter-se em um.

Ele apoiou a cabeça contra seu ombro, agarrando seus quadris para empurrar ainda mais profundo. Mais forte, mais rápido. Uma, e outra e outra vez. Até que a tensão deliciosa que se ia fiando através dela se esticou e se rompeu, liberando-a na escuridão.

Então, ele a atraiu de volta à terra com um gemido torturado e uma férrea estocada final. O poder de sua liberação os torturou a ambos, e se estremeceram juntos com as sequelas. Os dedos do Jeremy perfuravam a pele de seus quadris, e seu peso esmagava seus seios e seus ombros subiam e baixavam enquanto ele lutava por respirar.

—Maldita seja, Lucy— disse, sua voz abafada contra o ombro dela. —Me diga que me

necessita— voltou a cabeça e pôs a face contra seu seio.—Me diga que me necessita, porque Deus sabe que eu não posso viver sem ti. Matarei ao homem que tente te afastar de mim, e que me condenem se for deixar que vá.

Suas mãos se deslizaram de seus quadris para envolver sua cintura, estampando seu direito sobre ela, estreitando-a contra ele até que lhe deveu o mesmo ar que respirava.

—Não vou deixar ir.

Ela embalou a cabeça que repousava contra seu coração.

—Não — sussurrou ela, entrelaçando os dedos em seu cabelo. — Não me deixe ir.

Ele não a deixou ir.

De algum jeito, uma vez que sua respiração entrecortada e os fortes batimentos de seu coração voltaram para um ritmo normal, Jeremy tomou as bordas de seu roupão e empurrou as mangas para voltar a cobrir seus ombros. Sem soltá-la, agarrou sua camisola de cima de sua cintura e o deixou cair por baixo dos joelhos. Sujeitando-a com seu corpo contra a árvore, ele tirou o casaco encolhendo os ombros. Logo recolheu sua figura tremente em seus braços e a envolveu com o casaco como uma manta. Sem soltá-la.

Ergueu seu corpo trêmulo com um braço e inclinou o que tinha livre para recolher a arma. pendurou no ombro a arma, colocou a cabeça dela no outro, e silenciosamente avançaram por uma trilha do bosque.

Ele se sentia drenado fisicamente e fragilizado no coração, e a casa estava muito longe. Carregou-a em direção a cascata do arroio. Para a ermida. Cobriu o chão a um ritmo constante, detendo-se só de vez em quando para reequilibrar seu peso em seus braços. Lhe abrangeu o ombro com uma mão e a coxa com a outra, e de algum jeito, a mão dela se moveu sob sua camisa para descansar estendida contra seu peito.

Diretamente sobre seu coração.

Baixou o olhar a seu rosto, embalado contra seu peito. Tinha os olhos fechados, as pestanas escuras apoiadas na pálida curva de sua face. Na claridade da lua, sua pele brilhava branca e pura, e seus lábios se viam de um rosa cinzento. Os cachos castanhos caíam em cascata por cima do ombro, e se ele inclinasse a cabeça uma fração e aspirava profundamente, podia sentir o aroma das peras emanando de seu cabelo.

Ela era formosa. *Deus,* como a amava.

E ele nunca se odiou mais.

O autodesprezo pesava todos seus passos, sugando suas botas na lama. Atraindo-o à terra, para afundá-lo em capas de rocha e fogo e cair direto ao inferno, onde ele pertencia. Retornou de Londres prometendo cuidá-la, protegê-la. Se lhe desse outra oportunidade, nunca a faria chorar outra vez. Todos esses nobres sentimentos, e o que fez ele? A empurrou contra uma árvore e a tomou grosseiramente como o bruto que era. Lucy necessitava amparo, certo. Ela necessitava amparo dele. Chegaram à ermida. Jeremy deu um pontapé na porta, estilhaçando por dentro o

fecho de madeira.

Algo dentro dele, estilhaçou-se também. Algo dolorosamente perto de seu coração.

O ar dentro da casa era denso e pesado. Não podia respirar. Um pânico desesperado se apoderou dele, urgindo-o a girar e a fugir. Evitara este lugar por vinte e um anos, e não teve a intenção de visitá-lo outra vez. Mas agora... agora tinha a Lucy entre seus braços, e ela não tinha a ninguém mais. Enfrentaria isto, por ela.

A luz da lua se filtrava pela porta aberta atrás dele, iluminando lentamente a pequena habitação de madeira. via-se como a recordava. Uma fila de soldados de chumbo vigiando por cima do suporte da lareira. Os arranjos de pesca atirados na mesinha. Dois pares de botas pequenas e enlameadas perto da porta. Tudo congelado no passado. Só uma espessa capa de pó demonstrava o passar do tempo. Jeremy levou a Lucy ao interior e a depositou sobre o tapete em frente à lareira, tirando sua mão de debaixo de sua camisa. Ela dormia.

Seu peito se contraiu de angústia. Cada respiração trabalhosa se sentia como um soluço. O ar viciado estava cheio de perda e de amor, essas duas forças inexoravelmente conectadas que ao que parece, para ele, nunca se separariam. Estava condenado a perder a quem amava, e estava condenado a fazê-lo aqui. Mas havia tempo de sobra para chorar amanhã. Ao dia seguinte. Toda uma vida depois disso. Neste momento, sua esposa sentia frio. Jogou os pensamentos a um lado, fixando a seu corpo em tarefas mecânicas.

Enfocando-se em simples objetivos. Luz. Calor.

Depois de fechar a porta o melhor que pôde, encheu-a de peles e colocou uma manta dobrada debaixo de sua cabeça. Empilhou isca e madeira dentro da lareira. Uma vez que a tiragem da fumaça de um só ramo aceso lhe assegurou que a lareira estava limpa, acrescentou um raminho ardendo ao resto da lenha. O fogo prendeu rapidamente, crepitando e faiscando e enchendo a habitação com um doce calor, defumado, e de um brilho ambarino. ajoelhou-se junto a ela, observando o sobe e desce de seu peito com cada respiração. Soltou um suspiro agradecido quando a cor voltou para suas faces e a seus lábios.

Estendeu a mão para lhe acariciar a face, e ela se agitou, fuçando seu toque. Abrangendo seu rosto em sua palma, passou-lhe o polegar por seu lábio inferior.

Conservaria este momento para sempre. Sustentando seu rosto na mão, os lábios dela roçando seu polegar em um beijo secreto. Quando despertasse, tudo terminaria. Ela recolheria seus cães e seu gato e sua tia senil e iria, levando todo o bom de sua vida junto com ela.

Ela se agitou outra vez, movendo-se sob as mantas. Seus olhos piscaram ao abrir-se.

—Jeremy? — seu nome fluiu de seus lábios lento e espesso e doce, como o mel. Não duraria, disse-se. Logo o estaria amaldiçoando.

—Não se mova — retirou sua mão de sua cara. — Só descansa.

Ela tirou um braço de debaixo das mantas e se esfregou os olhos com o punho. Ela muito bem poderia ter dirigido seu punho direto a suas vísceras. Uns machucados vermelhos, inflamados se estendiam ao longo da pele de seu pulso. Machucados de onde ele a agarrara pelo braço e a apegara à árvore. A bílis lhe revolveu no estômago. Ele a machucara, e não só ali. Precisava ver.

Levantou as mantas com cuidado, as jogando a um lado. Ela emitiu um som pequeno, mas

lhe pôs um dedo nos lábios.

—Deixa que te olhe — disse, afastando as bordas de seu roupão. Ela assentiu, sonolenta.

O destroçado negligé de seda vermelha se aferrava a seu corpo. Jeremy rompeu o que restava do tirante de encaixe e deixou o tecido a um lado. Apertou a mandíbula, tragou e se obrigou a jogar um longo e bom olhar ao que fez. Havia pequenas marcas no pescoço e no ombro, onde beijou e chupado e mordido sua pele. Entre suas pernas ela estava inflamada e vermelha, onde ele se encaixou como uma besta no cio.

—Da a volta — disse, engasgado.

Ela obedeceu em silêncio, e se obrigou a passar seu olhar por seu corpo dos pés para cima, tomando nota de todos os raspões e arranhões que a casca da árvore lhe tinha forjado em sua perfeita pele dourada. As marcas eram escassas nas panturrilhas e na parte traseira de suas coxas, mas suas costas era um sombreado de linhas vermelhas. Ele seguiu a curva de sua coluna para cima. E então o viu, e seu fôlego ficou preso em seu peito.

Um vergão redondo e inflamado em sua omoplata. Um círculo vermelho profundo de pele torcida e proeminente. Isto não era nenhum arranhão. Isto não era nada que lhe tivesse feito.

Riscou a ferida com a ponta do dedo, e Lucy fez uma careta.

—Ele te fez isto.

Ela assentiu com a cabeça.

Jeremy ficou de pé. Agarrou seu casaco e com um encolhimento de ombros o pôs, antes de olhar ao redor em busca de sua arma.

—O que está fazendo? — perguntou ela, rodando sobre um flanco e apoiando-se em um cotovelo. — Aonde vai?

—Vou matá-lo— onde pôs a maldita arma? — Encontrarei a esse bastardo e o matarei a tiros.

Ela se ergueu, agarrando o roupão de seda vermelha e colocando-o.

—Jeremy, não. Não pode.

—Asseguro-te que posso devo ter deixado a arma fora. — Levou a mão à porta, mas de repente ela estava ali, puxando a sua manga.

—É só um menino, Jeremy! —com um forte puxão de seu braço, fez-o voltar-se para enfrentá-la. Ela repetiu suavemente: — É só um menino.

Só um menino.

As palavras o rasgaram como um tiro. Jeremy se engasgou com uma maldição. Lucy tentou alcançar sua outra mão, mas ele retrocedeu ante seu toque. Nem sequer podia olhá-la.

—O que? — sua voz era um grito oxidado. Tragou e o tentou de novo. — Que idade?

—Doze. Treze, talvez — Jeremy olhou em silêncio a mão de Lucy que lhe apertava o braço. Seu agarre se suavizou. Sua voz, também. —Tentei te explicar antes. Seu nome é Albert. Seu pai foi deportado pela caça furtiva. Sua mãe está morta. Tem uma irmã de cinco anos que cuidar, e têm fome. Surpreendi-o na escuridão. Não lhe pode culpar por me ferir.

Ele se liberou da mão em seu braço e se afastou. Passou as mãos pelo cabelo, e logo golpeou a mesa com os punhos. Uma jarra de barro se estrelou contra o chão. Atrás dele, Lucy deu um

grito de sobressalto. Condenado. Outro acidente.

Condenado. *Condenado ao inferno.* Golpeou as palavras contra a mesa uma e outra vez. Ele nem sequer sabia a qual "condenado" se referia. Seu pai, ele mesmo? não importava. Eles eram um e a mesma coisa. Ambos destrutivos. Ambos condenados.

Por vinte e um anos, temeu este momento. Por vinte e um anos, soube que chegaria. Jeremy viveu sua vida tentando distanciar-se dos enganos de seu pai. Essa crueldade fria e calma, que o inimizou com seus arrendatários, fez miserável a sua esposa, e um fantasma de seu filho mais velho.

Já de menino, Jeremy tentou resistir. Tentou enganar ao destino. Se seu pai lhe dizia "Vira à esquerda", Jeremy ia à direita. Se seu pai o insistia a "ir mais rápido," Jeremy diminuía o passo.

Nada disso importou no final. Estava de volta no mesmo maldito lugar, pagando por todos os mesmos pecados. Os arrendatários o desprezavam, mesmo antes que ele os tivesse afugentado a todos com uma arma. Ele estava pressionando a sua esposa contra as árvores e conduzindo-a ao desespero. Então esta noite... Deus. Esta noite, disparou a um menino de doze anos.

Uma compulsão amarga o obrigou a ir abrir a porta. Precisava ir-se. Precisava afastar-se dela, antes de lhe fazer dano de novo.

Lucy lhe fechou o caminho.

—Jeremy, isto é uma loucura! Não pode realmente ter intenção de dar caça a um menino.

Ele apertou os dentes e flexionou as mãos aos flancos. É obvio que não tencionava ir caçar a um menino. Não era sua intenção machucar a ninguém, mas o fazia de todos os modos. Ele era filho de seu pai. Era frio e cruel e desumano, e não era seguro para ele estar aqui e pôr ênfase no tema. Precisava ir-se, e precisava ir-se agora.

—Lucy, só te afaste de meu caminho — ela plantou os pés e cruzou os braços, desafiante. Ele apertou os dentes e a olhou. — Se mova. Agora.

—Por que te comporta assim? — Lucy fechou as mãos em punhos. — Te escute a ti mesmo? o cenho franzido e proferindo ameaça ridículas. — por quê? Porque seu pai tratava a seus inquilinos dessa maneira? —Cravou com um dedo no centro de seu peito, pinçando na ferida em carne viva e aberta que era seu coração. -—Não faça isto — Espetada. — Não é seu pai — Espetada. — É bom, amável e generoso. — Espetada, espetada, espetada. — Jeremy — suspirou. — Pelo amor de Deus, não é capaz de disparar a uma maldita perdiz. Não machucaria a ninguém. Simplesmente não é esse tipo de homem — apoiou as mãos contra seu peito, acariciando suavemente o linho de sua camisa. Sua voz se suavizou quando encontrou seu olhar. — Se fosse, eu te amaria?

CAPÍTULO 27

Ele a olhou em silêncio, sua expressão inescrutável. Se não fosse pelos fortes batimentos de seu coração contra sua palma, Lucy poderia tê-lo confundido com uma pedra. Ou com um gelo.

—Está se congelando aqui — Lucy fechou a porta com o pé e se apoiou nela. Se ele planejava ir a alguma parte, teria que passar por sobre ela primeiro.

—Equivoca-te — disse ele. Sua voz vibrou através de sua palma, enviando estremecimentos que subiam desde seu braço a enroscar-se ao redor de seu pescoço.

—Não, não me equivoco. Faz tão frio como nos Hades[3]. Olhe — soltou o fôlego no espaço entre eles. formou redemoinhos em um vapor frio.

—Equivoca-te sobre mim.

—OH. Bom, não me equivoquei nisso, tampouco.

Ele sacudiu a cabeça.

—Não afirme que sou amável, generoso, ou algo que se aproxime de bom. De entre todas as pessoas, você deveria saber melhor que ninguém. Em toda minha vida, me casar contigo foi a coisa mais egoísta que fiz. O disse a seu irmão, me disse a mim mesmo, que queria te proteger. Cuidar de ti — sua voz baixou quando fechou a distância entre eles.— Menti — seu olhar férreo se passeou por seu rosto e seu corpo. Seu fôlego quente lhe fez cócegas ao ouvido quando ele se inclinou mais perto. — Desejava-te. mais do que desejei algo em toda minha vida. Desejava-te tanto, que não podia ver bem. Não podia dormir pelas noites — sua voz tremeu, e Lucy tremeu junto com ele. deixou-se cair contra a porta, tomando emprestada sua força. — Sabia que te queria casar por amor. Mas te desejava, e não me importou. E esta noite — sussurrou com ferocidade, passando um dedo por sua garganta. — Desejei-te assim desde aquela tarde no pomar. Queria te pressionar contra essa árvore e abrir suas pernas e unir contigo como um animal. Então esta noite tomei, e te feri, e não me importou.

Seu dedo desceu acariciando o vale entre seus seios. Lucy conteve o fôlego. Ele afastou a mão, empunhou-a, e a estreitou contra a porta atrás dela. A força do golpe vibrou através de seus dentes.

—Assim não me faça parecer um bom homem. Sou um bruto estúpido, como disse. Machuquei-te por dentro e por fora, e não te atreva a me amar — golpeou a porta de novo. — Não te atreva.

Fixou nela um ardente olhar. Lucy estava agradecida pela porta a suas costas sustentando-a, porque sem ela os joelhos certamente lhe dobrariam. Não podia permitir que ele o visse.

Não podia cair aos pedaços, porque ele a necessitava inteira.

—OH, Jeremy. Sabe que não posso resistir a um desafio — forçando seus lábios em um meio sorriso, estendeu a mão para lhe alisar uma mecha de cabelo em sua fronte. Ele fechou os olhos por um momento, e seu pomo de Adão se balançou em sua garganta. Desejava cair sobre ele e pressionar seus lábios contra essa noz, mas se conformou cavando sua face em sua palma. — Amo-te, Jeremy. E a única forma de me fazer dano é atravessar essa porta e ir.

Ele se endireitou. Sua mão saiu disparada a tomar a sua, que embalava sua face.

—A única forma em que posso te fazer dano? — afastou a mão dela e a deu volta entre eles. Lucy baixou o olhar. Os hematomas cobriam a pele de seu pulso. — Olhe — disse com brutalidade, sacudindo o braço. —Olhe como te machuquei.

Ela o olhou, arqueando as sobrancelhas.

---

[3] ***Hades:*** *Na mitologia grega Hades é o senhor do Submundo, o senhor dos mortos.*

—Imagino que sua nuca não se vê muito bonita, tampouco — quando seu rosto não se abrandou, disse: — Jeremy, são só algumas contusões. Se não me importou ter algumas por cair de uma árvore, muito menos por ser amada contra você.

Seus olhos azul claro eram pedaços de gelo. Lucy meneou a cabeça lentamente.

—Tentaste espantar-me com esse olhar durante anos, Jeremy. Nunca vai funcionar. Acredita que não sabia que havia algo debaixo dessa superfície fria? É obvio que sabia. Sempre soube, de algum jeito, se não, não teria estado sempre te provocando para descobri-lo.

—Não — negou com a cabeça. — Lucy, não sabe...

—Sim, sei —ela colocou sua mão sobre seu peito. — Conheço-te. Sei o que há aqui, porque está em mim, também. Há paixão e lealdade e orgulho e desejo e uma centena de outras coisas. E nem tudo é bom, e nada disso é suave. É feroz e selvagem e tão intenso que te assusta. Tem medo de que alguém o veja. — Lucy empunhou sua mão ao redor de sua camisa e o puxou até que ele encontrou seu olhar. —Não deixe que ela o assuste. —Tragou. — Eu o vejo. Tudo. E não me assusta — deslizou sua mão por dentro de sua camisa, estendendo os dedos sobre seu coração. — Aqui dentro, há um homem quente, generoso, leal e compassivo. Seus inquilinos vão respeitá-lo. Um dia, nossos filhos o adorarão — os olhos do Jeremy se suavizaram, e respirou forte, como se quisesse falar. — Mas eu não — acrescentou ela.

Seu rosto se fechou.

—Não você?

—Não — negou com a cabeça e sorriu. — Eu estou apaixonada por um bruto estúpido — ela arrastou seus dedos sobre seu peito nu, sentindo o suor quente e o músculo duro e um coração forte, pulsando com força. —Sabe, tem uma opinião muito exagerada de seu encanto se crê que me convenceu de me casar contra meus desejos. Eu te desejava, também. Aquele dia, no pomar. Cedo, esta noite. Cada minuto. Queria me casar por amor, e o fiz. Amei-te o dia em que me casei contigo. Amo-te agora — sua voz tremeu. — Amarei-te sempre, e...

—Lucy — gemeu ele, pressionando o polegar contra os lábios. — Para. Só para.

—Parar? —ela afastou sua mão. O que queria dizer? Que pare de falar? Que pare de amá-lo? Lucy não tencionava fazê-lo tampouco. — Para você — disse, sua voz de repente enérgica.

Usando a sólida força da porta atrás dela, empurrou contra seu peito com ambas as mãos. Ele cambaleou, dando um passo atrás.

—Para de discutir comigo — lhe empurrou de novo, fazendo-o retroceder até a mesa. Ele deixou cair todo seu peso em cima dela, perdendo uns bons dez centímetros de altura em um instante. Suas pernas se estenderam ao largo, e Lucy se interpôs entre elas. Encontrou esses olhos azul gelo, agora situados a só uns centímetros por cima dos seus. — Quer ouvir que te necessito? — ele assentiu. Uma inclinação de sua cabeça tão ligeira, que ela duvidava de que o fez conscientemente. —Jeremy, necessito-te. Necessito-te desesperadamente, e isso me assusta. Não necessito seu dinheiro ou seus presentes, ou mesmo seu amparo. Necessito a ti. E agora mesmo, pelo mais sagrado, necessito que pares de interromper. Necessito que olhe aos olhos e me ouça quando digo que te amo. E maldita seja, Jeremy, necessito que o acredite.

Ele abriu a boca para falar. Lhe pôs uma mão nos lábios e baixou a voz a um grunhido.

—Para-de-interromper — ele fechou os olhos, suspirando com resignação contra a palma de sua mão. Lucy retirou a mão. Permitiu a seu próprio polegar deter-se na curva de seu lábio inferior.

—Me olhe aos olhos — disse suavemente.

Ele o fez.

Com toda a força desse Olhar ardente sobre ela, sussurrou-lhe:

—Me escute— pôs as mãos sobre seus ombros, sujeitando-o com força. — Amo-te, Jeremy — seu peso se deslocou abaixo dela, e ela reforçou seu agarre. — Acredita-o. — Então Lucy lhe sustentou o olhar, negando-se a mover-se, e esperou.

Para com isto, ordenaram os olhos de Jeremy, seu cenho sério enrugando-se para dar mais ênfase. *Proíbo-te que me ame. Afaste-te. Te mova. Agora.*

Ela negou com a cabeça ligeiramente.

—Sabe que esse Olhar não funciona comigo. Não vou a nenhuma parte.

Um desconcerto azul se deslizou em seu olhar.

—Por quê? —sua voz era áspera e exigente. — Maldita seja, Lucy, por quê? Não te dei nenhuma razão para que me ame.

—Não necessito uma razão. Mas me deste muitas. Porque quer me fazer feliz e me manter a salvo. Porque me conhece na escuridão. Porque quando estou perto de ti, cada pedacinho de mim se enche de vida. Porque me faz sentir viva, também. Porque... porque sim — ela afirmou o queixo. — Porque quero, e não me pode deter.

Então seu cenho se suavizou e seu olhar se voltou suplicante e doeu o coração de Lucy.

—Não me peça isto — disse ele, sua voz, levemente grossa. — Não sei o que fazer com essas palavras. Não recordo a última vez que as ouvi, se alguma vez o fiz, e...

—E lhe assustam. Sei.

Ele tragou.

—Farei tudo por ti, Lucy. Darei-te o que queira. Me deixe te cuidar. Me deixe comprar coisas. Me peça o que for, mas não me peça isto.

—Mas isto é tudo o que quero — ela cravou os dedos em seus ombros. — Isto é tudo o que necessito. E tenho medo, também, porque o necessito tanto. Não necessito que você o diga, agora não. Mas necessito que o ouça e o acredite, e que seja o suficientemente forte para suportá-lo.

Ela nunca saberia quanto tempo permaneceram ali, olhares encontrados. Momentos. Minutos. Possivelmente horas.

Mas Lucy não voltaria atrás, e não o soltaria. Sustentou seus ombros e seu olhar. Até que, ao fim, ele inalou lentamente e logo soltou um rude suspiro. Ela sentiu que seus musculosos ombros rodavam sob suas mãos, como se estivessem desfazendo de um grande peso. Umas mãos fortes se aproximaram para rodear sua cintura. Ele fechou os olhos um instante, e logo os voltou a abrir. E foi uma sorte que sustentara a cintura estreita, já que seus joelhos se dobraram no instante em que esses brilhantes olhos azuis encontraram os seus.

Agora bem, esta... este era um Olhar. Um que inclusive Lucy não podia ignorar. Com toda a força que seu olhar acostumado exigia distância, este olhar colocou a mão em seu coração e

puxou, atraindo-a ainda mais.

Logo ele suavizou sua mandíbula, e separou seus lábios, e sua voz profunda se ecoou do que seu olhar já dizia. Três pequenas palavras que fizeram que o coração de Lucy acelerasse seus batimentos do coração e seu sangue cantasse de alegria.

—Diga-o de novo.

—Amo-te, Jeremy.

ஜ۞ஜ۞ஜ

Ainda a sentia, essa careta de dúvida. A urgência de rechaçá-la. Dizia-o com tanta simplicidade. Como se não houvesse nada mais fácil, e fosse o mais natural do mundo. As palavras ficaram no ar, tão pequenas, tão precisas. Jeremy sentiu como se de repente lhe tivesse colocado algo frágil, delicado, como um pássaro, em suas mãos grandes e torpes, lhe encarregando que o mantivesse a salvo.

E Deus lhe perdoe, seu primeiro impulso foi arrojá-lo longe. Ele o destruiria, sem dúvida. Em seu desespero, agarraria-o com tanta força que o romperia em mil pedaços e seu coração se romperia junto com ele. Mas então lhe sorriu, tão docemente. As covinhas de suas faces aparecendo com essa alegria contagiosa e pícara, e ele soube que não podia rechaçá-la. Não a ela, não a seu amor. Demonstraria a ela, e demonstraria a si mesmo, que podia ser o suficientemente forte. Seria o homem que ela acreditava que era. Podia embalar em suas mãos esse amor frágil e delicado, e proteger seu coração como se fosse o seu próprio.

Porque, em realidade, eram uma mesma coisa.

Jeremy a atraiu junto a seu peito, puxando de seu coração contra o dele. Mas algo se interpôs entre eles. Um peso volumoso golpeou contra seu peito.

O colar.

Lhe soltou a cintura e levou a mão ao bolso do peito para extrair a corrente de joias. À luz do fogo, os rubis brilhavam como carvões acesos.

—Sei que não necessita isto — disse.

Ela negou com a cabeça.

—Não.

—Mas quero que o tenha. — afastou o cabelo de seu pescoço. — Posso?

Ela assentiu ligeiramente, levantando seu cabelo em um lado. Ele sujeitou o colar ao redor do pescoço, passando os dedos pela delicada curva de sua garganta.

—E bem? — sussurrou ela, rodando a corrente de pedras preciosas em seus dedos. — Como se veem?

—Veem-se... ciúmes.

Ela pôs-se a rir. Era a música mais doce que ele jamais ouviu.

—Não sabia que as joias pudessem ter ciúmes.

Ele assentiu com solenidade.

—OH, sim. Estão sem dúvida com ciúmes. Ciúmes de ti. E furiosas comigo, por as colocar

sobre um pescoço tão formoso. Sentem-se como rochas pendentes, aborrecidas e disformes.

Ela voltou a rir.

—Jeremy, por favor. Pensei que os cavalheiros compravam joias às damas para que pudessem renunciar às frases bonitas.

Ele a agarrou pela cintura de novo, atraindo-a mais perto.

—Ao diabo as frases bonitas — sussurrou. — É formosa, Lucy. E não há jóia ou frase bonita suficiente para te fazer justiça.

E não havia presentes, nem palavras extravagantes suficientes para lhe dizer quanto a amava. Em troca, teria que demonstrar-lhe Esta noite. Amanhã. Todos os dias durante o resto de sua vida. Ela se sentia tão deliciosa, apertada contra ele, que já estava desejando saboreá-la. Ao diabo as frases bonitas. Daria a seus lábios um melhor uso.

Os lábios de Lucy se curvaram em um sorriso malicioso, como se pudesse ler seus pensamentos. Ele a olhou, vendo que seu sorriso se estendia lentamente por sua cara, até seus sorridentes olhos verdes.

—Não me vais beijar agora?

Ele baixou seus lábios quase até tocar os dela, até que não houve nada a não ser um suspiro entre eles.

—Sim, vou beijar te agora. Vou te dar um beijo comprido, lento e profundo. Vou beijar-te toda a noite, de manhã, e até o último dia que Deus me dê a seu lado, — tomou a cara entre as mãos, e seus lábios tremeram debaixo dos dele.—vou beijar-te aqui —- murmurou por cima de sua boca. Deslizou seus lábios sobre seu ouvido, deixando que seu fôlego acariciasse o lóbulo de sua orelha. —E aqui— sussurrou, lhe roçando o cabelo com seu nariz. Inclinando sua cabeça para trás, ele enterrou seu rosto na curva doce de seu pescoço. —E aqui — esfregou sua mandíbula áspera contra a delicada pele de sua garganta, excitando-se com seu grito abafado.

Logo se afastou e a olhou à cara. Até que seus olhos piscaram ao abrir-se em um varrido de pestanas escuras que ele sentiu que roçou cada centímetro de sua pele.

—Vou beijar-te da coroa de sua cabeça até a ponta de seus pés. E logo beijarei o caminho de volta por seu corpo e me deterei pela metade — ela estremeceu em seus braços e ele fechou as coxas ao redor de seus quadris, — e vou beijar e beijar e te beijar até que esteja gritando meu nome. Assim — disse, ficando de pé. Levantou-a em seus braços em um movimento rápido, — se você, minha esposa, meu coração, meu amor, tem algo mais que dizer, sugiro-te que o diga agora — a levou até o fogo, afundando-se com ela no ninho de peles e mantas. — Porque pelos seguintes minutos, tenho a intenção de manter seus lábios gratamente ocupados, e depois disso... depois disso, prometo-lhe isso, esquecerá-o.

Lucy envolveu seus braços ao redor dele, atraindo-o para ela.

—Só uma pergunta — sussurrou, enquanto sua mão calosa se deslizava por debaixo da seda à curva de seu seio.

—O que seria?

Ela acariciou sua orelha com sua língua.

—Quando me toca beijar a ti?

CAPÍTULO 28

Várias horas e inumeráveis beijos depois, a manhã amanheceu tranquila e luminosa. Lucy rodou apoiando-se em um cotovelo e acariciou o cabelo da fronte de seu marido enquanto ele olhava para o teto.

—No que está pensando? —perguntou-lhe, colocando o queixo sobre seu peito.

Rodeou-a com um braço.

—Estou pensando que poderia ficar aqui contigo para sempre— ela sorriu e lhe plantou um beijo na clavícula. — Mas — continuou, lhe acariciando o cabelo, — também estou pensando que se não voltarmos logo à Abadia, alguém vai vir a nos buscar — girou para enfrentá-la e lhe dar um beijo suave nos lábios. — Por quê? No que está pensando você?

Ela enrolou uma mecha de cabelo ao redor de seu dedo.

—Estou pensando no Albert.

Ele fez uma careta.

—Ele outra vez?

—Deve lhe dar trabalho — disse ela, arrastando o dedo sobre seu peito. — Então, não estaria rondando pelos bosques durante a noite.

—Lhe dar trabalho? — Jeremy soltou um bufido. — Ao diabo que o farei.

Ela franziu o cenho.

—Isso foi o que disse Albert, também. Não entendo por que é uma ideia tão descabelada. Necessita trabalho, seguro que tem algo que pode fazer. Parece perfeitamente lógico para mim.

—Lucy, ele esteve caçando furtivamente no imóvel. Ele te feriu— beijou a objeção de seus lábios. — Com intenção ou não, te feriu. É bastante difícil lhe perdoar isso. Não posso recompensá-lo por isso.

—Não o vê? Não se trata de recompensar os enganos do Albert. trata-se de corrigir os de seu pai.

Com um suspiro, ele se voltou de cara ao teto.

—Não acredito, Lucy.

—Está seguro? — ela passou uma mão sobre seu peito, esfregando seu mamilo com a unha. — Posso ser muito persuasiva quando quero sê-lo— riscou o mesmo caminho com sua língua, e ele gemeu. —O que pensa agora? — perguntou com descaramento.

—Acredito... — rodou para enfrentá-la de novo e a envolveu com um braço, esmagando-a contra ele. — Acredito que disse que você gosta mais quando não estou pensando.

Beijou-a profundamente, passando-a mão pelas costas até apertar seu traseiro. Ela suspirou quando lhe elevou a perna e a enganchou por cima de seu quadril, puxando-a com força contra sua ereção. Mesmo depois de uma noite de ditosa paixão, o corpo de Lucy respondeu com urgência surpreendente. Ela ondulou seus quadris, deslizando-se sobre sua dura longitude em um brilho escorregadio de umidade.

Um prazer delicioso se precipitou através dela.

Ela estendeu uma mão entre eles, moveu seus quadris, e o guiou a seu úmido, dolorido calor. Pouco a pouco, lentamente. Só um centímetro. Logo, dois. Estirando o prazer por graus infinitos mais.

A mão de Jeremy se esticou ao redor de seu quadril. Com um gemido, penetrou-a com força.

—OH — gritou ela, rompendo o beijo.

—Deus, Lucy. Sinto-o — sua expressão passando do desejo à angústia em um instante. — Machuquei-te?

—Não seja ridículo — ela se afastou um pouco e logo se ondulou contra ele outra vez. — Eu gostei. De onde tirou essa ideia que tem que ser amável comigo? Sigo sendo a mesma Lucy. Ainda sou essa moça robusta que pode montar e disparar melhor que você. Não me romperei.

Beijou-a no pescoço, rindo suavemente.

—Não pode montar melhor que eu.

—OH, agora isso soou suspeito a um desafio — ela o fez rodar sobre suas costas e o montou escarranchada, afundando-se nele com um suspiro. — Quem é o que monta melhor agora, né? — endireitou as costas e jogou o cabelo sobre suas costas. Seu olhar se posou sobre seus seios proeminentes. Com um grunhido feroz, agarrou-a pelos quadris e investiu para cima.

Ela ofegou.

—Assim!

Investiu dentro dela outra vez.

—Você gosta disso, verdade?

—Não. Quero dizer, sim — a investiu uma vez mais. — OH, sim— suspirou ela. Estendeu as mãos sobre seu peito e se inclinou sobre ele, seu cabelo caindo em mechas ao redor deles, como um toldo. —Quero dizer, isso. É por isso que se casou comigo. Porque não me romperei.

Ele a olhou com perplexidade.

Ela respondeu a seu cenho desconcertado com um sorriso desafiante.

—Disse ao Henry, disse-lhe isso a ti mesmo, que queria me manter a salvo. E isso era uma mentira. Porque no fundo, sabia que eu não necessitava que me salvassem. Não deste lugar, não dessas pessoas... e certamente não de ti — ela plantou seu dedo indicador no centro de seu peito. — Posso tomar. Todo você. Tudo o que tem dentro, tudo o que é. Pode cometer a pior ação possível, e pode me dar o melhor de ti. Eu não me romperei.

—Não te romperá.

—Não o farei. E você soube a primeira vez que nos beijamos.

Ele pôs-se a rir. Uma risada tão profunda em seu peito que ela sentiu sua alegria retumbar através de seu corpo. sentiu-se celestial.

—Não a primeira vez — disse. — Definitivamente não a primeira vez — deslizou suas mãos a seus braços, baixando-a para um beijo. — Possivelmente a terceira.

ꕥꕥꕥ

Foi um longo e lamacento caminho de volta até a Abadia. As sapatilhas de Lucy só

suportaram a metade. Depois disso, Jeremy a carregou.

À medida que a perspectiva da Abadia se erguia mais perto, Lucy a olhava com novos olhos. A fachada do edifício de pedra labiríntica capturava o sol da manhã e ganhava vida com brilhantismo.

Pela primeira vez, pensou que se parecia com uma estrutura construída para elogiar a Deus.

Pela primeira vez, parecia um lar.

—Jeremy, pare?

Seus braços se apertaram ao redor dela.

—O que acontece? Sente-se incômoda? Não exija que te baixe. Não permitirei que caminhe descalça pelo...

Ela o fez calar com um sorriso.

—Não quero que me desça —olhou a seu redor lentamente, abrangendo a Abadia iluminada pelo sol e as salientes escarpadas e, continuando, estirando o pescoço para estudar o bosque tingido de cristaliza atrás deles. — Simplesmente que é tão formoso — levantou a vista para fazer frente ao desconcertado olhar de Jeremy. — Irei a Londres contigo se isso for o que quer. É meu marido, e se desejas viver na cidade, ou em Escócia ou no Egito, para o caso, eu te seguirei — fez uma pausa, lhe permitindo ao silêncio sublinhar a importância de suas palavras. Não era uma ocorrência de todos os dias, para a Lucy, comprometer-se a seguir a inclinação de um homem até os limites da terra. Ou a Escócia. — Mas espero que nosso lar sempre esteja aqui. Eu adoro este lugar.

—Este lugar? Lucy, podemos viver em qualquer lugar que deseje. Viajar pelo mundo, se quiser. De todos os lares que poderia te dar, diz-me que isto é o lar que desejas?

Ela assentiu com a cabeça.

—Pelo amor de Deus, por quê?

—Porque este é o lar que você necessita — alisou uma mecha de cabelo de sua fronte. — Não estaria aqui se não o desejasse. Deus sabe, que pôde tê-lo deixado aos cuidados de um mordomo e nunca olhar atrás. Jeremy, podemos fazer de Corbinsdale um lar outra vez... cheio de luz e risadas — baixou o olhar, logo, penetrou um olhar para ele através de suas pestanas baixadas. — E crianças.

Ele deu um pulo.

—Crianças? Aqui? — ele olhou por sobre seu ombro para o bosque— Lucy, como posso sequer pensá-lo? Este é um lugar horrível para as crianças.

—Não é um lugar horrível absolutamente. É um bom lugar — pôs sua mão na face e esperou a que seus olhos encontrassem os seus. — É um bom lugar — repetiu. —Também é rude e selvagem e agreste, mas é por isso que eu adoro. Somos nós.

—Nós — piscou para conter um vislumbre de emoção. — Sabe, eu adoro te ouvir dizer essa palavra.

Inclinou a cabeça à sua, e durante uns instantes, Lucy não poderia ter dito nada. Mesmo quando ele rompeu o beijo, todas as palavras se esvaziaram de sua mente, exceto uma.

—Jeremy — suspirou.

—E essa — lhe deu outro leve beijo nos lábios, — é a palavra que adoro escutar acima de todas— trocou seu peso em seus braços e reatou o caminho para a casa. —Graças a Deus, deixou de me chamar por esse apelido infernal.

—Deixei de te chamar "Jemmy", não? Que curioso. Nem sequer recordo quando aconteceu isso.

—Não? Eu sim.

A nota sombria em sua voz reverberou através de seu corpo, e o desejo voltou a ecoar. Lucy teve a imediata suspeita de que ocasião pôde ter sido. Mas então se deu conta de outra coisa. Ela conteve a respiração.

—Thomas te chamava Jemmy, não? É por isso que não podia suportá-lo.

Seu silêncio, e o fato de que perdeu o passo por um momento, serviram como confirmação.

Lucy apoiou a cabeça contra seu ombro.

—OH, Deus. Por que nunca me disse isso?

Uma vez mais, não disse nada. Mas ela não necessitava de uma resposta. É obvio, dissera, dezenas de vezes, que não o chamasse assim. Dificilmente pudesse explicar o por que. Ela fechou os olhos e se enterrou em seu ombro, sentindo agudamente todos os exemplos de sua insolência durante oito anos.

—Sinto-o muito. Sempre foi tão rígido, tão correto... não podia resistir o te chatear. Nunca quis... te apunhalar no coração.

Ele riu entre dentes.

—Isso é um pouco dramático. Não te desculpe. Não podia saber. Se te faz sentir melhor, principalmente, foi simplesmente incômoda — deu a seu braço um golpe brincalhão, e ele a apertou com força. —Mas suponho que, de um modo... nunca me permitiu esquecê-lo. Nem sempre fui feliz com isso—fez uma pausa. — Mas agora o sou.

—Significa isso que podemos ficar aqui em Corbinsdale?

—Significa... — suspirou profundamente. Suas botas ecoavam sobre a entrada empedrada à medida que se aproximavam da grossa porta de madeira da Abadia. — Lucy, eu não...

Sua voz se apagou quando entraram no vestíbulo e uma multidão de criados com os olhos abertos se precipitaram a seu encontro. Do fundo da aglomeração, surgiu uma mais familiar, embora muito inesperada figura.

—Henry? — exclamaram os dois em uníssono.

Jeremy desceu a Lucy lentamente até o chão. Varrendo um olhar, limpou a sala de criados. Ela precisava admiti-lo, esse Olhar tinha sua utilidade.

Ajustou o casaco do Jeremy ao redor de seu corpo. Henry se aproximou dela lentamente. Notou seu estado de desordem, observando-a desde seu cabelo emaranhado até seus pés descalços.

—Meu deus — disse, sua voz tremendo de raiva. — O que te tem feito? — voltou seu ardente olhar para o Jeremy. — Matarei-te. Adverti-lhe isso antes, e agora vou te matar. E... — suas fossas nasais se dilataram — vou desfrutar. —Henry se dirigiu para ele, as mãos fechadas em uns punhos.

Lucy se interpôs no caminho de seu irmão.

—Henry, não! Você não entende.

Henry olhou por cima do ombro a Jeremy.

—Disse que iria cuidar dela, bastardo! — fez um gesto para a roupa destroçada de Lucy. — Basta olhar! Ela é um desastre.

Lucy apertou a mandíbula e deixou que as palavras não fizessem brecha em seu orgulho.

—Tive um pequeno acidente. Já sabe quão torpe sou. Só um pequeno percalço no bosque, isso é tudo. Jeremy... — tragou, — Jeremy veio a meu resgate. Deveria lhe dar as obrigado — olhou por cima do ombro a seu marido. —Eu deveria lhe dar obrigado.

—Agradecerei-lhe que se vá ao inferno! — Henry olhou suas pernas nuas. — Que diabos estava fazendo no bosque meio nua?

Ela fechou os olhos.

—Henry...

Jeremy interveio.

—Ela tem frio, Henry. Estarei encantado de explicá-lo tudo. Mas vamos lavar nos e nos vestir, e logo nos sentaremos a tomar o café da manhã e discutir isto como gente civilizada.

—Gente civilizada? Chama a isto civilizado? — avançou para o Jeremy, deixando a Lucy a um lado, entre eles. — Se crê que vou permitir que minha irmã passe um minuto mais nesta casa, está louco. Levo-a de volta ao Waltham Manor, onde pertence.

—Não pode levá-la. —disse isso Jeremy, sua voz voltando-se áspera de ira. — Ela pertence aqui. É minha esposa.

Os olhos de Henry se estreitaram.

—Não o é, não, se eu o mato. Então é sua viúva.

Ambos se moveram em direção ao outro. Lucy estendeu as mãos, uma sobre o peito de cada homem, escorando seus braços estendidos para mantê-los separados.

—Já basta, os dois! Ninguém vai matar a ninguém. Isto é absurdo — se voltou para seu irmão. — Henry, por que está aqui?

—Por que acredita que estou aqui? No momento em que recebi sua carta, ordenei a carruagem. Se for o bastante desgraçada para desejar voltar para casa, pode vir comigo agora. Não precisa esperar até as bodas de Toby— a olhou brevemente antes de voltar a dirigir seu olhar frio para o Jeremy.

Lucy se encolheu. Esqueceu que lhe enviara essa carta, o dia que Jeremy se foi a Londres. Justo agora saíam à superfície os instintos de amparo de seu irmão.

—Henry, não sou desgraçada.

—Mas sua carta dizia... Por que mais quereria vir a casa?

—Para ajudar a Marianne, é obvio.

—Marianne? — piscou Henry. Seus olhos verdes passaram da ira à perplexidade. —Por que precisaria ajudar a Marianne?

—Com seu parto, estúpido! — Henry piscou de novo. Lucy se voltou para ele, pondo as mãos sobre os ombros de seu irmão. — Ela está grávida de novo. Quer dizer que não lhe disse isso?

—Não, não o fez — se voltou e olhou ao teto, arrastando uma mão por seu cabelo. — Maldita seja, ninguém me diz nada.

—Felicitações — ofereceu Jeremy fracamente.

Henry lhe dirigiu um olhar. voltou-se para a Lucy.

—Então está dizendo que não quer voltar para casa?

Lucy negou com a cabeça.

—Sou feliz aqui— sentiu o Jeremy parar atrás dela. Pô-lhe uma mão na parte baixa de suas costas, e se apoiou contra essa mão cálida.

—Está segura? — perguntou Henry, olhando-a com receio. — Porque parece como se tivesse estado no inferno e retornado —jogou um olhar cauteloso ao Jeremy. — Possivelmente tem medo de me contar diante dele. Talvez deveríamos falar disto em privado.

Lucy se pôs a rir.

—Medo? Eu? Henry, passaram só umas poucas semanas. Não pode ter se esquecido de mim tão absolutamente para pensar isso.

—Tampouco esqueci quanto te desagrada ele. Nem a forma em que te comprometeu... o canalha! — gritou ao Jeremy por cima do ombro. —Deveria ter desafiado a um duelo então. Te teria matado com um tiro.

Os dois homens se lançaram um contra o outro uma vez mais e uma vez mais Lucy os obrigou a separar-se com seus braços estendidos.

—Parem com isto, os dois! Estão se comportando como crianças.

Mas não eram crianças, estes dois idiotas furiosos cujos peitos brigavam contra suas palmas. Eram homens. Os dois homens que Lucy mais amava no mundo, e as duas pessoas que fariam o que fosse por ela. Queriam-na a ela, mas se queriam o um ao outro, também.

E Lucy sentiu que podia mantê-los unidos tanto como afastados.

—Escutem a vós mesmos — disse, olhando de seu marido a seu irmão. —Vós dois se conhecem desde crianças. fostes os melhores amigos durante muito tempo. Como irmãos, em realidade —ela deixou cair os braços de volta a seus flancos. — Bom, agora são irmãos de verdade.

Lucy se voltou para seu irmão.

—Henry, sempre amarei Waltham Manor — olhou ao Jeremy. —Suspeito que todos o faremos. Tínhamos uma espécie de família ali, cada outono. Nenhum de nós queria que terminasse. Acredito que... não, eu sei que por isso estava tão desesperada por evitar que Toby se casasse. É por isso que Jeremy voltava, ano atrás de ano, apesar de que detesta a caça. E provavelmente é por isso que nunca me enviou à escola ou à cidade, e por que seguia atrasando minha apresentação em sociedade — uma sombra de culpabilidade cruzou o rosto de seu irmão. Ela pôs uma mão sobre seu braço. — Está bem. Não quero te deixar, tampouco. É meu irmão, e sempre te amarei. Mas Jeremy é meu marido, e minha casa está com ele.

—Só porque te casou com ele não significa que precisa viver aqui — disse Henry. — Não permitirei que fique aqui sofrendo, só para satisfazer seu orgulho — lançou outro olhar ao Jeremy.

Lucy agarrou as lapelas do casaco de seu irmão e o sacudiu até que seu olhar caiu sobre o

seu.

—Henry, já basta! Está fazendo o ridículo — falou devagar, pronunciando cada palavra. —-Quero estar aqui. Não estou sofrendo. No mais mínimo.

Ele abriu a boca para objetar, mas ela o fez calar com outra sacudida.

—Por Deus, Henry! Estamos loucamente apaixonados, não pode vê-lo?

—Loucamente apaixonados?— soprou Henry— Impossível. Não acredito.

Ela liberou seu casaco com um grunhido de frustração.

Jeremy se situou atrás dela, pressionando seu peito contra suas costas, suas mãos fortes descansando sobre seus ombros.

—Henry — disse. — Acredita-o.

O cenho do Henry se suavizou. Sua mandíbula acerada se afrouxou. Respirou fundo, como se fosse a falar, mas logo soltou o fôlego em um suspiro desconcertado. Nesse momento, a porta se abriu atrás deles. Os três se voltaram para ver entrar um homem grisalho com roupas simples levando a um menino esquálido por uma orelha.

E não qualquer menino esquálido. Lucy ficou sem fôlego.

—Albert!

—Apanhei-o farejando perto das armadilhas, ao pequeno vagabundo — o homem, que Lucy presumia era o guarda-florestal, retorcia a orelha do menino. Albert deu um pulo e lhe deu um pisão à ponta do pé do guarda-florestal. —Inseto asqueroso — cuspiu o guarda-florestal, enroscando com mais força a orelha do menino. — Com isso ganhou umas boas palmadas. Ou talvez preferiria uns anos de duro trabalho junto a seu pai? —O guarda-florestal desviou sua atenção ao Jeremy. — Bem, milord? O que vou fazer com o cão?

Lucy agarrou o braço de Jeremy. Ela abriu a boca para fazer uma apaixonada petição pela liberação do moço, mas o semblante severo de seu marido a fez calar. Ele meneou a cabeça em sinal de advertência.

—Confia em mim — disse em um sussurro pouco audível.

Ela mordeu o lábio e olhou ao Albert. O moço a observava fixamente, esperando a ver como ia reagir. Ela nunca o convenceria de confiar no Jeremy se ela mesma não confiava nele. Deslizando seu agarre da manga de seu marido a sua mão, seus dedos se entrelaçaram com os dele. Clareou a garganta, jogando ao Albert um agudo olhar.

—Sim, milord.

Jeremy deu a sua mão um breve aperto antes de soltá-la. Deu um passo para o moço, detendo-se em toda sua estatura formidável. Mesmo com uma camisa andrajosa e umas calças gastas, ainda se via totalmente como um senhor. Os olhos do Albert brilharam de medo e de ira.

Jeremy se dirigiu ao guarda-florestal.

—Solta-o — ordenou, em um tom que não toleraria nenhuma objeção. O guarda-florestal acessou. — Houve um engano — continuou Jeremy. — Queria falar com você hoje, Tomkins, mas parece que o entusiasmo da juventude se adiantou a meu anúncio. Andrews contratou ao menino como aprendiz de guarda-florestal. Acredito que discutimos sua necessidade de ajuda adicional. O moço aqui se fará cargo das armadilhas.

Tomkins pareceu como se quisesse protestar, mas Jeremy o fez calar com um olhar. Voltou seus olhos para o moço.

—Não precisava começar ainda — disse com severidade. — Precisava esperar até que o senhor Andrews te apresentasse ao senhor Tomkins corretamente. Deduzo que simplesmente não podia esperar?

Albert olhou a Lucy, em seus olhos se apreciava o desconcerto. Ela tragou o nó de ansiedade na garganta e assentiu alentadora, em silêncio, instigando-o a aceitar esta oportunidade.

Sim, milord. Ela modulou as palavras para ele, acrescentando o olhar mais persuasivo que pôde. O silêncio reinou por um comprido momento, e Lucy, viu o orgulho e a confusão e a fome lutando no rosto do Albert.

Por último, voltou seus olhos para o Jeremy.

—Sim, milord.

Jeremy lhe deu uma leve inclinação de cabeça.

—Pode ir, então. Tomkins te porá à corrente de seus deveres amanhã.

Albert olhou a Lucy, e ela sorriu com aprovação. Ela abaixou a cabeça e fez um pequeno movimento com as mãos. O moço o entendeu. Era rápido, depois de tudo. Ele se inclinou rigidamente na direção de Jeremy.

—Sim, milord — repetiu o gesto em direção a Lucy, com um pouco mais de sentimento. — Milady — se inchou o coração de Lucy. Com um pequeno sorriso de despedida, Albert saiu voando, impaciente, da casa.

O guarda-florestal se moveu para segui-lo.

—Tomkins — disse Jeremy.

O guarda-florestal se deteve.

Jeremy inclinou a cabeça para o Henry.

—Meu convidado, o senhor Waltham, acaba de chegar. Expressou seu desejo de ver seu canil — se voltou para o Henry. —Tomkins tem uma nova raça de harriet que te interessaria ver. E quando tiver terminado, veem tomar o café da manhã conosco.

Henry permaneceu impassível.

Jeremy chegou de novo até a Lucy. Tomou a mão que pendurava a seu flanco, beijou-a com ternura, e a guardou no vão de seu cotovelo.

—Acredita-o, Henry.

Henry olhou de seu amigo a sua irmã, sacudiu-se e encolheu os ombros.

—Ninguém me diz nada. Muito bem, então — se voltou para o guarda-florestal. — O que há a respeito deste harriet?

Jeremy não esperou a que os homens abandonassem a casa. Dirigiu a Lucy para a escada, guiando-a pelos degraus a um ritmo decidido. No momento em que dobraram a esquina do patamar e o vestíbulo de entrada se perdeu de vista, ele a ergueu em seus braços sem dizer uma palavra. Subiu os degraus restantes, de dois de cada vez. Um esforço que deveria ter deixado resfolegando a um homem, mas Lucy era a única que estava ficando sem fôlego.

Levou-a a sua sala de estar, fechou a porta com o pé, e logo se apoiou nela, tomando sua

boca em um beijo profundo. Lucy lhe passou os dedos pelo cabelo e lhe devolveu o beijo com avidez, sugando sua língua até que lhe arrancou um gemido profundo do peito. Ele rompeu o beijo, deslocando seu peso em seus braços.

—Esperei semanas para ter a minha esposa em minha cama — disse, entrando com ela majestosamente a seu dormitório. — E que me condenem se tiver que esperar um minuto mais — a deixou cair no centro da enorme cama de mogno e logo se endireitou para tirar a camisa. sentou-se na borda da cama e tirou as botas antes de ficar a trabalhar com o fechamento de suas calças. Lucy se tombou a seu lado, olhando-o com um olhar descarado enquanto ele lutava por desfazer-se de suas roupas restantes.

Ele notou seu regozijo.

—Poderia fazer o mesmo, sabe.

—E perder o espetáculo? — ele baixou as calças e as chutou no chão. Lucy suspirou. Alargou a mão para riscar o pendente de sua musculosa coxa.

— É um homem formoso.

Desfez-se do casaco de Jeremy e do que restava de sua bata, atirando-os ao chão. De joelhos e sigilosamente por detrás, ela se deslizou até onde ele estava sentado na borda da cama. Esfregou seus seios contra suas costas. Ele pressionou as costas contra ela, moldando seu corpo ao redor do dele. Sentia-se forte e quente. Suas mãos passaram por cima de seus poderosos braços e serpentearam ao redor para lhe acariciar o peito. Apoiando o queixo em seu ombro, ela roçou um beijo em sua orelha. —Obrigada— murmurou. — Pelo Albert.

Ele soltou um bufido.

—Não me dê os obrigado por sua causa. Isso foi por ti. Enviaria ao cárcere ao pequeno réprobo sem um pensamento.

Lucy passou a língua por sua nuca, subindo até a outra orelha.

—Não, não o faria.

—Sim o faria, se você me pedisse isso — voltou-se e deslizou para fora de seu abraço e se ajoelhou no chão diante dela. Ela se sentou sobre os calcanhares. Situados desta forma, estavam à mesma altura. olharam-se um ao outro diretamente aos olhos.

Apoiou suas mãos a cada lado dela, enjaulando-a com seu corpo.

—Disse ontem à noite que não podia viver sem ti.

Ela assentiu com a cabeça.

—Recordo-o — *Deus,* como poderia esquecê-lo?

—Isso foi uma mentira.

Lucy piscou. Isso não era exatamente o que esperava ouvir.

As mãos de Jeremy foram a seus ombros.

—Posso viver sem ti, e isso é um inferno. Por perto de trinta anos o fiz. E se me deixa, estou seguro que seguirei com uma existência miserável por trinta mais. Assim não é que não possa viver sem ti. É que não o farei. O que seja necessário para te manter aqui comigo, farei-o. Se tiver que fazer um moço de quadra de cada malfeitor do condado, farei-o. Porque... — vacilou.

Ela engoliu o nó na garganta.

—Por que...?

Deslizou as mãos para abranger seu rosto. Não suavemente, a não ser com toda a força de sua paixão. Seu escuro olhar procurou o dela.

—Lucy, eu... — roçou o polegar sobre seus lábios. — Não sei nem como dizê-lo. As palavras não parecem suficientes.

—Elas não são suficientes. Mas são um bom começo.

Seu agarre se esticou, sujeitando-a de modo que não tivesse nada mais que olhar, a não ser a ele. Nada que ver, a não ser seus olhos, e nada que escutar, a não ser sua voz.

—Amo-te.

Ela cambaleou. As palavras, só as palavras, sortes com acrimônia e ferocidade, desataram essa terrível avalanche em seu interior. Essa poderosa, devoradora onda de emoção que agora entendia era amor. Lucy estremeceu com ela, sentiu-a brotando em seu interior e ameaçando transbordar. Fechou os olhos com força. Não ia chorar. Ele necessitava que fosse forte.

Jeremy sacudiu ligeiramente a cabeça dela, fazendo-a abrir os olhos outra vez.

—Amo-te — repetiu com voz rouca pela emoção. — Agora e sempre. Mais que a minha vida. Mais que tudo.

OH, Deus. Ali vinha. Uma grande, redonda gota de amor transbordando suas pestanas e correndo por sua face.

Ele pressionou os lábios sobre sua cara, enxugando-a com beijos.

Outra lágrima caiu, correndo pela outra face. Lucy levou as mãos ao rosto, desesperando-se por detê-las. Não podia afugentá-lo de novo, não agora.

Ele retirou suas mãos de sua cara e as agarrou com força entre as suas.

—Por favor, não te esconda de mim.

—Por favor, — ela abafou um soluço. — Não sou uma mulher histérica, não o sou. Só sou... — sorveu pelo nariz, —só...

—Já sei — disse, sorrindo suavemente. — Eu mesmo estou um pouco afligido. Mas não vou a nenhuma parte. Não vamos a nenhuma parte. Esta é nossa casa. É o lugar onde pertencemos. Vamos enchê-la com as crianças, com luz, e risadas. Mas, Lucy — lhe acariciou os lábios com o polegar, — suas lágrimas pertencem aqui, também. Está a salvo comigo.

OH, e já não houve modo de detê-las. As lágrimas caíram de seus olhos como uma chuva de verão, sulcando ambas as faces, deslizando pela borda de seu nariz, continuando pelas comissuras de sua boca. E ele as enxugou a beijos, murmurando doces palavras de amor e juramentos que inflamavam seu coração e seu nome. Uma e outra vez, seu nome, assim sabia que as palavras eram para ela. Assim acreditava.

—Lucy — pressionou os lábios contra suas pálpebras trementes, — amo-te.

De algum jeito, as mãos dela encontraram seu caminho para suas faces, e o afastou um pouco, apoiando a fronte contra a sua.

—Amo-te, também — sorveu. — OH, mas fui uma tola — sorrindo, secou os olhos com o dorso de uma mão. — As cortinas, o jantar, esse negligé provocador. Não sabia como ser a esposa que queria. Disse que os homens querem um anjo, ou um sonho. Mas, Jeremy, não sou um anjo.

Ele riu entre dentes, colocando um cacho atrás de sua orelha.

—Não, não o é. E graças a Deus por isso. Tampouco eu gostaria que fosse um sonho. Viveria com medo de despertar — tomou o queixo na mão, e sua expressão se tornou séria. —Lucy, você é a esposa que quero, assim como é. Sinto se alguma vez te dei motivos para duvidar disso. Estava tão assustado de verte ferida... ou de te ferir eu mesmo...

—Agora entendo — mordeu o lábio. — Mas não tinha do que preocupar-se. Eu...

—Não te vais romper, sei. E te amo por isso — deixou cair um suave beijo em seus lábios. — Mas me deixe amar sua suavidade, também. Sua força e sua ternura. Lucy, é muito mais que um anjo ou um sonho. É uma deusa. Minha deusa. E me tem completamente a sua mercê.

Sorrindo, Lucy enroscou seus braços ao redor de seu pescoço e o arrastou até a cama.

—Acredito que eu gosto de como isso soa.

EPÍLOGO

O Natal chegou logo em Waltham Manor.

Lucy sentada no tapete da sala com suas sobrinhas e um sobrinho, presidia o folguedo, enquanto eles desembrulhavam um prodigioso número de presentes. Levantou a vista para surpreender ao Jeremy observando-a de sua poltrona com uma expressão muito familiar. Sentiu que se ruborizava. Esse seu olhar nunca deixava de agitar seu sangue. Ficou de pé casualmente, alisando as rugas de suas saias, e se deteve para olhar pela janela antes de ir para seu marido. Inclinando-se sobre sua cadeira, ela roçou os lábios contra sua orelha e lhe sussurrou:

—Você se reúne comigo no armário mais tarde?

Jeremy se engasgou com seu uísque.

—Outra vez? — passou-lhe um braço pela cintura e a atraiu a seu regaço. — O que tem de mau na cama? — sussurrou em seu pescoço. —Tenho um apego bastante sentimental com essa cama.

Lhe tirou a bebida de sua mão.

—Sim— murmurou por trás do copo, — mas temos uma cama em casa. Não temos o armário. E iremos amanhã pela manhã à bodas do Toby e Sophia. Depois disso, vamos estar na cidade; tem toda uma sessão do Parlamento por diante — moveu seu traseiro contra seu regaço, provocando um suave grunhido. — Quem sabe quando teremos outra oportunidade?

Ele passou uma mão por suas costas e enganchou um dedo por debaixo de seus encaixes.

—Sempre está o próximo outono.

Um sorriso fez cócegas a comissura dos lábios dela.

—Não acredito que possamos vir de visita o próximo outono.

—Por que não?

—Papai! — Tildy e o jovem Henry correram para seu pai parado na entrada, deixando a pobre Beth engatinhando sozinha no tapete. As crianças se equilibraram sobre seu pai, encarapitando as pernas como troncos de árvores e procurando doces nos bolsos. Ele se deixou cair de mãos e joelhos sobre o tapete, obedientemente admirando os brinquedos brilhantes e

inclinando-se para beijar a face gordinha de Beth.

—Esse será você algum dia — sussurrou Lucy a seu marido.

O braço de Jeremy se apertou ao redor de sua cintura.

—Assim o espero.

—Espera tudo o que queira. Eu, entretanto, não tenho talento para esperar. Eu sei, acredito, imagino — ela deixou o copo sobre a mesinha e envolveu os braços ao redor de seu pescoço. — Como acredito que uma vez lhe disse, para sua grande diversão, sei como se leva a cabo o emparelhamento. Acredito que aconteceram — olhou para o teto, calculando — quarenta e três dias da última vez que tive meu período. E portanto, eu, ou melhor, nós, imagino como pais em uns meses mais.

Seus olhos se arregalaram.

—Lucy— tragou saliva, — é muito cedo para estar segura, não?

Ela sorriu.

—Estou segura — se inclinou para beijar a expressão desconcertada de sua adorável cara.

—Meu deus, não diante das crianças — desfazendo-se de sua descendência, Henry ficou de pé. Fez uma brusca inclinação de cabeça em direção ao Jeremy. —Jem.

—Henry.

Lucy sentiu Jeremy esticar-se. Só umas poucas semanas transcorreram desde que seu marido e seu irmão brigaram, mas ela esperava que se saudassem mais caritativamente que isto.

Alguma vez seriam amigos outra vez?

—Como está, Lucy? — perguntou Henry, uma verdadeira preocupação em seus olhos. — Bem, espero.

—Muito bem, obrigado.

—Sério? Vê-te um pouco pálida — Henry voltou seu olhar para o Jeremy. — Arreganhou-te por trocar a tapeçaria esta vez? Ou talvez descobriu seu calabouço cheio de ossos e espectros.

—Ainda não—disse Lucy. —Henry, sabe que sou feliz com o Jeremy. Precisa seguir atormentando-o?

Henry encolheu os ombros.

—É obvio que sim. É da família agora.

Lucy lhe dirigiu um olhar frio, mas lhe esquentou o coração. Não, os dois homens nunca seriam amigos novamente. Agora eles eram irmãos, e permaneceriam assim para sempre, gostassem ou não.

—Além disso—- continuou Henry, — o que quer que diga?

—OH, não sei — respondeu Lucy. —Talvez "o sinto", ou "te perdoo", ou "estou tão emocionado pelos dois"?

Tanto Henry como Jeremy puseram-se a rir.

—O que tem de divertido? — perguntou, ligeiramente incomodada.

—Pelo amor de Deus, somos homens— disse Henry. —Não dizemos essas coisas. No máximo, deixamos as metidas nos bolsos de nossos melhores coletes, para as tirar nas bodas e funerais.

Uma comoção no corredor se adiantou à resposta de Lucy.

Toby e Felix irromperam na sala, vestidos com roupa de montar e as expressões sombrias.

—E falando de bodas— disse Henry sem fazer uma pausa— o que está fazendo aqui? Não te vais casar em uns dias?

—Foi-se — disse Toby, esforçou-se por recuperar o fôlego— Sophia se foi.

—Foi-se? — Lucy desenredou seus braços do pescoço de Jeremy. — Onde se foi?

Felix se apoiou em uma cadeira próxima, a cara vermelha pelo esforço.

—Meus sogros... — soprou ele, — disseram a todos... que Sophia... está doente... enviaram-na à costa... por sua... recuperação.

—Talvez devesse ir com ela, homem — Henry foi até a barra. — Você mesmo não te vê muito saudável.

—Ela não foi à costa — se queixou Toby, jogando-se no divã. — fugiu. Está a caminho de Gretna Green. Se nos apressarmos, podemos apanhá-los antes que cheguem a Escócia.

—Fugiu-se? — perguntou Jeremy. — Com quem?

—Com um pintor — Toby jogou a cabeça para trás e cobriu os olhos com a mão. —Um francês, nada menos.

—Como se chamava? — ofegou Felix. — Germaine? Jarvis?

—Gervais? — perguntou Lucy. Uma sensação de náuseas se enroscou em seu ventre. Não era uma ocorrência incomum pela tarde, mas a sensação de temor agravava as náuseas.

—É esse — gemeu Toby contra seu antebraço. — Trocaram-me pelo Gervais — se endireitou e olhou a Lucy. — Como soube? Quero dizer, esperava que pudesse saber algo. Deixou-te uma carta, também. — Tirou um papel dobrado do bolso de seu peito e se inclinou para diante, a mão estendida. Lucy a tirou de sua mão, deslizando o polegar sob o selo quebrado. — me perdoe por abri-la primeiro — disse Toby.

—É obvio — Lucy desdobrou a missiva cheia de lágrimas.

MA chère Lucy,

Recorda como pensávamos que era faz um tempo? Que se imaginávamos algo e o desejávamos profundamente e acreditávamos com todo nosso coração, sabíamos que poderia fazer-se realidade? Bom, decidi fazer uma última tentativa. Esta vez, tomei toda minha sopa. Vou fechar meus olhos com força... e quando os abrir, estarei muito, muito longe. Tenho muito carinho ao Toby, mas nunca poderia fazê-lo feliz. Ainda assim, temo-me que isto tomará muito mal. Por favor, consola-o o melhor que possa.

Mom amie, Sophia

—Que diabos quer dizer isso, que tomou toda sua sopa? — perguntou Toby, agitando suas mãos no ar. — Ela deve saber que eu lhe compraria todas as sopas que gostasse.

—OH, Toby — Lucy sacudiu a cabeça enquanto Jeremy lhe tirava a carta das mãos. —Eu gostaria de poder te dizer onde foi, mas não posso. Mas estou segura de que ela não foi a Escócia

com ninguém chamado Gervais.

—Mas... se não é a... Escócia — pôde dizer Felix, — Aonde?

Lucy encolheu os ombros. Não havia nada do que ela não acreditasse capaz a Sophia.

—Poderia estar em qualquer parte.

Toby gemeu e se deixou cair sobre o sofá, cobrindo os olhos com uma mão.

—Trocaram-me. A mim! Não o posso compreender. Todas as garotas da Inglaterra querem casar-se comigo.

Lucy se voltou para seu marido.

—Pobre Toby — murmurou.

—Nada de pobre Toby — disse Jeremy secamente. — Consola-o o melhor que possa? — leu em voz alta com as sobrancelhas arqueadas. Seu braço se apertou ao redor de sua cintura. — Nem sequer o pense.

Lucy ofegou de indignação.

—Nunca o faria! — ela agarrou a carta de sua mão e a dobrou cuidadosamente. — E não te burle. A imaginação da Sophia pode ser a desgraça do Toby, mas nós temos uma grande dívida de felicidade graças a suas cartas absurdas.

—Suponho que a temos — sua mão se deslizou para cobrir seu ventre. — E uma dívida muito pequena, também.

Lucy apoiou a cabeça contra seu ombro e golpeou a carta contra seu sorriso.

—Não desejo nada mais que Sophia seja feliz — disse ela, pensativa. — Mas se aferra tanto como pode a seus sonhos de infância — estirou o pescoço para roçar um leve beijo contra a mandíbula de seu marido.

—Estou muito agradecida de que os meus não se fizeram realidade.

FIM

The Wanton Dairymaid Trilogy

1 - Goddess of the Hunt
2 - Surrender of a Siren
3 - A Lady of Persuasion

